



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
MESTRADO EM LINGUAGEM E ENSINO**

**DA LEITURA DO ESPAÇO AO ESPAÇO DA LEITURA: UM
ESTUDO SOBRE A CAMA DE LYGIA BOJUNGA NUNES**

Kalina Lígia Pereira Soares

Campina Grande-PB

Mai de 2008

Kalina Lígia Pereira Soares

**DA LEITURA DO ESPAÇO AO ESPAÇO DA LEITURA: UM
ESTUDO SOBRE A CAMA DE LYGIA BOJUNGA NUNES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-Área de concentração: Linguagem e Ensino; Linha de pesquisa: Literatura e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, como pré-requisito para a obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Márcia Tavares Silva

CAMPINA GRANDE – PB

MAIO – 2008

DIGITALIZAÇÃO:
SISTEMOTECA - UFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S6761

2008 Soares, Kalina Lígia Pereira

Da Leitura do espaço ao espaço da leitura: um estudo sobre a
Cama de Lygia Bojunga Nunes / Kalina Lígia Pereira Soares. —
Campina Grande, 2008.

268 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Humanidades.

Referências.

Orientador: Profa. Dra. Márcia Tavares Silva

1. Literatura Infanto-Juvenil. 2. Ensino 4. Letramento Literário
5. Estética da Recepção I. Título.

CDU – 82-93(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada **Do espaço da leitura para a leitura do espaço: um estudo sobre A cama de Lygia Bojunga Nunes**, apresentada pela mestranda Kalina Lígia Pereira Soares, para obtenção do título de Mestre em Letras, na Universidade Federal de Campina Grande, aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof^a.Dr^a. Márcia Tavares Silva – UFRN
(Orientadora)

Prof.Dr. José Hélder Pinheiro Alves - UFCG
(Examinador)

Prof.Dr Edmir Perrotti - USP
(Examinador)

... Foi quando dei pra ruminar o jeito que eu tinha que eu comecei a namorar a idéia de escrever um livro. Eu pensava assim, desde que eu me lembro de mim eu vivo de livro ao meu lado, e eu só tinha sete anos quando eu tive o meu primeiro caso de amor com um livro.

(...) Quando eu ia viajar, tinha sempre uma hora melhor que as outras: a de ficar escolhendo que livro eu levava comigo.

(...) E se havia solidão, ela não pesava tanto assim: eu tinha sempre um livro a mão.

(...) E eu não ia escrever um livro? Mesmo um pequenininho, um só? Só pra ver como é que ia ser esse encontro?

(Livro - um encontro Lygia Bojunga Nunes)

Para minha mãe que me ensinou a ler os livros e o mundo e
para Bárbara que imprimiu cor e graça a minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de amor, esperança e misericórdia, luz e sabedoria que me acompanharam durante essa trajetória.

À minha família, por acreditarem na minha capacidade e pelo incentivo constante.

A todos os professores que tive ao longo da minha vida, pois compreendo que cada um deles contribuiu para que eu me tornasse o que hoje sou.

Aos professores José Hélder Pinheiro Alves e Maria Goretti Ribeiro, pelo olhar cuidadoso com que leram o nosso trabalho no exame de qualificação.

Ao professor Edmir Perrotti por aceitar a leitura do trabalho em tão pouco tempo, o meu muito obrigada pelas colaborações.

Aos professores e alunos da escola onde realizamos a pesquisa o meu muito obrigada pelas tardes inesquecíveis de leitura.

A todos os meus alunos da rede pública e privada, porque quando estou com vocês ainda consigo sonhar que é possível construir um mundo mais justo.

Aos meus colegas de trabalho, para lhes dizer que podemos ser mais.

À professora, orientadora e amiga Márcia Tavares Silva pelo carinho, acolhimento e contribuições feitas para nossa pesquisa, a você o meu eterno obrigada.

E especialmente para Bárbara por todos os livros que ainda vamos ler juntas.

RESUMO

Sabemos que a história da nossa literatura infanto-juvenil surge atrelada à história da educação de nosso país, servindo como pretexto para estudos da língua ou simplesmente para transmissão de valores. No entanto, desde 1999 Magda Soares defende uma escolarização adequada do texto literário, pois segundo ela é inegável e inevitável o processo de escolarização do texto literário, tal processo pode se dá de forma adequada ou inadequada, adequada é a escolarização que conduz o leitor às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social em que está inserido, reconhecendo as atitudes e os valores próprios do ideal de leitor que se deseja formar. Preocupados com a formação de leitores na Educação básica e com o uso do texto literário na escola, nos propomos a realizar uma pesquisa voltada para a prática da leitura do texto literário em sala de aula, cujo objetivo é permitir que os alunos-leitores interajam com o texto ampliando seu horizonte de expectativa e que, sobretudo, possam participar do processo de humanização possibilitado pela literatura. O trabalho está pautado na Estética da recepção de Hans Robert Jauss (1994) e na prática do Letramento literário proposto por Rildo Cosson (2006). Inicialmente, apresentamos os estudos teóricos, incluindo a análise da obra *A cama*, de Lygia Bojunga Nunes, utilizada no projeto de leitura aqui descrito, focalizamos nessa obra o estudo dos espaços e das personagens que seriam abordadas em sala, a última etapa do trabalho é o relato das aulas.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil, ensino, letramento literário, estética da recepção

ABSTRACT

We know that our children-youthful's literature history appeared at the some time to the education history in our country, serving as an excuse to study our language or just to transmit values. When Ligia Chiappini (2005) discusses about social, economical and ideological questions that involves the textbooks consider the needing of a textbook production variety, as to the language teaching as to the literature teaching. According to Chiappini, this teaching material should be done with the cooperation of the people that will use it. For her, the cooperative work surpass the traditional concept of literature and allow that the subject escape the alienation through his/her practice, acting in the world to change it, confirming the freedom. Worried about the readers education in the Basic Education and using the literaty text aiming to permit that the students-readers interact with the text, enlarging their expectatives and, above all, take part the humanitarian process allowed by the Literature. The research is based on the Aesthetics of reception by Hans Robert Jauss (1994) and in the practice of literary literacy¹ proposed by Rildo Cosson (2006). At the beginning, we present the theoretical studies, including the work analysis "A cama"², by Lygia Bojunga Nunes used in the reading project described here, then we focused on this work the study of the places and the characters that were approached in the classroom, and the last part of this research is the narrative of the reading meetings.

KEY-WORDS: children-youthful's literature, Teaching, Literary literacy, aesthetics of reception.

¹ There is not this terms in English, the Word literacy is a French Word.

² "The bed" (My translation)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA	15
1.1 Caracterização e organização da pesquisa;	15
1.2 O Lócus da pesquisa;	18
1.3 A realidade dos nossos leitores	19
1.4 A pesquisa: uma proposta de escolarização do texto literário.	20
CAPÍTULO II: LEITURA, LITERATURA E ESCOLA.....	23
2.1 Leitura e literatura infanto-juvenil: uma história de apropriação pela escola.	23
2.2 Novas perspectivas de leitura: a preocupação com o leitor	31
2.3 O que é feito da leitura literária na escola de hoje?	37
2.4 Letramento literário: uma proposta de escolarização do texto literário	41
CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO ROMANCE A CAMA, DE LYGIA BOJUNGA NUNES	49
3.1 Do enredo	49
3.2 Sobre as personagens e seus espaços	50
3.2.1 Rocha Miranda	52
3.2.2 Elvira, Rosa e Petúnia: três tempos no mesmo espaço	65
3.2.3 O casarão: espaço e afetividade	88
CAPÍTULO IV: A LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: RELATO DA EXPERIÊNCIA.....	100
4.1 1º Encontro	104
4.2 2º Encontro	111
4.3 3º Encontro	112
4.4. 4º Encontro	120
4.5. 5º Encontro	124

4.6. 6º Encontro	129
4.7 7º Encontro	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	146
ANEXOS	150

INTRODUÇÃO

Sabemos que o problema da leitura em nosso país chama atenção não só de professores e estudiosos do assunto, mas tem sido também um tema muito discutido pelas políticas públicas de educação. A preocupação com a alfabetização de crianças, jovens e adultos é um dos objetivos centrais do Plano Nacional de Educação. Por outro lado, nós, professores de língua portuguesa e literatura, somos testemunhas de que o processo de letramento desses alunos se dá, na maioria dos casos, através dos textos presentes nos livros didáticos que por sua vez trazem mais textos literários do que de outros gêneros discursivos.

Dessa forma, o texto literário vai sendo utilizado em sala de aula muitas vezes como pretexto, como meio para exercitar a interpretação do aluno, para observação dos conteúdos de análise lingüística, como tema para explorar um gênero textual; um exemplo desse insucesso da literatura, tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares, é o tratamento dado às obras de literatura infanto-juvenil.

Nas escolas públicas, a coleção *Literatura em minha casa*, que apresenta uma seleção de textos literários variados para alunos do ensino básico, chega sem uma preparação dos professores para a realização de um trabalho mais significativo. Tais obras são distribuídas com os alunos, muitas vezes, sem que haja o menor estímulo à leitura. Nas escolas particulares, mesmo com a adoção das obras de literatura infanto-juvenil, podemos afirmar como conhecedores da causa, que são utilizados para atividades de interpretação, atividades teatrais e/ou o preenchimento de fichas de leitura sobre a obra.

Em virtude desta realidade, quanto ao tratamento dado ao texto literário no ensino básico, nos dispomos, nesta pesquisa, a apresentar uma proposta de escolarização que permita aos alunos vivenciar uma experiência de leitura literária significativa. Dessa forma, elaboramos e aplicamos um projeto de leitura a partir do romance *A cama*, de Lygia Bojunga Nunes, cujo intuito era analisar como acontecia a recepção do texto literário em adolescentes da 8ª série do Ensino Fundamental, observando suas reações diante da obra e de que forma se dava a interação texto-leitor.

A relevância da pesquisa se dá em poder comprovar que, dependendo da adequação da obra destinada ao público leitor, da metodologia e da motivação utilizada, os alunos podem apresentar uma reação ao texto literário que não a indiferença.

Dividida em dois momentos distintos: estudos teóricos e relato da experiência, esta pesquisa está fundamentada nas contribuições teóricas de Antonio Candido (1981), no que tange à análise das personagens; Osman Lins (1976) e Gaston Bachelard (1993), para as análises dos espaços presentes no romance. Esses estudos formam a parte teórica de nosso trabalho. Quanto às teorias utilizadas para a construção da abordagem metodológica, recorreremos aos estudos da Estética da recepção, de Hans Robert Jauss (1994), e do Letramento literário de Rildo Cosson (2006).

O projeto de leitura foi destinado a uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental II de uma escola particular do município de Lagoa Seca-PB. Tendo em vista que se trata de alunos do último ano do Ensino Fundamental, um dos objetivos do projeto era analisar o perfil do leitor, considerando suas experiências de leitura dentro e fora da escola. Além disso, atentar para o modo como cada um

desses alunos interage com a obra em estudo desde o momento de sua apresentação. Por fim, pretendemos a partir das atividades e relatos recolhidos durante a experiência, avaliar se houve alguma mudança de atitude dos alunos diante do texto literário.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, classificamos o tipo de pesquisa realizada, explanamos como foi organizada, além de apresentarmos o *locus*, os participantes e as condições que dispomos para efetivar o projeto de leitura.

Em seguida, fazemos uma breve exposição da história da literatura infanto-juvenil no Brasil, ressaltando seu processo de escolarização. Nesse capítulo, apresentamos também as perspectivas teóricas e metodológicas utilizadas no projeto de leitura aqui relatado, em dois tópicos que tratam das contribuições de Hans Robert Jauss (1994) e Rildo Cosson (2006).

O terceiro capítulo destina-se a uma leitura analítica da obra *A Cama*, de Lygia Bojunga, na qual privilegiamos dois elementos do texto narrativo: personagens e espaços. A fim de fundamentarmos nossas análises, partimos das orientações de Antonio Candido (1981), para o estudo das personagens; Osman Lins (1976) e Gaston Bachelard (1993), para os estudos sobre o espaço.

O último capítulo relata a experiência do projeto de leitura com os alunos da 8ª série. Nesse momento do trabalho, apresentamos toda a elaboração dos encontros, as leituras feitas pelos alunos, as discussões, as atividades propostas e, sobretudo, os momentos de interação entre a obra e os leitores. Por fim, fazemos uma avaliação crítica de nossa proposta de trabalho com o texto literário, atentando para o modo como a leitura foi conduzida e para a participação dos

adolescentes, tentando verificar quais as falhas ou acréscimos que ela conseguiu trazer para o ensino de literatura no Ensino Fundamental.

CAPÍTULO I

Concepção e organização da pesquisa

1.1. Caracterização e metodologia da pesquisa

A pesquisa que realizamos caracteriza-se como uma pesquisa-ação, pois, conforme Thiollent (2007, p. 16), ela é um tipo de pesquisa social de base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Como os nossos primeiros questionamentos surgiram através da observação e, também, da participação em aulas de leitura de textos literários que em nada iriam contribuir para a vida do aluno dentro e/ou fora da escola, e, como a nossa inquietação era (é) promover uma leitura literária significativa, enveredamos pelo caminho da pesquisa-ação, refletindo e apresentando propostas.

Segundo Thiollent (2007), a pesquisa-ação é uma pesquisa de tipo participativa na qual os pesquisadores desempenham um papel ativo na resolução dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações favorecidas em detrimento dos problemas. O autor ressalta ainda que, esse tipo de pesquisa é uma estratégia metodológica da pesquisa social na qual deve haver interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigadora; ordem e prioridade dos problemas a serem pesquisados; o objeto de investigação é a situação. O objetivo desse tipo de pesquisa consiste em resolver ou esclarecer os problemas da situação observada, com um acompanhamento das decisões, ações e das atividades intencionais dos atores da situação, e por fim, deve pretender aumentar o conhecimento dos

pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados.

Um outro aspecto o qual Thiollent (2007) usa para definir a pesquisa-ação consiste na elucidação dos objetivos. Para ele, uma das especificidades da pesquisa-ação está na relação existente entre os objetivos práticos, como aqueles que estejam voltados para solucionar o problema considerado central na pesquisa, através do levantamento de soluções e propostas de ações correspondentes; e objeto de conhecimento como o acesso a informações que seriam difíceis através de outros meios, o conhecimento maior de determinadas situações.

Quanto ao caráter científico da pesquisa-ação, o autor deixa claro que a mesma se torna insuficiente quando não apresenta um questionamento próprio da pesquisa científica. O desafio consiste em inserir a pesquisa-ação dentro de uma perspectiva de investigação científica. Dessa forma, é necessário esclarecer que apesar de apresentar objetivos práticos de natureza imediata, toda pesquisa-ação deve possuir, também, objetivos de conhecimento que atendam às expectativas científicas.

Seguindo as orientações acima apresentadas, essa pesquisa constitui-se de objetivos teóricos e práticos. Inicialmente, nosso trabalho esteve voltado para a leitura e fichamento de obras essenciais sobre história da literatura, história da literatura infanto-juvenil, leitura, teoria da recepção e letramento literário. Depois das leituras, passamos, simultaneamente, para as etapas de planejamento e aplicação do projeto de leitura realizado entre os meses de agosto e setembro de 2007, em uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental II. De uma escola particular no município de Lagoa Seca (PB). Após a realização do projeto de

leitura, analisamos o material coletado – gravações das aulas e atividades realizadas – mostrando que através da proposta de letramento literário é possível fazer da leitura literária uma prática significativa para nossos jovens e/ou adolescentes.

O planejamento das aulas do projeto de leitura foi feito semanalmente e acompanhado pela orientadora da pesquisa, aspecto fundamental. O projeto de leitura foi aplicado entre os dias 15/08/07 e 19/09/07, na maioria das vezes, sob a observação da professora titular da turma, já que nessa pesquisa estávamos como uma estagiária; os alunos vinham num horário oposto à escola para participar da pesquisa, pois fomos alertadas de que há pouco tempo a professora de Língua Portuguesa havia saído e essa era a segunda professora da turma. Compreendemos o pedido e partimos para a pesquisa. A turma era formada por catorze alunos, no entanto, três deles moravam em locais distantes e não acompanharam efetivamente o projeto.

Nosso material de análise compreende um questionário, quatro gravações de aulas e o registro escrito das discussões realizadas em sala que sintetizam seis atividades. O questionário teve como finalidade verificar o perfil de leitor que estava participando da pesquisa e as gravações das aulas foram necessárias, porque em dois encontros nós não tínhamos registro escrito dos debates realizados; e os registros escritos são o meio para analisarmos o grau de interação entre o leitor e a obra literária.

1.2. O Lócus da pesquisa

A escola onde foi realizada a pesquisa localiza-se no Centro de Lagoa Seca, foi fundada em fevereiro de 1992, e apesar de ser uma escola privada possui projetos sociais já conhecidos pela comunidade. A escola abrange da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, funcionando nos turnos da manhã e tarde. Quanto à estrutura física da escola, ela possui sete salas de aula, um salão para festas e reuniões pedagógicas, uma saleta reservada aos professores, uma secretaria, uma biblioteca, seis banheiros e uma grande área de recreação onde está sendo construída uma quadra esportiva.

No turno da manhã, funcionam seis turmas: jardim I, jardim II, 5^a, 6, 7^a e 8^a séries; à tarde são sete turmas: jardim I, Jardim II, Alfabetização, 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries. Ao todo, são duzentos e dois alunos efetivos na escola.

Um dado interessante que observamos na escola é que, apesar de possuir uma biblioteca, esta não fica num local favorável, pois não é isolada do barulho das salas de aula e do pátio de recreação, além disso, os livros que contém são, em sua grande parte, livros didáticos utilizados apenas para trabalhos de pesquisa dos alunos. Não há um acervo de livros de literatura infanto-juvenil.

As professoras da Educação Infantil e Ensino Fundamental I trabalham com projetos de leitura. Os livros ficam sob seus cuidados e não vão para a biblioteca, segundo elas, para evitar o extravio. As obras escolhidas para a elaboração dos projetos estão muito relacionadas com os projetos pedagógicos propostos pela escola. Isso se dá a partir de temas geradores. Vale salientar que esse trabalho só é feito até a 4^a série, não se estende ao Ensino Fundamental II.

Em síntese, percebemos que, para o aluno de 5ª à 8ª série, não há na escola um espaço favorável de leitura nem uma prática significativa da mesma, já que para esses alunos o espaço da leitura resume-se às leituras realizadas em sala de aula com finalidades estritamente didáticas.

1.3. A realidade dos nossos leitores

Os alunos que participaram da pesquisa têm entre 14 e 15 anos, apenas um está fora da faixa-etária da turma, com 20 anos, por apresentar sérios problemas de aprendizagem. Os alunos são de classe média baixa, tendo portanto, acesso a diversos suportes de leitura.

Para verificarmos o perfil dos nossos leitores, aplicamos um questionário (ver anexo) que, no âmbito geral demonstra a pouca intimidade com a leitura por parte dos alunos e de suas famílias. Quanto aos textos que mais têm acesso, em geral, são as revistas de circulação nacional, gibis e jornais locais.

Dentre os alunos, apenas um afirmava com convicção que detestava ler, os outros se mostraram disponíveis e curiosos desde o primeiro momento que entramos em sala para a apresentação do projeto de leitura. Por isso, desde o primeiro encontro de leitura, tentamos relacionar a obra em estudo com a realidade dos alunos, fazendo-os refletir sobre as situações ali postas aos personagens, permitindo que a literatura cumpra a função humanizadora de que nos fala Antonio Candido (2002).

Outro fato constatado através do questionário é que a leitura feita pelos adolescentes resume-se praticamente ao que a escola lhe impõe como atividade. Quando lhes perguntamos sobre as obras de literatura infanto-juvenil que haviam

lido durante suas vidas, todos colocaram livros que se repetiam, então questionamos se aqueles livros haviam sido trabalhados na escola, pedimos que citassem o que leram fora da escola, por vontade própria, apenas dois alunos tinham respostas para as leituras extra-escola.

Isso comprova o que queremos mostrar através desse estudo; já que o hábito da leitura é formado através da escola, na grande maioria dos casos, a escola deve buscar uma maneira adequada de escolarizar o texto literário.

1.4. A pesquisa: uma proposta de escolarização do texto literário

A partir de nossa experiência enquanto professora dos níveis fundamental e médio, e com base nas orientações recebidas ou propostas pelas diferentes escolas nas quais trabalhamos, é que surge essa pesquisa. Sempre nos inquietou a forma como o texto literário é abordado nesses dois níveis de ensino, no fundamental, utilizado geralmente para completar a última nota da disciplina de Língua Portuguesa as atividades sugeridas a partir deles, são o preenchimento de fichas de leitura e/ou apresentações que ilustram o enredo da obra. Atividades desse tipo, a nosso ver, não permitem que o texto literário se torne uma experiência significativa para o alunado, não forma uma comunidade leitora. Quanto ao Ensino Médio, esse está fadado aos livros impostos pelo vestibular, e corrigimos, na maioria das vezes o próprio professor de literatura para “facilitar” a vida dos alunos elabora um resumo. Então, qual o sentido do uso do texto literário na escola?

Preocupados em dar sentido ao trabalho com o texto literário e buscando respostas para as antigas inquietações, enveredamos por uma pesquisa que através da proposta de letramento literário tenta sugerir uma experiência

significativa para os alunos de Ensino Fundamental II. Nosso estudo aborda uma sugestão de trabalho com alunos da 8ª série.

A proposta de letramento literário, elaborada por Rildo Cosson (2006), parte do conceito de letramento utilizado por Magda Soares (1998), como apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas. Nesse sentido, o letramento literário compreende uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, bem como uma forma de assegurar seu efetivo domínio. A proposta de letramento por meio dos textos literários destina-se a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária no ensino básico.

A partir dessa concepção de estudo do texto literário, elaboramos um projeto de leitura com o livro *A cama* – de Lygia Bojunga Nunes. A escolha da obra para a série em questão se deve aos personagens e aos temas sugeridos. Acreditamos que havia uma empatia dos alunos com a obra e estaríamos tranquilos quanto a oferecê-los aos alunos a leitura da obra de uma autora que se destaca desde a década de 70 pelo seu novo fazer literário, pela qualidade estética, criatividade, domínio técnico na organização e na dinâmica interna da narrativa, pela linguagem e caráter lúdico de sua obra.

O projeto foi aplicado em seis encontros semanais, de duas aulas, entre os dias 15/08/07 e 19/09/07, programados e planejados pela pesquisadora e orientadora; houve, inicialmente, uma aula de apresentação desse projeto para os alunos da série, na qual nós já informamos quais os capítulos que iriam ser trabalhados em cada aula. Os capítulos foram entregues por nós aos alunos à medida que iam sendo cobradas as leituras, infelizmente, os textos foram xerografados por falta de livros originais. Reconhecemos a falha e consideramos indispensável o contato do aluno com o objeto livro. O material que dispomos

para análise são as gravações de quatro encontros e as atividades realizadas em sala e em casa pelos alunos. Vale a pena ressaltar que durante o projeto nós reservamos dois momentos de leitura em sala, alternando as leituras individuais e compartilhadas.

CAPÍTULO II

LEITURA, LITERATURA JUVENIL E ESCOLA

2.2 Leitura e literatura infanto-juvenil: uma história de apropriação pela escola.

Ao observarmos a história da leitura e da literatura infanto-juvenil em nosso país, verifica-se que elas estão intimamente relacionadas. Em virtude disso e a fim de problematizarmos questões relativas ao uso do texto literário escrito para crianças e jovens, apresentamos aqui um breve histórico de como se deu a apropriação da literatura infanto-juvenil pela escola e quais as implicações decorrentes dela.

A literatura infantil tem suas primeiras fontes em histórias do Oriente com *Calila e Dimma*, *Hitopadexa*, *Sendebâr*, *Ramayana*, *Barlaam e Josafat* e *As mil e uma noites*, obras que, inicialmente, foram escritas em sânscrito e, em seguida, traduzidas para o persa, o árabe e o latim, é o que afirma Nelly Novaes Coelho (1981, 9176). Segundo a estudiosa, essas obras já possuíam um caráter pedagógico ou moral, os contos de *Calila e Dimma*, por exemplo, surgiram como forma de ensinar a ciência política, ou a arte de falar.

Outra fonte importante para a literatura infantil são as histórias relativas ao nosso folclore, os contos, as fábulas, as histórias da carochinha, as lendas, que foram transmitidas oralmente de uma geração para outra e constituem, apesar do seu teor moralizante, uma fonte de conhecimento da cultura de um povo em algum momento de sua história.

Entretanto, é a partir do século XVII que começam a surgir mudanças no gênero em questão. Até o final do século XVII, não existia uma literatura

produzida, especialmente para crianças, porque até então não existia “infância”. A “criação” da infância surgiu com a ascensão da burguesia e dos valores impostos por essa nova classe que incentivava instituições para trabalharem a seu favor como afirmam Lajolo e Zilberman (1988, p. 17):

A primeira dessas instituições é a família (...) A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo. Contudo, para legitimá-la, ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o beneficiário maior desse esforço conjunto: a criança. A preservação da infância impõe-se enquanto valor e meta de vida; (...)

A partir do momento em que a criança passa a desempenhar um novo papel para a família e para sociedade, surge a sua volta todo um aparato de objetos industrializados, além de livros e teorias que têm como objetivo auxiliar no desenvolvimento psicológico e social desses indivíduos. Entre esses objetos que surgem dentro desse novo contexto, estão o livro destinado às crianças e, conseqüentemente, a literatura infanto-juvenil.

O gênero, entretanto, aparece associado à segunda instituição da qual a burguesia faz uso para propagar os seus ideais políticos e ideológicos: a escola, que se caracterizaria como espaço mediador entre a criança e a sociedade, tendo como fim prepará-la para a vida (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, p. 17). Em decorrência desses fatores é que no séc. XVII, obras antes destinadas ao público adulto de cunho moralizante, passam a ser consideradas também como obras apropriadas para a infância, entre elas estão as *Fábulas*, de La Fontaine, publicadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, publicadas postumamente em 1717, e os *Contos da mamãe gansa* de Charles Perrault de 1697.

Contudo, é no séc XVIII com a estabilização da burguesia e de seus ideais, com o avanço do processo de industrialização e a obrigatoriedade da escola para as crianças de todas as classes sociais, que a literatura infanto-juvenil passa a se impor enquanto gênero, inicialmente, servindo exclusivamente à escola.

Sobre o aparecimento da literatura infantil, Souza (2006, p. 54) declara:

O aparecimento dessa literatura está ligado a quatro fatores que, embora tenham contribuído para sua difusão, dificultaram sua valorização como gênero: o advento da burguesia, o reconhecimento da infância como uma fase importante, a necessidade de orientar esse ser em formação – a criança e o jovem – e a criação da escola.

Como bem ressalta a pesquisadora, o fato de a literatura infanto-juvenil surgir atrelada à escola dificulta a sua valorização enquanto gênero até hoje, pois ainda podemos constatar o emprego recorrente nas escolas, por pais, professores e alunos do termo “paradidáticos” para esse tipo de literatura. Quanto a isso, parece que pouco ou nada evoluímos já que, na prática, esses livros, como o próprio termo sugere, servem para “completar” alguma coisa, ou preencher alguma aula no final dos bimestres escolares.

As primeiras obras de literatura infanto-juvenil foram escritas por pedagogos, professores com finalidades didático-pedagógicas, por isso os estudiosos da literatura infanto-juvenil preferem classificar essas primeiras obras como literatura escolar pelo seu caráter autoritário, moralista e utilitário.

No Brasil, o aparecimento dessa literatura não foi diferente. Primeiramente, aparecem os contos de fadas e/ ou populares provenientes da tradição oral vindos de diversas culturas – indígena, africana e européia – resultando do processo de colonização de nosso país, esses contos eram

adaptados à nossa realidade; além disso, tivemos também as traduções dos clássicos literários da literatura mundial.

Quanto à afirmação do gosto literário no Brasil, Souza (2006, p. 70) ressalta alguns fatores que prepararam esse caminho: o primeiro deles está relacionado ao interesse em alfabetizar e preservar valores religiosos, morais e pedagógicos e outro fator importante é a busca por uma identidade nacional, a qual se deve ao longo período em que o Brasil viveu em condição de colônia portuguesa. Devemos ressaltar que por muito tempo foi Portugal quem nos impôs a sua língua, religião e costumes, além de controlar nossa instrução escolar e os livros que podíamos ler. Entre outras coisas a colônia controlava a circulação dos livros que pudessem transmitir idéias de liberdade ou suscitar qualquer atitude crítica e reflexiva por parte de seus leitores.

Até o momento, o Brasil não tinha uma tradição de literatura, nem possuía livros. São Pe. José de Anchieta e Pe. Antônio Vieira que introduzem, na colônia, os primeiros textos literários de cunho catequético, utilizando-se da poesia, do teatro e dos sermões. E são eles, os jesuítas, que a partir da segunda metade do século XVII, fundariam diversos colégios em todo o Brasil, mantendo assim o controle da educação no país. (SOUZA, 2006, p. 74)

Apenas no final do século XVIII, quando os jesuítas são expulsos do país pelo Marquês de Pombal, é que o sistema escolar passa a ser de competência do governo. Este começa a preocupar-se em promover a alfabetização e educação da população por meio de reformas no sistema educacional.

Nos períodos que compreendem o Barroco e o Arcadismo no Brasil, nós não tínhamos ainda uma literatura predominantemente brasileira, apesar de escritores significativos como Gregório de Matos, Cláudio Manoel da Costa e

Tomás Antônio Gonzaga, nossa produção literária mantinha vínculo com o que se fazia em Portugal. Somente no Romantismo é que o Brasil começa a apresentar traços de uma literatura tipicamente nacional, da segunda metade do século XVIII ao início do século XIX, através da valorização do folclore, o reconhecimento dos costumes e lendas que foram adaptados à cultura do nosso país.

As transformações ocorridas no Brasil, no século XIX, foram de grande importância para o desenvolvimento da educação, para o início da divulgação e circulação da leitura e da imprensa. Ao chegar em nossas terras, D. João VI e sua corte ampliaram o ensino, a imprensa e o desenvolvimento urbano, fundaram a Biblioteca Real em 1808, que depois se tornaria a Biblioteca Nacional, houve mudanças no ensino, criação de escolas de nível superior, surgiu o comércio de livros e a circulação do primeiro jornal do país *A Gazeta do Rio de Janeiro*. (SOUZA, 2006, p. 76)

No âmbito da literatura infanto-juvenil, Lajolo e Zilberman (1988, p. 21-25) asseguram que todos os autores da segunda metade do século XIX passam a confirmar de forma significativa a produção literária para crianças e jovens pertencentes à classe burguesa, são eles que começam a definir o perfil do gênero Brasil. Segundo as autoras, o processo acelerado de urbanização ocorrido entre o fim do século XIX e início do século XX, foi um momento favorável para o aparecimento da literatura infantil, prova disto é a criação e publicação da primeira revista infantil *O tico-tico* que passa a circular a partir de 1905.

No entanto, é no século XX que a literatura infanto-juvenil passa a ter uma produção consistente de caráter verdadeiramente brasileiro, apesar das traduções e adaptações de textos estrangeiros. Os acontecimentos sociais, políticos e econômicos favorecerem a modernização do país. Desse período destacam-se

autores como Olavo Bilac, tanto pela sua produção literária, quanto pela sua atuação pedagógica; fazem parte de sua obra os *Contos pátrios* (1904), *A pátria brasileira* (1910); com a participação de Coelho Neto, *Theatro infantil* (1905) e *Através do Brasil* (1910), em parceria com Manuel Bonfim.

Além de Bilac, merecem destaque Arnaldo de Oliveira Barreto, tradutor de obras como *O patinho feio* (1915), de Andersen, e adaptações de *O velocino de ouro* e do conto oriental *Sindbad, o marujo*; Viriato Corrêa, escritor de uma linha didática que valoriza em seus textos o caráter folclórico e nacionalista, tais como: *Era uma vez* (1908) e *Bahú velho: roupas antigas da história brasileira* (1930) e *Cazuza* (1938); Thales Castanho de Andrade, que incentivou a publicação de livros para crianças e jovens, além de publicar *Saudade* (1939), obra que exalta a natureza e constitui um clássico da literatura infantil brasileira.

O governo brasileiro, nesse período, instituiu uma séria reforma no ensino que viabilizava o acesso à escola pelas camadas populares de baixa renda. Dessa forma, era preciso que a educação nacional estivesse disposta e preparada para assumir nossas práticas pedagógicas. Foram educadores como Rui Barbosa, Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Lourenço Filho, Francisco Campos e Cecília Meireles, fatores decisivos para uma promoção da educação nacional. Todos esses ocupavam cargos que facilitaram suas ações em prol da divulgação da leitura e da educação no país. Entre eles, chamamos atenção para a poetisa Cecília Meireles que teve importante papel na divulgação da literatura infanto-juvenil, além de descrever obras destinadas ao público infantil, a autora também publica obras que demonstram a sua preocupação com a educação e com a literatura infanto-juvenil. São de sua autoria *Criança meu amor* (1924) e *Problemas da literatura infantil* (1951).

Apesar do importante papel realizado pelos educadores citados acima, é Monteiro Lobato quem vai marcar decisivamente a história da literatura infantil no país. Sobre a sua principal preocupação quanto ao gênero, Souza (2006, p. 87) declara:

Embora ele acumule as funções de escritor, divulgador e empresário do livro infantil, sua prioridade com relação à escrita passa a ser o discurso estético, de cunho nacionalista e com a intenção de contribuir para a educação das crianças e o desenvolvimento de seu sentimento crítico.

A diferença marcante na obra de Lobato está, como afirma a pesquisadora, na primazia do discurso estético em detrimento do caráter utilitário vigente até então. Desde a sua primeira obra, *A menina do narizinho arrebitado* (1921), ainda com traços de uma literatura escolar, já era possível notar a sua preocupação com a ludicidade, a fantasia e o trabalho estético com a linguagem.

Lobato traduziu e adaptou obras como as fábulas de Esopo e La Fontaine, escreveu para o público adulto obras marcantes como *Idéias de Jeca Tatu* (1919), fundiu em sua obra o real ao maravilhoso, fez uso do humor e da ironia para criticar temas polêmicos, além de criar como personagem central de suas obras infantis, a boneca Emília que rompe completamente com o perfil dos protagonistas das obras anteriormente escritas para criança.

Depois de Lobato, a literatura infanto-juvenil só viria a sofrer outro impacto na década de 70, apontado pelos estudiosos, sobretudo por Edimir Perrotti, como a fase do “boom” da literatura infanto-juvenil no país, nesse momento pode-se perceber claramente a influência deixada pelo precursor da literatura infantil, uma vez que os escritores passam a valorizar o discurso estético e primar por um texto literário não mais vinculado a fins didático-pedagógicos são escritores. São escritores representativos dessa época João Carlos Marinho, Bartolomeu Campos

Queirós, Ruth Rocha, Fernanda Lopes de Almeida, Marina Colasanti e Lygia Bojunga Nunes – que nos interessa de modo especial.

Mesmo com todas essas mudanças que aconteceram na literatura infanto-juvenil, não devemos esquecer que o seu histórico está intimamente relacionado à escola, desde as décadas de 50 e 60, quando aconteceram as primeiras reformas educacionais em favor da ampliação da leitura no país. Nessa época, a Lei de Diretrizes e Bases já tornava o uso de textos literários obrigatórios para o ensino de Língua Portuguesa. (SOUZA, 2006 p. 90)

Na década de 90, com o advento dos PCN's, com a valorização do estudo de língua portuguesa a partir dos diversos gêneros textuais, o que assistimos é a utilização de fragmentos e/ou textos literários para outros fins que não seja o estudo do texto literário em si, são recorrentes o uso de textos dessa natureza para se estudar aspectos lingüísticos e gramaticais da língua.

Acrescentamos ainda, como se não bastasse, o grande “achado” das escolas ao mascarar o estudo de obras infanto-juvenis com as chamadas listas de paradidáticos. Esse tem sido realmente o trabalho desenvolvido, na maioria das vezes, com a obra literária voltada para crianças e jovens na escola, um trabalho complementar. Esses livros são “discutidos” através do preenchimento de fichas de leitura, apresentações para nota, resumos e outras atividades que acabam por desvalorizar o texto literário perante o público jovem.

Recentemente estudiosos e pesquisadores têm refletido sobre essa parceria escola X literatura e repensando sobre as práticas pedagógicas e metodológicas que provocam entraves para a valorização do texto literário; um dado positivo é o novo olhar para o *leitor*, sobretudo, na literatura infanto-juvenil que já possui previamente um determinado leitor, sabemos que não há fórmulas

prontas e/ou acabadas, no entanto precisamos refletir sobre as nossas práticas em sala de aula para destacar o texto literário e despertar em nossos alunos o gosto pela leitura, nos resta tentar.

2.2 Novas perspectivas de leitura: a preocupação com o leitor.

Desde o final da década de 60, os críticos literários tem-se preocupado com a figura do leitor. As abordagens que surgem nesse período começam a reconhecer que o estruturalismo reduz o texto literário a formas. Dessa forma, em 1967 o professor e teórico da literatura, Hans Robert Jauss, em conferência ministrada na Universidade de Constança, propõe uma reflexão das concepções vigentes de história da literatura e apresenta a Estética da recepção como uma teoria que focaliza a atualização do leitor.

Jauss não foi o único a reconhecer a importância do leitor perante as obras literárias, além dele Wolfgang Iser, em 1976, apresenta a teoria do leitor implícito que se volta para o efeito do texto sobre o leitor. Iser parte do princípio de que o leitor é o pressuposto do texto, tentando mostrar como uma obra organiza e dirige a leitura, e como o leitor reage no plano cognitivo aos percursos impostos pelo texto (JOUVE, 2002).

Outro teórico que também apresenta uma teoria sobre o leitor semelhante à de Iser é Umberto Eco. A partir de uma abordagem semiótica, em 1979, Eco propôs uma análise da leitura cooperante, objetivando examinar de que forma o texto programa sua recepção e o que o leitor (modelo) deve fazer em resposta ao que é solicitado pelas estruturas textuais (JOUVE, 2002).

Em 1980, com base em análises semiológicas, P. Hamon e M. Otten desenvolvem uma teoria que prima pelo estudo da leitura a partir do detalhe do

texto. Jouve (2002), autor e teórico a quem recorreremos para fazer esse resgate histórico das teorias que envolvem o leitor, deixa claro que este não é um dos grandes modelos teóricos, mas análises significativas que colocam em evidência todo o processo que envolve o ato da leitura. M. Otten, ao tomar emprestados alguns aspectos das teorias de Iser e Eco, propõe a atividade de leitura através de três áreas distintas: o texto para ler, o texto do leitor, a relação do texto com o leitor.

Mais recentemente Michel Picard, em 1986, ao criticar os outros pesquisadores por tratarem a leitura a partir de leitores abstratos, propõe que se estude a leitura a partir do leitor real. Esse leitor apreende o texto com sua inteligência, seus desejos, sua cultura, suas determinações sócio-históricas e seu inconsciente.

Apesar da existência de todas essas teorias, nos deteremos em explanar de forma mais completa os pressupostos teóricos da Estética da recepção de Hans Robert Jauss, por adotarmos em nosso trabalho a sua concepção de arte literária que se volta para o leitor, e por entendermos que a sua proposta sintetiza uma nova perspectiva da história literária.

Ao apresentar a estética da recepção em 1967, Jauss problematiza o percurso que a história literária tem trilhado. O autor expõe o quanto anda fadigado o ensino da literatura e critica os dois modelos vigentes de história da literatura: o primeiro, segundo ele, "ordena seu material segundo tendências gerais, gêneros e o 'resto', para em seguida, tratar as obras individuais dentro

dessas rubricas em sucessão cronológica” (JAUSS, 1994, p. 7)³. O teórico sintetiza sua crítica a esses dois modelos afirmando que

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção; do efeito produzido pela obra e de sua forma junto à posteridade, critérios de mais difícil apreensão (p. 7-8).

Outra crítica significativa feita por Jauss está relacionada à postura dos formalistas e marxistas à história literária. Zilberman (1989, p. 30), em reflexão a obra de Jauss reconhece que para ele as duas perspectivas apresentam dificuldades. Enquanto o marxismo foi contestado por não conceber a história da arte como um processo independente, os formalistas, e particularmente, Tinianov separa a literatura e a vida prática. Se o marxismo peca por limitar a arte à infraestrutura econômica, os formalistas, por sua vez, a liberam a ponto de esquecer a história.

Com base nessas reflexões sobre a história literária Jauss declara que a sua teoria parte de onde as outras escolas pararam: da dimensão entre a recepção e o efeito da obra literária. O autor assegura que a relação entre a literatura e o leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas, dessa forma, estaria “reatado o fio que liga o fenômeno passado à experiência presente da poesia, fio este que o historicismo romperá” (p. 23).

Ao considerar o importante papel do leitor, Jauss divide sua teoria em sete teses. Na primeira tese, o teórico defende que a historicidade da literatura reside através da experiência (dialógica) entre a obra literária e seus leitores,

³ De forma que faremos outras citações da mesma obra, a partir de então indicaremos apenas a numeração das páginas.

ressaltando que uma obra não é algo atemporal que vá permitir as mesmas leituras aos leitores de diferentes épocas, mas o inverso; a obra literária além de suscitar diferentes leituras em épocas distintas é ela quem cria o seu interlocutor e permite que este a compreenda, segundo Jauss ela “cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativas dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra” (p. 26).

Ao postular a segunda tese, Jauss retoma a questão do horizonte de expectativa afim de corrigir uma possível falha em sua teoria, e assegura que a recepção e o efeito de uma obra é construído a partir das expectativas correspondentes ao momento histórico em que ela surge. Ele é categórico ao afirmar “a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas por intermédio de avisos (...) predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida”. (p. 28).

Na terceira tese, a reconstrução do horizonte de expectativas de uma obra é definida como parâmetro para determinar o seu caráter artístico. Por meio da *distância estética*, elemento intermediário entre o horizonte de expectativa existente e o surgimento de uma nova obra, é possível determinar historicamente quais as reações do público e da crítica. Sobre essa tese, Zilberman (1989, p. 35) afirma que, nesse aspecto, o teórico aproxima-se do estruturalismo, já que concorda que só é boa a criação que contraria a percepção usual do sujeito, além de adotar uma noção de valor avessa à postura idealista que o deposita num conceito universal fora do tempo e da história.

A quarta tese, como afirma Zilberman (1989), está comprometida com a hermenêutica, pois trata de examinar como se deu a reconstrução do horizonte de expectativa de uma obra na época de seu aparecimento. Através disso, seria

possível reconhecer quais as perguntas que deram origem a obra e acompanhar a história de sua recepção.

As outras três teses compreendem o “processo de ação” da teoria de Jauss. A quinta tese defende que a estética da recepção permite não só apreender o sentido e a forma da obra literária no contexto histórico de sua compreensão, mas também inseri-la em sua série literária para que, dessa forma, se possa conhecer sua posição e significado histórico no contexto da experiência literária, esse compreende o aspecto diacrônico de sua teoria, sobre o qual Zilberman (1989, p. 37) explica a “obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu; muitas vezes, sua importância cresce ou diminui no tempo, determinando a revisão das épocas passadas” em relação ao presente.

Já na sexta tese; Jauss trata do aspecto sincrônico, assegurando um momento do desenvolvimento, classificando a multiplicidade heterogênea de obras contemporâneas segundo estruturas equivalentes, opostas e hierárquicas e, assim, revelando um amplo sistema de relações na literatura de um determinado momento histórico (p. 46). Com esta tese, o autor objetiva estabelecer a relação entre a literatura de um dado momento histórico e as fases a que ela pertence, permitindo mostrar os pontos históricos de interseção e a história do efeito de uma determinada obra.

Em sua última tese, Jauss reconhece que considerar a produção literária em seus aspectos sincrônico e diacrônico não são suficientes se esses aspectos relativos à história da literatura não estiverem relacionados com a história geral. O teórico reforça ainda que a função social da literatura reside no fato de a experiência literária do leitor adentrar o horizonte de expectativa de sua vida prática, auxiliando na formação de sua compreensão de mundo.

Ao finalizar as apresentações das teses de Jauss sobre a estética da recepção, Zilberman (1989, p. 39-40) tece algumas reflexões sobre a teoria. Primeiro, ela chama atenção para o fato de que a concretização da mesma só será pertinente através de pesquisas que comprovem sua viabilidade; outra colocação feita por ela nos adverte para a formulação do conceito de distância estética, segundo a pesquisadora, de qualidade duvidosa. No entanto, a atenuação desse conceito decorre de outros conceitos provenientes da hermenêutica utilizados pelo teórico; há também problemas quanto às noções de recepção e efeito, este último, por exemplo, ora corresponde ao impacto da obra na sociedade e na história, ora corresponde à resposta do leitor. Por último, a estudiosa considera insuficiente a descrição sobre a experiência do leitor que a seu ver deveria ser matéria central da teoria. Apesar das proposições feitas, não há como negar a notória contribuição da teoria da recepção de Jauss para a história da literatura.

No âmbito da literatura infanto-juvenil, é imprescindível pensarmos no leitor, haja vista, que essa literatura já possui um público predeterminado, adotamos essa teoria por compreendermos que a perspectiva de Jauss pode contribuir em nossos estudos no que se refere à leitura literária na escola, legitimando a criança ou o jovem leitor como um sujeito sócio-historicamente situado através da interação com a obra literária. A estética recepcional pode ajudar a mudar o rumo do que tem sido feito com o estudo de obras literárias nas escolas, ela não é um fim, mas a possibilidade de uma nova proposta.

2.3 O que é feito da leitura literária na escola de hoje?

Para tratarmos especificamente dos problemas relativos à leitura literária na escola de hoje, são necessárias algumas reflexões sobre como a leitura, seja ela literária ou não, é vista pelas políticas educacionais, por pais, professores e pesquisadores da área em nosso país. Dessa forma, objetivamos, sobretudo, mostrar que o problema da leitura no Brasil é um problema político, problema esse, que perpassa todas as instâncias educacionais até chegar aos alunos em suas salas de aula a quem tão facilmente costumamos julgar.

Nos últimos anos, nós temos vivenciado o bombardeio de campanhas de incentivo à leitura promovidas pelo governo federal através da mídia; são propagandas que, além de incentivarem a leitura, também tem como objetivo divulgar a alfabetização de jovens e adultos. As políticas públicas educacionais parecem ter se dado conta de que o problema da leitura está muito além dos muros das escolas, no entanto, apesar da intenção ser "aparentemente" boa, devemos nos questionar sobre qual o conceito de leitura que está sendo adotado através de tais campanhas.

Ligia Chiappini (2005), ao tratar sobre o tema *Leitura, ensino e política*, propõe uma reflexão sobre o conceito de leitura, opondo a leitura em amplo sentido, como interpretação do mundo, do outro e de si próprio, como construção de sentidos ao conceito de leitura enquanto decodificação das letras. Para a autora, o primeiro desses conceitos estaria para a *classe dominante*, e o último para a *classe denominada*, ou seja, percebe-se que tais conceitos estão impregnados de concepções políticas e ideológicas que limitam a um primeiro nível a leitura para as classes populares e resguardam a leitura como forma de

socializar-se, de integrar-se melhor ao mundo, como lazer, para as elites. A autora sintetiza seu ensaio colocando de forma muito realista os problemas que envolvem o processo de democratização da leitura no Brasil.

Tratar da democratização da leitura de manuais didáticos, da escolha de livros e de métodos; tratar com amplitude política a questão educacional é descer simultaneamente à concretidade do trabalho em sala de aula. Não há um antes para estabelecer uma política de leitura, um antes para identificar 'condições de produção', um antes para 'esclarecer as determinações de classe do leitor', para, depois, discutir concretamente uma pedagogia da contestação. (CHIAPPINI, 2005, p. 167)

As reflexões feitas pela estudiosa vão de encontro ao que pregam as políticas públicas educacionais em nosso país, retomemos as campanhas de incentivo à leitura nas quais consideramos estarem associadas ao conceito de leitura como decodificação, haja vista que as mesmas sempre apareciam acompanhadas de propagandas do EJA (Educação de Jovens e Adultos), que visa "alfabetizar" pessoas que não mais se enquadram na faixa etária das turmas escolares destinadas a tal finalidade.

Além disso, o texto de Ligia Chiappini também nos leva a refletir sobre a legislação educacional vigente. Vejamos, a título de exemplo, o que aconteceu com os PCN's, proposta lançada há uma década e que efetivamente ainda não chegou à sala de aula, por inúmeros entraves, a começar pela falta de preparação dos professores para receber as teorias neles contidas. A proposta dos PCN's é ótima, mas, na maior parte da realidade vivida pelas escolas públicas do país, parece ter virado utopia.

A situação acontece em meio a um processo que demonstra ter um fim em si mesmo: o Governo promove o incentivo à leitura; as legislações e programas educacionais fornecem aos professores o suporte teórico, do qual

necessitam para fazer engrenar a “máquina” da educação; por fim, acredita-se que o trabalho foi cumprido e criam-se diversos programas educacionais de avaliação, dentre eles, o SAEB – Sistema Nacional de Avaliação Básica e o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, para não citar os de nível superior, todos eles para comprovar através de números e dados estatísticos o quanto anda crítica a situação da leitura no país.

Sabemos que a preocupação com a leitura é tarefa de todos, pais, professores, escola, mas reconhecemos que a maior parte dessa responsabilidade é deixada sobre a competência da escola e dos professores. Magda Soares (2005, p. 30-1), ao contestar o clichê de que o brasileiro lê pouco, ou lê mal adota uma concepção de leitura como prática social² e defende que a escola e os professores devem desenvolver habilidades de leitura dos mais diversificados gêneros de texto, caso contrário, as habilidades de leitura serão sempre selecionadas pelos órgãos avaliativos que privilegiam uma ou outro gênero que, corriqueiramente não são os gêneros lidos por nossas crianças e adolescentes.

Ao defender a prática do letramento, desenvolvendo as habilidades de leitura dos mais diversos gêneros textuais, escolas, livros didáticos e professores acabaram, como se pode constatar em análises feitas em livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio, incidindo em outra falha grave, fazer a abordagem do texto literário como se ele tivesse as mesmas características e exigisse as mesmas habilidades que um texto informativo e/ou jornalístico. Acreditamos na proposta do letramento e, certamente, ela representa um avanço na concepção

² A concepção de leitura de Magda Soares (2003) é reconhecida como letramento, termo que tem sido alvo de estudos desde 1986 quando Mary Kato introduz o termo no Brasil. segundo Soares ((2003 p. 18), letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

que tínhamos anteriormente para identificar se alguém era alfabetizado ou não, entretanto, ao pensar na prática da sala de aula, nos questionamos o porquê de coleções de livros didáticos que adotaram essa proposta serem tão criticadas por professores de escolas públicas e particulares, parece que a teoria ainda não chegou no fator aplicabilidade, e o resultado é um tanto quanto desastroso.

Paulino (2005, p. 59), ao discorrer sobre as especificidades da leitura literária, afirma que as habilidades exigidas pelo texto literário são habilidades cognitivas, além de serem habilidades interacionais e também afetivas. É lugar comum entre os teóricos e pesquisadores a necessidade de tratarmos o texto literário primando, sobretudo, pela estética do texto, a atitude diante da obra literária tem que ser um diferencial, a fim de evitarmos o uso do texto como pretexto. Mas o inverso também é uma realidade, não podemos achar que no espaço escolar a leitura da obra literária será lida, pelo menos sem que haja um histórico de cada aluno-leitor, por prazer; talvez não haja como no espaço escolar não fazer os direcionamentos para “tentarmos” formar o gosto literário e ajudar a construir futuros leitores. Isto é, se quisermos formar leitores críticos, temos que nos submetermos ao papel de mediadores, ora lendo os textos dos quais eles gostam, ora apontando, em outras obras, o valor estético de uma obra literária.

Dionísio (2005, p. 80) defende a formação de um leitor cosmopolita e tece algumas considerações pertinentes quanto aos leitores formados em nossas escolas.

O leitor de literatura construído pelas práticas de escolarização, sobretudo as configuradas nos manuais, é aquele que não existe enquanto construtor de sentidos, mas sim enquanto assimilador de sentidos apresentados por outros; é aquele para quem o texto se apresenta como um amontoado de factos retóricos, diegéticos e poéticos que, esvaziados de qualquer valor significativo, se têm simplesmente de assinalar e reconhecer em situações futuras, concretamente, nos testes e nos exames.

Esse perfil de leitor traçado acima pela pesquisadora é resultado, primeiramente do histórico que temos da apropriação do texto literário pela escola, depois pela falta de um projeto político e social “sério”, uma vez que formar o gosto pela leitura, seja ela literária ou não é um aprendizado cultural, um projeto em longo prazo.

Se acreditarmos no poder humanizado da literatura de que nos fala Antonio Candido (2002), precisamos começar a refletir sobre a nossa prática em sala de aula enquanto professores de literatura e buscar alternativas para novas propostas de trabalho com o texto literário, pois como afirma Lajolo (2000, p. 15), “ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas”.

Talvez um primeiro passo seja desconfiarmos dos livros didáticos e ou “paradidáticos”, como costumavam chamar as escolas; verificar a qualidade estética desses textos; atualizar-se sobre as novas teorias que estão em discussão nas universidades; refletir sobre a metodologia utilizada para nossas aulas, enfim, precisamos buscar um meio, já que seria utópico não falar assim, para que haja uma escolarização adequada do texto literário, se ela (a escolarização) tem de acontecer, que nós estejamos preparados para que ela ajude a formar leitores críticos.

2.4. Letramento literário: uma proposta de escolarização do texto literário.

O livro *Letramento literário: teoria e prática* (2006), de Rildo Cosson, apresenta uma metodologia de ensino da leitura literária voltada para os professores de Ensino Fundamental e Médio que desejam fazer do ensino da

literatura uma prática significativa para si e para seus alunos. O autor retoma o termo letramento, antes utilizado por Magda Soares, a fim de inserir sua proposta numa concepção de uso da escrita que está além das práticas escolares. Segundo Cosson (2006), o letramento literário visa reformular e fortalecer a educação literária no ensino básico, além de formar uma comunidade de leitores que reconheçam os laços que os unem no tempo e no espaço.

A perspectiva apontada por Cosson (2006) prima, sobretudo, pela experiência com o texto literário, reconhecendo que através dele podemos saber e vivenciar experiências do outro. Essa compreensão diante da literatura resgata seu papel humanizador de que nos fala Antonio Candido (2002), elemento fundamental para modificarmos o estudo do texto literário no ensino básico.

Ao dissertar sobre o processo de escolarização da literatura, o autor discute um dos problemas cruciais do ensino da literatura, a discrepância do que se entende por literatura nos níveis fundamental e médio. Tal aspecto constitui um dos pontos centrais de nossa pesquisa, pois foi essa experiência que vivenciamos ao lecionarmos nos dois níveis; e essa disparidade entre os dois níveis de ensino foi um dos motivos de buscarmos uma nova concepção e uma nova metodologia para o ensino de literatura. Segundo ele, no Ensino Fundamental a literatura tem um sentido tão abrangente que incorpora qualquer texto escrito que se assemelhe com poesia e ficção, o limite dado é a temática e a linguagem, enquanto isso, no ensino médio, o estudo da literatura, os textos, ou melhor, os livros quase nunca aparecem verdadeiramente em sala de aula, quando muito se faz, são usos de fragmentos de textos para comprovar as características da(s) escola(s) em estudo.

Nas duas perspectivas, percebe-se, como afirma o autor, uma decadência do ensino da literatura, uma vez que ela está perdendo sua função essencial que é construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. É preciso romper com a noção conteudística que vigora no ensino e reconhecer que mais importante que cumprir conteúdos é permitir que leitura seja uma experiência partilhada.

A concepção de leitura adotada no letramento literário confirma a valorização desse momento de partilha da leitura. Cosson (2006), ao argüir sobre a importância desse momento afirma que a leitura é um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário; para ele, ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde vivemos, pois os sentidos são construídos a partir do compartilhamento das visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço.

Teorizando a concepção de leitura utilizada pelo professor-pesquisador, o letramento literário concebe a leitura como um fenômeno cognitivo e social, dentre as muitas teorias existentes sobre leitura, ele cita Vilson J. Leffa (*apud*, 1999) que reúne as fundamentações sobre o assunto em três grandes grupos: a) o primeiro, centrado no texto, no qual compreende-se a leitura como processo de extração de sentidos do que está no texto, são teorias chamadas ascendentes; b) o segundo grupo toma o leitor como centro da leitura, afirmando que ler depende mais do leitor do que do texto, são as teorias chamadas descendentes; c) o terceiro e último grupo afirma que o leitor é tão importante quanto o texto, sendo a leitura resultado dessa interação.

Cosson (2006) retoma essas três concepções para afirmá-las como etapas do processo maior que é a leitura. A primeira concepção compreende, segundo o estudioso, a primeira etapa que ele chama de *antecipação*, consiste

nas operações que o leitor faz antes de adentrar no texto propriamente dito. A segunda etapa, nomeada de *decifração*, é a decodificação do texto que, dependendo da familiaridade que o leitor tenha com as palavras, pode requerer mais tempo ao leitor. A *interpretação* é a terceira etapa do processo de leitura, significando as relações estabelecidas pelo leitor durante o processamento do texto. Sobre a interpretação afirma o autor:

Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. (2006, p. 41)

O momento da interpretação parece ser o momento crucial desse primeiro ciclo imediato da leitura, pois é a partir dele que podemos avaliar se houve alguma falha nos dois estágios que lhe precedem. Essas são as etapas do processo de leitura que fundamentam a proposta do letramento literário.

Outro importante aspecto da proposta em análise é como selecionar os textos para realizar esse trabalho. Ao retomar os modos como a escola tem feito a seleção das obras literárias para serem distintas: a) leitura das obras canônicas; b) leitura das obras contemporâneas; e c) a pluralidade das obras, a diversificação de autores e gêneros literários. Cada um desses modos de seleção apóia-se em uma justificativa, para os que defendem a leitura dos cânones, essas obras são indiscutíveis, uma vez que representam a tradição; para os adeptos da contemporaneidade entra, a seu favor a abundância de textos que as editoras disponibilizam, a linguagem mais acessível e a diversidade de temas; a última das orientações está pautada no que recomenda as diretrizes do ensino da língua portuguesa por acreditarem que, dessa forma, a leitura na escola possa se tornar algo democrático que contemple os problemas da sociedade onde vivemos.

Se tomadas isoladamente cada um dos critérios de seleção citados acima, a escola deixa de cumprir seu principal papel quanto à formação de leitores críticos e eficientes, mas se tomadas em conjunto conseguiremos contemplar aspectos centrais da produção literária de uma nação. E essa é a orientação do letramento literário: combinar os três critérios de seleção de textos fazendo-os agir de forma simultânea.

No que compete às estratégias sistemáticas para o ensino de literatura, Cosson (2006) defende que o letramento literário, além de acompanhar as três etapas do processo de leitura, anteriormente explicitado, deve também acompanhar o saber literário. O autor deixa claro que um trabalho pautado no processo do letramento literário prima, sobretudo, pela experiência do literário, sobre essa perspectiva, as práticas da sala de aula devem ultrapassar a mera leitura das obras e contemplar todo o processo de letramento, permitindo que a prática e o discurso possam ser compreendidos de forma crítica pelos alunos, auxiliando a formação de uma comunidade de leitores, ponto estratégico dessa proposta.

A fim de sistematizar metodologicamente as práticas do letramento, Cosson (2006) sugere dois tipos de seqüências, a seqüência básica e a expandida que acontecem a partir de três perspectivas: a oficina, a técnica do andaime e o portfólio. Nas oficinas, os alunos aprendem a “fazer”, ou seja, através da prática constroem seu conhecimento; a técnica do andaime possibilita ao professor dividir com o aluno a edificação do conhecimento, envolve pesquisa e desenvolvimento de projetos por parte dos alunos; e o portfólio permite tanto ao professor quanto aos alunos registrar as atividades realizadas durante o processo.

As seqüências sugeridas pelo professor-pesquisador atendem aos dois níveis do ensino básico, sendo assim, a seqüência básica é proposta para as turmas de Ensino Fundamental I e II, enquanto que a seqüência expandida visa atender às turmas do Ensino Médio. No entanto, nada impede que a seqüência básica não seja também abordada pelos professores do Médio.

A seqüência básica constitui-se de quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. A motivação tem por objetivo preparar o aluno para o encontro com o texto, as melhores motivações são aquelas que estabelecem laços estreitos com a obra a ser trabalhada, geralmente essa etapa tem duração de uma aula. A introdução é, na verdade, a apresentação do autor e da obra nesse momento o professor deve justificar a escolha da obra em tela e do seu autor, aconselha-se não se estender muito, já que a função da introdução é permitir ao aluno receber o texto de maneira positiva.

A terceira etapa compreende o aspecto essencial para a proposta do letramento literário, pois a leitura é o momento do encontro do leitor com o texto que precisa ser acompanhado pelo professor, com uma ressalva, o professor tem o papel de acompanhá-lo em suas dificuldades e verificar como está acontecendo o processo da leitura, quando o texto é extenso, a orientação é que a leitura seja feita fora da sala-de-aula e que se marque os intervalos, apresentação dos resultados da leitura, essa ocasião funciona como diagnóstico da etapa de decifração do processo de leitura.

A última etapa da seqüência básica é a interpretação que se dá, desde as inferências até a construção do sentido do texto, envolvendo autor, leitor e comunidade. Cosson (2006) sugere dois momentos para essa fase do letramento literário: um interior e outro exterior.

O momento interior, segundo ele, acompanha o leitor durante o processo de decifração das palavras e atinge seu auge na compreensão geral do texto, é o encontro do leitor com a obra, encontro de caráter individual. Já o momento externo consiste na concretização, na materialização da interpretação como ato de construção de sentidos a partir de uma determinada comunidade; essa fase da leitura distingue o papel do letramento literário na escola das demais leituras que se pode fazer fora dela, o autor deixa claro ainda que as atividades de interpretação devem ter como princípio sua externalização, seu registro que poderá ser feito em concordância com o texto, a idade e a série do aluno;

A seqüência expandida segue a mesma estrutura da seqüência básica, entretanto, como ela foi planejada para atender às turmas de Ensino médio, há um aprofundamento nas etapas de leitura e interpretação. Na etapa de leitura, o professor, provavelmente, deverá fazer mais intervalos a fim de acompanhar a leitura dos alunos e diagnosticar alguma falha, se for preciso.

Quanto à interpretação, na seqüência expandida ela se dá em dois momentos: a primeira interpretação preocupa-se com a apreensão global da obra, seu objetivo é permitir ao aluno uma impressão geral do título; depois, o professor pode partir para a contextualização da obra, que no letramento literário compreende-se como um aprofundamento da leitura através dos contextos que a obra traz consigo. Por isso Cosson (2006) aponta sete contextualizações diferentes: teórica, histórica, estilística, poética, presentificadora e temática.

A segunda interpretação destina-se a aprofundar a leitura de um dos aspectos da obra, ela pode centrar-se numa personagem, no espaço, num tema, num traço estilístico, entre outros. A segunda interpretação pode ou não ser feita

individualmente, no entanto é imprescindível o registro desse momento para que se possa observar o aprofundamento da leitura.

O último passo da seqüência expandida é a *expansão*, momento de investida nas relações textuais, de buscar possibilidades em que a obra lida possa dialogar com outros textos sejam eles contemporâneos ou posteriores.

Em síntese, o que se percebe é que a proposta de letramento literário apresentada por Cosson (2006) prima pelo aprendizado crítico da leitura literária a partir da experiência estética com o texto; por acreditarmos que é possível reinventar a prática existente para o estudo do texto literário, ultrapassando o mero preenchimento de fichas de leitura e tornar a literatura uma experiência significativa para nossos alunos, é que nos disponibilizamos nessa pesquisa a "reinventar a roda" e apresentar uma experiência realizada com alunos da 8ª série do Ensino fundamental pautada nessa perspectiva.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO ROMANCE JUVENIL *A CAMA* DE LYGIA BOJUNGA NUNES

3.1. Sobre o enredo

O livro *A cama*, de Lygia Bojunga, lançado em 1999, divide-se em dez capítulos cujos títulos iniciam sempre com o próprio título *A cama*, seguido do espaço onde esta se encontra. Ora ela está, segundo os títulos, em espaços físicos, ora espaços abstratos: I – *A cama* na lembrança; II – *A cama* na foto antiga; III – *A cama* no morro; IV – *A cama* no estúdio; V – *A cama* no Jardim Botânico; VI – *A cama* na indenização; VII – *A cama* no antiquário; VIII – *A cama* na idéia fixa; IX – *A cama* no casarão e X – *A cama* na espera.

Os títulos nos capítulos já antecipam o que se pode comprovar ao longo do texto, apesar do livro possuir uma série de personagens *a cama* rouba a cena de todas elas e aparece como fio condutor do romance, pois todos os personagens do livro estão ligados de algum modo, a ela, todos os espaços são ocupados, direta ou indiretamente por ela. Dessa forma, todos os elementos da narrativa levam a diferentes significados e interpretações sobre a cama antiga, centenária – único bem que restou de uma família.

A partir do enredo do livro, é possível perceber que, diferentemente de outras obras de Lygia Bojunga que são destinados a um público leitor infantil, o romance em tela apresenta algumas características da literatura juvenil, tendência essa percebida no conjunto de sua obra desde 1995, com o livro *O abraço*. Nele, a autora aborda a temática do estupro, experiência vivida ainda na infância, mas que acarreta sérios conflitos à personagem Cristina quando jovem.

Malu Zoega de Souza (2001), em estudo sobre a literatura juvenil, questiona o crescimento da produção de livros infanto-juvenis, bem como o uso feito deles por parte da escola. A pesquisadora faz um levantamento de algumas particularidades dessas obras:

Em síntese: os padrões atuais para a medida – ou catalogação por idade – são facilmente perceptíveis: as narrativas geralmente são curtas, embora mais longas do que nos catalogados como infantis; as letras são maiores do que as dos livros sem catalogação, mas menores que as usadas em textos para crianças. Há menos ilustrações do que nos infantis e as cores variadas cedem lugar ao branco-e-preto. Quanto ao aspecto temático-ideológico, à linguagem e ao ponto de vista narrativo, como nos livros catalogados como infantis, percebe-se a preocupação com o (e a introjeção do) destinatário. As personagens são jovens vivendo na época em que os livros são escritos. (Souza, 2001, p. 32 e 33)

Dentre os aspectos apontados pela pesquisadora, é importante destacar, na obra em questão, sobretudo, a caracterização dos personagens, uma vez que nós temos como protagonistas dois adolescentes entre onze e doze anos, vivendo, cada um em seu espaço, os conflitos e problemas dessa fase, descobrindo a sexualidade e buscando a construção de sua identidade. Além disso, há o aspecto temático e ideológico que circunda os personagens e os espaços físicos e sociais em que vivem.

3.2 Sobre as personagens e seus aspectos

Antonio Candido (1976) afirma que a nossa visão das personagens, assim como dos seres vivos, é fragmentária e, portanto, elaboramos um conhecimento sobre eles insatisfatório e incompleto. Portanto, há que se analisar no romance o modo como racionalmente o escritor delimita e encerra os seres fictícios nas simplificações de gestos, frases, e de objetos significativos.

Concordando com a postura do teórico é que propomos a análise das personagens do romance, observando o espaço em que estão inseridas, o modo como o narrador as apresenta, seus gestos, frases e atitudes umas para com as outras, para que assim possamos construir um perfil de cada uma delas⁵. E como no romance em estudo a *cama* é um objeto extremamente significativo, não podemos deixar de observar que tipo de relação cada uma das personagens estabelece com ela, quais as suas leituras e interpretações sobre esse objeto que ocupa praticamente todos os espaços existentes na narrativa.

A estrutura do romance apresenta suas personagens praticamente divididas em blocos distintos; esses blocos correspondem a espaços diferenciados de forma que cada uma delas está intimamente ligada ao espaço que ocupa. Como a análise das personagens se mostra indissociável à do espaço, retomamos o questionamento feito por Osman Lins (1976)⁶ em seu estudo sobre o espaço romanesco na obra de Lima Barreto.

Ora, como deveremos entender, numa narrativa, o espaço? Onde, por exemplo, acaba a *personagem* e começa o seu *espaço*? A separação começa a apresentar dificuldades quando nos ocorre que mesmo a personagem é *espaço*, (...) Excetuando-se os casos, hoje pouco habituais, de intromissão do narrador impessoal mediante o discurso abstrato, tudo na ficção sugere a existência do espaço – e mesmo a reflexão, oriunda de uma presença sem nome, evoca o espaço onde a proferem e exige um mundo no qual cobra sentido. Temos, pois, para entender o espaço na obra de ficção, que desfigurá-lo um pouco, isolando-o dentro de limites arbitrários. (p. 60)

Por esses motivos, propomos uma análise que estabeleça a relação personagem-espaço, para que se possa compreender melhor cada um deles.

⁵ A análise não é fragmentada, ou seja, seleciona intuição e personagem variados.

O livro apresenta ao todo cinco espaços distintos nos quais as personagens vão aparecendo e tomando forma. O primeiro deles é Rocha Miranda, bairro pobre, onde vivem Zecão, Geraldina, seu filho Tobias, um dos protagonistas, mais três irmãos menores. Em meio à apresentação desse espaço e dessa família, surge Maria Rita, irmã de Zecão; ela ocupa um espaço ainda mais pobre, a favela do Rato Molhado. O terceiro espaço apresentado no livro que traz consigo mais um leque de personagens é o apartamento ocupado por Elvira, Rosa e Petúnia. Nessa apresentação, há também abertura para um outro espaço que será ocupado por Rosa, o estúdio de Jerônimos. O último espaço a ser apresentado é o casarão ocupado por Américo, proprietário, e por seus empregados, nele também aparece Roberta, filha de Américo.

3.2.1 Rocha Miranda

O bairro de Rocha Miranda, ao qual pertencem Zecão, Tobias e Geraldina, se resume a casa, e o que sabemos sobre ela nos é dito pelas personagens: que a única fonte de renda é proveniente do trabalho do pai e, portanto, as dificuldades financeiras se tornam evidentes em algumas colocações das personagens.

Esse modelo de família extensa dependente economicamente da renda do homem, chefe da casa, apesar de se tratar de uma família operária nos remete ao modelo de *família patriarcal*, “no qual o chefe da família” cuidava dos negócios e tinha, por princípio, preservar a linhagem e a honra da família, procurando exercer sua autoridade sobre a mulher, filhos e demais dependentes sob a sua influência.” (Sâmara, 1998)

O personagem Zecão representa, podemos assim afirmar, esse modelo de chefe de família que defende as virtudes, preserva a honra e a tradição familiar e, sobretudo, mantém a todos. O próprio nome da personagem carrega conotações de alguém grande, forte, que são confirmadas ao longo do texto.

Zecão trabalhava numa cervejaria supervisionando caixa, lacrando caixa, carregando caixa pra caminhão. Um peso danado aquelas caixas de cerveja. E Zecão nunca bebia uma gota. Nem de cerveja, nem de pinga, nem de nada: dizia que negócio de bebida não é do agrado do Senhor. Era religioso. Mas nem de religião ele gostava de falar. Domingo de manhã se metia num terno e gravata e ia pra igreja de livro sagrado na mão. Cantava. Isso sim, ele gostava. Cantava com fé e com vozeirão. Tinha habilidade de mão, fazia biscate depois do jantar, consertando isso e aquilo pela vizinhança afora. Mulher e quatro filhos pra comer, morar, vestir, estudar, o dinheiro nunca dava, toca a biscatear. (p. 29 e 30)

Para o filho Tobias, Zecão é um ídolo, um modelo a ser seguido. O garoto cria uma espécie de projeção da imagem⁷ do pai; isso pode ser percebido ao longo do romance.

Tobias ainda não tinha feito 12 anos, mas já mostrava que ia ser feito o pai: um homenzarrão de ombro largo e braço musculoso. E não era só no tamanho que ele puxava a Zecão: os dois se pareciam também no jeito de olhar, de andar, e mais que tudo no jeito de ficar quieto. Nem um nem outro tinha lá muita inclinação pra falar. (p. 29)

Um outro aspecto que o narrador está sempre apontando em relação a Zecão é a sua dificuldade em dialogar e/ou em expressar seus sentimentos. No entanto, essa característica não faz dele um homem sem afeto ou frio.

Quietos daquele jeito, o Tobias e o Zecão, mas difícil encontrar, pai e filho gostando mais um do outro. Tinha uma diferença no gosto: Tobias mostrava sempre na cara o fascínio que ele tinha pelo pai; mas Zecão tinha se habituado a viver de cara fechada, e vendo ele olhar pro filho ninguém adivinhava o tamanho do sentimento que ele tinha pelo garoto. Quando Tobias foi pra escola, não demorou pra Zecão ver que *o menino dá pro estudo*. Redobrou o esforço no emprego e nos biscates: não ia nunca faltar

⁷ SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

nem livro, nem caderno, nem o mais que precisava pra estudar. E nas poucas conversas que os dois tinham, Zecão não deixava de lembrar que: o meu pai me botou pra trabalhar quando eu 'tava recém aprendendo a ler, olha só o resultado: tô sempre trabalhando e a grana ta sempre faltando. (p. 30)

No primeiro parágrafo da citação acima, o narrador onisciente confirma o afeto e a afinidade entre pai e filho. Quanto ao segundo parágrafo, chamamos atenção para a função que a escola assume aqui para o pai, como única forma de ascender social e economicamente através de um grau de instrução maior, interpretação vigente até hoje nas classes inferiores.

Como afirmamos que há na família de Rocha Miranda, nuances do patriarcalismo, é pertinente observarmos como se dá a relação entre Zecão e Geraldina. Ela só aparece no primeiro capítulo do romance, numa cena onde estão ela e Zecão discutindo sobre a cama. Enquanto Zecão insiste que não permite a venda da cama, ela apresenta argumentos para que ele desista de trazê-la para casa.

Você esqueceu o tamanho da cama? Esqueceu o peso que ela tem? Não é coisa pra braço nem pra burro, é coisa pra caminhão. E aí custa uma fortuna. Onde é que a gente arranja dinheiro para pagar, Zecão? (p. 11)
Mas olha o tamanhinho desta casa! A gente já somos seis aqui dentro, onde é que a gente bota aquela cama? (p. 12)

Os argumentos utilizados por ela resultam na preocupação com a situação econômica da família, que não pode gastar dinheiro para trazer a cama e não dispõem de espaço físico para guardá-la. Ela como mulher, dona de casa (pois não há nenhuma referência a qualquer trabalho fora de casa realizado por ela), preocupa-se com a casa em si, e também com a situação em que se encontra Maria Rita, irmã de Zecão, ela está, portanto, mais flexível.

- Mas lê esse bilhete com calma, homem.
- Já li mais de cem vezes!
- Não precisa gritar desse jeito, né?
- Então você já sabe mais de cem vezes que a Maria Rita tá vivendo de esmola, e que ela só tem a cama pra vender e mais nada.
- Se tá nessa merda foi porque quis.
- Como é que você pode ser tão duro assim com ela se você mesmo disse que vocês dois eram assim? Unha e carne. (p. 12)

Zecão, por sua vez, zela pela tradição chegando a ser rude ao gritar com Geraldina e utilizar uma expressão baixa e indiferente para com a irmã. Não admite ter perdido o controle sobre Maria Rita, nem tão pouco, que ela tenha saído de casa sem se casar, ferindo, assim, a honra da família.

Inflexível, ele considera os apelos da esposa como choradeira; fica evidente que não há espaço para ela a não ser os espaços que, segundo o discurso machista, são específicos para as mulheres, como por exemplo, o tanque.

- Geraldina, eu já te disse, amanhã cedo eu vou buscar a cama, e não me começa com choradeira que eu não tenho paciência pr'aguentar. (p. 12)
- Amanhã eu vou te acordar mais cedo pro café, viu, Tobias? Teu pai quer que você vá com ele buscar uma tal de cama. – E foi pro tanque torcer roupa... Tinha um pouco de alívio no suspiro que ela deu: pelo menos, lá no tanque, ela podia fungar à vontade. (p. 13)

A postura de recolhimento assumida por Geraldina se opõe a de Maria Rita, que abre mão da convivência com o irmão para viver uma experiência amorosa, mesmo que essa depois, se torne dolorosa.

Ao lembrar da tia, Tobias enfatiza o quanto ela estava bonita no dia em que saiu de casa, cria, então, expectativas ao saber que vai revê-la.

Quando Tobias chegou no barraco da Maria Rita, encontrou a porta encostada. Olhou pra gaiola: vazia. Uma mulher que ia passando confirmou a indagação que ele fez: era ali mesmo que morava a Maria Rita da cama. (...)

Se o barraco, já tinha parecido ruim por fora, por dentro era ainda pior: chão esburacado, parede rachada e úmida, uma cortina despencada, rasgada, separando um cômodo pequeno, onde se via um fogão velho e um bujão de gás. À esquerda da porta de entrada, uma tábua presa na parede fazia de mesa. Dois caixotes pra banco. O resto do espaço era tomado pela cama. (págs 40 e 41)

O espaço do barraco de Maria Rita nos é apresentado de forma indireta, é o narrador quem nos leva a ver o barraco pelos olhos de Tobias, que, mesmo sendo um garoto pobre, se assusta com espaço físico em que sua tia vive. A tia não está numa situação de miséria. Todos os adjetivos utilizados para caracterizar esse espaço são depreciativos do chão às paredes, de fora para dentro, assim como os poucos objetos que ocupam esse espaço estão em péssimas condições. O maior objeto e o que apresenta melhores condições é a cama, que, oponente e poderosa, contrasta com todo o barraco.

Osman Lins afirma que o espaço caracterizador é em geral restrito – um quarto, uma casa, refletindo, na escolha dos objetos, na maneira de os dispor, o modo de ser da personagem. A inserção social desta, entretanto, pode ser sugerida em grande parte por elementos exteriores, como o bairro ou a situação geográfica. (1976, p. 98)

Devemos lembrar que o espaço em que Maria Rita se encontra é o “morro”, ou, como mais popularmente chamamos, a “favela”, onde residem todos aqueles que sobraram dentro de um espaço – sobretudo, nos grandes centros. No caso aqui, o Rio de Janeiro, inchado pela explosão demográfica que não comporta todos aqueles que acreditam que, nesses grandes centros urbanos, vão encontrar melhores condições de vida, ou daqueles que, mesmo sendo oriundos daquele lugar, foram excluídos por diversos motivos, entre outros uma origem humilde, pouco escolaridade, renda baixa, desemprego.

A discriminação a esse lugar começa a partir do nome dado às moradias lá construídas. Não ouvimos ninguém dizer “Eu tenho uma casa no morro” ou “Eu tenho uma casa na favela”, mas sim “Meu barraco fica lá na favela”; o nome em si já é depreciativo. Então, esse é o local no qual a personagem Maria Rita está inserida: num barraco na favela do Rato Molhado, e assim como a apresentação do espaço físico revela a situação degradante da personagem, espaço e personagem encontram-se aqui em situações semelhantes.

- Tia Maria Rita?
 - Você não é o Tobias? – Ele fez que sim devagar. – Nossa! Que diferença, você tá quase da minha altura. – E abraçou ele.
 Susto, sim, susto: onde é que tinha ficado a boniteza dela? Tobias olhava pra Maria Rita enxergando na lembrança ela vestida de branco no dia em que foi embora, sandália vermelha no pé, que bonita! E isso agora, porquê? Tá virada em pele e osso, ficou feia, que acabada! Virou triste. (pág. 42)

Assim como a deformação do espaço se faz de fora para dentro, aqui também o narrador interrompe o discurso direto e, através do monólogo interior, nos descreve a personagem com uma espécie de gradação na caracterização que parte de fora (aspectos físicos) “tá virada em pele e osso, ficou feia”, pra dentro (aspectos psicológicos) “ficou triste”. E os problemas citados a pouco sobre o espaço dão continuidade ao diálogo entre Tobias e Maria Rita.

- Fui buscar um pouco d’água na vizinha. O cano lá fora rebentou e ninguém conserta. (pág. 42)
 (...) Só de olhar, Tobias sentia o peso da cama. Foi chegando pra perto: que nenê tão pequeno! Parecia até recém nascido ali na cama. (pág. 41)

Retomando o enredo do romance, é esse o local e a situação com os quais Tobias se depara, tendo a missão de lembrar à tia toda a história da maldição da cama. No entanto, ele, sensibilizado com tal situação, vê-se impossibilitado de fazer o pedido do pai.

Tobias sentou na cama. Sentiu o suor escorrendo no corpo. Duas ou três vezes abriu a boca pra dar o recado de Zecão. Mas a voz dava pra trás. (p. 43)

Logo que o sobrinho começa a lembrar a tradição familiar da maldição da cama, Maria Rita expressa, de forma espontânea, todo o seu sofrimento em reconhecer a cama como um patrimônio da família, como um objeto que representa uma tradição familiar, mas que, para ela, vivendo nas condições sociais e econômicas nas quais se encontra, torna-se a única fonte de renda, a única saída.

- Ninguém precisa me lembrar de nada: t'aqui! Tá sempre aqui! Bateu na testa e ficou encarando Tobias com dureza. (p. 43)
 - Que bisavó porra nenhuma! O que me importa a maldição dela, do Zecão, da puta que o pariu, se já faz tempo que eu tô vivendo a pior maldição que existe!
 - Puxou o seio da boca da criança. - Essa, olha, essa - a criança gritou chorado - FOME! Olha pra ele! Tá com fome! Eu também tô com fome! Já olhou pro que tá na tua volta? Já olhou bem pra tudo? Já viu bem o que é ser pobre, viu? Isso sim é que é maldição. Só mesmo quem não conhece a cara dela é que pensa que assusta a gente com castigo pior que a fome. (...) Volta e conta pra ele (se é que ele 'inda quer saber) que eu cheguei no fim da linha, tô doente e sem poder trabalhar. (pág. 44)

Através de uma linguagem dura e bastante expressiva, a personagem expõe o pior dos problemas enfrentados por ela dentro do quadro econômico e social ao qual ela pertence: a fome. O uso dos palavrões em sua fala representa não só uma forma brutal, grosseira de expor a Tobias a sua situação, mas também é resultado da violência maior, que é esse estado de miséria que animaliza e rouba a dignidade humana.

Na fala de Maria Rita, podemos verificar o quanto ela é consciente de sua situação, a partir do reconhecimento de seu espaço, seja o espaço maior, representado pelo morro, seja o seu espaço mais íntimo, que é o barraco. Ela chama atenção de Tobias para que olhe em sua volta, com o intuito de mostrá-lo

que aquele espaço e os objetos que fazem parte dele representam e condizem com o estado dela, Maria Rita.

Note-se que, apesar do parágrafo constituir uma fala da personagem, há alguma influência do narrador, que contribui para dar maior expressividade ao que está sendo dito por ela. "(...) a criança gritou chorando – FOME". Enquanto a mãe pede que ele, Tobias, veja a criança, o narrador onisciente desloca a atitude da criança diante da fome, "gritou chorado", e nessa interferência do narrador aparece também um dos recursos de linguagem comum na obra de Lygia Bojunga: a expressividade na grafia de letras com o intuito de enfatizar certas palavras ou expressões, o que ocorre com a palavra FOME!, posta em destaque algumas vezes nas falas da personagem.

Diante da situação em que se encontra, Maria Rita deixa de lado a tradição familiar, por considerar que "maldição" é o estado no qual ela vive. A realidade da fome faz com que ela passe a não mais acreditar que as coisas possam se tornar ainda piores por causa de uma tradição mantida por sua família. O estado de fome é posto por ela de maneira tão forte, é tão real, que ela chega a personificá-la "só quem não conhece a cara dela é que pensa que assusta a gente com castigo pior que fome". Além disso, ela declara que está doente e sem poder trabalhar: "eu cheguei no fim da linha"; não há mais perspectivas para que ela saia das condições em que se encontra; a venda da cama é a única possibilidade de conseguir algum dinheiro.

Dentre os personagens que ocupam esse primeiro momento da narrativa, formado pelo espaço de Rocha Miranda e, logo depois, da favela do Rato Molhado, o único que transita de um espaço para o outro é Tobias, personagem protagonista, mas que não aparece em todos os capítulos do livro;

depois dos primeiros capítulos nos quais são apresentados os personagens pertencentes a seu espaço, ele só vai ter voz no quinto capítulo – “A cama no Jardim Botânico”.

Sobre Tobias, sabemos que ele tem grande afinidade com o pai e o reconhece como modelo a ser seguido. Não podemos esquecer que sua família é uma representação do modelo de família patriarcal pobre, operária. Sendo assim, é habitual que ele, na qualidade de primogênito, veja o pai como um modelo a ser seguido. Apesar disso, Tobias apresenta atitudes distintas das de seu pai; busca o diálogo, é compreensivo para com os outros, sobretudo, com a tia, é um garoto tímido e observador.

Além dessas características, outras podem ser percebidas quando entra em cena Petúnia, personagem do próximo espaço que iremos analisar. E ainda, no capítulo “A cama no morro”, em que os dois personagens se cruzam para compor o casal do romance, no momento em que Maria Rita acaba de dizer para Tobias que sua única saída para conseguir algum dinheiro é a cama, Elvira, mãe de Petúnia, entra no barraco para comprar a cama e a história desses dois adolescentes se cruzam.

Petúnia entrou no barraco, olhou pra cama e não sentiu o mais leve interesse. Mas quando viu Tobias, e quando ele olhou pra ela, Petúnia, pra dizer o mínimo, balançou. (...)
Petúnia não se controlou: sem tirar mais o olho de Tobias começou a estudar ele de alto a baixo. (p. 45)

O primeiro contato entre Petúnia e Tobias se dá fora de seus espaços, tanto para ele, quanto para ela, o morro. Note-se que aqui estamos diante de espaços que obedecem a uma ordem, no que diz respeito à classe social: Petúnia pertence a uma família de classe média, Tobias mora no bairro de

Rocha Miranda, numa casa que acomoda a família, espaço de uma classe mais pobre; e o morro, que é o espaço de Maria Rita, é o ambiente mais pobre apresentado durante o romance, como foi visto há pouco na descrição do barraco.

No dia em que os dois adolescentes se encontram, Petúnia entrega a Tobias um papel com o nome, endereço e telefone; no entanto, o primeiro encontro dos dois demora algum tempo para acontecer. Na narrativa, nós passamos do terceiro ao quinto capítulo.

O capítulo “A cama no Jardim Botânico” narra que no primeiro contato com Petúnia ele se mostra observador, mas tímido, nesse momento ele toma a iniciativa e escreve uma carta para ela, que espera ansiosa por notícias suas. A carta em si demonstra o quanto ele é sensível e delicado para com a garota.

(...) Querida Petúnia
 Quis contar a história da cama, que aquele dia eu não contei direito. A cama que a sua mãe comprou. (...)
 Então, eu achei que a gente podia se encontrar um dia...
 (...) PETÚNIA. Quero contar que acho o teu nome lindo.
 Depois que te conheci fui no dicionário ver se tinha Petúnia lá.
 E aí eu fiquei sabendo que flor que petúnia é.
 (...) Mas só ontem eu vi-as (sic) pessoalmente. A professora trouxe um vaso com petúnia plantada dentro. Tinha roxa, cor-de-rosa e branca.
 Ela botou o vaso na janela e eu fiquei olhando para elas e pensando em você.
 Vendo a lindeza que é petúnia o teu nome ainda ficou mais bonito.
 O teu nome é tão lindo Petúnia que eu vou sempre amar.
 Espero resposta
 Tobias. (pág. 100, 101, 102)

Há que se notar, na carta de Tobias, a sensibilidade, o interesse por ela, começando por descobrir qual o significado de seu nome e o encantamento que ele teve pelas flores, transformando-as numa lembrança da própria Petúnia. Há no Tobias atitudes que se distinguem das atitudes do pai, que, mesmo sentindo grande afeto pelo filho, não consegue expressá-lo através de palavras.

Após receber a carta, Petúnia a responde imediatamente; depois Tobias telefona e eles marcam o primeiro encontro no Jardim Botânico, aproveitando a visita que a turma dele iria fazer ao local. Com a observação que Petúnia faz ao marcarem o encontro “-Te encontro lá! Mas você sozinho,” ela exige a particularidade, o espaço reservado para que os dois fiquem a sós. Um dos aspectos estilísticos da linguagem bojuiana destaca-se aqui: a presença de cartas. A escrita aparece sempre como elemento fundamental em sua obra, seja pela recorrência das cartas como nos livros *A bolsa amarela* e no conto *O bife e a pipoca* em *Tchau*, seja pela necessidade de criar seus personagens como nos livros *Paisagem* e *Fazendo Ana Paz*.

O espaço do jardim, segundo Chevalier e Jheerbrant (2002), é símbolo do paraíso terrestre, representação dos estados espirituais que correspondem às vivências paradisíacas. Sabe-se que o paraíso terrestre do gênesis era um jardim do Éden, o qual Adão cultivava; o jardim também representa a predominância de um reino vegetal no começo de uma era cíclica.

O jardim pode ser ainda representação da alegoria do eu, quando no seu centro se encontra uma grande árvore ou uma fonte. O jardim designa muitas vezes para o homem a parte sexual do corpo feminino, mas através dessa alegoria do pequeno jardim das delícias, os cantos religiosos dos místicos significam muito mais que o simples amor e sua encarnação: o que eles procuram e louvam ardentemente é o mais íntimo da alma.⁸

Considerando a sugestividade do ambiente onde Petúnia e Tobias marcam o primeiro encontro e o fato de se tratarem de dois adolescentes

⁸ CHEVALIER, Jean & ALAIN, Jheerbrant. **Dicionário de símbolos**. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

apaixonados, os significados propostos acima por Chevalier e Alain ajudam-nos a analisar melhor a representação desse espaço na obra.

Se no gênese o Éden era o próprio paraíso, aqui, na obra em questão, o jardim é o local perfeito para um primeiro encontro, distante de suas famílias, onde os dois podem ficar à vontade, como Adão e Eva no paraíso, cercados por plantas de diversas espécies e fontes de água. Com uma distinção, Petúnia é quem chega primeiro ao Jardim Botânico e espera por Tobias quase uma hora, diferente da história bíblica onde Adão espera por Eva. Outro fato que não podemos deixar de mencionar é o estado de fragilidade no qual Tobias se encontra ao chegar no jardim.

Tobias olhou pra copa da árvore querendo localizar as goteiras. Petúnia viu que ele estava com frio: abraçou ele. Vencendo a timidez, mas ainda assim hesitante, ele retribuiu o abraço. (...) E feito coisa que a chuva e tanta goteira não bastavam, Tobias enfiou a cara no esconderijo do abraço e desatou a chorar. (pág. 103 e 104)

O choro de Tobias representa na verdade a sua impotência por não conseguir recuperar a cama, por não ter conseguido contar direito para o seu pai a real situação de Maria Rita. Depois de calado o choro, ele narra toda a história da cama, do significado que Ela tinha para Zecão; falou sobre sua família, de sua casa e de Rocha Miranda. Ele conversa com Petúnia sobre todos os aspectos importantes de sua vida e à parte da conversa, nós leitores, temos acesso direto através das falas de Tobias, parte, o narrador, de onisciência múltipla – utilizamos aqui a tipologia postulada por Norman Friedman, segundo a qual na onisciência seletiva múltipla não há propriamente narrador, a história vem diretamente através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas - , resume.

- Mas é uma coisa assim: eu... eu não queria deixar de fazer ... o que meu pai tá a fim ... de ver eu fazendo. Dá pra entender? Se tem uma coisa que me deixa ruim, é dar tristeza pro meu pai. (...) Não tinha conseguido fazer a Maria Rita não vender a cama. E pior: não tinha nem conseguido contar direito pro Zecão o que é ser pobre de verdade; (...) – O barraco da minha tia não sai da minha cabeça, tá sempre aqui! (pág. 105)

Tobias se preocupa tanto com a decepção do pai em não recuperar a cama, quanto com a tia que vive em estado de miséria; ele se mostra sensível ao sofrimento dos seus, além de que não podemos deixar de mencionar a atitude sincera dele em chorar diante de Petúnia e revelar para ela todo o seu estado emocional. Essa atitude diferencia-se da de seu pai, que, irredutível, não perdoa e não compreende Maria Rita. Percebemos não só em Tobias, mas nos demais personagens do romance, que cada um deles vivenciam situações de tensão, momentos de escolhas decisivas, de busca de identidade enfim, apesar de estarmos diante de um romance juvenil, a obra não se caracteriza e/ou não desperta o gosto dos leitores por ser o que, convencionalmente, chamamos de “romance água com açúcar”; ele nos seduz muito mais pelo desfecho que buscamos na leitura para as tensões vividas por cada personagem.

Os dois não se dão conta do tempo, até que alguém avisa que o portão do jardim irá fechar. O sonho paradisíaco se acaba para que os dois retornem aos seus espaços. Depois de toda a revelação de Tobias, podemos entender que o segundo significado do jardim, de acordo com o qual este, possui uma grande árvore ou fonte no centro representa a alegria do eu, pode ser aqui também utilizado, uma vez que os jovens, estando no jardim, fogem da chuva escorando-se numa grande árvore, embaixo da qual acontece toda a conversa entre os dois. Além disso, é através dessa conversa que Tobias se revela

totalmente para Petúnia, falando sobre seus problemas, sua família, sua casa e seu bairro, acontece aqui a revelação de um eu.

3.2.2 Elvira, Rosa e Petúnia: três tempos no mesmo espaço

Os capítulos do romance que serão abordados aqui representam dois espaços distintos que se relacionam devido ao deslocamento de um mesmo grupo de personagens nesses espaços; são eles: o apartamento e o estúdio. No apartamento, situam-se Elvira e Petúnia, enquanto que, no estúdio, aparecem Rosa e Jerônimos, com a ressalva de que Rosa encontra-se em estado transitório de um espaço para outro.

No segundo capítulo, "A cama na foto antiga", aparecem pela primeira vez as personagens Elvira e Petúnia. O que se pode observar através das falas das personagens e dos sentimentos, pensamentos e percepções filtrados pelo narrador é que essas personagens ocupam um espaço social marcado por mulheres que vivem diferentes fases da vida, enfrentando conflitos e crises de identidade.

Antes de passarmos para a análise das personagens, duas observações devem ser feitas. A primeira em relação ao que consideramos espaço social; a segunda sobre as personagens femininas de Lygia Bojunga Nunes.

Discutindo sobre o que venha a ser *ambiente natural* e *ambiente social* e *espaço social*, Osman Lins questiona.

Como nomearíamos, senão assim, [espaço social] certo conjunto de fatores sociais, econômicos e até mesmo históricos que em muitas narrativas

assumem extrema importância e que cercam as personagens, as quais, por vezes, só em face desses mesmos fatores adquirem plena significação?" (p. 74)⁹

Dessa forma, compreendemos que essas personagens vivem circunstâncias sociais, econômicas e históricas que favorecem a um determinado estilo de vida, que correspondem a hábitos, modos de se relacionar e expectativas que caracterizam tanto esse espaço como elas mesmas. Nossa análise, portanto, deve se voltar para esses aspectos, a fim de compreendermos qual a relação estabelecida entre esse espaço e suas personagens.

Como iremos tratar nesse momento de um espaço marcado por personagens femininas, não podemos deixar de mencionar os diversos estudos e pesquisas realizadas a partir das personagens femininas na obra de Lygia Bojunga Nunes. Não é nossa intenção elencar essas pesquisas, mas apresentar um pouco do que elas têm em comum.

Rosa Maria C. Riche (1999) defende que as personagens femininas de Lygia Bojunga Nunes são densas, introspectivas, com universo interior rico, vivendo seus próprios conflitos de estar no mundo, tomar posse de um espaço que lhes seja próprio na sociedade. Elas carregam os traços da ambigüidade e da ambivalência marcantes das mulheres da pós-modernidade.¹⁰

A estudiosa afirma ainda que as personagens femininas da autora vivem crises de identidade que se manifestam de diferentes formas, e que são resultado do chamado desencanto da modernidade, traduzido em suas obras através da

⁹ Idem, *ibidem*, p. 74.

¹⁰ RICHE, Rosa Maria Cuba. **O feminino na Literatura infantil e juvenil brasileira: poder, desejo e memória (os casos Edy Lima, Lygia Bojunga Nunes, Marina Colassanti)**. In. MULHER e LITERATURA, p. 185-190

relação dos papéis sociais instituídos no modelo tradicional em que homem e mulher têm sido levados a se enquadrar.

Suely da Fonseca Quintana (2002) concorda que Lygia Bojunga consegue problematizar as relações e definições de papéis sociais entre homens e mulheres, acrescentando ainda que as personagens femininas construídas pela escritora indicam um outro lugar de onde se pode discutir e re-interpretar e/ou representar as questões de gênero, o que não significa apenas alterar o lugar da enunciação e manter os mesmos preconceitos, mas sim criar possibilidades para alterar o próprio processo.

As pesquisadoras defendem a idéia de que a obra de Lygia Bojunga permite uma reflexão dos papéis sociais destinados a homens e mulheres dentro da sociedade, além disso, afirmam também que é possível perceber em sua obra a construção de personagens femininas vivendo conflitos na tentativa de construir a sua identidade dentro de um determinado espaço, acreditamos que o conjunto de seus livros nos permite falar de mais uma categoria de espaço, o espaço identitário.

Se afirmamos que *espaço social* compreende certo conjunto de fatores sociais, econômicos e até mesmo históricos e que certas personagens só adquirem plena significação diante desses fatores, não há como negar que as personagens podem ser construídas de modo a se comportar de várias formas diante de todos esses fatores: elas podem se apresentar de modo passivo, de modo conivente, podem questionar, mas não fazer nada que venha a mudar uma determinada situação. No entanto, as personagens bojunguianas respondem de forma reflexiva, questionadora, e agem para que as situações que elas julgam

insatisfatórias, injustas ou que de alguma forma causa indignação sejam modificadas.

Estudiosos e pesquisadores da obra da escritora são unânimes em afirmar que suas personagens vivem crises de identidade, entretanto, esquecem de enfatizar que tais crises são proporcionadas pelos espaços sociais nos quais essas personagens estão inseridas. Sendo assim, é necessário esclarecermos que, ao discutirmos o espaço social de cada personagem que será analisada neste capítulo, estamos problematizando também este “espaço identitário” que acreditamos existir a partir do momento em que as personagens passam a agir de forma a pôr em crise a sua identidade ou quando tentam construí-la.

O espaço do apartamento exemplifica essa crise de identidade nas três personagens começamos por analisar Elvira, mãe e provedora da família. Diferentemente do primeiro espaço analisado, aqui não temos uma figura masculina, fazendo o papel de chefe da família, impondo regras como no modelo de família patriarcal; no entanto, é possível perceber em algumas falas de Elvira a presença de um discurso que zela pelas tradições viúva, ela se destina apenas a cuidar dos problemas domésticos (apesar de a narrativa quase não fazer referência a essas atividades) e tomar conta das filhas Rosa, a mais velha, e Petúnia, a adolescente que se apaixona por Tobias.

No segundo capítulo do romance, quando aparecem Elvira e Petúnia, o narrador já apresenta algumas atitudes de Elvira que demonstram a dialética entre manter a tradição e aceitar as mudanças de comportamento que o mundo moderno provocou nas instituições sociais, sobretudo, na estrutura da família.

A perspectiva de encontrar e adquirir uma peça rara num barraco de morro tinha atenuado o desconsolo em que Elvira andava desde que a Rosa

anunciou que: já que ela tinha encontrado o grande amor da vida dela, ela ia se mudar pra casa dele (não é bem casa, viu, mãe, é um estúdio); e já que eles achavam que casamento não era necessário nessa primeira fase, ela só levava a roupa dela e pronto, ninguém precisava ter trabalho com nada.

- Mas, minha filha, eu não me importo de ter trabalho.

- Pra que, se não precisa?

Elvira ficou perplexa: nunca tinha imaginado ouvir de uma filha que casamento era coisa que *não precisava*.

Se casamento não precisava, o que precisava? (págs. 22 e 23)

Dos comentários feitos pelo narrador às falas entre mãe e filha, percebe-se como é difícil para Elvira compreender a decisão da filha. Apesar de não concordar com Rosa, ela se dispõe ao diálogo e aceita a decisão. A última frase da citação evidencia a postura da mãe, que pertence a um tempo onde o casamento era essencial, uma vez que, para o modelo tradicional, as principais funções da mulher na sociedade estão associadas às de esposas e de mães. No entanto, a modernidade traz consigo a experiência de casais que decidem dividir o mesmo espaço sem que haja efetivamente a legalização, o que não é algo novo na história da família no Brasil e que acontece por uma série de fatores.

Eni de Mesquita Samara (1998) afirma que, desde o período colonial, o que se nota é que havia uma certa resistência por parte da população das camadas mais baixas em se casar, preferindo viver em concubinato. O alto custo das despesas matrimoniais era um entrave à legitimação das famílias, o que favorecia a concubinação, pois a celebração legal implicava em despesas, direitos e obrigações recíprocas. Entretanto, sabemos que atualmente estar casado legalmente ou vivendo em concubinação implica as mesmas obrigações e direitos diante das leis no Brasil.

Acrescente-se ainda a esses fatores sócio-econômicos o fato de que a concubinação hoje é também uma opção feminina, devido a essa nova postura da mulher moderna que desempenha os mesmos papéis sociais do homem. Por

essa razão, a mulher não se sente na obrigação de estar ao lado dele por toda vida como acontecia durante o século XIX com os casamentos arranjados, nos quais, a maioria dos casais estavam juntos por interesse em preservar o patrimônio da família e não pela afetividade e o amor existente entre os dois. Devemos lembrar que hoje o concubinato é reconhecido pela Constituição Federal e que a concubina tem os mesmos direitos legais da esposa em um casamento legítimo.

Ainda sobre a união da filha, Elvira, agora fazendo o papel da mãe coruja e mantendo algumas posturas patriarcais, passa a fazer uma série de críticas ao rapaz com o qual Rosa decidiu viver, enquanto para filha são só elogios. A primeira crítica é de que a idéia de morarem juntos sem se casarem era idéia dele, em seguida diz que ele é muito mais velho para ela, que recebe pouco, e, por fim, resolve implicar com o nome.

(...) Concluiu que só podia ter sido idéia dele. Rosa admitiu que a idéia tinha sido dele, mas...
A Rosa era linda; Rosa era perfumada; a Rosa era colorida. De tanto ser um encanto, todos queriam 'colher' a Rosa.
E agora aquele espinho: rapazes ótimos paquerando Rosa e ela escolhendo o pior candidato. (...) (p. 23)

A primeira reação de Elvira sobre a decisão da filha se aproxima muito da atitude de Zecão com Maria Rita, aqui a mãe também não admite perder o controle sobre a filha, não se conforma, ou melhor, não aceita que a filha rompa com a tradição, sobretudo, porque é a filha mais velha e seria a primeira a se casar. Há na posição de Elvira uma defesa dos valores pregados pela família tradicional. No entanto, o modo como ela reage diante da situação é diferente,

enquanto Zecão passa a tratar a irmã com indiferença e rejeitá-la no seu espaço, Elvira se lastima, mas depois perdoa a filha.

Podemos perceber, a partir da analogia utilizada por Elvira e apresentada de forma indireta pelo narrador, o quanto é difícil para ela, na posição de mãe, compreender e aceitar tal situação. Dessa forma, a Rosa possui todas as características de uma rosa, é linda, perfumada, colorida e todos queriam “colher a rosa”, o verbo “colher” ganha uma conotação sexual, no sentido de que todos queriam torná-la sua mulher, mas a Rosa, agora, tem um espinho que é o Jerônimos.

Uma outra preocupação apresentada por Elvira que lembra posturas dos patriarcas ao tentar casar suas filhas, diz respeito à ocupação do pretendente e a sua situação econômica. Até o século XIX, devido às poucas opções que restavam à mulher, o casamento representava também o zelo do marido pela segurança da mulher e da prole, afirma Eni de Mesquita Sâmara (op cit.). Sabemos que essa realidade não se restringiu apenas às mulheres desse século pois, podemos constatar em nossa sociedade experiências semelhantes.

Elvira tece os seguintes comentários sobre Jerônimos:

Doze anos mais velho! Já passava dos trinta e ainda era flautista da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal (se, pelo menos, tivesse a primeiro violino!), e pior: absolutamente tranquilo e satisfeito de continuar flautista naquela idade. Ganhando um salário desse tamanho. (pág. 24)

No geral, a citação deixa evidente a preocupação de Elvira com a situação econômica de Jerônimos. Além disso, percebem-se em seu comentário alguns preconceitos. O primeiro deles, notável através da primeira exclamação, diz respeito na idade, fator que Elvira avalia como negativo, tanto para o

relacionamento de sua filha, quanto para a profissão que ele exerce. Note-se a ênfase quando afirma “já passava dos trinta e *ainda* era flautista”, a profissão de músico parece não bastar. Essas características de Jerônimos dificultam a aceitação da relação dos dois por parte de Elvira.

“Compreender ela não conseguia. Mas perdoar ela podia (...)”.Essa atitude nós não vimos acontecer de Zecão para Maria Rita. Rose Marie Muraro e Leonardo Boff (2002) afirmam haver um processo de identificação sexual dentro do sistema patriarcal, a partir do qual se pode reconhecer características específicas dos homens e mulheres. As mulheres tendem ao altruísmo, agem segundo a necessidade, possuem um superego mais flexível, estão mais propensas à união, ao acolhimento, ao cuidado e à integração. Enquanto os homens tendem ao egoísmo, possuem um superego mais rígido, agem segundo princípios, tendem ao controle, à solidão, à separação, agressividade, manipulação e fragmentação. Isso não quer dizer que não exista flexibilidade quanto à caracterização da psique masculina e feminina.

Partindo do comentário de Muraro e Boff, é possível identificar em Zecão e Elvira essas características apontadas acima. Mesmo percebendo a influência do sistema patriarcal em um e no outro, não podemos deixar de considerar as diferenças nas atitudes tomadas Zecão renega a irmã por ter saído de casa sem casar para viver com um homem do qual ele não gostava; a partir desse momento, ele passa a não se comunicar com ela, não a considera mais um membro da família. Ele age de acordo com seus princípios, de forma inflexível, sem se dispor mais a qualquer diálogo com Maria Rita. Por outro lado, Elvira afirma que não compreende, mas perdoa Rosa por não ter casado e por estar com Jerônimos. Ela age segundo a necessidade; é altruísta, pois aceita conviver

com o companheiro de Rosa; há uma tendência para o acolhimento e a integração. Todas essas características comuns à psique feminina, presentes também nas personagens de Rosa e Elvira, tornam esse espaço, tanto do apartamento quanto do estúdio, menos tenso e mais favorável ao diálogo e às discussões, o que não ocorreu no primeiro momento, no qual Zecão dita às regras e o restante da família tem de cumprir.

O romance entre Rosa e Jerônimos desencadeia outro espaço, como já mencionamos anteriormente, chamado por ele de estúdio, mas que na verdade não funciona apenas como seu ambiente de estudo e trabalho; o estúdio é a sua própria casa. O quarto capítulo do romance tem como título "A cama no estúdio" e se destina a apresentar esse novo espaço e as reações que o mesmo provoca nas personagens e, ao contrário do que se pode esperar, esse capítulo também apresenta o espaço do apartamento, suas personagens, seus conflitos; enfim, o estúdio e o apartamento são espaços que dialogam entre si por que as personagens reconhecem os dois ambientes, e uma delas, Rosa, transita entre os dois.

Consideramos importante ressaltar a distinção que Osman Lins (1976) faz entre os conceitos de espaço e ambientação, uma vez que norteamos nossas análises a partir deles:

Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa (p. 77).

Jerônimos, único personagem masculino que ocupa esse espaço, apresenta características distintas, que marcam o seu espaço, e por isso o

“estúdio” fala muito sobre ele. Jerônimos é músico, flautista da Orquestra Sinfônica, veio do Rio Grande do Sul tentar uma oportunidade no Rio de Janeiro e, além disso tudo, adorava o mar.

(...) Não precisou mais nada pro Jerônimos se ajeitar melhor na cadeira, pronto pra contar que:

- Imagina que eu andava procurando um pedacinho qualquer pra morar perto do mar (já tinha visitado mil horrores) (e quando não era um horror eu não tinha dinheiro pra pagar), quando um belo dia, conversando com o zelador do prédio onde mora um amigo meu (um sujeito meio lacônico, meio mal-encarado) (o zelador, não, o meu amigo) ele vira pra mim e diz aí em cima tem um depósito e um banheiro que eu tô alugando. Logo me interessei. Em cima de quê?, eu perguntei. Desse prédio, ele falou. Conteí logo: o prédio tinha doze andares. Me emocionei: uma cobertura?, eu arrisquei. Ele disse: cobertura é troço de bacana, eu falei foi num depósito e num banheiro, querendo, a gente pode ir lá ver. (pág. 57)

Algumas observações que devem ser feitas em relação ao personagem

Jerônimos são as semelhanças entre ele e a autora, ambos gaúchos que vão para o Rio de Janeiro, artistas, com a diferença de que Lygia Bojunga foi atriz e depois se dedicou à literatura, e ele dedica-se à música. Não se trata de afirmarmos que há uma projeção, no entanto, deixamos registrada a observação.

É uma portaria esquisita: pra chegar no elevador a gente tem que subir uma bruta escada. E quando o elevador chegou no doze, ainda tinha mais uma escada pra subir: uns vinte degraus. Aí o zelador abriu uma porta e anunciou que aquilo era a casa das máquinas. A gente atravessou a casa das máquinas e saiu numa areazinha que tinha três portas. Ele apontou pra uma delas e disse que morava ali; apontou pra outra e disse era um banheiro; e apontou pra terceira e disse que era o depósito. (...) (p. 58)

... Mas, sabe, meu amor, naquele momento eu comecei a me imaginar chegando em casa. Depois de um concerto. Tarde da noite. Abrindo a porta da rua. Subindo a escada da portaria. Subindo mais doze andares num elevador (...) Em chegando a uma conclusão, (...) E tudo isso tendo que ser feito em segredo, senão eu ia pra rua. E o zelador também. Então eu achei melhor dizer pra ele que, pensando bem, um apartamentinho me convinha mais que um depósito, e que... Mas aí ele abriu a porta e (você não vai acreditar) o depósito tinha uma bruta janela (...) – e o que tinha lá atrás da janela, meu amor? (...) o mar. (p. 58 e 59)

Os dois fragmentos da citação acima indicam a trajetória de Jerônimos até encontrar o seu espaço. O espaço exterior ao depósito é marcado por uma sucessão de obstáculos entre eles, escadarias e portas, que dificultam o acesso e assinalam a dialética entre o exterior e o interior. Segundo Gaston Bachelard (1993), a dialética do exterior e do interior carrega consigo a dialética do sim e do não; direcionam as imagens que coordenam todos os pensamentos do positivo e do negativo. Ao vivenciar todo o percurso, ou seja, o espaço exterior, o personagem pensa em desistir. Nota-se que no segundo fragmento que ele avalia o espaço e pensa em justificar ao zelador a sua decisão em não aceitar o depósito. Dessa forma, o espaço externo é marcado pelo pólo negativo, enquanto o espaço interno, devido à presença da janela de frente para o mar, o atrai para o sim, para a positividade. O espaço ganha sentido através daquela janela de vista para o mar.

Chevalier e Gheerbrant (2002)¹¹ afirmam que a janela enquanto abertura para o ar e para a luz simboliza receptividade. Se a janela for redonda, a receptividade é da mesma natureza que a do olho e da consciência (clarabóia). Se é quadrada, a receptividade é terrestre relativamente ao que é enviado do céu. Esta última referência se adapta melhor à interpretação do sentido da janela para Jerônimos, pois é através dela que ele vê o mar, criação divina, que carrega consigo tantos significados. Retomando, ainda, os estudiosos citados acima, o mar simboliza a dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes e as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de

¹¹ Idem, pág. 511 e 512 / pág. 592 e 593.

dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte.

Com exceção do último período, podemos associar essa simbologia do mar à situação na qual se encontra Jerônimos. O seu encantamento pelo mar se deve ao fato de o mesmo simbolizar esse estado transitório das águas, de ir e vir, a incerteza, a dúvida, a indecisão, sentimentos relacionados à transição espacial vivida por Jerônimos que se desloca do Sul para o Rio de Janeiro, e, em chegando ao rio, procura ocupar um espaço próprio, vivenciando situações de dúvidas e incertezas até encontrar o depósito com a janela com vista para o mar.

- Depois de ver bem o mar, eu olhei pro resto. Me lembro de um monte de bagulhos que ainda tinha pelo chão; me lembro vagamente de umas paredes sujas e de um fogão velho num canto, um fogão e um Bujão de gás. Eu te digo *vagamente*, meu amor, porque, quando eu dei de cara com aquele mar, o depósito virou meu estúdio. e quando me virei pro depósito eu já vi o meu estúdio: na parede eu já via a brancura do cal; o fogão e o bujão: aparição! No lugar deles eu já estava vendo a cadeira na frente do cavalete, e no cavalete a partitura pra eu tocar. Era só o olho ir rodeando o depósito, que eu já via o meu estúdio arrumado: a mesa enviesada, onde eu ia compor olhando o mar, recebendo em cheio a luz certinha da esquerda; o chão já estava raspado e encerado, um divã encostado na parede que o teto tem; demorei um pouco empurrando a cadeira de braço de um lado pra outro até encontrar o lugar certo pra ela ficar: era lá que eu ia sentar pra ouvir minha música, já vi pronto e colorido o canto que ia ser a cozinha, e de estúdio todo pronto na cabeça fui conhecer o banheiro. Um horror, meu amor! Mas tinha água, imagina! E quando dei a descarga...

- Funcionou!! – a Rosa quase que gritou.

- Acertou. E aí eu já vi ele pronto, também, pintado de amarelo, gracinha, cabide, espelho, até um jarro de flor na janelinha que abre pra área. (p. 59)

Gaston Bachelard (1993), em sua *Poética do espaço*, afirma que todo espaço habitado traz a essência da noção de casa. Assim como a imaginação trabalha para isto quando o ser encontra o menor abrigo, vê-se a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção. Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade

através do pensamento e dos sonhos.¹² É o que podemos observar na fala de Jerônimos.

Apesar das condições depreciativas em que se encontram tanto o espaço quanto os objetos que dele fazem parte, o estúdio passa a ser o lugar que inspira segurança e conforto. É a visão do mar quem dá sentido ao estúdio; o espaço real passa despercebido enquanto ele projeta um novo espaço a partir daquele. Se é a visão do mar que transforma o espaço do depósito no estúdio, não podemos deixar de estabelecer uma relação entre os dois. Entendendo que o mar é também um espaço, podemos afirmar que há uma relação antagônica entre os dois. Enquanto o mar se caracteriza como um espaço aberto que suscita a idéia de infinito, o ilimitado, e, ao mesmo tempo, encanta por sua beleza, o depósito é marcado por ser um espaço fechado, pequeno, em más condições de uso, e que, de forma alguma, inspira beleza, além de constituírem também a dialética interior X exterior. No entanto, apesar de serem antagônicos, esses dois espaços se completam e fazem do depósito um espaço simbólico. E, sob a perspectiva dos conceitos de espaço e ambiente o depósito deixa de ser espaço e passa a ser ambiente, transforma-se no estúdio.

Cada detalhe do estúdio vai sendo esculpido por Jerônimos e há que se notar que o espaço do estúdio é a soma de dois ambientes: a casa e o estúdio (que representa o seu local de trabalho). É possível ver, na descrição que ele faz dos objetos de trabalho, uma organização e uma delicadeza peculiares que sugerem o perfil de um homem romântico, de atitudes modernas. Ele dispõe os objetos no estúdio de forma a estar sempre de vista para o mar, a cor escolhida por ele é uma cor clara, o amarelo, que dá um tom romântico ao espaço, ele

¹² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

pensa até mesmo nas flores para enfeitar o ambiente, além disso, sabe cozinhar, lavar e pregar botão. O perfil de Jerônimos é o de um homem moderno que aprende as mais variadas tarefas, dependendo da sua necessidade, e um dos fatores que não podemos ignorar em relação a ele é o fato de ter saído de casa para morar em outra cidade, longe da família, fator que ajuda muito na independência dessas pequenas tarefas.

Enfim, o espaço do estúdio é, para o seu dono, um ambiente harmonioso, de integração entre a casa, lugar que, como afirma Bachelard, abriga o devaneio, os pensamentos e as experiências sancionadas pelos valores humanos, para Jerônimos, também, ambiente de trabalho, no qual ele compõe, ensaia, produz arte. Esse ambiente se torna o abrigo para o romance de Jerônimos e Rosa. Podemos até afirmar que ele possui um tom romântico advindo do próprio enamoramento do casal, da nova experiência em compartilhar o mesmo espaço.

(...) foi só o Jerônimos contar que ia partir em turnê, que o entusiasmo tinha despencado, arrastando fome, sede e astral. (p. 56). A idéia de ficar só por algum tempo, mesmo estando apaixonada, faz com que ela se sinta decepcionada. No entanto, Jerônimos decide que o espaço que ele sonhou e desejou ter fosse também o abrigo para esse romance.

- Rosa, você agora fica aqui.
- Mas esse espaço é seu: pra estudar, pra compor.
- Esse espaço agora é *nosso*. (p. 63)

O espaço do estúdio desempenha muito bem todas as funções que lhes foram atribuídas: a de casa, de ambiente de trabalho e abrigo para esse romance, até o momento em que Rosa ganha a cama de sua mãe como presente de "casamento". A cama, por ser grande, cheia de adornos, com um ar barroco,

como afirmam os personagens, acaba destoando dentro do espaço do estúdio. E provoca a separação de Rosa e Jerônimos, mas quando ele se vê sozinho o espaço, assim como nos textos românticos, se consente com a sua solidão e a sua dor.

Só ouviu a voz dela de longe, gritando que não voltava, que não voltava nunca mais. Ele ficou um tempo parado na entrada da casa das máquinas. Depois fechou uma, fechou duas, fechou as três portas que tinham que ser fechadas pra poder se fechar em casa e desabafou na cadeira de ouvir música. Levantou. Apagou a luz. Desabafou de novo.

O estúdio ia se desmanchando na escuridão. Mas o finzinho da luz do dia, que entrava pela janela aberta, ainda deixava ver o contorno de cada coisa. (p. 76)

O primeiro parágrafo da citação é por demais imagético: Jerônimos, parado na entrada de casa, vendo a sua amada ir embora, uma cena típica de obras românticas, a necessidade de fechar todas as portas até chegar ao estúdio reforça a idéia de solidão; a hora do dia em que acontece a separação, no momento do crepúsculo, favorece esse tom romântico ao espaço. A primeira frase do segundo parágrafo reafirma a idéia romântica do ambiente, pois não é o Jerônimos que se “desmancha” diante da solidão, mas o estúdio compartilha de sua dor e se “desmancha na escuridão”.

Ao discutir com Jerônimos, Rosa decide voltar para o apartamento onde morava com a mãe e a irmã. A partir daí a narrativa passa a centralizar o espaço do apartamento, com uma ressalva: há que se registrar que neste capítulo – “A cama no estúdio” –, o narrador focaliza ora o apartamento, ora o estúdio, de modo a fazer o leitor sentir o efeito da câmera na televisão, focalizando um espaço e outro para construir o enredo. Não estamos mencionando aqui a categoria “câmera” postulada por Norman Friedman () ao estudar o narrador, mas de uma técnica empregada pelo narrador afim de reafirmar sua onisciência seletiva múltipla.

Antes, porém, de iniciarmos a análise desse novo espaço, são necessárias algumas observações. Este é um espaço marcado pela presença feminina em três fases distintas – Elvira, mãe, mulher de meia idade; Rosa, jovem de vinte e poucos anos, e Petúnia, a adolescente da casa. Cada uma delas vive suas crises de identidade dentro do espaço familiar que corresponde fisicamente ao apartamento e lutam pelo seu lugar, tanto dentro de casa, quanto na sociedade. Diferentemente do estúdio, sobre o qual temos uma descrição mais objetiva e, portanto, podemos imaginá-lo mais detalhadamente, o apartamento não é descrito com minúcias nem pelo narrador, nem pelas personagens que ocupam esse espaço. Não há nesse momento uma descrição do espaço físico, pois tudo que sabemos é que o apartamento possui uma sala, dois quartos e um quarto de empregada nomeado de *caixote*.

Apartamento de sala dois quartos: a Petúnia e a Rosa dormiam no mesmo quarto. Nunca deu certo: a Petúnia achava bonito sofre de insônia: lutava contra o sono, tarde da noite acendia a luz, a Rosa acordava, reclamava, (...) A Petúnia dizia que a Rosa roncava, e com ronco no quarto ela não conseguia dormir. A Rosa afirmava: quem ronca é a Petúnia. A Petúnia se indignava. As duas brigavam.
A Rosa gostava de cama encostada na parede, encostou a dela debaixo da janela. A Petúnia disse: janela tem que ficar livre pra gente debruçar e olhar pra fora. Desencosta a cama. (p. 84)

É a partir da luta pelo espaço físico que fica implícito a exigência por um espaço na família e no meio social que vivem. O que fica evidente a partir dessa disputa dentro do espaço físico tão particular e tão íntimo como o quarto é a busca por uma autonomia, a necessidade em deixar que esse ambiente possa transparecer a personalidade de cada uma delas. E como cada uma das personagens possui interesses bem distintos devido à fase em que estão vivenciando, essa busca em imprimir no seu ambiente a sua marca é também

uma forma de mostrar qual é a sua identidade ou de que forma ela está sendo construída.

A competição pelo espaço do quarto se torna desleal para Petúnia por ela ser oito anos mais nova que a irmã, por estar vivendo um momento em que não é mais criança, mas também não é adulta, e por não poder opinar entre as duas adultas com as quais convive. A irmã mais velha alega que precisa de um espaço só para ela e a mãe concorda. Petúnia começa, a partir daí, uma busca por espaço dentro da própria casa, ela não aceita terem decidido qual o lugar que ela deveria ficar, sem pedirem sua opinião.

Depois que o pai de Rosa e da Petúnia morreu, um belo dia a Petúnia voltou da escola e encontrou tudo que era dela (cama, penteadeira, tudo) no quarto da Elvira: tinha ficado resolvido que a Petúnia ia dormir lá. A Petúnia ficou danada: *como* tinha ficado resolvido, se *ela* não tinha resolvido nada? (...) E não adiantou a Petúnia se indignar nem se emburrar: a questão do quarto era *fait accompli* e pronto. (Quem usou a expressão francesa foi Elvira.) E, de indignada, Petúnia passou pra humilhada: achou ruim ser criança. (...) (p. 84-85)

Se o apartamento só possui dois quartos, um deles pertence a Elvira e outro a Rosa, Petúnia não tem em casa um espaço mais íntimo, vivia na condição de agregada no quarto da irmã, depois passa para o quarto da mãe e o pior é a agressão de retirarem os seus objetos de um lugar para outro sem que ela possa opinar ou sugerir qual seria o melhor lugar para ela. Se dividir o quarto com a irmã era difícil, tamanha a diferença entre as duas, com a mãe era impossível dormir à noite por causa dos roncos. Petúnia decide então se mudar para o que convencionalmente elas chamam de caixote.

O fato de decidir se mudar para o caixote é também uma forma de não aceitar o que lhe foi imposto pela mãe e pela irmã, e não deixa de ser a tentativa de ter um espaço seu dentro de casa.

Caixote é o nome que tinha sido dado ao chamado *quarto de empregada*: o cubículo embutido nos fundos do apartamento, semelhante a milhares e milhares de outros apartamentos: espaço suficiente para abrigar uma cama curta e estreita. Uma vez aberta a porta (que abria pra dentro, é claro), sobrava um pedacinho de cubículo para uma mesa de cabeceira. O espaço reservado pra cama tinha um “teto” de concreto armado: prateleira sólida, pensada para depósito de malas, cestas, objetos de pouco uso dos moradores do apartamento (...) Da mesma maneira que, ao entrar no banheiro *em suite*, a eventual usuária do cubículo ia descobrir logo na primeira chuveirada que, ou ela subia no vaso sanitário e batia com a cabeça no chuveiro, ou ela tinha que se entregar a exercícios de contorcionismos para poder molhar o corpo todo. O cubículo não tinha janela. (...) O ar vinha da área de serviço do prédio: escura, mal-arejada; mas generosa no recolher e distribuir o cheiro e o barulho de tudo quanto é cozinha do edifício. (p. 85-86)

O único espaço encontrado por Petúnia para ser o seu quarto é o espaço inválido da casa, o não habitado devido às precárias condições que oferece. O quarto de empregada nunca fora usado por qualquer uma delas e funciona na casa como um depósito. Analisando a descrição feita pelo narrador e começando a julgar este espaço pelo nome, o caixote, representa o lugar menos indicado para se tornar o quarto de uma adolescente. A cama não tem sequer um espaço livre acima, o “quarto” não comporta um armário ou guarda-roupa, não possui ventilação. Dessa forma, o caixote poderia ser qualquer coisa, menos um quarto, pois não há nele qualquer impressão de conforto e privacidade, ele é o entre-lugar entre o interior e o exterior do apartamento e descaracteriza a ideia de intimidade que cada quarto possui.

Estudando a dialética do exterior e do interior, Bachelard (1993) afirma que a intimidade do quarto torna-se a nossa intimidade e, correlativamente, o espaço íntimo se faz tão tranqüilo, tão simples, que nele se localiza, se centraliza toda a tranqüilidade do quarto. O quarto é, em profundidade, o nosso quarto, o quarto está em nós. Já não o vemos. Ele já não nos limita, pois estamos no próprio fundo de seu repouso, no repouso que ele nos conferiu.

Mesmo não oferecendo a intimidade e o conforto que um quarto deve oferecer, Petúnia tenta transformar o espaço do caixote, organizando-o ao seu modo.

Arrumou no andar de cima (foi assim que ela passou a se referir ao tal depósito sobre a cama, acrescentando que agora morava num duplex) umas coisas de estimação, livro, rádio, máquina fotográfica, um urso de brinquedo, um coelho que também não era de verdade, que ela vinha cuidando. Não adiantou a Rosa dizer que o gerânio precisava de mais luz.

- Eu também preciso, não é? Mas o que a gente vai fazer? – Colou pôster na parede, colou também uns desenhos que ela tinha feito, pintou PETÚNIA na porta cada letra de uma cor, enfiou no Caixote um cabide de pé, que era do pai, pendurou nele as roupas de 'maior urgência', depois do jantar anunciou: estou cansada, vou me retirar para os meus aposentos privados. (p. 87)

Pode-se observar aqui algo semelhante ao que aconteceu com o depósito, há uma tentativa de fazer com que esse espaço se torne ambiente e passe a ser significativo para Petúnia. A ênfase que ela dá ao seu quarto pode ser reconhecida na última frase da citação, quando, de forma explicativa, ela diz que vai se retirar aos seus aposentos privados, dando a entender a valorização de um lugar que agora é privado, já que quando dividiu o quarto com a mãe ou com a irmã ela não tinha privacidade.

Para Bachelard, a porta é todo um cosmo do entreaberto, é a própria origem de um devaneio onde se acumulam desejos e tentações, a tentação de abrir o ser no seu âmago, o desejo de conquistar todos os seres reticentes. Depois de fechar a porta do caixote, Petúnia é acometida por uma série de sensações que a intimidade do quarto lhe propicia.

Tinha a Petúnia – aliviada: eu fecho a porta lá da cozinha e nem Jesus Cristo vai me fazer escutar a mamãe roncar.

Tinha a petúnia – liberada: pronto, tenho um quarto só pra mim,faço o que eu quero aqui dentro, e se eu não tô afim de ninguém, penduro um aviso na porta: FECHADO PARA MEDITAÇÃO.

Tinha a Petúnia – humilhada: pô! Onde é que eu vim parar?

Tinha a Petúnia – revoltada: tá vendo no que dá ser criança? Rosa lá no bem-bom e eu aqui encaixotada.

Tinha a Petúnia – de-queixo-levantado: nem morta?

Tinha a Petúnia – autocomiserada já pronta pra rebentar em soluços: ninguém gosta de mim!

E tinha a Petúnia – cansada-e-com-sono depois de tanta decisão, de tanta carregação de coisas pra cá e pra lá. Resolveu que o melhor era ficar com essa última: apagou a luz e tratou de dormir. (p. 87-88)

Observando a cena descrita pelo narrador, é possível perceber que o interior do caixote favorece a Petúnia a intimidade e a segurança de um quarto, como já afirmamos anteriormente; este espaço físico interior deixa transparecer um outro espaço interior que, segundo Chevalier e Gheerbrant (2002), simboliza o conjunto das potencialidades humanas na via das atualizações progressivas, o conjunto do consciente, do inconsciente e dos imprevisíveis possíveis. Analisando a citação, pode-se afirmar que o espaço do interior do quarto se confunde com o interior da própria personagem, já que permite extravasar todas as sensações interiorizadas.

Quanto à linguagem, chamamos atenção para alguns recursos empregados pela escritora: a formação de substantivos compostos criados com o nome da personagem mais o adjetivo, o que corresponde ao seu estado emocional; o uso de palavras ou expressões no texto postas em destaque, como no fragmento acima “FECHADO PARA MEDITAÇÃO”.

Ao fechar a porta do quarto, Petúnia consegue expor, ainda que para si mesma, todos os sentimentos antitéticos que aquele espaço lhe inspira: sensação de alívio e liberdade por ter privacidade e segurança num lugar que é só seu; sensação de revolta, de arrependimento, de humilhação, por estar no lugar mais inapropriado do apartamento, por perceber que ela enquanto criança não possui sequer um espaço físico, a dúvida em achar que pode ter sido precipitada e

talvez, a pior sensação: a de não se sentir amada, mas graças ao cansaço o que prevalece é a decisão de dormir.

Apesar da tentativa de transformar o caixote num espaço próprio, Petúnia não consegue manter-se lá por muito tempo, tamanho é o desconforto proporcionado pelo espaço.

Dias depois a Petúnia declarou que estava começando a sofrer de claustrofobia lá no caixote.
 Voltou pro quarto da Elvira.
 Depois concluiu que ronco era pior que claustrofobia.
 Experimentou o sofá da sala.
 Mas na sala tinha a tevê, o vídeo, as visitas; (...)
 Voltou para o Caixote. (...) Começou a revezar: ora dormia na sala, ora no quarto da Elvira (no quarto da Rosa ela só dormia a convite) (mas a Rosa não convidou), ora no Caixote.
 Acabou concluindo que vivia EM TRÂNSITO. Isso consolou ela uns dias: achava bonito dizer que vivia em trânsito. (...) Acabou concluindo que: vivia em trânsito RUMO A UM DESTINO IGNORADO. Achou ainda mais bonito (...) E foi quando chegou a esse máximo de dilema que a Rosa e o Jerônimos, concluíram que a vida sem dormir-e-acordar juntos, não fazia mais sentido. (p. 88-89)

A inconstância dos ambientes e a procura por um espaço físico definitivo está intimamente relacionada à tentativa de conquistar um espaço na família, de fazer com que os adultos percebam que ela tem vontade própria, que ela tem o direito de opinar e de ser respeitada dentro de suas diferenças e de suas limitações. As suas sensações e a procura por um lugar respeitável deixam ver que, em meio aos conflitos vividos por ela, há também, uma identidade em formação.

A consciência de sua instabilidade faz com que ela se console com um slogan aventureiro, porém nada confortável, diante da realidade em que ela vive: VIVER EM TRÂNSITO RUMO A UM DESTINO IGNORADO, até o dia em que Rosa e Jerônimos resolvam ficar juntos e Petúnia tem o quarto só para si, mas

depois volta a ficar EM TRÂNSITO, quando os dois brigam por causa da cama e Rosa retorna ao apartamento.

O espaço de Petúnia é sempre definido de acordo com a convivência dos adultos; contudo, ela não assume uma postura de conformismo diante da situação. Devemos lembrar que ela representa a criança, ou o adolescente, no seio da família moderna, cuja procura por um espaço físico significa a própria busca por um espaço na família. Note-se que Petúnia questiona as decisões tomadas pelos adultos, reage quando se sente injustiçada, demonstra saber o que quer, enfim, manifesta atitudes de independência. Outra situação difícil vivenciada por ela, é a dificuldade que sua família tem em aceitar que está despertando para a sexualidade.

Foi ouvir o *apaixonada* e a Elvira saltou do sofá:

- Ah, não! Isso eu não vou permitir! De jeito nenhum!

- Pera aí, mãe, vai com calma, paixão não tem nada que ver com permissão.

- Petúnia, você acabou de fazer onze anos! Não tá em idade pra começar essas coisas. Para com isso! Já chega a Rosa, já chega! (p. 116)

O espaço familiar não está preparado para reconhecer a sexualidade que cresce em Petúnia por não saber como lidar com ela.

No capítulo VII – *A cama no antiquário* –, Elvira tenta comprar novamente a cama centenária vendida por Jerônimos, mas esse é o fato menos importante no capítulo. O narrador descreve durante todo o capítulo o olhar de Petúnia para a mão de seu Gabriel, dono do antiquário, depois algumas características dele faz com que ela recorde de uma cena muito sensual de um filme que assistiu.

De repente os dois se encontraram: o olho da Petúnia e a mão do seu Gabriel. E o olho ficou tão interessado, que não quis saber de mais nada, só da mão.

(...)

A mão que olho olhava estava pousada na cama. Na extremidade da cabeceira. E o olho percebeu que, assim que aparecia um cifrão na conversa, a

mão fazia uma festinha na cama. De leve. Devagar. Usando primeiro a palma, depois, cada dedo. Feito coisa que a cabaceira da cama tinha sido feita de propósito pra mão do seu Gabriel passar. Ou melhor, passar.

(...)

Isso foi indo e foi indo, e a Petúnia então se lembrou de um filme proibido pra menores, que tarde da noite ela viu na televisão, e que tinha uma cena que deixou ela muito interessada: um homem, que Petúnia achou meio velho, já talvez com uns trinta anos... (...) o homem que já tinha uns trinta anos estava na cama (...) com uma mulher que deixava ele desvairado (...), e aí a mulher pergunta pra ele:

- Mas por quê?

- Por quê ?!

- É: por que o teu amor por mim é desvairado?

- Mas então você não vê como a minha mão fica quando eu chego perto de você?

Nesse momento, a câmera mostrou num *close*, a mão do homem fazendo festa na mulher: primeiro, o pulso dava uma roçadinha na pele, feito experimentando terreno; depois, a palma da mão se apoiava na pele e os cinco dedos começam a se revezar nos toques: ligeirinhos e bem leves. (...)” (p. 126 e 127)

Um dos primeiros aspectos que chama atenção no primeiro fragmento é a relação metonímica olho X mão – a vivacidade com a qual é descrita o olho de Petúnia parece dar-lhe vida própria, enquanto a mão é observada de uma forma tão sensual como se ela fosse o homem como um todo, o seu mínimo movimento era observado de forma minuciosa por Petúnia.

O olhar de Petúnia e a sua leitura sobre o menor gesto que seja da “mão que faz festinha na cama” representa, inconscientemente, o despertar para o mundo da sexualidade. De acordo com a descrição da cena, a personagem parece estar suspensa de qualquer referência espacial ou temporal; o marcador temporal “de repente”, que dá início à citação imprime a idéia da casualidade. Logo em seguida, o narrador afirma: “o olho (...) não quis saber de mais nada, só da mão”, não há na cena qualquer descrição do seu Gabriel como um todo, de sua roupa ou do seu rosto ou do antiquário, há uma eliminação das referências espaciais e temporais; o leitor não toma conhecimento de como se deu a negociação entre Elvira e seu Gabriel. Mesmo tendo como título “A cama no antiquário”, o espaço físico do antiquário não é descrito, o espaço privilegiado é o

interior de Petúnia; as referências temporais se perdem até que ela saia do êxtase, mas, quando retorna ao consciente, está na hora de ir embora.

3.2.3. O casarão: espaço e afetividade

O terceiro e último espaço físico a ser analisado no romance surge no IX capítulo do romance, "*A cama no casarão*". Como o próprio nome sugere, este espaço pertence a uma classe social economicamente favorecida representa a classe dominante.

Apesar de ser o maior espaço da narrativa, o casarão é o que possui o menor número de personagens, aparecendo apenas Américo e Roberta como protagonistas desse espaço. Além deles, são citados apenas dois empregados da casa. Outro aspecto importante a ser observado é o fato de que, mesmo sendo um espaço grande, como o próprio nome sugere, os lugares da casa descritos pelo narrador são limitados; o leitor conhece apenas o jardim, o escritório e o quarto de Roberta.

É possível traçar o perfil do protagonista desse espaço desde as suas primeiras falas. Dono de uma linguagem bem particular, Américo é o único idoso que aparece no romance, tem oitenta anos e, geralmente, usa expressões chulas; ele se apresenta, quase sempre, bem humorado.

Faustina, a empregada é descrita pelo narrador como "uma mulher gorda, de cabeça branca, vestido escuro, sola de borracha no sapato sem salto", nada mais é dito sobre ela. O que percebemos através de suas atitudes é a preocupação com a saúde de Américo, no mais ela é retratada, como afirma

Maria de Lourdes Deiró Nosella (1981), ao analisar os textos didáticos, quase como um membro da família; é a pessoa que faz todo o trabalho doméstico e que, por permanecer na casa durante muitos anos, sendo honesta e eficiente, terá direito ao afeto da família a quem serviu.¹³

Roberta, filha de Américo, não vive no casarão, no entanto, o pai conserva o seu quarto como se ela ainda o ocupasse. Não há dela descrições físicas, além dos elogios feitos pelo pai, mas destacam-se as características psicológicas através de suas próprias falas.

O espaço do casarão aparece quando Américo é informado que Roberta lhe fará uma visita; na tentativa de agradar a filha, ele compra a cama antiga, que um dia pertenceu a família de Tobias, e, da cena, o que salta aos olhos do leitor é o cuidado que ele tem em organizar o quarto e vestir a cama.

A primeira cena, assim como quase todo o capítulo, se passa no quarto de Roberta onde toda a ação se desenvolve:

Faustina veio anunciar:

- Seu Américo, a cama chegou.

- Manda botar no quarto de Roberta.

- Já está lá. Mas, sabe, ela é enorme.

- Ah é? Deixa eu ver – levantou emparelhado com a Faustina, parou na porta do quarto; a cara se admirou contente: - Mas que puta cama, Faustina! (p. 137)

Estamos novamente diante do espaço da intimidade do quarto, mas agora com um diferencial: enquanto Petúnia buscava um lugar para ser seu abrigo, espaço onde ela pudesse viver seu amadurecimento físico e mental, ordenar e reordenar seus pensamentos, Roberta não habita mais esse quarto, ele é um espaço de intimidade não vivenciado e pior, negado.

¹³ NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 4 ed. São Paulo: Moraes, 1981.

No fragmento apresentado anteriormente, Américo tenta renovar o quarto comprando uma nova cama e nela deposita toda a função de reestabelecer ao ambiente a sensação confortável que só a intimidade de um quarto pode proporcionar, nos abrigando e favorecendo o descanso físico e mental de que precisamos.

Osman Lins (1976), ao discutir as funções do espaço e da ambientação, cita alguns estudiosos que enfatizam a importância que determinados objetos e móveis adquirem em certos espaços:

Tem-se acentuado, no espaço romanesco, como das mais importantes, sua função caracterizadora. O cenário, escreve Phillipe Hamon, no estudo sobre Émile Zola, 'confirma, precisa ou revela o personagem'. Mais ou menos o mesmo, lemos num estudo de Jean – Pierre Richard sobre os objetos em Balzac: 'É verdade que o objeto, mais frequentemente, tem aqui valor de índice psicológico ou social'. Michel Butor, por sua vez, ocupando-se especificamente dos móveis, sublinha que estes, no romance, não desempenham apenas um papel 'poético' de proposição, mas de reveladores, 'pois tais objetos são bem mais ligados à nossa existência do que comumente o admitimos'. Continua: 'descrever móveis, objetos, é um modo de descrever os personagens, indispensável. Apenas repetimos, portanto esses estudiosos da arte romanesca, quando indicamos, no espaço – notadamente no espaço doméstico – , a função de, situando a personagem, informar-nos, mesmo antes que a vejamos em ação, sobre o seu modo de ver. (p. 97)

A cama não nos informa nada sobre Roberta, não se trata de esse móvel antigo desvelar a personagem, entretanto a peça adquire um valor afetivo para Américo. Comprar uma nova cama simboliza para ele uma forma nova de acolher a filha, de tornar o espaço do quarto “novo” como uma projeção, pois uma vez que as paredes podem ser destruídas e novamente erguidas, já que não se pode apagar as impressões e as sensações que a casa natal nos permite guardar.

(...) Prestou atenção na cabeceira da cama: - Olha só para isso, Faustina! – Chegou mais perto para examinar a escultura na madeira; alisou o jacarandá, sentou pra espiar melhor o pé da cama e acompanhou com *hmmms* de

aprovação. Concluiu entusiasmado: – Sim, senhora, dona Faustina, isso é que é cama. Vamos vestir ela! Cadê, cadê?

(...)

Faustina ainda não tinha acabado de falar e Américo já estava remexendo um gavetão da cômoda atrás de fronha e lençol. Abriu outro gavetão, foi tirando tudo pra fora.

(...)

- Todo branco, todo branco, parece coisa de hospital, tira isso da minha frente. Ah! Esse amarelinho. As duas vão gostar dele, a Roberta e a cama. – Puxou lençol e fronha pra fora. (p. 139)

Ao olhar atentamente a cama, Américo fica surpreso com a qualidade e os detalhes que ela possui; as frases exclamativas e o uso do discurso direto em meio as falas do narrador afirmam a admiração e o interesse pela cama. A iniciativa de escolher os lençóis e forrá-la também é dele, tudo escolhido para agradar Roberta, essa era a função depositada na cama que ocupa o quarto. Além dos lençóis e da colcha, os travesseiros e as fronhas, tudo escolhido e aprovado por ele.

Apalpou bem cada travesseiro. – Ah, ta bom, ta bom, elas vão gostar.

(...)

Américo alisava fronha e lençol, dava tapinha no travesseiro, ajudava a puxar daqui e dali. (p. 140)

(...)

E eu quero que a Roberta goste de tudo, Faustina. Hoje ela vem pra ficar comigo: eu quero que ela goste de tudo". (p. 141)

O quarto, assim como os objetos nele presentes, não transmitem intimidade para Roberta, é um espaço significativo para o pai, mas vazio de significados para a filha.

Já o escritório é um espaço que revela o perfil de Américo, tanto para Petúnia, que ao entrar na casa é logo conduzida até lá, como para os leitores. Neste espaço, é possível afirmar que os objetos são indispensáveis para conhecer o personagem.

O olho da Petúnia correu pelo escritório. Era uma peça ampla e clara. Tinha uma porta semi-aberta pro quarto onde estava a cama, e uma grande porta-janela abrindo pro jardim. No centro, uma escrivaninha enorme, acompanhada de uma cadeira de braço e rodinha no pé. Foi lá que o Américo se sentou, e ordenou pra Petúnia: senta!

Rodeando a escrivaninha, uma multidão: livro, computador, garrafa, planta, televisão, poltrona, cadeira, garrafa, câmeras, tela pra cinema, copo, garrafa, revistas, telefone com fio, sem fio, celular, garrafa, almofada, fax, outro computador, banco pra pé, mesinha, copo garrafa, e nem deu pra Petúnia reconhecer o resto da multidão que cercava o Américo porque, dessa vez, a ordem veio mais forte". (pág. 143 e 144)

O narrador relata o olhar atento de Petúnia que ao entrar num espaço novo tenta fazer uma leitura do mesmo para reconhecer aquele território que não é seu. O escritório, dentro da casa, é um espaço de trabalho e/ou de estudo, mas é também um local coletivo, pois permite-se que as visitas possam frequentá-lo assim como uma sala-de-estar. Ele não é um espaço íntimo como o quarto, mas coletivo. Apesar de ser um espaço público na casa este ambiente, está impregnado com parte da intimidade de seu dono. A intimidade não deixa de estar expressa nos ambientes coletivos dentro de uma casa, ou como afirma Bachelard (1993) o exterior e o interior são íntimos; estão sempre prontos a inverterem-se, a trocarem sua hostilidade.

Todo o escritório com os objetos que possui diz muito de Américo. Se o casarão denomina grandeza, seus compartimentos acabam adquirindo a mesma característica. O primeiro detalhe observado por Petúnia é a claridade e a amplitude do local; os móveis acompanham a grandeza para que o espaço se torne proporcional. Note-se que ela enfatiza no primeiro parágrafo “uma grande porta-janela” e “uma escrivaninha enorme”.

Depois de analisar o espaço como um todo, ela pára o olhar nos objetos que rodeiam a escrivaninha, eles permitem perceber o conforto e o luxo que os objetos favorecem ao escritório, além de deixar evidente um dos problemas

enfrentados por Américo, em meio os objetos, ela cita cinco vezes a palavra garrafa, o alcoolismo transparece através da disposição das garrafas no espaço.

Faustina é quem demonstra se preocupar com a saúde de Américo, alertando-o sempre para os problemas que ele já teve para a idade, entretanto ele ignora os fatos:

Faustina, foi tratando de sair da cama:

- O senhor vai morrer sem tomar jeito, não é? Ta esquecendo que o médico mandou você ficar quieto?
- E quem é aquele bosta pra me mandar qualquer coisa? Quem manda em mim sou eu e mais ninguém.
- O especialista é ele, é ele que conhece a sua doença.
- (...)
- Cala a boca, cala a boca, não me fala mais daquela zebra.
- Ele mandou o senhor não beber mais...
- Tenho a Eternidade me esperando na esquina: lá não tem copo nem garrafa.
- ... e hoje o senhor já esvaziou uma garrafa todinha". (p. 138)

As falas do proprietário do casarão deixam ver um ar de superioridade, tanto quando responde a Faustina, quanto se refere ao médico. É possível verificar o mesmo em relação a Faustina, apesar de ele estar certa, e de ele ser consciente disso, os verbos no imperativo mostram que ele não permite que ninguém faça interferências em sua vida, mesmo que seja para o seu bem. As expressões chulas utilizadas por Américo em alguns trechos conseguem reforçar o ar de autoridade que ele mantém sobre as pessoas com as quais convive.

Não obstante, Américo deixa transparecer, em algumas atitudes, a sua carência afetiva. Ao receber Petúnia, ele se coloca numa posição de proximidade diante dela ao pedir que não o chame de *seu* "- esse negócio de *seu* é só pra empregado usar: mantém o respeito. Pros outros sou Américo só". Ao recebê-la num espaço reservado, dando a ela a mesma atenção e preferência que daria a um adulto, até o gesto, impensado, de oferecer uísque a garota demonstra

proximidade. Ele permite que a adolescente o chame de Américo, mas, nas falas de Faustina, aparece sempre o pronome senhor quando ela se dirige ao patrão.

Outra fragilidade, e a mais importante, em Américo é a filha Roberta. Toda a expectativa, a preparação do quarto evidencia o amor dele para com ela. Faustina, porém, ao presenciar todo cuidado que ele tem, se penaliza diante da indiferença que a filha demonstra pelo pai.

Américo se levantou. Tenso (...) Foi até a porta; parou.
 Faustina estava mostrando pra Roberta a nova decoração. Abriu as cortinas, exibiu o tapete, a cômoda...
 - E a cama! – Américo exclamou.
 Roberta se virou pra porta. Durante um tempo (que Petúnia, lá no escritório, de ouvido aguçado, achou compridíssimo), Roberta e Américo ficaram de olho um no outro. Ela, em guarda. Ele, não se preocupando em disfarçar o fascínio por ela.
 - Que linda que você está – e só depois completou – minha filha. – Foi ao encontro dela. Roberta recuou. Ele se apoiou na cômoda e despediu Faustina com a mão.
 (...)
 Sem tirar o olho de Roberta, Américo fez um gesto distraído de aprovação.
 (p.146)

Ao entrar em casa, o primeiro espaço ao qual Roberta se dirige é ao quarto, um quarto dito seu, mas não habitado por ela. Se a casa não é só um abrigo para o homem, mas também um porto seguro para seus sonhos e devaneios, é um canto no mundo onde o homem se reencontra com sua intimidade, como afirma Bachelard, o casarão não é a casa de Roberta, e por uma relação metonímia, o quarto também não é seu. Diferente das outras dependências comuns a todos, o quarto é um ambiente marcado pelas características de seu ocupante, seu espaço de sonhos, dores e prazeres, um espaço íntimo.

Na citação, Faustina apresenta para ela o quarto planejado pelo pai, tudo novo, nada que fale sobre ela, nenhum indício de privacidade entre ela e o

espaço, o que se percebe é um distanciamento dela para com a casa e o pai. Enquanto Américo se mostra afetivo, tentando demonstrar o quanto ela é importante, o quanto ele está feliz, note-se que na cena não há qualquer fala dela. O narrador descreve apenas que, inicialmente, ela se mantém em guarda, depois recua quando o pai tenta abraçá-la.

O olho de Roberta passeou pelo quarto:

- Que profusão de rosas.

- Amarelas. Não me esqueci que você gosta de rosa amarela. Mandeí comprar todo o estoque do bairro.

- Típico.

- E a cama?

O olho de Roberta voltou pra Américo.

- Gostou?

Roberta jogou um olhar displicente pra cama. E a resposta foi um encolher de ombros. Ficou olhando o jardim. (p. 147)

O que se conclui ao observar os gestos e as frases curtas de Roberta na cena anterior é a sua indiferença aos cuidados que o pai teve com sua chegada. Suas respostas são decrescentes, de uma frase, em sua primeira fala, até não responder se gostou ou não da cama, olhando displicentemente e dando de ombros numa atitude de indiferença, percebe-se que a relação afetiva entre pai e filha não é bem resolvida.

Américo acreditava que, comprando uma cama nova, fazendo uma nova decoração ou comprando todas as rosas do bairro iria tornar o ambiente agradável e, assim, surpreender a filha. No entanto, a atitude de tentar surpreendê-la comprando algo parece já esperada, ao responder "típico", tomamos conhecimento que o modo de Américo expressar seus sentimentos é comprando. A relação afetiva entre os dois parece funcionar como uma relação comercial, aspecto que se confirma no desenvolvimento do diálogo entre os dois.

Américo se deitou na cama. Estendeu o braço e alisou a cabeceira. – Paguei uma nota firme por ela. – Ficou um tempo olhando pra Roberta. – Você não vai me perguntar quanto?

- E por que você acha que eu estou interessada em saber quanto é que você paga por cama, por rosa, por tudo?

- Porque essa questão de dinheiro sempre interessou demais a você.

Roberta se virou. Olhou para ele. Meio que riu. O desprezo que Américo viu no olho da filha teve o efeito de uma agulhada. Sentou. Cruzou os braços:

- Quer dizer que você não gostou do meu presente?

- Que presente?

- A cama!

- Um presente meio sem cabimento, não é?

- Não sei por quê?

- Já tenho cama em todas as minhas casas, o que eu vou fazer com mais uma?

- Mas aqui em casa você não tem.

- E por que que eu preciso de uma cama na sua casa?

- Pra fazer o que todo dia a gente faz: deitar, dormir, levantar...

- Não tenho a mais leve intenção de deitar ou dormir aqui.

(pág. 147 e 148)

O espaço do quarto não é um espaço que transmite intimidade nem afetividade para Roberta, seu comportamento dentro do quarto que lhe pertence é a de um estranho reconhecendo um novo território. A relação de proximidade e de afetividade que poderia se estabelecer entre pai e filha num espaço como esse não acontece. A experiência afetiva entre os dois retrata uma relação de poder na qual ambos se agredem através de chantagens. Ele exhibe a sua condição econômica; ela o despreza por que a sua condição econômica se equipara com a dele; Américo acaba ficando numa posição inferior por ser idoso doente e solitário.

No fragmento acima, os dois, como num efeito de projeção, acreditam que o outro só valoriza o material. Américo faz questão de expor o quanto gastou como se esse fato fosse deixar Roberta feliz; ela por sua vez, acredita que o pai está tentando comprar seus sentimentos. A cama, principal presente, no espaço do quarto não cumpre a função que Américo gostaria que ela exercesse. O espaço do quarto novo, preparado para recebê-la, também é negado assim como

a própria casa. O casarão não simboliza para ela nada do que uma casa representa para o homem: abrigo, intimidade, privacidade.

A casa pode, na modernidade, ser, em detrimento de uma nova experiência de família, um espaço pouco vivenciado. Pode também resumir-se a um depósito de máquinas, de tecnologias, de aparelhos domésticos que não dizem nada sobre seus donos, pois não há mais o sentimento de habitar que segundo Bachelard é viver a casa em sua realidade e em sua virtualidade, na mais interminável dialética do ser, entre pensamentos e sonhos. A casa perde a sua capacidade de fornecer imagens poéticas, tornando-se um espaço de refúgio para se livrar do horror e da insegurança que o espaço coletivo, público, promove.

Todas essas questões levantadas podem ser percebidas no casarão, outros fragmentos ainda deixam mais evidentes a relação afetiva entre pai e filha e a relação dos dois para com o espaço.

Ele falou devagar, pronunciando bem as palavras:

- Você disse pra Faustina que vinha pra ficar...

- Ficar?

- ...comigo.

- Quando?

- Quando ela te telefonou pra contar que eu tinha tido outro enfarte.

(...)

- Quem coleciona enfartes feito eu não vai longe...

- Você vai.

... e eu pensei que você ia me fazer um pouco de companhia.

- E por quê?

- Porque eu tô sozinho, porra!

- Sozinho? Com essa catedral de dedicação que é Faustina? Com copeiro, enfermeira, cozinheira, motorista, jardineiro, não sei mais quem...

- Você sabe o que eu tô querendo dizer, Roberta, você sabe.

- Juro que não.

- Sozinho de alguém... assim, ...perto, sozinho de uma filha, da minha única filha. Sozinho de você. (pág. 148 e 149)

A particularidade do quarto vai propiciando um diálogo aberto entre os dois até que cada um exponha os seus sentimentos e a narrativa deste capítulo

caminhe para o clímax. Enquanto Américo interpreta equivocadamente o gesto da filha em visitá-lo como uma demonstração de carinho, ela faz questão que o pai perceba que o faz por obrigação. Toda fragilidade dele vem à tona quando a filha afirma que a companhia dos empregados é suficiente para que ele não se sinta só. No entanto, a solidão de Américo existe por ele não ter a companhia da filha, ele é um idoso jogado no asilo de sua própria casa. Irritado com a indiferença da filha, Américo fecha a porta do quarto para obrigá-la a ficar um pouco mais em sua companhia, o resultado é o ápice da discussão entre os dois.

O copeiro saiu, fechando a porta. Américo trancou a porta e guardou a chave no bolso. Roberta não perdeu tempo: marchou pra porta do escritório. Américo alcançou a porta primeiro. E repetiu o gesto de trancar a porta e guardar a chave. Roberta suspirou exasperada:

(...)

- Papai, eu vim aqui pra te dar um alô. Numa boa. Eu vim pra quebrar o gelo. Que se formou entre nós dois. Eu não vim pra discutir. Muito menos pra brigar. Menos ainda pra ser trancada dentro de um quarto. Abre essa porta que eu quero ir embora. (p. 151)

A tensão é criada no espaço quando Américo resolve fechar a porta e prendê-la no quarto, se o espaço já não lhe é privado e a relação entre ela e o pai é distante, lhe causa insegurança e repulsa. A justificativa e o uso do imperativo não convencem o pai e assim trancada Roberta vai ficando ainda mais irritada.

- Abre a porta!!

- Calma, filhinha, calma. Ordens que dá – levou o copo ao peito – sou eu. – Esvaziou o copo num gole vagaroso. – E você sabe por que, não é? – Sem pressa nenhuma se serviu de outra dose. – Porque sou eu que pago.

(...)

- Alguma coisa você tinha que ter me dado, não é?

- Eu sempre te dei tudo!

- Tudo? A única coisa que você deu foi dinheiro, mas...

- Foi a única coisa que você sempre quis.

- ... mas eu estou me referindo a outra coisa.

- Por exemplo?

- Amor...

- Américo soltou uma risada:

- Amor?! Você falando de amor?

- ... amor, afeição, companhia ...
- Que eu quis te dar desde pequena...
- De longe! Sempre de longe! E sempre com uma nova mulher. (pág. 152 e 153)

A conversa entre Américo e Roberta chega ao ponto culminante: os dois perdem o controle e demonstram o desafeto que existe entre eles. Américo chantageia a filha por ter sempre custeado seus caprichos. Ela o acusa de nunca ter recebido o amor que esperava dele. A leitura de pai e filha são semelhantes, ambos esperam que o outro cobre e/ou receba apenas o que for de valor material, entretanto falta nos dois a afetividade que se espera de uma relação entre pai e filha.

Maria de Lourdes Nosella (1981), ao analisar a temática “os pobres e os ricos” nos livros didáticos, observa que uma das ideologias presentes nos textos que abordam essa temática é a de que a riqueza não resolve os problemas dos indivíduos, nem lhes traz felicidade. Não se trata de concordarmos com essa ideologia que pode até, como justifica a pesquisadora, impedir que as crianças questionem a posição sócio-econômica de uma minoria rica e privilegiada.

CAPÍTULO IV

A LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: RELATO DA EXPERIÊNCIA

"Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas" (Rildo Cosson, 2006, p. 40)

O primeiro contato com a escola para pedirmos autorização para a realização do projeto de leitura se deu no mês de Julho de 2007, durante a semana pedagógica da escola. Apresentamos ao vice-diretor a proposta de trabalho e perguntamos sobre a possibilidade de aplicá-lo na 8ª série do Ensino Fundamental. Ele pediu que procurássemos a professora, mas desde já nos colocou um problema: a turma havia mudado de professora no primeiro semestre, poderíamos ter problemas com o tempo uma vez que a turma estaria com atrasos em conteúdos. No entanto, um fator nos ajudou consideravelmente, a professora da turma é também mestranda e compreendeu de imediato a nossa necessidade. Apesar da turma de 8ª série funcionar no turno da manhã, nos foi sugerido pelo vice-diretor e pela professora o desafio de aplicar o projeto de leitura no turno da tarde. Combinaríamos com a turma um dia da semana e todos eles, alunos e professora, se comprometeriam em cumprir com o horário. Topamos o desafio, faltava agora combinar quando daríamos início e quando teríamos o nosso primeiro encontro com a turma.

A volta às aulas do período de férias aconteceu no dia 23 de julho de 2007, então consideramos necessário que a professora preparasse a turma para nos receber e agendasse o primeiro contato. Esse primeiro momento ficou agendado para o dia 01 de agosto.

ARQUIVADO

Nesse primeiro momento, não faríamos a aplicação do projeto de leitura, iríamos apenas realizar a apresentação de Lygia Bojunga Nunes e da obra a ser trabalhado, combinar o dia e horário em que faríamos o projeto.

No dia 01 de agosto, estivemos na escola a partir da 14h para a primeira conversa com a turma. Os alunos foram chegando aos poucos e, quando percebemos a presença de onze deles, (pois, dos quatorze, três moram em outra cidade, e teriam avisado da dificuldade de retornar no horário da tarde), resolvemos dar início à apresentação.

Inicialmente nos apresentamos como professora da rede pública e privada, explicamos aos alunos quais os objetivos do projeto de leitura, ressaltando a importância da colaboração de cada um deles. Em seguida, fixamos um cartaz com uma fotografia de Lygia Bojunga e da obra a ser abordada. Tecemos comentários sobre a importância da obra de Lygia Bojunga para a Literatura infantil brasileira, exibimos alguns dos títulos da autora, inclusive, duas edições diferentes do livro *A cama*, uma da Editora Agir e outra da Casa de Lygia Bojunga, além de enfatizar os prêmios que ela já havia recebido por suas obras.



Lygia Bojunga



Após esse momento, fixamos outro cartaz com a proposta de divisão da obra por encontro. A divisão foi feita a partir do sumário do livro, por capítulos. O cartaz trazia a seguinte divisão:

DIVISÃO DA OBRA POR ENCONTRO

1º Encontro:	I Cap. A cama na lembrança II Cap. A cama na foto antiga
2º Encontro:	III Cap. A cama no morro
3º Encontro:	IV Cap. A cama no estúdio
4º Encontro:	V Cap. A cama no Jardim Botânico VI Cap. A cama na indenização
5º Encontro:	VII Cap. A cama no antiquário VIII Cap. A cama na idéia fixa
6º Encontro:	IX Cap. A cama no casarão X Cap. A cama na espera

Fizemos a leitura do cartaz e, em seguida, eu entreguei uma folha para que eles pudessem fazer um levantamento de hipóteses, com base no título dos capítulos, sobre o que esse livro iria tratar. Determinamos o tempo de 10 minutos, e, a seguir, cada um fez a leitura do que havia escrito, depois recolhemos os textos.

A seguir apresentaremos alguns dos comentários escritos pelos alunos. Para organizar melhor os fragmentos e/ou textos utilizados em nossa análise, nomeamos os alunos numa seqüência que vai de A1 até A10, seguindo a mesma ordem para todas as atividades.

De modo geral, os alunos levantaram a hipótese de que estaríamos diante de um romance e a cama estaria intimamente relacionada ao mesmo, podendo ser um lugar de encontro:

A1: Na minha estimativa, a história fala sobre a cama e a sua participação na vida das pessoas como um cenário onde se passam várias histórias totalmente diferentes, na foto, no morro, no estúdio, no jardim, etc qual o papel da cama na vida das pessoas.

A2: A primeira impressão que eu tive deste livro é que tudo vai se relacionar com a cama e em vários locais, e além da cama como está escrito no livro é o romance que deve ser baseado em um casal muito apaixonado e que se relaciona com a cama de alguma forma.

A10: O projeto parece despertar a curiosidade dos alunos inclusive a minha. O título da obra de Lygia nos faz pensar sobre um pequeno título figurado. Eu mesmo espero muito do livro, já sabendo dos grandiosos prêmios recebidos pela autora e principalmente pela forma dos capítulos que dão impressão de títulos de uma nova história.

Analisando os comentários selecionados, percebe-se que tivemos formulações de hipóteses simples e outras mais elaboradas, A10. Por exemplo, chama a atenção para o que havíamos dito em sala sobre a vida e a obra da autora, depois se refere a um “pequeno título figurado”, expressão que infelizmente não conseguimos recuperar dentro da perspectiva desse leitor. No entanto, um aspecto apontado por ele que vai se repetir nos demais alunos é o fato dos títulos dos capítulos darem a impressão de se tratar a cada capítulo, de uma nova história, provavelmente porque em cada um a cama está relacionada a um novo espaço.

Quanto ao texto de A1, nota-se que ele repete o que afirmamos há pouco em relação ao título dos capítulos um fato interessante foi ter posto que a cama pudesse ser um cenário. Para esse aluno, a cama ultrapassou o sentido de objeto, e passa a constituir também um espaço. O comentário de A2, dentre os demais, é o que mais vai se aproximar do que de fato a obra apresenta. O aluno afirma “tudo está relacionado com a cama e em vários locais”, além disso, aponta para o gênero romance. O fato de os alunos terem percebido os diferentes espaços desde esse primeiro momento nos auxiliou bastante, já que esse seria uma das categorias estruturais escolhidas do romance para trabalharmos em sala, além do espaço pretendíamos também analisar os personagens.

1º Encontro¹⁴

No dia 08 de agosto de 2007, quarta-feira, estávamos na escola no horário combinado; esperamos em torno de 10 minutos para que todos os alunos chegassem, enquanto isso, fomos organizar o ambiente da aula. Estiveram presentes nesse primeiro encontro onze alunos e a professora da turma. Planejamos esse e os demais encontros do projeto de leitura para uma duração de duas aulas de cinquenta minutos.

Antes, porém, de relatarmos as atividades desenvolvidas nesse encontro, vamos apresentar os resultados de um questionário que traça o perfil de leitores com os quais estamos trabalhando. Esse questionário foi aplicado no terceiro encontro, mas consideramos essencial trazê-lo agora, no primeiro momento.

Quando questionados sobre o que costumavam ler, seis deles responderam que em geral liam livros, revistas e/ou jornais; quatro citaram o gênero gibi, um afirmava ler todos os gêneros exemplificados no enunciado. Ressaltamos que o mesmo apresentou em todas as atividades propostas, sejam elas orais e/ou escritas, um excelente desempenho; e dois alunos reconheceram que liam pouco e, quando liam, procuravam livros pequenos, revistas ou gibis.

A segunda pergunta do questionário interrogava-os sobre a existência de livros em suas casas e a que gêneros literários pertenciam. Apesar de determinarmos no enunciado “gênero literário”, acreditamos que alguns alunos desconheciam a classificação, pois acabaram citando livros didáticos e dicionários. Nove alunos afirmaram ter livros em casa. Quanto ao gênero, eles

¹⁴ O planejamento dos encontros pode ser acompanhado através dos anexos.

variam entre a literatura infantil e os romances, fábulas, cordéis, novelas; apenas um dos alunos declarou não ter livros em casa.

Em seguida, perguntamos se os seus pais tinham o hábito de ler e o que eles liam geralmente, dos dez alunos, cinco asseguram que os pais não lêem e cinco dizem que os pais lêem revistas, jornais, histórias bíblicas. As respostas chamam atenção porque percebemos que todos os alunos, sem exceção, não convivem em ambientes onde a leitura é um hábito, dos alunos que apresentaram melhor desempenho durante o projeto, percebemos que dois deles são grandes leitores, mas isso não foi uma atividade que a família tenha incentivado na prática.

A quarta pergunta foi bastante específica; perguntamos quais os livros de literatura que eles teriam lido, curiosamente em todos os questionários apareceram fábulas e cordéis – não especificaram nomes – e o livro *O médico e o monstro*. Depois conversando com alguns alunos, eles me explicaram que tanto o livro, quanto as fábulas e os cordéis foram trabalhados em projetos de leitura realizados pela escola em séries anteriores. Além desses livros, os alunos citaram livros de poesia, romances e aventuras.

Quando questionados sobre que tipo de história mais gostavam de ler, os gêneros romance e suspense foram os preferidos pelos alunos. Em sequência, perguntamos em quais espaços costumavam ler, nove responderam em casa, três dentre esses nove afirmaram ler em casa e na escola, um assinalou apenas na escola, e outro aluno, também apenas um, assinalou o espaço da biblioteca. Essas respostas parecem nos mostrar que, definitivamente, a escola, não tem se mostrado um espaço favorável e/ou convidativo para a leitura.

Em seguida, pedimos que os alunos citassem o nome de escritores que conheciam e qual deles tinha gostado, sabemos que é uma pergunta muito

específica e estávamos conscientes de que eles só iriam lembrar-se daqueles que realmente fossem significativos em sua história de leitor. Dois alunos deixaram em branco essa questão, os outros citaram Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Érico Veríssimo, Lygia Bojunga, J.K. Rowling – autora de Harry Potter, J. R. R. Tolkien, Ruth Rocha, Carlos Drummond, Pedro Bandeira, Machado de Assis, Ariano Suassuna, Paulo Coelho e Irmãos Grimm.

Na oitava questão perguntamos qual o livro que mais gostou e por que. Três alunos apresentaram respostas superficiais dizendo gostar de todos, um aluno deixou em branco, e os outros citaram: *Segredo de estado*, *A bolsa amarela*, *Harry Potter*, *O médico e o monstro*, *Três homens falam de amor*, *A odisséia*, *O senhor dos anéis* e *As crônicas de Náinia*.

As duas últimas questões estavam direcionadas para o espaço da escola. Perguntamos se havia projetos de leitura e pedimos que explicasse como ele aconteceu. Apenas um aluno tentou explicar como aconteciam os projetos, todos afirmaram que havia projetos de leitura, mas fizeram referências a séries anteriores, os livros citados por eles foram *O médico e o monstro* e *o Corcunda de Notredame*, percebemos através da explicação de uma aluna que havia uma gincana literária e que em outros anos a turma conseguiu montar uma mini-biblioteca na própria sala de aula. A última pergunta interrogava-os sobre quais os livros que haviam lido da biblioteca, nenhum título novo apareceu nas respostas dos alunos, eles acabaram repetindo os títulos que já haviam dado em outras respostas.

O questionário realizado nos permite fazer algumas considerações sobre questões que julgamos cruciais para a formação de leitores. As respostas dadas à terceira questão aparecem divididas na turma. Metade dos alunos afirmaram que

os pais tinham o hábito de ler e a outra metade disse que não, no entanto, podemos concluir que os pais que lêem em casa parecem não conseguir influenciar os filhos, uma vez que os livros citados pelos alunos cujos pais lêem foram livros de literatura infanto-juvenil adotados e/ou lidos na escola. Dessa forma, o ambiente familiar, nesse caso, parece não constituir um espaço mediador para o incentivo à leitura.

Por sua vez a escola, que deveria favorecer e incentivar a leitura, deixa muito a desejar. Quando questionados sobre a existência de projetos de leitura, os alunos responderam afirmativamente, mas os projetos e as atividades de leitura por eles citados aconteceram todos em séries anteriores, especificamente por uma professora, o que nos prova que a prática adotada não pertence à escola, mas a professora. As leituras significativas para esses alunos – questão 8 – foram, na maioria dos questionários, os livros e textos abordados por essa mesma professora que aplicou os projetos de leitura. Tal fato nos prova que a leitura literária tem que ser algo significativo, tem que representar uma experiência na qual o aluno possa se reconhecer e/ou reconhecer a comunidade da qual faz parte.

Quanto ao espaço da biblioteca, apesar de os alunos terem citado um livro ou outro, podemos constatar pessoalmente, que se trata de um espaço desprestigiado pela localização dentro da escola, pelo aspecto físico que apresenta e pelos livros didáticos usados para a pesquisa e poucos livros de literatura infanto-juvenis, também em péssimo estado de conservação. Em síntese, a própria escola é falha quando não investe tanto em espaços físicos, quanto em projetos e atividades de incentivo a práticas de leitura.

Depois de dar as boas vindas a todos e retomar a conversa que tivemos na semana anterior, começamos esse primeiro momento com uma motivação, como propõe Rildo Cosson (2006): levamos para a sala de aula dois pedaços do que formaria uma colcha de crochê e contamos que aquela colcha teria sido feita pela matriarca da família e que ela havia feito poucos dias antes de falecer; comentamos sobre o valor afetivo que aquele objeto tinha e questionamos se em suas casas e/ou em suas famílias eles tinham algum objeto que teria sido passado de pai para filho com grande valor afetivo. Nesse momento, alguns alunos falavam ao mesmo tempo, ordenamos as falas para que todos pudessem ser ouvidos.

Al: não... que passou assim não... mas é como um objeto de lembrança... porque meu avô quando dava assim... no finzinho de tarde... ele ele gostava de ir lá pra calçada de ca/ de casa... botava uma cadeira de balanço e ficava lá se balançando... aí toda vez que eu chego lá em vovó... que eu olho pra cadeira eu me lembro de vovô e ele já morreu daí dá uma tristeza uma saudade... ((alunos falam ao mesmo tempo))

Al: é porque ela passou dois anos lá comigo... aí quando a pessoa olha pra casa olha pro o quarto onde ela ficava eu lembro dela lá reclamando... ela sentava na cadeira perto da hora do jantar... aí ela começa a (reclamar) olha esse () solto... não sai nada () só vive reclamando

Al: da minha bisavó... e eu tenho uma cadeira lá em casa também

Al: minha avó tinha... minha vó () a máquina de costura que é intocável e da outra essa cadeira que ficou lá em casa mas não pode vender nem nada

Depois do depoimento deles sobre o valor afetivo desses objetos, perguntamos se eles teriam coragem de vendê-los, direcionamos a pergunta para os demais alunos da turma, todos, sem exceção, disseram que não, pedimos que cada um guardasse seus comentários que nós iríamos retornar aos mesmos. Entregamos a xerox do primeiro e segundo capítulos e pedimos que eles fizessem a leitura silenciosa, respeitando a idéia de que a leitura é um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário.

Após a leitura silenciosa, duas alunas fazem a leitura oral do texto, e nós pedimos uma pausa para ouvir os comentários. Assim que as alunas concluíram a leitura do primeiro capítulo, perguntamos se a história da colcha de crochê tinha alguma relação com o que teria sido lido até o momento. Os alunos responderam afirmativamente e nós fomos relacionando com as histórias dos alunos, e eles foram comentando a narrativa, tentando entender o porquê de Zecão fazer tanta questão pela cama e compreendendo a necessidade de M^a Rita.

Al: mas a história acaba () o segundo capítulo já é outra coisa... ai

Al: professora essa cama

Al: eu só não entendi uma coisa porque o pai dele () essa cama que o pai dele pediu pra ele guardar a cama

Al: porque já era uma lembrança eu acho... do pai... dele que passou pra ele que ele queria que ficasse na família

Em certa ocasião, tivemos que interferir nas interpretações dos alunos, pois uma das alunas havia extrapolado o sentido do texto, pedimos então, e explicamos que não poderíamos fugir daquilo que está posto no texto.

Prof: mas tá no texto que ela acabou virando viciada?

Al: não... ()

Prof: ela se casou... ela se casou mas não tá no texto

Al: o marido

Prof: o marido dela que

Al: que é um drogado e vicia crianças

Prof: isso... então a gente não pode dizer que no texto diz que Maria Rita... alicia crianças também ou que ela é drogada porque isso não tá posto no texto

Al: é o marido dela

Al: mas também podia ser assim... se ela vendesse a cama aí pegasse o dinheiro... e o marido dela pegasse e fosse comprar drogas

Prof: aí vocês já estão... fazendo hipóteses né? extrapolando o sentido aqui o sentido do texto... mas no texto a gente tem que discutir o que está no texto...

Diante da situação colocada no primeiro capítulo, a turma tem opiniões contrárias, uns afirmam que venderiam a cama, outros que não venderiam. No entanto, o aspecto mais importante foi observar como os alunos interagiram com o texto, propondo soluções e colocando-se no lugar dos personagens.

Al: professora eu acho que eu não venderia não... eu procuraria um emprego

Prof: procuraria um emprego... procuraria outra solução né?

Al: é procuraria outra solução

Al: não sei não... porque quando () ele prometeu ao pai

Al: e prometeu ao pai no leito de morte

À medida que íamos recuperando a narrativa, fazíamos questão de ir recuperando o nome e o perfil de cada um dos personagens. Seguimos então para a leitura do segundo capítulo - "A cama na foto antiga" -, dessa vez a leitura oral foi feita por dois meninos; um fato que nos chamou atenção: todos gostavam de fazer a leitura oral e liam quase em forma de jogral, interpretando as falas dos personagens.

Os alunos afirmaram ter gostado mais do segundo capítulo, acreditamos que isso tenha se dado em virtude da linguagem e dos comportamentos da personagem Petúnia.

Prof: e o segundo capítulo gente?

Al: legal... é mais engraçado que o primeiro

Prof: gostaram mais?...

Al: é a mesma cama

Als: é

Al: agora era a família das pessoas que iam comprar

Al: Petúnia é preguiçosa

Prof: não chame Fábio ((sorri))... que mais chamou a atenção

Al: a Petúnia tava ()

Prof: você achou o que?

Al: aquela parte que ela diz vou na frente pelo menos se eu pisar eu escorrego... (a mãe é feita pra isso mesmo) ((sorri))

Prof: que é que vocês acham?... tu gostou dessa parte?

Al: foi mais engraçada que a primeira

Prof: oi

Al: mais engraçada que a primeira

Al: ele extraiu... ela extraiu totalmente como se o cara não tivesse nenhuma virtude

Al: () que ela começa esculhambar... qual é o nome do cara lá?

Em seguida, pelo planejamento passaríamos para a discussão do terceiro capítulo – A cama no morro – que foi entregue à turma para que a leitura fosse feita em casa, mas apenas dois alunos leram o capítulo na íntegra, os demais afirmaram que ainda faltavam muitas páginas para concluir o texto. Então, de imediato, resolvemos negociar com a turma e remarcar a atividade para a próxima aula, acreditamos que não seria válido dar andamento ao planejamento daquele dia sem a leitura e a participação dos alunos.

A nossa decepção foi notada, depois que remarcamos a leitura dos capítulos, alguns alunos nos procuraram para justificar o não cumprimento da atividade, pediram desculpas e explicaram que além do feriado no meio da semana, eles também estavam envolvidos na gincana cultural organizada todos os anos pela escola, compreendemos a situação, mas não pudemos negar que ficamos repreensivas em relação à continuidade do projeto, estávamos conscientes de que sem a participação deles nós não avançaríamos com o projeto de leitura e com a pesquisa.

3º Encontro

No dia 22 de agosto, quarta-feira, retomamos o projeto tendo que recuperar alguns pontos dos que haviam sido planejados para o segundo encontro. Dentre os alunos da turma, estavam presentes nesse dia 10 alunos. Antes de iniciarmos efetivamente as atividades programadas entregamos aos alunos um questionário (ver anexo); que tinha como objetivo traçar o perfil de leitores com os quais estávamos trabalhando.

Nesse terceiro encontro, que consistiu na verdade, nas atividades referentes ao segundo encontro, programamos o estudo do terceiro capítulo, A

cama no morro. Para organizarmos melhor os tópicos selecionados para a discussão preparamos um roteiro de leitura com quatro questões: a primeira pedia que eles caracterizassem a relação existente entre pais e filhos existente entre Zecão x Tobias e Elvia x Petúnia; a segunda discutia sobre a importância da cama para a família de Zecão; a terceira questionava-os sobre para qual dos personagens a cama era mais importante e por quê; a última questão era para que eles julgassem se a realidade de Maria Rita justificava a venda da cama e por quê. Entretanto, antes de entrarmos na discussão desses tópicos, pedimos que os alunos recuperassem oralmente o enredo do capítulo; esse momento foi muito proveitoso, pois os alunos conseguiram expressar suas opiniões e fazer reflexões sobre as situações vividas pelos personagens do romance.

Um dos momentos mais fortes da reconstituição do enredo ocorre quando eles narram o encontro de Tobias e Maria Rita na favela, todos queriam falar ao mesmo tempo: (trecho da gravação – ver anexo)

(...)

Prof: aí ... quando / A aluna x falou uma coisa importante quando chega lá ele fica sem coragem de falar... o que o pai dele pediu pra fazer?

Al: também não sei se ele falava

Prof: Por quê?

Al: porque o bebê tava com fome ela tava passando muita fome teve que vender a cama ((alunos falam ao mesmo tempo))

Al: ele ficou sem sem o que fazer

Al: mas depois ele falou

Prof: aí o quê que ela conta pra ele?

Al: ela botou pra descer nele

Prof: o que é "botar pra descer" Al?

Al: é da um ... esculacha ele porque tá passando fome tem que vender a cama ((alunos falam ao mesmo tempo))

Al: ela diz tipo assim... quem tem filho sou eu não você ... quem sofre sou eu e meu filho ... ele não o que a mãe tá sentindo.

Al: porque passando fome ele não tava passando.

Al: e a condição deles era completamente diferente da dela.

Al: e a única coisa de valor que ela tinha era a cama... então pronto.

Dentre as atividades realizadas durante o projeto, a reconstituição oral do enredo dos capítulos foi uma das que nos surpreendia sempre, pois nesse momento os alunos tinham a oportunidade de expor abertamente as suas impressões da leitura, fazer julgamento dos personagens, enfim, eles se transportavam para o texto livres de qualquer limitação que os roteiros e/ou as atividades escritas impunham.

Nesse trecho, note-se quando o aluno diz: “também não sei se ele falava”, cujo sentido é “também não sei se eu tinha coragem de falar”, o aluno se coloca no lugar do personagem, avalia a situação por ele vivenciada, acredito que em momentos como esse a literatura consegue o que Antonio Candido (2002) chama de função humanizadora. O momento em que eles tentam reconstruir a fala de Maria Rita é polêmico, pois todos querem falar ao mesmo tempo e a situação de miséria em que vive comove a todos, por isso, nessas circunstâncias, os alunos se mostraram favoráveis à venda da cama.

Outro momento de euforia aconteceu quando os alunos começaram a relatar o primeiro encontro entre Tobias e Petúnia, todos perceberam o clima de romance, as meninas, sobretudo, queriam falar ao mesmo tempo:

Al: enquanto lá na casa né? ... no barraco ... Maria Rita já fechou né/negocio né? ... e Tobias ficou assim ... sem ação.

Al: e ao mesmo tempo que ela se apaixonou por Tobias ... Tobias se apaixonou por ela ((alunos falam ao mesmo tempo))

Al: ele ficou ... ele ficou (revendo) ele ficou pensando assim ele saía ... pra ir lá vê o pai () socorro ou se não ele ficava ele ficava ... em casa ou no barraco né? No caso ... vendo o que fazia ... aí ele ficou sem ação

Prof: o que que aconteceu quando ()?

Al: aí ele sai vai pro degrau ... e Petúnia pega ... é (manda ele ver) as lindas pernas dela ... aí ... aí Petúnia pergun/pergunta o nome dele e aí ele vai perguntar o nome de Petúnia aí Petúnia diz que não quer dizer porque o nome dela é feio

Al: e fica pensando um nome que ela vai inventar

Al: aí eles trocam telefone ... trocam endereço ... trocam (não sei o que)

Al: mas ele tímido ... ele tava tímido

Al: aí ela diz que gosta de pintar

Al: ela diz que gosta de desenhar ((alguns alunos reclamam do fato de que uma das alunas fala ininterruptamente impedindo a fala de outros alunos)).

Quando selecionamos a obra em estudo para o projeto de leitura com alunos de 8ª série do Ensino Fundamental, acreditávamos que muitos aspectos da obra iriam conquistar esses leitores, mas o romance entre os dois personagens adolescentes era, sem dúvidas, a caminho certo para instigar a leitura do livro. Depois desse capítulo – A cama no morro –, os alunos se mostraram mais curiosos para receber o capítulo seguinte, não só pelo romance, mas também pela problemática apresentada em torno da história da cama.

Em seguida a reconstituição oral do capítulo, entregamos aos alunos um roteiro de leitura. Como já havíamos informado, eles tiveram cerca de dez a quinze minutos para responder, depois passamos a discutir tópico por tópico.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão x Tobias/Elvira x Petúnia)

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Os alunos explanavam suas respostas e nós atuávamos apenas como um mediador da discussão, não os deixando extrapolar os limites do texto. No entanto, ressaltamos que no roteiro de leitura estão as primeiras respostas colocadas, pedimos que eles não alterassem as respostas após as discussões.

O primeiro tópico do roteiro aborda a temática da família, tema recorrente na obra de Lygia Bojunga, pedimos que os alunos caracterizassem a relação entre pais e filhos existente entre Zecão e Tobias / Elvira e Petúnia. Ao analisarmos as respostas reconhecemos que quatro dos roteiros apresentavam incoerência nas respostas, ou os alunos fizeram uma interpretação equivocada ao longo dos capítulos lidos até o momento:

A2: "Zecão e Tobias tinha muitas características em comum, como por exemplo, no jeito de ser quieto e forte, mas entre eles havia uma coisa que diferenciava, Zecão era muito religioso e muito calado e Tobias gostava de estudar, pois ele pensava em um futuro melhor.

Elvira e petúnia – Elvira, não era preguiçosa que é uma característica muito diferente de Petúnia.

A6: "A relação entre Zecão e Tobias é bem fechada como o próprio texto fala, Zecao por sua vez ama bastante seu filho só que ele não gosta de expressar seus sentimentos. Já a relação entre Petúnia e Elvira a relação já é mais aberta mesmo que seja aos poucos só que ainda precisa de muita aproximações."

A5: "A vida de Zecão e Tobias é bem diferente, o pai não fala com o filho nem o filho com o pai, não tem um carinho, um afeto grande pelo filho, parece que eles são bem machistas, arrogantes, mas o garoto não parece ser totalmente igual ao pai, ele parece ser mais simpático e carinhoso. Já Elvira e Petúnia é bem agitada a vida delas, Petúnia é bem faladeira, a mãe é bem controlada no que faz, sincera e que quer vê as duas filhas unidas."

A7: "Um meio pouco lógico porque eles conseguem ter uma boa amizade. Mas depois que a bisavó morre e parentes familiares querem se livrar da cama a história de vida e amizade começa era ficar diferente."

Das respostas apresentadas, fizemos uma ressalva quanto às que possam ser citadas ao longo do relato do aluno A7, esse aluno é considerado pelos professores um aluno especial, apresenta déficit de atenção, está fora da faixa-etária da turma e, conseqüentemente não possui um bom rendimento

escolar. Percebemos que ele foge totalmente da questão a ser discutida, só recupera o início da história da cama nessa família.

A resposta de A2 caracteriza mais os personagens do que a relação existente entre eles. Já em A6, o equívoco está nas considerações que tece sobre Elvira e Petúnia. Ele afirma que a relação é aberta “só que precisa de muita aproximação”, tornando a resposta confusa. A resposta de A5 parece incorrer na mesma falha de A2 preocupando-se mais com a caracterização dos personagens do que com a relação entre eles.

Das respostas que consideramos coerentes, selecionamos três para amostragem:

A4: “As atividades entre os pais e filhos, ou seja, Petúnia e Elvira, Zecão e Tobias, são muito diferentes, pois, Tobias e Zecão são mais unidos, e Tobias admira muito Zecão. Já Elvira e Petúnia são um pouco desunidas. Mas existe uma característica semelhante entre Tobias e Petúnia, eles são fechados para os pais, embora Tobias admire muito o seu pai.

A9: “A relação entre Zecão e Tobias é mais fechada onde Zecão não expõe seus sentimentos pelo filho, porém impõem respeito e faz com que o filho o admire. Já Tobias tenta mostrar seu amor e admiração pelo pai, o respeito, porém, pensa duas vezes antes de dirigir a palavra ao pai. Elvira e Petúnia têm uma relação mais aberta, onde Petúnia não tem medo de expor sua opinião nem de se dirigir a mãe para falar algo.

Na resposta de A3, ele caracteriza as relações em “fechada” e “aberta”, esses termos foram muito utilizados pelos alunos para caracterizar a relação de Tobias e Zecão como fechada, compreendemos, durante as discussões, que eles assim consideravam por haver pouco diálogo entre os dois e pelo fato de ambos se admirarem, mas não conseguirem expressar seus sentimentos. Já a relação de Petúnia e Elvira foi caracterizada como aberta por haver mais diálogo entre as personagens, por não haver, por Petúnia, receio de falar sobre qualquer assunto com a mãe. No entanto, durante as discussões, um fato nos chamou a atenção, o jeito despojado com que Petúnia responde, às vezes, à mãe foi entendido pelos alunos como falta de respeito. Os alunos acharam-na desrespeitosa, implicante,

irritante, chata, enfim, ao primeiro contato os alunos não gostaram de Petúnia. Note-se que, na resposta de A4, esta caracteriza Elvira e Petúnia como desunidas, considerando as discussões que há entre as duas; já os comentários feitos por A9 estão mais adequados a interpretação que o texto permite fazer;

No segundo tópico do roteiro de leitura, questionamos os alunos sobre qual seria a importância da cama para a família de Zecão. No geral os argumentos apresentados ressaltam o fato de a cama ser um bem de família que vem passando de uma geração para outra, além de representar uma época de fartura, de boas condições para aquela família, a promessa feita por Zecão ao pai no leito de morte é lembrada por praticamente todos os alunos e associada a ela a promessa da maldição para quem vendê-la.

A terceira pergunta do roteiro pedia que eles justificassem para qual dos personagens a cama era mais importante. Dentre as respostas apresentadas, sete argumentaram a favor de Zecão e quatro alunos a favor de M^a Rita. Os alunos que optaram por Zecão enfatizaram as justificativas apresentadas na questão anterior, enquanto que aqueles que favoreceram M^a Rita apontaram a cama como único meio para que ela saísse das condições precárias em que estava vivendo.

No momento em que discutíamos essa questão com a turma cada um deles queria enfatizar seus argumentos, falando ao mesmo tempo, então fizemos a seguinte intervenção:

Prof: Olha gente... calma por que aí a gente tá entrando na subjetividade de cada um de vocês... cada um de vocês tem uma leitura diferente diante do texto isso é ótimo... tá? E a gente não tá julgando aqui... que quem/ que quem é eu colocou Zecão tá certo e quem colocou M^a Rita tá errado muito pelo contrário é o julgamento de vocês... é o modo como vocês encaram a situação dos dois personagens... tá... porque na vida é assim às vezes diante de

determinada situação a gente tem opiniões diferentes... por que?... porque a gente faz leituras diferentes das situações... tá?

Nosso objetivo era servir como mediador da leitura fazendo-os entender que, especificamente, essa questão não se tratava de uns estarem certos e outros errados, a avaliação que cada um deles estava fazendo tocava na (ou nas) experiência(s) de vida de cada um deles, no julgamento de uma situação difícil para ambos os personagens.

O último tópico do roteiro constitui na verdade uma seqüência. Perguntamos se a realidade enfrentada por M^a Rita justificava a venda da cama. Dentre os alunos, nove afirmaram que a venda da cama era justificável diante da situação miserável em que ela se encontrava e dois alunos asseguraram que não era necessário que ela vendesse a cama. Se observarmos o tópico três, percebemos que dois alunos mudaram de opinião, já que sete foram a favor de Zecão e quatro de M^a Rita, nesse sentido, não conseguimos distinguir se eles acabaram se contradizendo ou se realmente mudaram de opinião.

Ao final da discussão do roteiro, perguntamos se alguém ainda tinha alguma colocação e, para a nossa surpresa, um dos alunos da turma chamou atenção para a linguagem utilizada no capítulo quanto à presença de palavrões:

Prof: gente sobre esse capítulo sobre o terceiro capítulo vocês tem mais alguma coisa a colocar?

Al: Eu tenho ... ()

Prof: Você gostou muito... pronto?

Al: () Porque eles citam um bocado de palavrão né?

Prof: Chamou atenção essa questão da linguagem pra você?

Al: Chamou

Prof: Chamou?

Al: Por que a maioria dos livros não tem palavrão ((alunos comentam ao mesmo tempo a presença dos palavrões no capítulo lido))

Prof: Nesse terceiro capítulo... por que vocês acham... que nesse momento aí da fala de M^a Rita... por que será que tem palavrão? ((os alunos apresentam ao mesmo tempo diferentes justificativas))... mas só quem chama palavrão é quem convive nesse nesse ambiente?

Al: Professora foi bom o livro colocar porque trouxe a realidade porque num momento difícil desse nem todo mundo vai ter/ conseguir falar normal () sem chamar nenhuma palavra assim errada num momento de nervosismo nós precisamos falar alguma palavra assim.”

Após esse momento da discussão, nos sentimos tranqüilizados pelo fato de os alunos reconhecerem o contexto e a causa desses termos estarem presentes naquele momento do texto. Depois disso, fizemos a entrega do quarto capítulo – *A cama no estúdio* – para que eles lessem em casa.

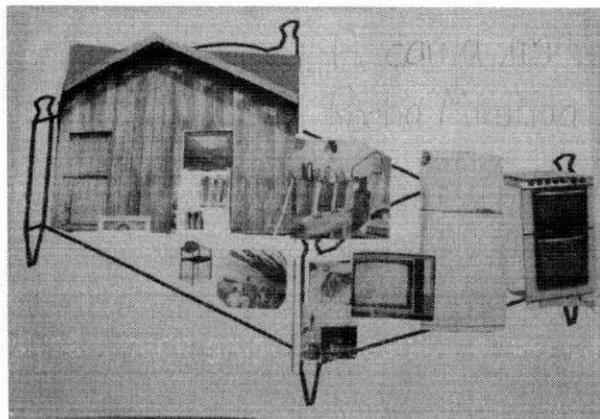
4º Encontro

No dia 29 de agosto, quarta-feira, realizamos o nosso quarto encontro do projeto de leitura. Nesse dia tivemos a presença da professora da turma-ressaltamos a sua presença pelo fato dela não poder estar presente em todos os encontros- estavam presentes onze alunos. Infelizmente, nós não temos a transcrição dessa aula nos anexos em virtude de problemas com o aparelho de mp3. Quando percebemos durante a aula que o aparelho não estava gravando, fizemos o máximo de anotações possíveis para que elas nos auxiliassem no relato da aula.

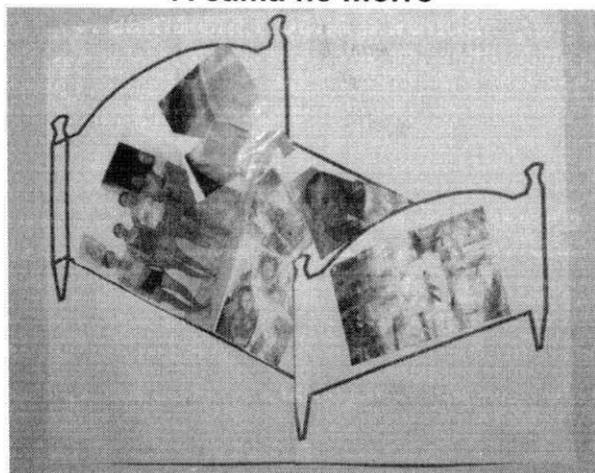
Para o primeiro momento desse encontro, sugerimos uma atividade de motivação na qual os alunos preencheriam silhuetas da cama com imagens relacionadas aos espaços que ela já havia percorrido na narrativa; dividimos a turma em três grupos, considerando os espaços de Rocha Miranda, do Morro e do estúdio – capítulo de discussão da aula –. Cada grupo recebeu uma pilha de revistas, colas e tesouras; pedimos que realizassem a atividade em, no máximo, quinze minutos, no entanto, gastamos quase meia hora para a confecção dos

cartazes. Após a conclusão, cada grupo apresentou o seu cartaz e justificou as imagens selecionadas.

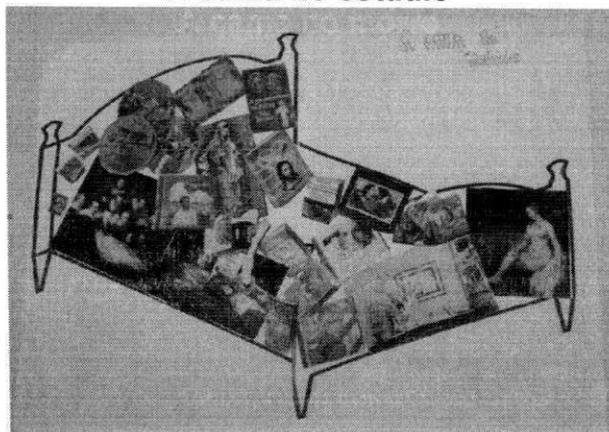
A cama em Rocha Miranda



A cama no morro



A cama no estúdio



Durante as apresentações, pudemos analisar as escolhas das imagens selecionadas pelos alunos; elas nos dizem muito sobre o modo como cada um deles lê ou leu cada um daqueles espaços. Percebe-se, por exemplo, tanto nos espaços de Rocha Miranda quanto no morro a presença de pessoas morenas ou negras, confirmando o estereótipo criado em nossa sociedade de que os afrodescendentes pertencem, na sua maioria, as camadas mais desfavorecidas de nossa sociedade. Em Rocha Miranda, os objetos selecionados estão relacionados às descrições feitas do espaço, tais como a geladeira, o fogão, a casa de taipa, uma televisão em modelo antigo, uma pia, enfim são objetos muitos simples, assim como o local descrito. No morro, além da imagem das personagens morenas e/ou negras, os alunos colocaram a imagem de um embrulho. Quando indagamos o que representava, elas afirmaram que era o tráfico existente nos morros e favelas.

Em seguida, fizemos a retomada oral do quarto capítulo, por ser um dos maiores do livro; fomos pontuando os acontecimentos que julgávamos importantes para a compreensão do enredo: a descrição do estúdio, como ela era e no que se transformou; o romance entre Rosa e Jerônimos; a presença da cama no estúdio e a leitura que Jerônimos faz desse objeto naquele espaço – a separação do casal; a falta de espaço de Petúnia em sua casa, e, por último, a venda da cama. Não nos detemos muito nesse momento da aula, pois planejamos para esse encontro um intervalo, momento considerado por Cosson (2006) fundamental no processo de letramento literário.

O texto selecionado para a realização do intervalo foi o conto “O bife e a pipoca” do livro *Tchau*, de Lygia Bojunga Nunes. A escolha do gênero conto justifica-se pelo fato de podermos fazer a leitura e análise do texto em uma aula.

Quanto ao texto especificamente, a escolha aconteceu pela aproximação com o romance em estudo. Os textos apresentam semelhanças entre os personagens, tanto os amigos do conto, quanto os protagonistas do romance pertencem a classes sociais diferentes e acabam se envolvendo afetivamente. Outro aspecto comum entre eles é o fato de se comunicarem através de cartas; além desses aspectos mais notáveis chamamos atenção também para a linguagem, buscando verificar o que seria característica da linguagem utilizada pela escritora.

Após retomarmos o quarto capítulo, explicamos aos alunos que faríamos uma leitura de um texto que não fazia parte do romance em estudo, mas que eles iriam gostar tanto quanto estavam gostando do romance. Enfatizamos que se tratava de uma história de uma bela amizade, de uma história de companheirismo e superação. Fizemos a leitura oral do conto e, nesse momento, os alunos disputavam para ler oralmente o texto. Realizada a leitura, questionamos os alunos se haviam gostado do texto e se haviam percebido alguma semelhança entre o romance abordado no projeto e o conto lido. De imediato os alunos apontaram a distinção dos dois espaços físicos, o morro/favela, e o apartamento de Petúnia e o casarão do conto; enfatizamos, após as colocações dos alunos, que além de representarem espaços físicos distintos, esse espaços representam também espaços sociais determinados.

Em seguida, pedimos que eles observassem quantos personagens já haviam aparecido no romance e quantos existiam no conto. A partir daí fomos caracterizando o gênero conto, explicando o número reduzido de personagens, de espaços, o enredo mais curto. Depois chamamos atenção para a linguagem empregada, o uso de maiúsculas, enfim, fizemos uma análise, ainda que superficial, dos aspectos temáticos e estruturais relacionados aos dois textos.

No entanto, vale a ressalva de que quando discutíamos a linguagem os alunos afirmaram que desconheciam o significado de algumas palavras, dessa forma, pedimos que, em casa, fizessem uma releitura do capítulo, anotassem todas essas palavras e pesquisassem no dicionário os seus significados que na próxima aula iríamos fazer um trabalho a partir delas.

5º Encontro

O quinto encontro aconteceu no dia 05 de setembro, quarta-feira. Estavam presentes para esse encontro onze alunos e a professora da turma. Na tentativa da resgatarmos discussões que havíamos feito na aula anterior, e que, infelizmente não conseguimos gravar em virtude de falha no aparelho de mp3, elaboramos um roteiro de leitura a fim de registrarmos os pontos discutidos.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGDA SECA
 DISCIPLINA: LINGUAGEM PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LIGIA
 SÉRIE: 8º

Discussão do IV Capítulo: A cama no estúdio e do conto O bife e a pipoca

1. Leia as palavras da lista abaixo, em seguida selecione apenas seis palavras para o preenchimento da cartela do bingo ortográfico. Você deverá procurar no dicionário o significado das palavras que escolher e anotar em seu caderno.

LACÔNICO	EXCÊNTRICO	ESTÚDIO
CLAUSTROFÓBICO	SINISTRA	
DIVA	ANTEILUVIANO	
PITORESCO	APOCALÍPTICO	

A CAMA	A CAMA	A CAMA
--------	--------	--------

Após a leitura atenta do IV capítulo – A cama no estúdio – vamos refletir sobre os seguintes aspectos:

1. Raccorda esse fragmento no texto: "... e quando me virei pro depósito ou já vi o meu estúdio" p. 22.
 - a) Qual a principal razão para Jerônimo ter transformado o depósito em seu estúdio?
 Porque ele precisava de um lugar onde ele pudesse descansar e se sentir bem.
 - b) O espaço do depósito acaba adquirindo muito da personalidade de Jerônimo. Aponete as características desse espaço que estão intimamente relacionadas ao personagem.
 É um espaço pequeno, mas muito bem decorado e organizado.
2. Sabemos que há nesse capítulo uma forte personificação da cama. localize no texto fragmentos em que se evidencie essa figura de linguagem.
 A cama é o meu amigo, é o meu porto seguro, é o meu espaço pessoal, é o meu refúgio.

3. "Casote é o nome que tinha sido dado ao chamado quarto de empregada, o cubículo embudado nos fundos do apartamento, semelhante a minúsculas e míseras de outros cubículos em outros apartamentos; espaço suficiente para abrigar uma cama curta e estreita." P. 102

No quarto capítulo, o casote acaba sendo um lugar de refúgio para Patrícia, escreva e responda:

- a) Quais as sensações que esse espaço provoca na personagem?
 Sensação de segurança, de bem estar, de paz.
- b) Quais as frases que favorecem a não permanência de Patrícia no casote?
 Não quero ficar aqui.
- c) Volte ao texto e justifique por que Patrícia afirma que "VIVA EM TRÂNSITO RUMO A UM DESTINO IGNORADO", em seguida, destaque em que situações de uso de língua e os utilize as letras em maiúsculas como aparece no texto.
 Patrícia vive em trânsito rumo a um destino ignorado.

Sobre o conto "O bife e a pipoca".

4. O conto O bife e a pipoca é do mesmo autor do livro A cama, analise os aspectos referentes a linguagem, a construção das personagens e a temática abordada e comente um que os dois textos se aproximam. Apresente argumentos ou exemplos que justifiquem o seu comentário.
 O conto O bife e a pipoca é do mesmo autor do livro A cama, analisando os aspectos referentes a linguagem, a construção das personagens e a temática abordada e comente um que os dois textos se aproximam. Apresente argumentos ou exemplos que justifiquem o seu comentário.

Os alunos declararam ter dificuldade no significado de algumas palavras, dessa forma, iniciamos o roteiro com uma atividade que envolve o estudo vocabulário das palavras citadas por eles. Apresentamos uma lista com algumas delas e pedimos que eles preenchessem uma cartela semelhante a de um bingo com essas palavras, nós faríamos o sorteio delas e só venceria o bingo o aluno que apresentasse o significado que mais se aproximasse de todas as palavras escolhidas por ele. Deixamos a correção dessa atividade por último, pois sabíamos que eles transformariam esse momento numa festa, principalmente, porque nós levamos alguns chocolates para o vencedor.

Na primeira questão teórica, abordamos dois aspectos relacionados ao espaço do estúdio, qual a razão de Jerônimos ter escolhido o depósito para transformá-lo no estúdio e depois pedimos que os alunos apontassem características do estúdio que estavam relacionadas ao personagem. Em relação à primeira pergunta, todos colocaram o mar como fator decisivo para a escolha do depósito, inclusive é possível verificar que no momento da discussão um dos alunos recupera uma das falas de Jerônimos “quando dei de cara com aquele mar o depósito virou o meu estúdio”, reforçando as respostas lidas pelos colegas. Quanto a outra questão, os alunos apontaram as paredes brancas, a cadeira em frente ao cavalete para leitura de partituras, os cd’s, livros, o divã como objetos pertencentes ao espaço que estariam relacionados a Jerônimos. Para eles estes objetos simbolizam a simplicidade do personagem, além de representarem muito da sua vida de artista.

Na segunda questão, nós solicitamos que os alunos localizassem no texto fragmentos em que estivessem evidentes a personificação da cama. Na aula anterior, nós já havíamos explicado em que consistia essa figura de linguagem; a

intenção era fazer com que eles percebessem que, em determinados momentos da narrativa, a cama parece ganhar vida. Dentre as respostas, apenas um aluno retirou um fragmento inadequado, no qual Rosa argumentava a favor da cama. Os demais retiraram fragmentos da(s) fala(s) de Jerônimos, que ressaltavam a imagem da cama como um monstro, os trechos mais recorrentes foram:

“– Rara, sim! Peça do Museu de Horrores. Na certa o Drácula dormiu nela. Ou então Frankenstein.” (...)

“– Olha pro pé dela. Pé, não: pata! E de um monstro antediluviano.” (...)

A questão seguinte aborda o espaço de Petúnia em sua casa, o caixote. No enunciado recuperamos a descrição feita do espaço e, a partir dela, sugerimos que citassem quase as sensações que o espaço provocava em Petúnia e quais os fatores que provocaram a saída dela do caixote. No entanto, para nossa surpresa metade dos alunos não responderam satisfatoriamente a primeira questão. Dois alunos afirmaram que ela sentia várias Petúnias, mas não especificaram as sensações; um aluno deixou em branco e três citaram alívio, privacidade, tristeza, raiva, orgulho, arrependimento, exaustão, em síntese, estes reconheceram os sentimentos contraditórios que o espaço despertava na personagem.

Mas quanto aos fatores que provocaram a saída de Petúnia do caixote, todos responderam a sensação de claustrofobia, relacionada ao pouco espaço de que dispunha. O último item pedia que justificassem o uso das maiúsculas, recorrente na obra bonjunguiana, presente na frase “VIVIA EM TRÂNSITO RUMO A UM DESTINO IGNORADO”, além de explicarem em que situações de uso da língua nós utilizamos maiúsculas. Apesar de nem todos escreverem por extenso que o uso da maiúscula tem uma finalidade enfática, reforçaram a idéia de que

Petúnia não tinha um lugar definido em sua casa, já havia passado por todos os ambientes possíveis, e, entretanto não tinha se identificado com nenhum deles; a segunda parte da questão foi respondida por apenas quatro alunos que justificaram o uso de maiúsculas para chamar atenção.

O quarto tópico relaciona o romance ao conto "O bife e a pipoca", os alunos deveriam comentar em que aspectos os dois textos se aproximam, considerando a linguagem, a construção das personagens e a temática, além do comentário solicitamos exemplos de fragmentos que justificassem suas respostas. As respostas estavam todas voltadas para a temática da amizade ou relacionamento afetivo entre pessoas de classes sociais diferentes. O fato de os textos apresentarem relacionamentos entre pessoas de classes sociais distintas foi o ponto mais notável para os alunos, poucos citaram o elemento linguagem, os que o fizeram não souberam explicar porque eram parecidas, ou dinâmicas, como classificaram. Percebemos que oralmente o rendimento da turma era excelente, mas quando passávamos para as atividades escritas, sobretudo, em questões que pediam para justificar, explicar ou comentar a maioria deles demonstrava ter dificuldade. Os textos produzidos por eles resumem-se a comentários superficiais dos aspectos temáticos, além de não apresentarem nenhum fragmento que justificasse as considerações feitas sobre as obras relacionadas.

A dificuldade com a escrita é tanta que apenas seis alunos entregaram o roteiro após a discussão dos tópicos, os outros pediram para refazer algumas respostas em casa, mas não entregaram na aula seguinte. O encontro também não foi gravado na íntegra, cerca de meia hora a quarenta minutos após o início da aula o aparelho não fazia mais a gravação.

Os capítulos destinados para esse encontro foram “A cama no jardim Botânico” e “A cama na indenização”. Como se tratava de dois capítulos curtos, decidimos fazer a leitura oral e compartilhada em sala. O quinto capítulo foi lido com emoção pelos alunos; esse parece ter sido o capítulo que definitivamente conquistou a todos, uma vez que é no Jardim Botânico que, pela primeira vez, Tobias e Petúnia se encontraram, longe dos olhos dos adultos. O capítulo cria uma expectativa nos leitores, em decorrência da promessa feita por Petúnia de que iria ajudar Tobias a recuperar a cama. O capítulo seguinte não estabelece uma relação direta com o quinto capítulo, vai relatar a idéia de Elvira de ser indenizada pelo trabalho que teve para comprar a cama, levar para Rosa, mas a cama foi vendida para um antiquário por Jerônimos, e agora Américo, homem de posses, pedia que ela comprasse uma cama antiga para presentear sua filha, então ela tem a idéia de comprar novamente a cama e vendê-la para Américo por um valor maior.

Ao término da leitura do sexto capítulo, os alunos estavam revoltados porque o enredo não deu continuidade ao encontro de Petúnia e Tobias. Um dos aspectos mais apontados durante a discussão dos capítulos foi o desejo de Tobias recuperar a cama, a importância que aquele objeto tinha para ele e para a sua família; outro ponto levantado foi a sensibilidade dele, o fato de chorar abraçado a Petúnia e contar toda a história da cama.

Depois de ouvirmos as impressões dos alunos (infelizmente não temos transcrição desse momento, tivemos a gravação parcial do encontro) sobre os capítulos lidos entregamos uma proposta de produção textual, na qual os alunos deveriam escrever uma carta pessoal endereçada a Petúnia propondo uma solução para que ela consiga cumprir a promessa que fez a Tobias, de recuperar

a cama. As cartas deveriam ser escritas em casa. Fizemos essa opção por acreditarmos que eles teriam mais tempo para o desenvolvimento do texto, e, sobretudo, para que um não soubesse a proposta feita pelo outro. As produções deveriam ser entregues na aula seguinte, mas só seriam abertas e lidas no último encontro, a intenção era provocar expectativa até o último momento.

6º Encontro

O sexto encontro foi realizado dia 12 de Setembro, quarta-feira, a partir das 14h; participaram desse encontro onze alunos, nesse dia não tivemos a presença da professora da turma. O encontro não pôde ser gravado, fizemos anotações no decorrer da aula que nos ajudassem a relatar as atividades desenvolvidas e as impressões dos alunos.

A aula teve início com uma rápida revisão do enredo do livro até o momento, enfatizando os capítulos abordados na aula anterior: levamos para sala uma caixinha de papelão recoberta de papel fantasia e pusemos o nome correio da Petúnia. Nela deveriam ser depositadas as cartas escritas para essa personagem. Depois de recuperarmos oralmente o enredo, pedimos que os alunos se dirigissem até o correio da Petúnia e depositassem suas cartas e mantivessem sigilo sobre as soluções apresentadas à personagem.

Os capítulos destinados para esse encontro foram “A cama no antiquário” e “A cama na idéia fixa”, como eram textos curtos, decidimos que a leitura seria feita em sala de aula. Os alunos fizeram a leitura oral de forma dinâmica, revezando as falas dos personagens; optamos por fazer as pausas para discussão logo após a leitura de cada um dos capítulos.

Tão logo concluímos a leitura, os alunos foram tecendo comentários como: “o Tobias nem apareceu nesse capítulo”; “mas o seu Gabriel só pensa em dinheiro”; depois que eles emitiram suas primeiras opiniões, começamos a fazer os direcionamentos para o estudo do texto oralmente. Inicialmente, perguntamos se eles sabiam o que era ou se algum deles já conhecera algum antiquário, conhecer eles não conheciam, mas todos souberam dizer do que se tratava: “é um lugar onde se vendem coisas velhas, antigas”. Depois abrimos um dicionário e lemos para eles o significado da palavra.

Em seguida, apresentamos a imagem de dois objetos que estava à venda em um antiquário virtual: uma cadeira de balanço em palhinha e uma cama centenária, a escolha dos objetos tem relação com o objeto-chave da obra e com a história de objetos guardados pelas famílias de alguns dos alunos da sala. As imagens circularam de mão em mão, questionamos os alunos se eles tinham noção do valor de cada um dos objetos. Eles fizeram suposições, mas nenhum chegou ao valor real dos objetos, explicamos que móveis usados, sendo de boa qualidade e dependendo da origem têm valores bem altos.

A motivação feita através das imagens serviu para que eles compreendessem o porquê de no texto aparecer a palavra *cifrão* na conversa entre seu Gabriel e Elvira tantas vezes e a cada vez que ela aparecia o seu Gabriel fazia um carinho na cama, como forma de valorizá-la ainda mais.

Depois disso, passamos a instigá-los a discutir sobre qual o valor que a cama tinha para o seu Gabriel e se ela era tão importante no espaço do antiquário como foi em outros espaços da obra. Ao falar sobre valor, três alunos associaram imediatamente a palavra ao preço. Outros já compreenderam que queríamos tratar do valor afetivo, e responderam “nenhum”, travou-se a discussão: “a

professora está falando do preço”; “não ela disse valor”; pedimos que cada um escutasse a explicação do outro. Então eles puderam explicar-se e após as justificativas, argumentamos que as respostas não estão erradas, mas se completavam e que, nesse caso afetivo, o valor da cama não existia para seu Gabriel, ele enxergava naquele objeto apenas mais uma venda, uma forma de ganhar dinheiro. Quanto ao espaço, a resposta foi unânime, definitivamente ela não tinha no antiquário o mesmo valor que em Rocha Miranda ou no Estúdio.

Além dessa discussão que consideramos central nesse capítulo, foi inevitável o comentário sobre o modo como Petúnia olhava para seu Gabriel e o fato dela lembrar de cenas sensuais e um filme que teria visto na televisão. Enfim, os alunos conseguiram perceber que, durante todo o tempo que se passava a conversa entre seu Gabriel e Elvira, Petúnia estava em devaneio; não dissemos que aquilo se chamava fluxo da consciência, mas eles conseguiram entender o que aconteceu com ela.

Em seguida fizemos a leitura do oitavo capítulo que era de apenas uma página – *A cama na idéia fixa*: como está explícito no título, Petúnia alimenta a idéia de procurar Américo, o senhor para quem sua mãe iria vender a cama, como forma de ser indenizada por todo o trabalho que teve, contar a história da cama, do seu envolvimento com Tobias e recuperar a cama.

O capítulo, por ser curto, não dispunha de muitos elementos para discussão, então chamamos atenção para alguns aspectos da linguagem, enfatizando a presença da oralidade no texto, e propomos aos alunos uma atividade a partir da oficina “O novo personagem”, sugerida por Cosson (2006). O objetivo da oficina seria fazer com que os alunos construíssem com base nas informações contidas no texto um perfil de quem seria o Américo, personagem

que iria fazer parte efetivamente do enredo a partir do capítulo seguinte. O texto seria escrito em casa pelos alunos. Em seguida entregamos o nono capítulo para que lessem também em casa, pois para próxima aula nós já teríamos muitas atividades e estávamos programando o término do projeto de leitura.

7º Encontro

O último encontro aconteceu no dia 19 de Setembro e estavam presentes dez alunos e a professora da turma. Para esse encontro, havíamos programado a leitura dos dois últimos capítulos do romance: IX – A cama no casarão e X – A cama na espera. O nono capítulo nós entregamos para que a leitura fosse feita em casa, pois sabíamos que teríamos que fazer um bom trabalho na conclusão do projeto, ou seja, retomar o que era aspecto central dos nossos estudos em relação à obra: as personagens e seus espaços.

A aula teve início com a retomada do oitavo capítulo, uma vez que foi a partir dele que sugerimos a oficina *Novo Personagem*. Da mesma forma que Petúnia, no final do oitavo capítulo, criavam expectativas em relação a Américo, os alunos-leitores também não sabiam quem ele era, o que conheciam dele foram algumas informações soltas em determinadas falas de Elvira. A primeira atividade realizada pelos alunos foi a leitura oral dos perfis que teriam escrito para Américo.¹⁵

Al: “Américo é um cara que é sério... mas também uma boa pessoa... gosta de conversar um pouco mas quando fica irritado o bicho pega chama muito palavrões se irrita... e sua/ quando era pequena era muito maltratado e via seu pai beber muito e chamava vários palavrão e vivia vendo seu pai brigar com a mãe e fez isso com várias mulheres então se tornou essa pessoa um pouco ruim e rude”

¹⁵ Não consta nos anexos os textos escritos dos alunos, tendo em vista que essa atividade foi apenas a motivação para a leitura do nono capítulo.

Al: “Américo era um homem rico que tem problemas com a filha ele é um pouquinho arrogante... desde que perdeu a mulher começou a ficar doente apaixonado por flores e possui um imenso jardim em sua casa antigamente ele gostava de ir à praia praticar esportes era um homem cheio de energia gostava de (lucrar) com a filha/ de levar a filha pra o cinema parque quando a filha começou a namorar com quem ele não queria começou a discussão entre eles... agora ele vive em casa jogando baralho com os empregados às vezes toma sol mais ele vive mais no hospital do que em casa”

Al: “Américo era filho único de um casal de classe média alta do Rio de Janeiro... aos doze anos perdeu a sua mãe seu pai entrou em depressão e morreu no ano seguinte... Américo filho único sempre foi mimado tinha tudo nas mãos (exceto) a liberdade aos dezesseis anos saiu de casa e foi parar em um bairro longínquo do seu lá encontrou várias pessoas em um bar se embriagou pela primeira vez saiu noite afora e foi descoberto no dia seguinte por (Colombo) ... Américo já bom foi levado por (Colombo) para um bairro onde Américo acabou descobrindo que morava perto perto daquele lugar e prometeu visitar seu ami/ seu novo amigo () assim que pudesse e assim foi ... Américo tinha uma mansão carros luxúria mas () visitar seu amigo (Colombo) todos os dias onde juntos jogavam sinuca e futebol... mas infelizmente Américo é: exagerava no álcool e se embriagava todos os dias não seguia os conselhos de (Colombo) que bebia com moderação... com o tempo Américo foi descobrindo mais amizades teve muitas mulheres mas () apenas (Dora) foi escolhida para ser a mãe de sua filha a Roberta uma menina rebelde e mandona (Colombo) morreu... Américo criou uma amizade com sua família... mesmo não sabendo/ Petúnia mesmo sendo/ não mesmo não sendo bem vinda na casa () assim depois de muito tempo além da bebida e das mulheres vadias a única pessoa que Américo tinha amizade fora fora do alto do casarão de sua família era a família de (Colombo) filho filha pai esposa e todos sempre ajudando Américo a deixar a bebida... depois que Américo e sua filha se mudaram do bairro perderam o contato com a família de (Colombo) isso até ser encontrado por por Petúnia () eu eterno amigo (Colombo)

Após a escuta das produções realizadas pelos alunos, começamos a questioná-los sobre o nono capítulo, se haviam gostado, o que tinha chamado atenção, explicamos a retirada dos cartazes das silhuetas das camas, mas que retomariamos e aproveitamos para enfatizar que a cama agora já estaria em outro espaço: o casarão.

Os alunos começaram a falar sobre Américo e as meninas apontavam a coragem de Petúnia, optamos então por fazer a retomada oral do capítulo para que cada um deles fosse fazendo seus comentários a partir do enredo. Essa prática utilizada durante o projeto nos chamou atenção porque todos os alunos queriam falar ao mesmo tempo, faziam questão que percebêssemos que eles haviam feito a leitura, consideramos um aspecto positivo do trabalho.

Al: inicia a cama chegando no casarão... a empregada indo atrás do Américo
Américo a cama já chegou coloca no quarto ele foi... ele se encanta pela cama
acha a cama linda
Al: bota um lençol amarelo ()
Al: é porque ele acha diz que a cama merece um colchão bordado... um
colchão não uma colcha
Al: bota um branco não isso é coisa de hospital... depois chega Petúnia
Prof: é podem falar
Al: ela vai começar a conversar com ele no escritório ((alunos falam ao mesmo
tempo)) e depois chega chega Roberta... mas só que o que a gente esperava ()
... aí depois tem a briga lá entre... Américo e Roberta
Al: ela diz que acorda mas desper/ só desperta após uma hora que acorda
Al: Roberta vai embora aí... Américo começa a bater na cama... né?... aí
Petúnia chega começa a brigar com Américo... a empregada a governanta...
como é o nome dela?
Als: Faustina
Al: Faustina ela ela se retorce na parede ((alunos sorriem))
Al: sobe na parede
Al: daí no final
Al: no final começa todo mundo ()
Al: () ((alunos sorriem))

O primeiro comentário que retomamos refere-se a Américo; um dos alunos no meio da recapitulação disse “ele é muito ignorante”, começamos por questioná-los a partir de outras atitudes do personagem para com a filha:

Prof: (..) pronto... página um sete quatro... primeiro parágrafo aí primeira
página... quando a cama chega que a Faustina vai avisar né? .. aí Américo fica
todo animado com a cama por que a filha gosta de antiguidade vai gostar da
cama entender né? ... primeiro eu queria que vocês comentassem o seguinte: o
fato de ele comprar a cama para a filha representa o quê gente?
Al: Carinho.
(...)
Prof: isso ela gosta de antiguidade tá? Então ele foi procura né?/ pedir para
Elvira comprar uma cama antiga justamente por quê? ... pra tentar agradar a
filha essa atitude
Al: mostra que ele não é de todo uma pessoa rude... né? Que se ele fosse uma
pessoa rude é é... indiferente ao sentimento da filha pela filha ele não teria
essa preocupação né? em agradar...
Al: em vestir a cama.

Nosso objetivo era fazê-los compreender que apesar das reações que Américo tem diante da indiferença da filha, ele preparou um espaço para ela, comprou uma cama nova, ele mesmo cuidou de “vestir” a cama, tentamos mostrar que esses são gestos de carinho, de cuidado.

Em seguida, retomamos a personificação da cama, aspecto que já havíamos trabalhado no capítulo “A cama no estúdio”. Muitas vezes no capítulo nove a cama aparece personificada, quando Américo diz “vamos vestir ela”, quando Petúnia, por várias vezes, repete “assim você vai matar ela”; relemos alguns trechos para que os alunos reconhecessem esse aspecto da linguagem bonjanguiana, uma espécie de antropomorfismo. No entanto, desde o início da obra, nossa vontade era que eles reconhecessem que a cama também era uma personagem, e que, nesse caso, ela era a personagem central, mas honestamente não sabíamos qual caminho seguir, ou, que orientações teríamos que fazer para que os alunos percebessem isso, para nossa surpresa trabalhar a personificação da cama foi o caminho. Reconhecemos que isso pode ter sido até uma falha na condução do projeto, querer influenciar os alunos com a leitura que tínhamos da obra, acabamos por direcionar demais.

Depois de analisarmos o personagem Américo e a personificação da cama, passamos a observar o espaço do casarão, recuperando a descrição dos ambientes; em seqüência recuperamos todas as relações familiares existentes no romance para tratarmos da relação existente entre Américo e Roberta; de imediato um aluno afirma: “não, não tem uma (relação) entre pai e filho... porque os dois vivem brigando”. A partir dos comentários feitos pelos alunos, fomos mostrando que não existia entre os dois uma relação de afetividade como as outras relações familiares já observadas na obra, que apesar de o casarão constituir um novo espaço do romance, ele não significa um novo núcleo familiar.

O último tópico do capítulo nove a ser discutido foi a atitude de Petúnia quando percebeu que Américo iria “matar a cama”. Esse foi um dos aspectos que mais chamou atenção dos alunos, sobretudo, das meninas:

Al: quando ela vem em cima Américo chega se assusta e parou claro... porque a Petúnia () meu deus como é que pode ser tão corajosa e realmente dá agonia ela falar tudo aquilo sabe? Que está preso... faz ele pensar eu dô ou não dô a cama a cama vai ficar comigo ou eu termino de quebrar ela todinha e eu deixo a promessa dela ir... pra não sei aonde. (...).

Al: ela vem e quer arrumar até um carro pra levar a cama pra casa de Tobias e aí ela fala que não cabe no carro aí ele fala a gente arruma qualquer carro.

Depois de retornarmos aos aspectos que consideramos significativos e de deixar que os alunos todos fizessem comentários, entregamos o último capítulo do livro “A cama na espera”. Ele foi lido com muita curiosidade por todos, mas algumas alunas não gostaram do final. Percebemos que elas queriam ouvir e/ou ler o famoso final dos contos de fadas “e foram felizes para sempre”. Em seqüência, colocamos sobre uma carteira a caixinha do Correio da Petúnia, abrimos e devolvemos a cada aluno as cartas que escreveram para a personagem; agora era o momento deles lerem suas cartas e nós verificarmos quem mais se aproximou da solução encontrada por Petúnia. Dentre as cartas, a que exemplificamos abaixo propõe o diálogo , como fez Petúnia:

Oi Petunio??

Que situação difícil não se metel, hem?
 Tome cuidado é uma situação muito delicada, pois promessa é dívida, e Iliana não está esperando por você, ele confia em você que te alerta, dizendo, não prometa o que você não pode cumprir, porém você repetiu a promessa, agora não que não fazer, para conseguir a cama.

Porém, nem tudo está perdido, você fala muito e fala bem, pode tentar convencer sua mãe, ou de mesmo o America, mais a Peluca, explique a situação da família a eles, tentando conseguir a cama dada ou comprada por menor preço. lembre-se nem tudo dura eternamente, então essa cama não vai ficar para sempre com America nem com ninguém, pode ser que fique na família de Iliana para sempre, porém não vai ficar para sempre nem com ele nem com seu pai.

oi wiga tudo bom?

Pensei bem naquilo que você disse e acho que sei um jeito de sua mãe te dar a cama, já que você fracassou nas suas outras tentativas, acho que você deve partir pra chantagem começa dizendo pra ela que se importa mais com a roupa do que com você, e lembra: na ela que o nome da rosa é mais bonito que o seu.

Diz que é por isso que ela deu a cama pra rosa, e se fosse a rosa pedindo a ela pra que ela desse a cama ela daria mesmo. Seo Américo desse um fortuna na cama.

Fala que o Tobias não é um cara como o genonimus que faz dispeita mesmo recebendo um present.

Te daqueles

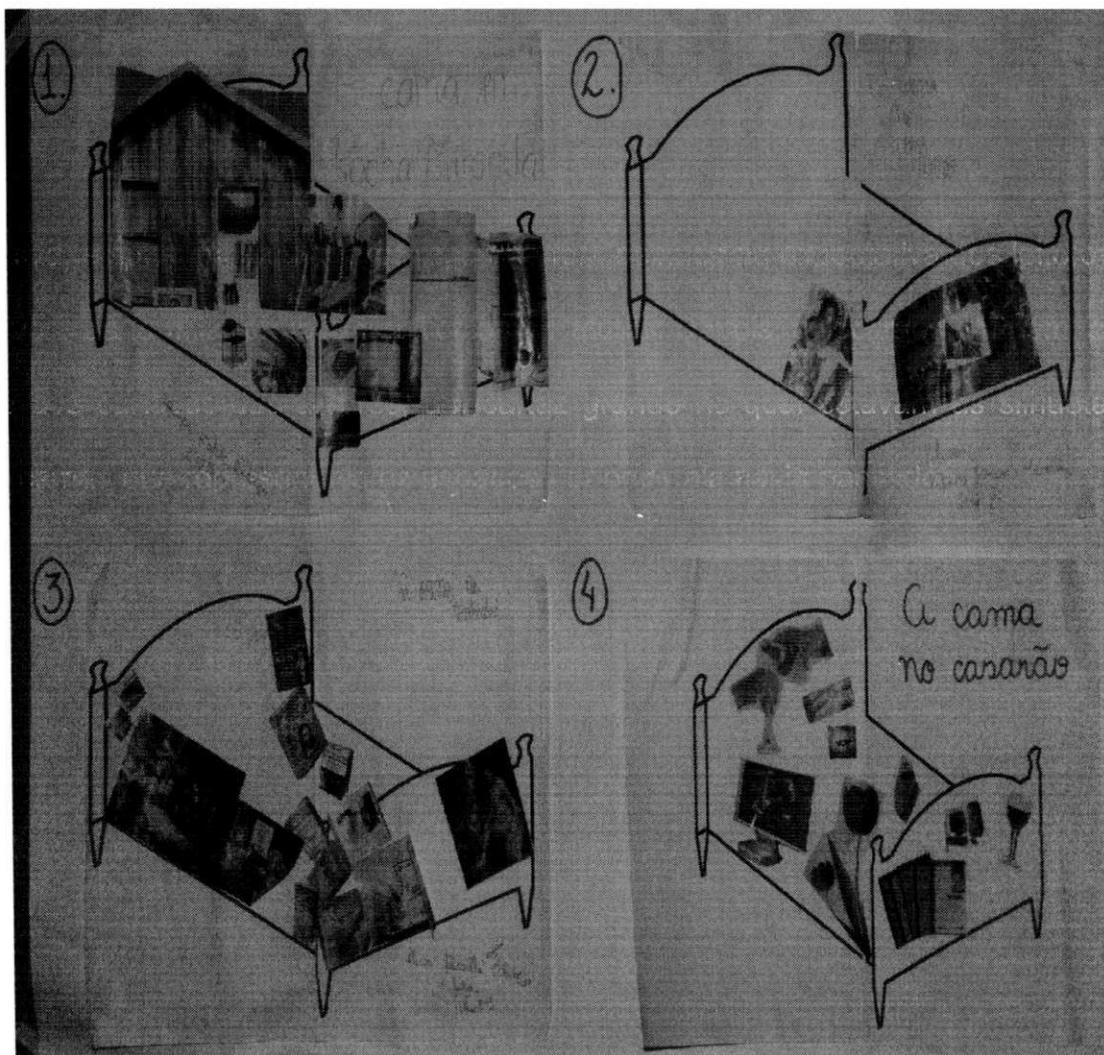
RESPONDE!

Xau e diz como é q ficou o mundo.



Em seguida, colocamos no centro da sala as duas árvores genealógicas que construímos no segundo encontro: a da família de Tobias e a da família de

Petúnia, e sugerimos uma terceira, a que fora deixada na expectativa dos leitores, a árvore da família formada por Tobias e Petúnia. Depois, colocamos também, ao lado dos cartazes das árvores, um cartaz grande no qual estavam as silhuetas das camas que representava os espaços por onde ela havia passado.



(como já fazia alguns dias que os cartazes estavam fixados na sala, algumas figuras haviam caído dos cartazes)

Prof: Vocês percebem?

Al: é um círculo

Prof: é...é... fechou um círculo

Al: Deja vu

Prof: ela vai pra cá e volta... pro mesmo lugar... pra família de origem

Al: Deja vu

Prof: então... existe... você tá falando de deja vu... é uma ideia muito é um conceito muito interessante sabe porque eu não vou tratar ...mas que é assim a ideia de tempo cíclico... ou... a ideia de... cíclica né? ... de alguma coisa que se repete como o deja vu, está presente desde a Bíblia né? A vida da gente, se a gente pensa na... do pó nascemos e ao pó voltaremos é a questão do tempo cíclico... se a gente pensar por exemplo na atividade do agricultor do plantar no colher... é tudo uma questão de tempo cíclico né? ... existe um tempo pra tudo e parece que a cama tá cumprindo esse tempo também... ela sai desse espaço percorre um monte de lugares e volta... para seu lugar de origem... Tá... então isso eu queria que vocês/ pra marcar uma questão de espaço né? (...)

Após apresentarmos a seqüência das silhuetas das comas, os alunos perceberam facilmente a ideia de circularidade que há em relação aos espaços percorridos, no entanto nos surpreendemos quando um dos alunos insistentemente falava em deja vu. Como nosso propósito era fazê-los perceber a ideia de tempo cíclico, não nos detemos nesse conceito, mas isso nos mostra que não devemos nunca subestimar a capacidade de nossos alunos. A última atividade realizada por eles foi a produção de um epílogo para a obra estudada, explicamos o que era o epílogo, pedimos que cada um fizesse o seu e depois que todos terminaram cada um leu seu texto, esses textos foram marcados por finais felizes e continuidade na história da cama.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 39 / 49 / 07
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
ALUNO (A):

PROJETO DE LEITURA
6º Encontro
A CAMA

1. Sabendo que *epílogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

30 anos depois, Tobias estava casado com Petúnia e juntos ~~tiveram~~ tiveram uma filha a qual deu o nome de ~~Margarida~~ Rosa Margarida do Jardim, Petúnia e Tobias estavam com 45 anos sua filha com 15 e juntos no casamento de Rosa Margarida. A cerimônia tinha ocorrido e todos estavam em uma festa em um jardim de um alto casarão, que não era mais de seus avós e sim de Petúnia, Rosa e Margarida.

Enquanto todos estavam no festa, no momento do critério do caso pelo qual deu acesso a um quarto, dentro dele havia algo grande e grande rodadas de flores amarelas. O noivo Rosa Margarida e Guilherme um homem mais alto, Rosa Margarida falou:

- Vai, por favor amor, ela é perfeita pra tua de mel! Eu imploro.

E Guilherme falou triste:

- Mas ela vai ser tudo!

Ao término da aula, os alunos pediram para que no 4º bimestre nós realizássemos outro projeto de leitura, pois haviam gostado muito, uns afirmaram que iam sentir falta da leitura e dos encontros. De toda a experiência realizada durante o projeto, fica uma certeza, nenhum gênero do discurso tem a capacidade

de provocar no leitor o envolvimento com o texto que a literatura propicia; o texto literário não permite ao seu leitor a indiferença; o leitor do texto literário é convidado a participar do processo de humanização sempre.

Já no período de reflexão da experiência, realizamos uma entrevista com a professora da turma, perguntando sobre as reações e os comentários que ela escutou em sala dos alunos, se a experiência havia instigado-os a ler outros títulos, e se ela, como professora, sentiu-se provocada pela experiência. As respostas foram muito positivas. Segundo ela, outras leituras foram realizadas no último bimestre, ela afirma também que considera a experiência significativa na formação desses leitores. Dessa forma, acreditamos que um pequeno passo foi dado para a tentativa de uma proposta de abordagem do texto literário que signifique para o aluno, que contribua na sua formação de leitor crítico.

A experiência para nós, não é um fim, mas um pontapé para outras investigações no âmbito do estudo do texto literário em sala de aula, sabemos que há muito ainda para ser feito, sabemos que o processo de construção de leitores críticos da literatura não se dá de imediato, porém, temos a certeza e o compromisso de que algo está sendo feito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao postular as teses da Estética da recepção, Hans R. Jauss (1994) afirma partir de onde as outras correntes da teoria literária haviam parado: a preocupação com o leitor, esse elemento sem o qual a obra não se realiza. Para Jauss, a vida histórica da obra literária não pode ser concebida sem a participação ativa de seu destinatário.

Em concordância com tal proposta é que nos dispomos nessa pesquisa a investigar a recepção do texto literário em adolescentes da 8ª série do Ensino Fundamental, analisando como se dava a interação entre texto e leitor. Nosso intuito era provar que havia possibilidades de, através de uma abordagem metodológica significativa, fazer com que os alunos reagissem ao texto literário positivamente.

Para a construção dessa abordagem metodológica, recorreremos à proposta de letramento literário fundamentada por Rildo Cosson (2006). Pautada na mesma concepção de letramento literário- concepção maior de uso da escrita, o letramento literário apresenta-se como uma proposta de ensino da leitura literária na escola básica cujo objetivo é formar uma comunidade de leitores que reconheçam o valor da literatura e sua função social.

Por meio dessas duas propostas, ambas voltadas para o leitor, é que acreditamos ter conseguido realizar uma experiência de leitura literária significativa com os alunos envolvidos no projeto.

Um dos primeiros aspectos que nos permitem fazer essa leitura foi a presença de cada um deles no turno oposto ao que estudavam para a realização de um projeto que, na prática, não valeria nenhuma nota na disciplina de Língua

Portuguesa. Esse foi o nosso primeiro desafio: fazê-los acreditar em nossa proposta e conquistá-los enquanto leitores.

Ao longo dos encontros, fomos nos surpreendendo com a participação deles diante das atividades propostas fossem elas orais ou escritas. As reflexões, nos momentos de discussões, as associações que faziam entre as tensões vivenciadas pelas personagens e as suas histórias de vida; tudo isso nos permite afirmar não só que houve interação entre o texto e os leitores, como também a ampliação de seus horizontes de expectativas.

Essa leitura literária significativa foi possível não só pelas teorias empregadas, mas, sobretudo, por se tratar de uma obra que instiga os leitores desde a linguagem até os conflitos vividos pelos personagens. Apesar de estarmos diante de um livro de literatura infanto-juvenil as tensões aqui não aparecem minimizadas, não se trata de um romance água-com-açúcar, mas de um romance que provoca o leitor e contribui para sua formação crítica.

Quanto à contribuição deixada para nós, enquanto professores de literatura, um aspecto foi marcante, após a conclusão da experiência pudemos perceber como ainda estamos impregnados pela tradição da escolarização do texto literário. Mesmo tendo como objetivo focalizar o leitor, em alguns momentos, mantivemos, sem perceber, uma postura muito diretiva, querendo fazê-los perceber o que havíamos descoberto em nossa leitura da obra. Admitimos ainda, que o projeto foi longo com muitas atividades para os alunos. No entanto, a falha cometida torna-se pequena diante dos demais objetivos alcançados : a leitura literária significativa para os alunos do ensino básico.

A experiência nos trouxe ainda a certeza de que não podemos mais escolarizar o texto literário sem que este tenha qualquer significado para os

alunos-leitores. É preciso refletir sobre a nossa prática em sala de aula e nos questionarmos sobre o porquê desses alunos resistirem às leituras indicadas pela escola, mas “devorarem” livros como Harry Potter ou O código da Vinci; deixamos aqui a provocação. E esperamos ter contribuído e suscitado para os demais pesquisadores da área o desejo de buscar outras possibilidades de abordagem do texto literário na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONTES PRIMÁRIAS

- NUNES, Lygia Bojunga. *Os colegas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972
- _____. *Angélica*. Rio de Janeiro: Agir, 1975
- _____. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Agir, 1976
- _____. *A casa da madrinha*. Rio de Janeiro: Agir, 1978
- _____. *Corda bamba*. Rio de Janeiro: Agir, 1979
- _____. *O sofá estampado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980
- _____. *Tchau*. Rio de Janeiro: Agir, 1984
- _____. *O meu amigo pintor*. Rio de Janeiro: Agir, 1987
- _____. *Nós três*. Rio de Janeiro: Agir, 1987
- _____. *Livro, um encontro com Lygia Bojunga*. Rio de Janeiro: Agir, 1988
- _____. *O pintor* (teatro). Rio de Janeiro: Agir, 1989
- _____. *Nós três* (teatro). Rio de Janeiro: Agir, 1989
- _____. *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Agir, 1991
- _____. *Paisagem*. Rio de Janeiro: Agir, 1992
- _____. *Seis vezes Lucas*. Rio de Janeiro: Agir, 1995
- _____. *O abraço*. Rio de Janeiro: Agir, 1995
- _____. *Feito à mão*. Rio de Janeiro: Agir, 1996
- _____. *A cama*. Rio de Janeiro: Agir, 1999
- _____. *O Rio e eu*. Rio de Janeiro: Agir, 1999
- _____. *Retratos de Carolina*. Rio de Janeiro: Casa de Lygia Bojunga, 2002
- _____. *Aula de inglês*. Rio de Janeiro: Casa de Lygia Bojunga, 2006
- _____. *Sapato de salto*. Rio de Janeiro: Casa de Lygia Bojunga, 2006
- _____. *Dos vinte 1*. Rio de Janeiro: Casa de Lygia Bojunga, 2007

2. FONTES SECUNDÁRIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scpione, 1997

- AGUIAR, Vera Teixeira, MARTHA, Alice Áurea Penteado (orgs.). *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 19081
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1988
- ASFORA, Margaret de Araújo. *Lygia Bojunga Nunes e a renovação da literatura infantil brasileira*. João Pessoa: UFPB, 1988
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. Rio de Janeiro. *Normas ABNT sobre documentação*. Rio de Janeiro, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rosemary Costhek Abílio (trad). São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAKTIN, Michail. *Questões de literatura e de estética*. Trad. Aurora Fornani Bernandini et alii. São Paulo: UNESP/HUCITC, 1988.
- BETTELHEIM, Bruno. *Na terra das fadas: análise dos personagens femininos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000
- CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CANDIDO, Antonio et ali. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1997
- CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CECCANTINI, João Luís C. T. (org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004.
- CHIAPPINI, Lígia. *Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria e análise: das origens ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quíron, 1983.

- _____. *Dicionário crítico da literatura infantil/ juvenil brasileira. 1882-1982.* São Paulo: Quíron, 1983
- DAMAZIO, Reinaldo Luiz. *O que é criança.* 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991
- DEMO, Pedro. *Leitores para sempre.* Porto Alegre: Mediação, 2006.
- DIAS, Luiz Francisco. *A nova magia. Leia Escola.* Campina Grande, Ano 1, N1, 1996.p.11-16
- FARIAS FILHO, Otavio & CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato.* Chapecó: Grifos, 1999
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Literatura infanto-juvenil: arte ou pedagogia moral?* São Paulo: Cortez, 1983
- FILHO, Domício Proença. *A linguagem literária.* 7 ed. São Paulo: Ática, 1999
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária.* Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JOUBE, Vicent. *A leitura.* Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002.
- KHÉDE, Sonia Salomão. (org.) *Literatura infanto-juvenil. Um gênero polêmico.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1983
- _____. Sonia Salomão. *Literatura infanto-juvenil: ideologia e consciência.* In. *Literatura infanto-juvenil.* Revista Tempo Brasileira. Rio de Janeiro, 1980
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias.* 4.ed. São Paulo: Ática, 1988
- _____. Marisa. *A voz infantil da e na literatura infantil.* Linha D'água. São Paulo, v.5, p.33-51
- _____. Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo.* 5 ed. São Paulo: Ática, 2000
- LOPES, Eliane Marta Teixeira & GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. (organizadoras). *Lendo e escrevendo Lobato.* Belo Horizonte: Autêntica, 1999
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola.* São Paulo: Martins Fontes, 1989
- MARTINS, Aracy Alves, BRANDÃO, Heliana M^a Brina, MACHADO, M^a Zélia Versiani (orgs.). *Escolarização da leitura literária.* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura.* 19^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy, PAULINO, Graça, VERSIANI, Zélia (orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos.* Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

- PALO, Maria José & OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura infantil: voz de criança*. 3 ed. São Paulo: Ática
- PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986
- RICHE, Rosa Maria Cuba. *O feminismo na literatura infantil e juvenil brasileira: poder, desejo e memória*. IN. Mulher e Literatura VII Seminário Nacional. Niterói, Rio de Janeiro: EdUFF, 1999; p. 185-190
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1984
- SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga. As reinações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987
- SILVA, Vera Maria T. *Literatura infanto-juvenil: seis autores, seis estudos*. Goiânia: UFG, 1994
- SOUZA, Ana Lúcia Maria de. *A linguagem poética de Lygia Bojunga Nunes*. Leia Escola. Campina Grande, Ano 1, n 1, 1996. p.17-22
- SOUZA, Glória Pimentel Correia Botelho de. *A literatura infanto-juvenil vai muito bem, obrigada!* São Paulo: DCL, 2006
- SOUZA, Malu Zoega de. *Literatura juvenil em questão: aventura e desventura de heróis menores*. São Paulo: Cortez, 2001
- TURCHI, Maria Zaira & SILVA, Vera Maria T. (organizadoras). *Literatura infanto-juvenil: leituras críticas*. Goiânia: UFG, 2002
- YUNES, Eliana (org). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 4 ed. São Paulo: Global, 1993
- ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil. Autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.
- ZILBERMAN, Regina. (org.) . *Atualidade em Monteiro Lobato. Uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983
- _____. *A literatura infantil na escola*. 8 ed. São Paulo: Global, 1994
- _____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. (org.) *A produção cultural para a criança*. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984

Anexos

ANEXOS

1. PLANEJAMENTO DOS ENCONTROS
2. TRANSCRIÇÃO DAS AULAS
3. CÓPIAS DAS ATIVIDADES DOS ALUNOS
4. FOTOS DOS CARTAZES E DOS ALUNOS

1ª PARTE: PLANEJAMENTO DOS ENCONTROS

PROJETO DE LEITURA A CAMA – LYGIA BOJUNGA

1. Divisão da obra por aula:

1º aula: I e II caps. A cama na lembrança e A cama na foto antiga;

2º aula: III cap. A cama no morro

3º aula: IV cap. A cama no estúdio

4º aula: V e VI caps. A cama no Jardim botânico e A cama na indenização

5º aula: VII e VIII caps. A cama no antiquário e A cama na idéia fixa

6º aula: IX e X caps: A cama no casarão e A cama na espera

Apresentação do projeto

1. Explicar aos alunos em que consiste o projeto de leitura;
(Objetivos: partilhar uma obra da qual eu gosto muito e realizar uma experiência a partir da proposta de letramento literário)
2. Apresentar a autora e a obra (enfocar o contexto em que surgiu a obra de Lygia Bojunga, falar sobre a qualidade estética de sua obra)
3. Expor a proposta de divisão dos capítulos: informar os capítulos e as datas das aulas;
4. Após a observação dos títulos de cada capítulo pedi aos alunos que escrevessem o que eles esperavam ler naquela obra. (como uma formulação de hipóteses a partir dos títulos)

1º ENCONTRO (08/08/07):

I CAP. A CAMA NA LEMBRANÇA

II CAP. A CAMA NA FOTO ANTIGA

1. MOTIVAÇÃO (10 MIN)

- _ Levar um objeto que tenha passado de uma geração para outra na família (colcha de crochê);
- _ Promover a discussão a partir da pergunta: Você teria coragem de vender um objeto de sua família que tenha passado dos seus avós para seus pais?

2. LEITURA SILENCIOSA (DOS DOIS CAPÍTULOS) 15 MIN.**3. LEITURA ORAL POR CAPÍTULO (APÓS A LEITURA DO PRIMEIRO CAPÍTULO PAUSA PARA COMENTÁRIOS OU INTERPRETAÇÕES DOS ALUNOS, LEITURA DO SEGUNDO CAPÍTULO E DISCUSSÃO- SELECIONAR TEMAS???OU DEIXAR LIVRE??) 25MIN****4. FAZER UM LEVANTAMENTO DOS PERSONAGENS QUE APARECERAM ATÉ O MOMENTO NA OBRA, ATENTANDO PARA OS ESPAÇOS A QUE PERTENCEM CADA UM DELES – P/ CASA? PROPOSTA DA ÁRVORE GENEALÓGICA**

2º ENCONTRO (17/08/07):
III CAP. “A CAMA NO MORRO”

1. Aplicar com os alunos um questionário a fim de traçar o perfil de leitores com os quais estamos trabalhando, nesse mesmo momento a professora também estará respondendo um questionário sobre o seu perfil de leitora e as práticas de leitura aplicadas com seus alunos.
(5 mint.)

2. MOTIVAÇÃO

- Retomar a leitura dos capítulos anteriores a partir da montagem com os alunos da árvore genealógica, colando as fotos que eles trouxeram para dar cara a cada um dos personagens;
(10 mint)

3. III CAP. “ A CAMA NO MORRO”

- Questioná-los sobre as impressões do capítulo rapidamente e entregar o roteiro de discussão para que respondam em silêncio, expondo sua opinião sobre os aspectos levantados; (tempo de aplicação- 10 mint.)

4. Discussão de cada um dos tópicos abordados no roteiro de leitura, atentando para as interpretações permitidas pelo texto; (após a discussão recolher os roteiros para análise)

5. Entrega do 4º Cap. “ A cama no estúdio ”

3º ENCONTRO (29/08/07) :

IV CAP. “ A CAMA NO ESTÚDIO ”

1. **MOTIVAÇÃO:** . Montagem dos espaços percorridos pela cama-
preenchimento de imagens que caracterizam cada um dos espaços.

(3 cartazes com a silhueta da cama cada um representará um espaço que a cama já percorreu: 1. Rocha Miranda, 2. morro, 3. estúdio)

2. Retomada oralmente do 4º cap. – recapitulação
3. Leitura do conto “O bife e a pipoca ”- do Livro Tchou de Lygia Bojunga
4. Abordar a linguagem tanto do conto, chamando atenção para as semelhanças com o capítulo trabalhado; abordar o gênero conto, apresentando algumas características; quanto aos aspectos temáticos direcionar as perguntas para que eles observem a distinção das duas classes sociais.

4º ENCONTRO (05/09/07) :

V CAP. “ A CAMA NO JARDIM BOTÂNICO”

VI CAP. “ A CAMA NA INDENIZAÇÃO ”

1. Retomar a discussão sobre o VI capítulo e o conto “O bife e a pipoca” através de um roteiro de estudo.

Entrega do roteiro. Determinar entre 15 a 20 minutos para a resolução individual do exercício; depois discutir oralmente as questões ouvindo as respostas dos alunos;

Entrega da proposta de produção textual para os alunos, ressaltar que essa carta será endereçada para Petúnia, deverá ser entregue na próxima aula, mas só será aberta no último encontro.

2. Leitura oral e compartilhada dos capítulos referentes a esse encontro.

5º ENCONTRO (12/09/07) :**VII CAP. “ A CAMA NO ANTIQUÁRIO”****VIII CAP. “ A CAMA NA IDÉIA FIXA ”**

1. Recuperar o que foi visto na aula anterior através de uma conversa informal;
2. Receber as cartas escritas para Petúnia e depositá-las na caixa da correio da Petúnia;
3. Leitura oral e compartilhada dos capítulos referentes a esse encontro;

Sobre o VII capítulo discutir se eles sabem o que é e para que serve um antiquário, apresentar imagens de objetos centenários que são vendidos em antiquários através da internet, expor duas fotos de objetos: uma cadeira de balanço em palhinha e uma cama , discutir o preço desses objetos e os sentimentos que podem estar em torno da história de cada uma desses objetos, por fim questionar que valor a cama assume nesse novo espaço.

Quanto ao VIII capítulo, no qual a personagem Petúnia decide ir a procura de Américo novo personagem da narrativa, decidimos trabalhar a partir de uma oficina sugerida no livro de Rildo Cosson, a oficina Novo personagem consiste em instigar os alunos a imaginarem como é ou como será a narrativa com a chegada desse novo personagem.

4. Entrega do IX capítulo para leitura em casa.

6º ENCONTRO (19/09/07)
IX CAP. “ A CAMA NO CASARÃO ”
X CAP. “ A CAMA NA ESPERA”

1. Retomar a oficina Novo personagem, pedindo que os alunos leiam os textos que produziram sobre Américo;
2. Discussão do IX capítulo: observar o novo espaço da narrativa, os novos personagens (Américo e Roberta), discutir se esse novo espaço constitui também um novo núcleo familiar, discutir o tipo de relação existente entre pai e filha, recuperando as demais relações existentes nessa obra.
3. :Leitura do último capítulo “A cama na espera ” , compartilhar as impressões dos alunos enquanto leitores ;
4. Recuperar através dos cartazes com as silhuetas da cama de cada espaço e apresentando a desse novo espaço, o casarão, a idéia de tempo cíclico na obra ;
5. Abrir o correio da Petúnia e pedir que os alunos leiam as sugestões que haviam enviado para que Petúnia recuperasse a cama;
6. Pedir que cada um escreva rapidamente um epílogo para a obra , inicialmente explicar o que é um epílogo;
7. :Confraternização com a turma.

2ª PARTE: TRANSCRIÇÃO DAS AULAS

Aula 1 Dia:

Contexto de gravação:

Prof: olha então gente na semana passada... nós combinamos... né?... de começarmos hoje o projeto com o livro a cama tá?... então a gente vai começar a primeira parte e aí eu não sei porque vocês não perguntaram sobre isso aqui

Al: pra que é isso professora?...

Al: (a gente tava curioso) ((alunos falam ao mesmo tempo))

Al: pra que é isso professora?... eu pensei que era pra senhora se enrolar

A: () da vó dela ((alunos falam ao mesmo tempo))

Prof: então assim... essa... essa... eu trouxe na verdade essa colcha... pra você contar a história dela... e pra a partir daí a gente entrar numa discussão... né?... então assim... é... essas duas colchas... essa é uma colcha tá acabada... e essa daqui... ((uma professora da classe entra na sala de aula)) oi Fernanda... a gente começou agora agora

Prof2: boa tarde

A1s: boa tarde ((as duas professoras conversam a respeito da possibilidade de atribuição de notas às atividades desenvolvidas no âmbito do projeto))

Prof: olha então eu trouxe a colcha () eu entrei ali ninguém perguntou pra que era Fernanda... então assim pensei que eles iam perguntar... mas eles tão me decepcionando

Al: é pra gente dormir ()

Prof: não é pra enrolar Fábio... assim gente eu trouxe pra a gente entrar no mérito da discussão e vocês poderem entender... tá?... sobre o que é mais ou menos sobre o que a gente vai tratar... talvez todos vocês tenham uma histó/ um rela/ uma história semelhante a que eu vou contar... então assim... essas duas colchas... tanto essa quanto essa... foram feitas pela mesma pessoa foram feitas pela minha vó... a mãe de dona Júlia né? que fazia... crochê e fazia tricô... essa colcha... essa aqui que foi terminada ela tem uma história assim... quando minha mãe tava grávida minha vó fez pra receber o filho quando chegasse em casa ... que arruma toda a casa... quem tem irmão menor tem deve ter vivenciado a mãe organizando a casa preparando o enxoval... então a gente recebe muita visita então... minha vó fez essa colcha quando minha mãe tava grávida de Emanuel... né? pra arrumar o quarto... e essa daqui... ela tem uma história assim um pouco triste... porque essa colcha aqui na verdade ela nunca foi terminada... minha vó morava com a gente né? depois de certo tempo ela fazia crochê... depois de certo tempo... ela ficou muito doente... então foi uma colcha que ela começou mas ela não terminou porque ela morreu... tá?... então assim nem a última parte... que era essa última parte pra colar né?... pra costurar aliás... junto dessa... foi costurada... minha mãe nunca mexeu... então assim isso aqui a gente guarda como relíquia... é uma coisa... é uma coisa de família assim... que... pra gente... é uma memória uma lembrança muito forte que a gente tem dela... porque nos últimos dias/ por exemplo/ nós últimos dias quando ela já tava assim muito ruinzinha né? já tava com uma crise muito forte de asma e de de coração... que ela tinha as duas doenças né?... então a gen/ as últimas lembranças que a gente tem é dela sentada na cadeira terminando essa colcha... né?... terminando de fazer é é essa aqui... que a gente nunca teve coragem de... de costurar... então assim por que é que eu trouxe a colcha?... pra mostrar assim que na na minha casa na minha família né?... a gente tem é é... isso aqui pra gente representa uma história muito forte... né?... uma história que a gente... é triste ao mesmo tempo é uma forma de lembrar dela... de recordar dela... aí eu queria saber assim na na família de vocês vocês tem conhecimento assim... de algum objeto... de alguma coisa... que fale um pouco que tenha passado

- assim dos avós pra os pais de vocês?... vocês lembram de algum objeto de alguma coisa?... alguém tem alguma coisa do avô que passou pra o pai ou pra mãe?
- Al:** não... que passou assim não... mas é como um objeto de lembrança... porque meu avô quando dava assim... no finzinho de tarde... ele ele gostava de ir lá pra calçada de ca/ de casa... botava uma cadeira de balanço e ficava lá se balançando... aí toda vez que eu chego lá em vovó... que eu olho pra cadeira eu me lembro de vovô e ele já morreu daí dá uma tristeza uma saudade... ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Prof:** então vocês tem a cadeira né?
- Prof:** tá na sua casa é?
- Al:** é porque ela passou dois anos lá comigo... aí quando a pessoa olha pra casa olha pro o quarto onde ela ficava eu lembro dela lá reclamando... ela sentava na cadeira perto da hora do jantar... aí ela começa a (reclamar) olha esse () solto... não sai nada () só vive reclamando
- Al:** da minha bisavó... e eu tenho uma cadeira lá em casa também
- Prof:** também do avô?
- Al:** ahn ahn
- Prof:** então vejam só agora eu vou colocar outro questionamento para vocês que falaram... vocês teriam coragem de vender a cadeira? se desfazer da cadeira?... vocês outros teriam coragem de vender algum objeto que foi passado de pai pra filho?
- Als:** não
- Prof:** ou de avô pra avó... hein?
- Als:** não
- Prof:** em hipótese nenhuma?
- Als:** nenhuma
- Prof:** nenhuma?
- Al:** minha avó tinha... minha vó () a máquina de costura que é intocável e da outra essa cadeira que ficou lá em casa mas não pode vender nem nada
- Prof:** certo agora então vocês... então vocês colocaram as opiniões de vocês né? sobre esse tema que eu que eu puxei a partir da cama... então agora vocês vão ler... a gente vai passar pra o texto... que de início vai tratar um pouco né?... desse/ de um objeto né?... que passa de de uma família... é de uma geração pra outra e aí depois a gente vai discutir se vocês mudam de opinião ou não... todo mundo afirma que não venderia né?... de jeito nenhum... então vamos lá gente... a gente vai fazer o seguinte... eu vou distribuir com vocês... ((professora distribui os capítulos um e dois do livro "A Cama" de Lygia Bojunga)) eu vou explicar tá gente só um minutinho
- Al:** ()
- Prof:** não... é de vocês o material todo mundo recebeu?... gente oh... como eu já avisei na aula passada vocês lembram que eu mostrei toda a divisão do projeto... né?... então pra hoje nós estamos programando é a leitura e a discussão do primeiro e do segundo capítulo tá?... então vejam só... aí nós temos o primeiro e o segundo capítulo que vocês já viram vocês vão ver que são curtinhos tá?... então é preciso que vocês é... primeiro conheçam o texto então a gente vai primeiro fazer uma leitura... uma leitura tá?... cada um lê o seu texto... silenciosamente... vão ler os dois capítulos... pra gente depois passar pra discussão okay?... então nesse momento é importante que vocês levem a sério esse primeiro momento de leitura... porque vocês/ é o primeiro contato de vocês com o texto... tá bom gente?... todo mundo lê quem quiser riscar o material colocar observações... as impressões que vocês tem do texto tá?... ah eu achei legal esse parágrafo aqui então marca podem riscar é seu... okay?... então eu vou marcar aqui eu vou deixar é o tempo livre... mas quando vocês terminarem aí vocês avisem tá?... pra gente entrar na discussão ((alunos realizam a leitura silenciosa dos capítulos um e dois do livro durante aproximadamente trinta minutos))
- (...)
- Prof:** vamos Amon vamos começar gente... então oh gente como vocês fizeram a leitura silenciosa
- Al:** falta muito tempo?
- Prof:** então termina
- Al:** falta uma página
- Prof:** desculpa Júnior ((professora requisita o auxílio dos alunos para realização da leitura oral dos capítulos))

- Prof:** pronto gente então podemos começar gente?... então as meninas vão dividir a leitura é... já que a gente teve tanto barulho na leitura silenciosa que eu sei que atrapalha... da próxima semana a gente procura um lugar mais calmo mas vamos prestar atenção na leitura oral porque a gente consegue captar o que né?... o que não ficou muito claro na leitura silenciosa tá okay?... acompanhando viu Fábio?... abra aí
- Al:** posso começar?
- Prof:** pode Micaely... comece ((duas alunas realizam a leitura oral do primeiro capítulo intitulado "A cama na lembrança" durante aproximadamente cinco minutos))
- Prof:** vamos dar uma pausa aí pra gente discutir esse primeiro capítulo... e agora?... o que eu contei da colcha tem a ver com esse início do livro?
- Als:** tem
- Prof:** tem não tem?... tem a ver com o que Micaely falou com o que ele/ com o que ela falou com que Artur falou... não tem?... e agora vejam a situação aí como é delicada
- Al:** mas a história acaba () o segundo capítulo já é outra coisa... aí
- Prof:** calma... calma calma... vamos pra o primeiro capítulo que é o que a gente acabou de ler
- Al:** professora essa cama
- Prof:** vejam a situação da cama certo?... qual a situação que tá em jogo aqui?
- Al:** eu só não entendi uma coisa porque o pai dele () essa cama que o pai dele pediu pra ele guardar a cama
- Al:** porque já era uma lembrança eu acho... do pai... dele que passou pra ele que ele queria que ficasse na família
- Al:** já é uma coisa do pai do pai dele... do avó dele
- Prof:** isso... aí quem é que tá querendo vender a cama?
- Al:** Maria Rita
- Prof:** Maria Rita... que é a irmã de
- Al:** de Zecão
- Prof:** de Zecão... aí qual a situação que Maria Rita se encontra?
- Al:** vivendo de esmola
- Prof:** ela tá muito... mal né?... tá pobre
- Al:** ()
- Prof:** uma pessoa de má índole... vende droga alicia criança... e nessa situação gente... vocês venderiam a cama?
- Al:** vendia... se o (caba) disser que não vendia tá mentindo... que vendia
- Prof:** vendia ou não vendia?
- Al:** eu vendia
- Prof:** aí vocês tão percebendo quais são os conflitos... que estão existindo?... o primeiro conflito é que o Zecão quer manter a promessa né?... que fez
- Al:** e ela quer vender a cama
- Prof:** e Zecão não quer que ela venda... né?... e ela
- Al:** mas o medo é se ela vender a cama e... acabar tudo com a droga já que ela acabou virando viciada como ()
- Prof:** mas tá no texto que ela acabou virando viciada?
- Al:** não... ()
- Prof:** ela se casou... ela se casou mas não tá no texto
- Al:** o marido
- Prof:** o marido dela que
- Al:** que é um drogado e vicia crianças
- Prof:** isso... então a gente não pode dizer Micaely que no texto diz que Maria Rita... alicia crianças também ou que ela é drogada porque isso não tá posto no texto
- Al:** é o marido dela
- Prof:** é aqui tá que é o Va/... é exatamente... aqui tá
- Al:** mas também podia ser assim... se ela vendesse a cama aí pegasse o dinheiro... e o marido dela pegasse e fosse comprar drogas
- Prof:** aí vocês já estão... fazendo hipóteses né? extrapolando o sentido aqui o sentido do texto... mas no texto a gente tem que discutir o que está no texto... é no texto ela tá sofrendo né? porque tá passando fome... aí o que que vocês acham dessa situação?... todo mundo venderia ou não a cama?
- Al:** eu venderia
- Al:** eu (tocava fogo nela)

- Prof:** então tão vendo a situação... Fábio é sério Fábio... a gente tá discutindo as duas situações de um lado né?
- Al:** professora eu acho que eu não venderia não... eu procuraria um emprego
- Prof:** procuraria um emprego... procuraria outra solução né?
- Al:** é procuraria outra solução
- Al:** não sei não... porque quando () ele prometeu ao pai
- Al:** e prometeu ao pai no leito de morte
- Prof:** depois lembrem essa/ guardem essa essa informação porque depois vocês vão saber a história real da cama tá?... agora não... depois... aí vamos pra o segundo capítulo... tá Marrone antes que você pergunte mas parece que é outra história tá?
- Al:** que é a mulher na mesma ()
- Prof:** tá? é a mesma história... vamos agora pra o segundo capítulo agora quem quiser falar durante o texto pode levantar a mão e interferir tá certo?... quem quiser falar... ou dar sua opinião fazer a sua interpretação pode falar... viu gente?... mas gostaram desse primeiro capítulo gente?
- Al:** é legal
- Al:** é meio engraçadinho
- Prof:** as meninas que acharam da posição da esposa assim... da... de um lado a gente tem o Zecão que é firme e do outro lado a posição da... da esposa como é o nome da esposa de Zecão?
- Al:** Geraldina
- Prof:** Geraldina
- Al:** a irmã que é Maria Rita
- Prof:** e a posição da Geraldina qual é?
- Al:** que ele deixe ela vender
- Prof:** é é... Geraldina... é na verdade ela tá aí fazendo papel de quê?
- Al:** ela tá ajudando Maria Rita
- Prof:** ela tá tentando mostrar né?... pra o marido a situação
- Al:** de Maria Rita
- Prof:** de Maria Rita que é muito delicada... então vamos passar agora/ já que vocês compreenderam muito bem esse primeiro capítulo vamos passar pro segundo... quem vai ajudar na na leitura?
- Al:** eu começo
- Prof:** Amon... e depois quem mais?... quem mais?... () o bichinho ((alunos falam ao mesmo tempo)) Marrone... Marrone diz que lê... vamos lá? ((dois alunos realizam a leitura oral do segundo capítulo intitulado "A cama na foto antiga" durante aproximadamente doze minutos))
- Prof:** e o segundo capítulo gente?
- Al:** legal... é mais engraçado que o primeiro
- Prof:** gostaram mais?...
- Al:** é a mesma cama
- Prof:** é a mesma cama?
- Al:** é
- Al:** agora era a família das pessoas que iam comprar
- Prof:** pronto a gente viu primeiro a história de onde partiu a cama né?... a origem da cama que é lá da família de... de Zecão e agora... vocês tão en/ entenderam?... quem é que vai comprar?... quem é que vai comprar a cama?
- Al:** é:... Rosa não... co/ Elvira
- Prof:** Elvira... que é mãe de... Rosa e quem?
- Al:** mãe de Petúnia
- Prof:** mãe de Rosa e Petúnia
- Al:** mãe de Rosa e Petúnia ((se dirige a outro aluno))... vai levar Petúnia pra ver a cama
- Prof:** vai levar Petúnia pra tentar
- Al:** Petúnia é preguiçosa
- Prof:** Rosa e Petúnia... nome de duas flores né gente?
- Al:** Petúnia é preguiçosa
- Prof:** tu achou Petúnia preguiçosa?... que mais?... que é que mais chamou a atenção de vocês?
- Al:** vagabunda ((alunos sorriem))

- Prof:** não chame Fábio ((sorri))... que mais chamou a atenção também de vocês... vamô falar vamô
- Al:** a Petúnia tava ()
- Prof:** você achou o que Amon?
- Al:** aquela parte que ela diz vou na frente pelo menos se eu pisar eu escorrego... (a mãe é feita pra isso mesmo) ((sorri))
- Prof:** que é que vocês acham?... tu gostou dessa parte?
- Al:** foi mais engraçada que a primeira
- Prof:** oi
- Al:** mais engraçada que a primeira
- Al:** quando ele falou sobre Jerônimos
- Prof:** o nome
- Al:** se fosse Jerônimo
- Al:** ele extraiu... ela extraiu totalmente totalmente como se o cara não tivesse nenhuma virtude
- Prof:** essa é a visão de quem... essa versão que ela diz aí?
- Al:** da mãe
- Prof:** da mãe... tentem arrumar um namorado e vocês vão ver o que que a mãe de vocês fala ((alunos sorriem e falam ao mesmo tempo))... tentem arrumar... os meninos aí o que mais?... que fragmento que do texto vocês mais gostaram?
- Al:** Juninho ainda não falou nada
- Prof:** Juninho você fala demais eu não agüento mais a sua voz... por favor fique ()... hein Juninho gostou mais do quê?
- Al:** eu acho que gostei mais do segundo capítulo
- Prof:** gostou mais?
- Al:** eu achei que Elvira é a mãe de Petúnia... é eu achei
- Prof:** agora teve a certeza
- Al:** tive a certeza que não é
- Prof:** que é
- Ais:** que é
- Prof:** que mais Marrone? o que é que você ia falar?
- Al:** () que ela começa esculhambar... qual é o nome do cara lá?
- Prof:** Jerônimos... é com s viu?... e agora que vocês já leram o primeiro e o segundo capítulos... vocês sabem já o início de onde partiu a história da cama e agora fica... né? a interrogação... porque a gente vai trabalhando... passo a passo... o que que a gente vai/ não sei se vocês lembram também na aula passada... no primeiro nosso/ no primeiro encontro que a gente teve Fernanda... eles fizeram assim como um horizonte de expectativas... então cada um copiou aqui algumas coisas que imagina a partir do título da obra e a partir do título dos capítulos... o que que vocês/ alguma coisa já se confirmou ou não? ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** o meu não foi nada a ver eu disse que a história de um romance que se passava numa cama ((alunos sorriem))
- Prof:** a gente tá só no primeiro e no segundo capítulo Amon já foi lá pra frente... né gente?... mas tem uma pessoa olha... eu tô eu tô lembrando porque tem uma pessoa que falou... e já tem indícios do que ela colocou já tá se confirmando
- Al:** eu sei quem foi
- Prof:** quem foi que disse que achava que essa cama passava por lugares diferentes?... quem foi?... Andreza?... foi você?... então olha Andreza... leia aí o que você colocou
- Al:** "na minha estimativa a história fala sobre uma cama e a participação da cama na vida das pessoas como um cenário onde se passam várias histórias totalmente diferentes e por isso diferentes e lugares na no:... nos títulos dos capítulos... oh como no morro no estúdio no jardim etcetera... qual o papel da cama na vida das pessoas?"
- Prof:** então gente... pelo menos... pelo menos uma coisa se confirmou... que coisa que você colocou que a gente po/ a gente viu que aconteceu?
- Al:** () a história... que é a história daquele cara que morreu o avó... não o pai de
- Prof:** do Zecão
- Al:** é de Zecão
- Prof:** e outra coisa quando a gente começou a ler o segundo capítulo Marrone me perguntou o quê?... sim você diz mas o segundo capítulo

- Al:** tem uma história diferente
Prof: é outra história né?... você não pensou que era outra história? por quê?
Al: sei lá
Prof: porque gente?... porque que Marrone/ porque será que Marrone teve a a... supôs ainda que poderia ser... uma outra história?
Al: professora (deve ter sido) porque ela é um pouco estranha
Prof: como é o título do primeiro capítulo ?
Al: a cama na lembrança
Prof: e no segundo capítulo?
Al: a cama na foto antiga
Al: então no primeiro capítulo não era o filho do
Prof: tá mostrando uma família não é?
Al: () uma família do Zecão
Prof: Zecão
Al: e a foto ()
Prof: Zecão
Al: Zecão que é o filho... aí da outra história a mulher não fala nada em relação a (Petúnia) e a foto?
Prof: tem a foto... mas por que ela tem a foto?... não conta aqui?... como foi que ela conseguiu a foto... a foto?
Al: como é o nome da amiga dela?
Al: Rosa não Rosa não... Maria Rita
Prof: Neuza que conseguiu através
Al: que conseguiu através de Maria Rita
Prof: de Maria Rita que trabalhava na casa de Neuza passando roupa... por isso que chegou... tá?... entendeu?... conseguiu... recuperar a história?... gente daí a gente vai fazer o seguinte... já que a gente já tem um quadro de personagens não tem?... quem são os personagens que nos apareceram hoje?
Al: Zecão
Prof: Zecão ((alunos falam ao mesmo tempo))... vamos por capítulos... pra gente organizar
Al: Zecão Geraldina Maria Rita
Prof: Maria Rita e Tobias... certo no segundo capítulo
Al: Petúnia Rosa Nilza
Prof: calma
Al: Elvira
Prof: Elvira
Al: Neuza Neuza
Prof: Neuza é só citada
Al: é só citada então sai Neuza Jerônimos
Prof: então presta atenção... para a próxima aula que a gente vai marcar pra terça tá bom gente? porque na quarta é feriado ((professora e alunos decidem a data do próximo encontro))

Aula 2 Dia:

Contexto de gravação:

- Prof:** bom gente na aula passada a gente ficou responsável... não foi?... por pesquisar... presta atenção... a gente ficou responsável por pesquisar o quê?
Al: figuras que (revelasse) os personagens da história
Prof: é... as caras dos personagens né?... então a gente vai tentar ir montando a partir dessas imagens que a gente coletou... certo?... os personagens... então a gente vai montar primeiro... vejam só... eu trouxe aqui... todo mundo tá vendo o que é... licença... licença afasta aí Fábio... a gente vai tentar montar aqui... Artur por favor... a gente vai tentar montar aqui... olha desde de Tobias tudo que vocês trouxeram a gente vai tentar montar pra formar a família de cada um desses personagens então vamos lá quem pesquisou Tobias mostre os seus Tobias pra gente votar qual deles tem mais cara de Tobias... quem tem mais cara de/ oh tem um Tobias aqui
Al: aqui tem outro

- Al:** aqui oh
- Prof:** Tobias?
- Al:** Tobias ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Prof:** vamos botar em votação quem vai ser Tobias...
- Al:** mas ele é um adolescente professora
- Prof:** ele é um adolescente... gente... quem ficou melhor? ((alunos falam ao mesmo tempo))... vamos votar... vamos votar... vocês tem que lembrar o seguinte gente... vocês tem que lembrar o seguinte... a faixa social a que pertence como é descrito... quem vocês acham que tem mais cara de Tobias?... lembrem das características dos seus personagens... vai ser esse?... esse é Tobias... alguém achou os irmãos de Tobias?
- Al:** eu achei
- Prof:** vamô coloque aqui pra gente votar... qual tem mais cara... de irmão de de Tobias?... cadê gente?
- Al:** oh os irmãos de Tobias
- Prof:** cadê os irmãos de Tobias?... vamô ver gente oh... vamô ver... valendo esses aqui... vocês acham que estão adequados?
- Al:** eu acho que tão
- Prof:** quem vocês votam?... que que vocês acham?... tem mais irmão de Tobias aí?... coloco qual?... hein gente?... vamos gente... vocês tem que lembrar que Tobias é o mais velho
- Al:** então esse guri aqui
- Al:** é pronto
- Prof:** se Tobias é o mais velho então a gente tem que colocar com mais de cara de
- Al:** criança né?
- Prof:** de criança tem esse aqui que tava pra ser pra ser Tobias que a gente pode ()
- Al:** esse aqui é criança também
- Prof:** é não... é adolescente
- Al:** () as criancinhas coloque irmão também
- Al:** bote essa e a menina aqui
- Prof:** essa menina?
- Al:** é... um menino e uma menina
- Prof:** pronto escolhem os irmãos?... deixa eu colar os irmãos... esse vai gente? ((professora cola as figuras))
- Al:** bota esse
- Prof:** os dois... os irmãos de Tobias estão aqui... agora vamos escolher é é... o Zecão e Geraldina que é o pai e a mãe de Tobias
- Al:** olha Zecão
- Prof:** bota o Zecão aqui pra gente votar
- Al:** sabe o que que eu acho tinha que ser a partir de doze anos os irmãos dele... porque fazia doze anos que o pai dele tinha morrido... o: pai de Zecão
- Prof:** mais Tobias não é mais velho?... gente... que vocês votam?... gente lembre se do perfil do personagem... o perfil do personagem
- Al:** tá parecendo um pai de família trabalhador
- Prof:** lembre que... Zecão... quais são as características de Zecão?
- Al:** forte
- Al:** forte
- Prof:** ele é forte
- Al:** calado
- Prof:** calado... que mais?
- Al:** trabalhador
- Prof:** trabalhador
- Al:** sofrido
- Prof:** isso... quem daqui tem mais cara [de homem... não gente é sério
- Al:** [eu
- Al:** não aquele baixo gordinho
- Prof:** esse?... mas você acha que ()?
- Al:** tá muito velho
- Prof:** é... tá idoso pra ser o pai dele
- Al:** eu acho melhor esse
- Al:** eu acho melhor esse aqui ((alunos falam ao mesmo tempo))

- Al:** esse?
- Al:** é
- Prof:** ele tá de gravata e paletó... tem que lembrar que o pai de Tobias trabalha aonde?
- Al:** não... tem que ter uma pessoa parecido com Tobias pra gente escolher
- Prof:** usem o bom senso... ou uma pessoa mais mais simples ou uma pessoa mais humilde...certo?
- Al:** pra mim é o moreno
- Al:** eu também fico com o moreno
- Al:** mas ele não é parecido com o Tobias
- Al:** esse tá novo demais
- Al:** eu acho que não ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Prof:** cadê o outro Zecão? cadê esse daqui?
- Al:** esse tá muito novo
- Al:** tá muito novo
- Al:** não pelo amor de Deus
- Prof:** então vamô pra votação... cada um vai votar... Fábio você vota em qual dos dois? ((professora realiza a votação entre os alunos))... então venceu esse
- Al:** não... tá horrível esse aí
- Prof:** mas não é por beleza a gente tem que pegar as características da pessoa
- Al:** que pareçam mais
- Prof:** é
- Al:** não tem aparência de forte não tem nada a ver com o filho dele porque no livro diz muito que ele parece muito com o pai dele... e ele é branco esse aqui é moreno
- Prof:** e aí?... que que vocês acham?... cola esse ou cola esse?
- Al:** eu acho que mas... já colou
- Prof:** não... mas a gente pode colar aqui/ pode tirar e colar em cima
- Al:** esse era muito novo
- Al:** lógico esse aqui não tem nada a ver com esse menino aí
- Al:** parece até com ator (de) galã de Hollywood
- Al:** eu acho aquele velho
- Prof:** coloca esse?
- Al:** trinta anos é trinta anos dá certo esse
- Al:** aquele velho cadê o velho?
- Al:** aquele velho deve ter mais de quarenta
- Al:** olha esse aqui também
- Prof:** tem aspecto de intelectual
- Al:** olha professora esse aqui você já viu?
- Al:** dava pra ser
- Prof:** esse aqui também dava pra ser oh... que que vocês acham? ((alunos concordam))
- Al:** é o pai de Zezé di Camargo
- Al:** é a mesma coisa que desse aqui
- Prof:** esse faz o papel do do pai de Zezé di Camargo e Luciano em dois em dois filhos de Francisco... peguem as Marias Ritas e as Geraldinas pra gente votar (...)
- Prof:** pronto gente?... vamô passar agora pro texto podem tirar as cópias de vocês pra gente passar pra o trabalho com o livro... tirem aí o material... vamô lá gente?... então na aula passada... na aula passada... na aula passada a gente levou pra casa pra ler o terceiro capítulo... não foi isso?... nós trabalhamos o primeiro e o segundo capítulo e vocês levaram como leitura para casa o terceiro capítulo... quem leu todo capítulo?... todo capítulo? ((alguns alunos não lerão todo o capítulo))... então vamos fazer o seguinte olha a gente na aula de hoje/ na aula da semana passada a gente leu em sala aí fica mais fácil porque a gente discute na hora que lê só que as leituras obrigatórias de casa vocês precisam trazer lidas... porque quando chega aqui é hora de discutir hoje por exemplo a gente vai discutir a partir do roteiro de leitura... tá?... então a gente vai fazer o seguinte... a gente vai tentar discutir... tá? a partir desse roteiro aqui o terceiro capítulo só que... então assim pessoal... eu tô notando que falta muita coisa pra vocês lerem ainda pra gente poder discutir... né? vai ficar pela metade quem não leu não tem como responder isso aqui que eu iria passar pra Fernanda ((professora decide adiar o planejado para esta aula, marca novos encontros com os alunos e distribui o capítulo quatro))

Aula 3 Dia:

Contexto de gravação:

- Prof:** então pessoal antes de a gente começar a discussão do texto... em si... que a gente vai discutir... eu trouxe hoje uma ficha pra gente... responder... que na verdade tá?... muito pessoal... é sobre a questão da... do que que vocês lêem que que vocês gostam de ler... tá certo?... então vocês vão tentar responder... sem conversar com o colega é pessoal... é realmente é preciso que vocês sejam bem sinceros no que vocês vão colocar tá?... isso aqui não vale nota... não tem nada a ver com os textos... é só pra gente saber como é a sua vida de leitor... tá?... então cada um agora... por favor... em silêncio ((os alunos respondem ao questionário durante aproximadamente vinte e cinco minutos))
- Prof:** pronto gente... pessoal terceiro capítulo... como é o título desse aí capítulo por favor?
- Als:** a cama no morro
- Prof:** então vamos lá... eu gostaria que vocês primeiro/ inicialmente cada um assim falasse porque no primeiro encontro a gente leu aqui os dois primeiros capítulos... nós lemos a cama na lembrança... e a cama na foto antiga... não foi isso?... aí a cama no morro vocês levaram pra ler em casa... e aí?... que que vocês acharam desse capítulo?... () vamos tentar... em conjunto fazer ((alunos falam ao mesmo tempo))... olha vamos fazer o seguinte... vamos tentar em conjunto... tentar reconstituir o terceiro capítulo aí a gente passa pra discutir... inicialmente o que que acontece no
- Al:** Tobias se acordando e
- Prof:** Tobias se acorda ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Prof:** certo o pai de Tobias era calado rude
- Al:** o pai não demonstrava o amor que sentia pelos filhos
- Al:** já Tobias não... (amostrava) a admiração que tinha pelo pai toda hora
- Al:** ele era literalmente parecido... Tobias com o pai
- Prof:** onde é que Tobias tem coragem toma a coragem?
- Als:** no ônibus
- Prof:** quando eles já estão
- Als:** a caminho
- Prof:** a caminho da casa de
- Al:** de Maria Rita
- Prof:** de Maria Rita... que é aonde?
- Als:** no morro do Rato Molhado
- Prof:** eu sabia que vocês tinham decorado esse nome... o morro do Rato Molhado
- Al:** por isso mesmo que o homem quebra o pé né?... é o pé que ele quebra não é?
- Als:** é... é o pé
- Al:** assim que ele desce do ônibus
- Prof:** quem é o homem que quebra o pé?
- Als:** Zecão
- Prof:** Zecão... isso mesmo... aí depois o que se passa na na narrativa?
- Al:** o Zecão vai pro hospital () ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Prof:** pede pra Tobias ou:?
- Als:** Tobias se oferece
- Prof:** isso... Tobias se oferece pra quê? ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** () Maria Rita pra impedir que ela vendesse a cama
- Al:** mas ele tinha medo de ir lá mas ele ficou pensando... pensou duas vezes em ir lá ()
- Al:** por causa que o avô dele morreu
- Prof:** ele ficou o quê?
- Al:** lembrando
- Prof:** ele ficou lembrando... o pai o que que o pai fala pra ele?
- Al:** sobre a história da maldição
- Al:** a avó... que ela levantou a mão e o cara caiu durinho lá no chão

- Al:** a mão não... o punho
Prof: levantou o punho... isso... levantou o punho e alguém lá
Als: morreu
Prof: morreu e o que é que se passa... que é que Tobias lembra que ele mesmo lembra da cama?
Al: o avó dele ((alunos falam ao mesmo tempo))
Al: () na parede molhada
Al: () na parede úmida
Prof: isso... que mais que o capítulo traz de de novidade pra gente?
Al: aí... ele sobe
Prof: ele sobe... quando chega lá... vá continue
Al: não ele... a porta tá só encostada... ele abre
Al: aí ele chama e e o bebê () responde
Al: aí ele entra quando ele chega lá o bebê (não chora não)
Al: o bebê chora
Al: chora não
Al: chora ((alunos falam ao mesmo tempo))
Prof: aí por que é lá/ o que que acontece lá no no barraco da tia dele? ((alunos falam ao mesmo tempo))
Al: () um cano que estourou que ninguém tira coragem de ajeitar... aí
Al: mas primeiro assim que ele entra ele fica se lembrando do clima sombrio... da cama
Al: é da cama... é lembrando
Al: quando a tia chega ele fica sem sem coragem de falar o que o pai dele mandou
Prof: por que que ele fica sem coragem?
Al: falta voz porque... vem a lembrança do avó ((alunos falam ao mesmo tempo))
Prof: por que ele fica/ ele acha ela feia Marrone?
Al: [porque ela tava feia... acabada
Al: [() magra
Al: no dia que o avó morreu ... que ela tava bonita e tal que ela saiu de casa
Al: com o (pouco) tempo também... que ela passou/ que ela sofreu muito
Al: tava mais rodada do que rural
Prof: aí... quando/ Elaine falou uma coisa importante quando chega lá ele fica sem coragem de falar... o que o pai dele pediu pra dizer?
Al: também não sei se ele falava
Prof: por quê?
Al: porque o bebê tava com fome ele tava passando muita fome teve que vender a cama ((alunos falam ao mesmo tempo))
Al: ele ficou sem sem o que fazer
Al: mas depois ele falou
Prof: aí o que que ela conta pra ele?
Al: ela botou pra descer nele
Prof: o que é botar pra descer Marrone?
Al: é dá um... esculacha ele porque ele tá passando fome tem que vender a cama ((alunos falam ao mesmo tempo))
Al: ela diz tipo assim... quem tem filho sou eu não você... quem sofre sou eu e meu filho... ele não sente o que a mãe tá sentido
Al: porque passando fome ele não tava passando
Al: e a condição deles era completamente diferente da dela
Al: e a única coisa de valor que ela tinha era a cama... então pronto
Prof: aí depois desse desse momento o que acontece mais na narrativa?
Al: aí
Al: ela diz diz também... ele diz do:...
Al: da maldição...
Al: da maldição
Prof: ele lembra né? a ela
Al: e ela disse maldição é o que ela tá passando
Prof: qual qual a maldição que ela tá passando?
Al: miséria fome

- Prof:** miséria fome né?... não sei se vocês notaram mas no texto tem até a palavra fome em caixa alta né?... e o que mais... depois disso o que que se passa?
- Al:** enquanto isso tá Elvira e a Petúnia subindo o morro
- Prof:** estão
- Al:** na cama
- Al:** é... () da casa dela
- Prof:** depois... o que que acontece? ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** Petúnia olha logo o menino lá... o Tobias... enquanto Elvira estuda a cama... Petúnia estuda estuda o o...
- Al:** o Tobias
- Al:** o Tobias
- Al:** enquanto a mulher examina cada parte da cama Petúnia examina cada parte de Tobias
- Prof:** isso ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** Petúnia tá subindo o morro ela viu o casal se beijando
- Prof:** Petúnia vê o casal se beijando ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** depois ela diz que é falta de educação ficar olhando
- Prof:** é realmente é viu?... que mais? ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** enquanto lá na casa né?... no barraco... Maria Rita já fechou ne/ negócio já né?... e Tobias ficou assim... é sem ação
- Al:** e ao mesmo tempo que ela se apaixonou por Tobias... Tobias se apaixonou por ela ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** ele ficou... ele ficou (revendo) ele ficou pensando assim ele saía... pra ir lá vê o pai () socorro ou se não ele ficava ele ficava... em casa ou no barraco né? no caso... vendo o que fazia... aí ele ficou sem ação
- Prof:** o que que acontece quando ()?
- Al:** aí ele saí vai pro degrau... e Petúnia pega... é (manda ele ver) as lindas pernas dela... aí... aí Petúnia pergun/ pergunta o nome dele e aí ele vai perguntar o nome de Petúnia aí Petúnia diz que não quer dizer porque o nome dela é feio
- Al:** e fica pensando um nome que ela vai inventar
- Al:** aí eles trocam telefone... trocam endereço... trocam (não sei o que)
- Al:** mas ele tímido... ele tava tímido
- Al:** aí ela diz que gosta de pintar
- Al:** ela diz que gosta de desenhar ((alguns alunos reclamam do fato de que uma das alunas fala ininterruptamente impedindo a fala de outros alunos))
- Prof:** falem gente... é a oportunidade pra todo mundo falar... e aí depois disso?...
- Al:** Elvira chama Petúnia
- Prof:** Elvira chama Petúnia e o que mais?
- Al:** ()
- Prof:** pronto depois disso que... depois que Elvira fecha o negócio com a com Maria Rita da cama?
- Al:** aí Tobias vai dar notícia ao pai
- Prof:** aí Tobias faz o quê?
- Al:** vai dar a notícia ao pai ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** () aí diz pai a cama foi vendida ()
- Al:** daí o pai fecha os olhos
- Al:** daí o pai fecha os olhos e começa a pensar
- Prof:** pronto gente... oh a gente fez uma reconstituição... oralmente... do terceiro capítulo... então tô vendo que todo mundo conseguiu ler tá certo?... agora assim como o terceiro capítulo é um pouco longo eu fiz um roteiro pra a partir desse roteiro a gente discutir os pontos centrais... do capítulo... tá certo? então cada um
- Al:** eu gostei mais do quarto capítulo... aí o bicho levando a cama... o bicho o bicho... levando a cama esse
- Al:** ah é o burro ((sorri))
- Al:** eu não consegui entender... como é que o burro vai subir escada pelo amor de Deus?... e como é que o burro fala?
- Al:** mas burro é o nome do cara
- Prof:** é exatamente... ((professora distribui os roteiros do terceiro capítulo)) calma gente... eu vou ler pra vocês... a gente vai fazer o seguinte eu vou da... eu vou da dez minutos pra

vocês responderem e depois a gente faz a discussão tá certo?... posso ler?... pra gente tirar as dúvidas se caso caso haja alguma dúvida

Al: licença Kalina... Zecão era um homem supersti... super

Al: supersticioso

Al: é

Al: ele era um homem muito religioso né?

Prof: isso é religioso

Al: então ele acreditava né? naquele negócio da vó dele? ((alunos comentam a fala da aluna))... mas é real assim?... nessa diz que é real?

Al: o bicho levantou o punho e o bicho caiu morto lá no chão

Prof: vamos pras questões que a gente já entra nessa discussão ()... tem aí... primeira questão pra gente desse roteiro tá?... só pra orientar a nossa discussão nós fizemos a reconstituição do capítulo... mas nós não discutimos nenhum dos aspectos temáticos do do texto... tá? a gente vai entrar nessa discussão depois que cada um emitir sua opinião aqui... então primeiro ponto diz aí "a partir da leitura realizada como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos?"... isso vocês já leram o primeiro o segundo e agora vocês/ a gente tá lendo o terceiro capítulo... como é a relação que existe entre Petúnia e Elvira e entre Zecão e Tobias?... é uma relação

Al: aberta

Prof: é uma relação aberta? é uma relação de respeito? ((alunos falam ao mesmo tempo)) cada um vai responder o seu... não quero que vocês coloquem agora tá?... a gente vai colocar isso depois... vocês vão tentar a partir dos três capítulos que vocês leram responder isso aí tá okay?

Al: pode ser de comum?

Prof: pode meu amor... a segunda questão "qual a importância da cama para a família de Zecão?" isso aí especificamente do terceiro capítulo... tá? que lá ele conta como vocês mesmo colocaram aí toda a questão de histórico da cama... por que que Zecão quer essa cama na família?... então vocês vão tentar lembrar que vocês colocaram oralmente aqui e vão colocar um pouquinho aqui... por que que a cama é importante pra essa família de Zecão?... terceiro tópico "para qual dos personagens a cama é mais importante?" veja que a pergunta é totalmente diferente... "para qual dos personagens... a cama é mais importante? por quê?"... cada um de vocês pode ter uma opinião diferente... na sua opinião a cama é mais importante para quem? não me responda... para o Zecão ou para Maria Rita?

Al: Zecão ((alunos sorriem))

Prof: não responda... aí você vai dizer porque justificar... tá?... com base no que você leu... okay?

Al: menos três pra ela

Prof: quarta questão quarto tópico aí "para você... a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama?" não responda... aí você vai justificar também porque... então tão vendo que são os pontos que vocês falaram né?... então dez minutos... cada um responde o seu sem conversa... dá tempo vocês não já colocaram oralmente tão fera aí no capítulo? ((alunos respondem ao roteiro durante aproximadamente quinze minutos))

Prof: então vamô lá... o primeiro tópico aí da discussão gente é o seguinte "a partir da leitura realizada como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos?" como é que vocês caracterizam a relação que existe entre Zecão e Tobias e entre Petúnia e Elvira?

Al: são diferentes

Al: são bastante diferentes

Prof: são bastante diferentes? por quê?

Al: Zecão e Tobias... Tobias já admira/ admira admira muito [o... Zecão já Petúnia ela tem algumas... confusão com Elvira

Prof: [o pai

Al: ela pede... por que meu nome?... porque:: tem quer ser tipo assim ela reclama não tem medo de falar

Al: mas também tem uma semelhança entre eles pois a relação deles Tobias e Petúnia são muito fechados assim... o particular deles não conta... muito para os pais... são muito fechados pra os pais

Prof: tu acha a Petúnia muito fechada?

- Al:** eu acho também assim que o Tobias e Zecão ele não tem assim... um carinho que Petúnia e Elvira tem uma pela outra... e eles dois são muito fechado
- Al:** se gostam se gostam mas é um amor fechado não demonstra
- Al:** não conversa
- Prof:** não demonstra ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** Petúnia e Elvira tão mais que amiga que (muito amiga)
- Prof:** isso é importante isso que Artur tá colocando... então quer dizer que Elvira e Petúnia tão mais pra amiga que... tem uma relação de muita amizade
- Al:** professora
- Prof:** oi
- Al:** é::: Zecão e Tobias eles têm uma relação fechada mas ele tenta agradar uma ao outro Tobias se esforçando e Tobias estudando muito pra recompensar o esforço do pai
- Prof:** certo... quem mais quer falar sobre esse tópico gente?
- Al:** a relação de Zecão e Tobias é assim é::: um respeita o outro muito
- Prof:** há muito respeito entre os dois né?
- Al:** e já no de de Elvira e Petúnia não há muito respeito
- Prof:** por que você diz que não há muito respeito?
- Al:** porque Petúnia assim ela não respeita muito
- Al:** ela é implicante... ela gosta de
- Prof:** ela é irritante por que Amon?
- Al:** ela é muito chata
- Al:** como naquela parte que ela falou se encontrasse no
- Prof:** morro ((professora e alunos requisitam a participação de um aluno que se mantém quieto durante as aulas))
- Prof:** então gente vocês tão colocando que percebem a diferenças... né?... as diferenças entre digamos essas duas famílias... né?... na de Zecão... e Zecão e Tobias vocês percebem que os dois tem afetividade se gostam se admiram mas existe um pouco de... digamos assim Zecão por ser tão fechado ele se torna um pouco... distante né?... e já como Artur colocou Elvira e Petúnia elas são mais próximas né?... parece que há uma relação de mais
- Al:** como se () fosse amigas
- Prof:** isso... tem uma relação muito aberta... não é?... entre elas duas... a ponto de Tobias às vezes se dirigir à mãe talvez seja por isso Amon que Amon coloque que ela seja chata irritante porque às vezes ela se dirige a mãe como se fosse uma colega dela... uma menina da idade dela... não é isso?... todo mundo acha/ alguém quer colocar mais alguma coisa?... não?... vamô pra segunda questão que aí eu quero ver a polêmica qual a importância da cama pra família de Zecão?
- Al:** Juninho... Juninho primeiro
- Prof:** quer falar Juninho?... gente em aberto cada um/ quem quiser falar/ quer falar Júnior?
- Al:** Zecão por ser eu acho que (tem uma espécie de ciúmes)... é ele acredita né... na bisavó na maldição eu acho que importante pra ele é isso... ele correr o risco de viver a maldição só por isso?
- Al:** eu coloquei assim... porque ela vêm de família em família de pai pra filho... também a promessa que ele fez na morte do pai
- Al:** foi... e todos prometeram... todos os filhos desde o tataravô dele que prometeram que não iriam vender a cama
- Al:** eu acho assim eu acho assim... eu acho assim como ele era muito religioso ele acreditava muito nessa maldição e portanto ele acreditar nela ele ficava com medo da família dela ser amaldiçoada ele só lembrava da família dele mas também não lembrava da família de da irmã dele... de Maria Rita
- Prof:** na situação... você quer dizer... certo... mas um dos aspectos importantes que Marrone tocou aí oh... a questão de quê?... de que:... Micaely também... de que a cama foi passada de quê?
- Al:** de geração em geração
- Prof:** de uma geração para a outra... então a importância... isso a importância da cama pra Zecão não se resume só a questão dele isso é superstição... além da questão de ele acreditar na maldição da avó... né?... tem também a questão do quê?... do valor afetivo né?... do valor afetivo que eles têm por essa cama... porque como Micaely falou
- Al:** () na época que a família dele era rica... a família dele tinha poder

- Al:** mas foi aí quando o avô dele foi fazer o negócio ... ele perdeu tudo só deixou a cama... perdeu fazenda perdeu um bocado de coisa
- Al:** por isso que a cama simboliza... assim uma coisa bem importante () tinha poder
- Al:** quando eles eram rico
- Prof:** exatamente... muito importante isso que vocês colocaram agora... então são muitos/ oh... são quantos motivos levam a cama a ser importante?
- Al:** vários
- Prof:** então tem essa história de ele prometer ao pai... né?... tem o fato... de a cama representar um momento em que a família dele foi rica... né?... tem a questão da que? da maldição que ele acredita... então vocês elencaram aqui/ não precisou eu falar nada vocês colocaram... né?... então a cama pra ele é muito importante por tudo isso que vocês... colocaram... agora olha só... presta atenção... vamos para a polêmica... para qual dos personagens a cama é mais importante? ((alunos falam ao mesmo tempo))... um de cada vez... ninguém tá dizendo que é o certo... Amon você colocou o quê?
- Al:** Maria Rita
- Prof:** pra Maria Rita... por quê?
- Al:** porque ela precisa mais
- Prof:** ela precisa mais... pela situação dela né?
- Al:** é
- Prof:** Marrone
- Al:** pra Zecão... por causa da promessa dele
- Prof:** Júnior
- Al:** acho que pra Zecão que Maria Rita tava interessada no valor da cama
- Prof:** no valor
- Al:** (no valor do dinheiro)
- Prof:** no valor financeiro e Zecão tá
- Al:** no valor emocional
- Prof:** no valor afetivo... no valor emocional... Andreza
- Al:** Zecão
- Prof:** pra Zecão... por quê?
- Al:** porque: assim eu acho quem mais precisa () pra quem é mais importante a cama ou quem mais precisa da cama?
- Prof:** pra qual dos personagens a cama é mais importante?
- Al:** quem é que dá mais valor a cama?... quem eu acho que dá mais valor é Zecão
- Prof:** certo
- Al:** porque o que ela pensa ()
- Prof:** Artur
- Al:** por causa do:... do prometido né?... porque ele tá em pé () a promessa
- Prof:** tá cumprindo a promessa... Elaine
- Al:** Zecão também... porque Zecão tinha o... por causa que ele tava levando mais pra o lado emocional e Maria Rita só tava (levando) pra o lado financeiro
- Prof:** certo... ()
- Al:** eu acho que pra Maria Rita porque ela assim que precisava mais do que/ era a única de valor que ela tinha... então assim ela eu acho assim pra dar de comer () perturbada ela vendeu tudo mas a única coisa de valor que ela tinha era a cama
- Prof:** certo... é Júlia... Júlia
- Al:** pra Zecão
- Prof:** pra Zecão
- Al:** ()
- Prof:** certo... Zecão também... então todo mundo... quem colocou Maria Rita quantos?... três... okay eu não vou dizer se tá certo ou errado cada um de vocês
- Al:** todos os dois precisavam
- Prof:** todos os dois precisavam... mas aí vocês colocaram o julgamento de vocês dentro do texto
- Al:** oh oh... mas Kalina... eu acho assim ele pode ter prometido ao avô dele... só que a cama o avô dele o avô dele deu pra Maria Rita não pra ele
- Prof:** pra mulher ter o filho né?

- Al:** mas Maria Rita () a venda da cama ela podia chegar pra família oh... a cama é muito importante... poderia me ajudar pra eu não vender a cama... nesse caso pedir uma ajuda... financeira
- Al:** só que... só que... ela saiu de casa não foi?... aí ele
- Al:** mas a cama não era tão importante?
- Al:** sim... mas ele não falava mais com ela... quando ele soube que ela ia vender a cama... ele resolveu tomar uma atitude
- Prof:** uma atitude
- Al:** por isso... se a cama era tão importante pra ela ela deveria falar com a família
- Al:** mas ele sabia que ela tava muito pobre e ele não foi ajudar porque não quis ((os dois alunos começam a discutir acerca do tema))
- Prof:** olha gente... calma porque aí a gente tá entrando na subjetividade de cada um de vocês... cada um de vocês tem uma leitura diferente diante do texto isso é ótimo... tá? e a gente não tá julgando aqui... que quem/ que quem é é... que quem colocou Zecão tá certo e quem colocou Maria Rita tá errado muito pelo contrário é o julgamento de vocês... é o modo como vocês encaram a situação dos dois personagens... tá?... porque na vida é assim às vezes diante de determinada situação a gente tem opiniões diferentes... por quê?... porque a gente faz leituras diferentes das situações... tá?... vamô pra o outro tópico... o último o quarto tópico "pra você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama?" (Saulo) ((alunos falam ao mesmo tempo))... de um por um gente justifica porque ela está em condições miseráveis e não tinha o que comer
- Al:** Marrone
- Al:** ()
- Prof:** peraí Andreza
- Al:** sim porque ela estava passando fome e tava necessitando muito de vender a cama se ela não vendesse ela e seu filho iriam morrer de fome... se eu estivesse no lugar eu faria o mesmo
- Prof:** Júnior
- Al:** não
- Prof:** não?... não... Andreza
- Al:** ()
- Prof:** Artur
- Al:** sim... ela estava passando fome e necessidade ()... mas diante de tudo ela deve sentar e lembrar o combinado... ela não pode esquecer do do (pai)
- Prof:** uhn uhn... Elaine
- Al:** (sim)
- Prof:** também?
- Al:** sim se ela passava fome pra sentir a necessidade de vender a cama Zecão não sentia só olhava e ()
- Prof:** Júlia
- Al:** sim... porque era/ ela tava numa situação financeira muito difícil e a cama ficaria um valor mais alto né?
- Prof:** é
- Al:** situação difícil porque a cama era o único... coisa de valor que ela tinha... e se ela vendesse a cama era um jeito de ela ter uma vida melhor só (que ia ter alguns aborrecimentos) () não saberia o que fazer porque era uma situação muito delicada se eu vou me arrepender eu vou ficar rica mas e aí não ()
- Prof:** Fábio ((aluno sinaliza um negativa))... tu não venderia não justifica a venda da cama
- Al:** ()
- Prof:** gente sobre esse capítulo sobre o terceiro capítulo vocês tem mais alguma coisa a colocar?
- Al:** eu tenho... ()
- Prof:** você gostou muito... pronto?
- Al:** () porque eles citam um bocão de palavrão né?
- Prof:** chamou a atenção essa questão da linguagem pra você?
- Al:** chamou
- Prof:** chamou?
- Al:** porque a maioria dos livros não tem palavrão ((alunos comentam ao mesmo tempo a presença dos palavrões no capítulo lido))

- Prof:** nesse terceiro capítulo... por que que vocês acham... que nesse momento aí da fala de Maria Rita... por que será que tem palavrão? ((os alunos apresentam ao mesmo tempo diferentes justificativas))... mas só quem chama palavrão é quem convive nesse nesse ambiente?
- Al:** professora foi bom o livro colocar porque trouxe a realidade porque num momento difícil desse nem todo mundo vai ter/ conseguir falar formal () sem chamar nenhuma palavra assim errada num momento de nervosismo nós precisamos falar alguma palavra assim
- Prof:** (se soltar)
- Al:** () pra ver se passa o nervoso... é
- Al:** tem gente que fala palavrão por uma besterinha a pessoa passando fome
- Prof:** então aqui a:: personagem quando ela fala o palavrão aí aí no livro... retrata esse momento difícil também né?... é é uma forma dela extravasar... talvez... essa realidade difícil que ela tá vivendo tá?
- Al:** talvez se Tobias tivesse nervoso ele poderia ter ()
- Prof:** mais alguém quer colocar alguma coisa?... que chamou a atenção no terceiro capítulo?... hein gente?... Andreza... tem mais alguma coisa pra colocar?
- Al:** não todo mundo já falou professora
- Al:** eu me surpreendi muito como o tico tico no fubá de Rosa com Jerônimos né? ((alunos sorriem))
- Al:** esse aí é o quarto capítulo
- Prof:** oh... terceiro capítulo encerramos?

Aula 4 Dia:

Contexto de gravação:

- Prof:** a gente vai agora discutir essas questões tá? que vocês já responderam... vamos fazer assim vamos combinar assim a gente deixa essa primeira questão que é do bingo por último ((alunos comemoram e fazem comentários acerca da gravação da aula))... a primeira questão oh gente... quem quer ler... lê
- Al:** eu sou ruim mas eu tenho que lê pra eu fica bom... "leia as palavras"
- Al:** não
- Prof:** a de baixo... sem ser o bingo
- Al:** "recorde esse fragmento no texto e quando me virei pro depósito eu já vi o meu estúdio"
- Prof:** quem localizou isto no texto tá em que página?
- Al:** página sessenta e oito
- Prof:** sessenta e oito anotaram? ((alunos confirmam a anotação))... muito bem
- Al:** "qual a principal () para Jerônimos ter transformado em estúdio em seu... o depósito em seu estúdio?" ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Prof:** todo mundo colocou assim?
- Al:** "quando eu dei de cara com aquele mar o depósito virou o meu estúdio"
- Prof:** oh então assim vocês perceberam que apesar de ele teve é:... as dificuldades que se tinha pra chegar lá a casa de máquinas a escadaria
- Al:** mas eu acredito que também foi oh
- Al:** ele se encantou com a beleza do mar
- Prof:** o que chamou
- Al:** foi também falta de grana... que ele não tinha eu acho
- Prof:** o que chamou mais a atenção dele foi a janela de frente por mar né?... aí assim gente como a gente tá só trabalhando só o livro a cama... eu vou já registrar aqui pra vocês que é assim uma das das recorrências na obra de Lygia Bojunga... é a presença do mar... então o mar é uma recorrência
- Al:** e é?
- Prof:** é... então em um texto ou outro vai sempre aparecer
- Al:** o mar
- Prof:** o mar tá?...

- Al:** mas no () da pipoca apareceu?
- Prof:** não... é um dos textos que não aparece... mas é uma recorrência
- Al:** mas é assim
- Prof:** é uma recorrência... não é obrigado a ter em todo livro em todo texto... mas o mar ele se repete dentro da obra dela... ela tem vinte e um livros
- Al:** oh Kalina se alguém diz também que o mar aí é também uma forma de ele... deixar a Rosa mais... que ele tava enrolando ela direto... de deixar ela mais caída por ele... lá tinha o mar dava pra ver o mar pela janela não sei o quê lá
- Prof:** é também... é uma forma de atrair né Marrone?... aí a letra b quem lê a letra b por favor Andreza
- Al:** "o espaço do depósito acaba adquirindo muito da personalidade de Jerônimos... aponte as características desse espaço que estão (intimidantemente) relacionadas ao personagem?"
- Prof:** quais são as características físicas que que
- Al:** um monte de bagulhos parede sujas um fogão velho e um botijão de gás
- Al:** paredes sujas
- Prof:** não... aí é o depósito... olha
- Al:** eu coloquei assim oh... eu acho que tá errado... professora... essa é a cadeira que eu me sento pra ouvir é música... eu botei é um trecho (da música)... tá errado?
- Al:** eu botei que era um espaço pequeno e simples e que cabe os seus móveis pequenos e simples
- Prof:** lê Elaine
- Al:** "as paredes brancas de cal e uma cadeira na frente e um cavalete"
- Al:** eu lembrei que tinha livro cds e tudo na maior organização
- Prof:** então assim... Artur... você só tem que pensar o seguinte... eu digo aqui oh assim na questão diz assim "o espaço adquire muito da personalidade dele"... então não é o depósito... que o depósito ele transforma em estúdio... e o que é que/ como é que fica esse estúdio depois que eles transforma?
- Al:** ah depois que eles transforma
- Prof:** né?... que é justamente o que os (meninos) colocaram é... tem o cavalete tem o divã né?... tem fotos tem cds... quer dizer ele é uma pessoa simples ele é um músico... uma pessoa que gosta de simplicidade
- Al:** cds livros
- Prof:** alguém tem alguma dúvida?... posso passar adiante gente?
- Al:** eu coloquei cds livros instrumentos divã e etcetera
- Prof:** a segunda questão outra pessoa lê... lê aí Micaely
- Al:** "sabemos que há nesse capítulo uma forma de personalização ((outra aluna a corrige)) personificação das coisas... localize no texto fragmentos que () essa figura de linguagem"... aí eu coloquei quando falou que a cama era rara e que era uma peça de museu além de ser muito grande e (tomava espaço)
- Al:** eu coioquei é uma peça linda toda trabalhada do jacarandá mais puro... a presença da cama era tão avassaladora... eu peguei dois trechos
- Prof:** certo... mas aí vocês não pegaram
- Al:** botei que... que tinha pata parecia um monstro
- Al:** "olho para o pé dela pé não pata que é um monstro ante/ antediluviano se não for de hipopótamo e as garras"... né? os três trechos que
- Prof:** exatamente isso
- Al:** eu ainda botei mais coisas
- Prof:** diga
- Al:** "é uma peça de museu de horrores na certa o Drácula dormiu nela ou então o Frankenstein a perna é uma pata e a cabeceira são duas garras"
- Prof:** é justamente esse fragmento ouviu Micaely e Elaine quando ele compara a cama ao monstro agora eu tô vendo uma coisa... vocês tem que lembrar... que quando a gente tira um fragmento de um texto... nós temos que colocar entre
- Al:** parênteses
- Prof:** aspas... que parênteses ((alunos falam ao mesmo tempo)) tá?... e de preferência localizar a página... colocar página tal
- Al:** eu sei... página... é página oitenta e seis
- Prof:** pronto... sempre que vocês tirarem um fragmento lembrem colocar entre aspas e a página... pronto gente?... aí a terceira questão outra pessoa lê

- Al:** posso lê?
- Prof:** pode
- Al:** "caixote é o nome que tinha sido dado ao chamado quarto de empregada o cubículo embutido nos fundos do apartamento... semelhante a milhares e milhares de outros cubículos... em outros apartamentos... espaço suficiente para abrigar uma cama curta e estreita"
- Prof:** localizaram a página?
- Al:** cento e nove
- Prof:** é muito bem... isso que é... muito bem... isso que eu fiz aí em cima nessa questão ... viram que tá entre aspas e aí tem que localizar... a página...
- Al:** mas a senhora não localizou não
- Prof:** não pra vocês localizarem ((alunos falam ao mesmo tempo))... oh... continua
- Al:** "no quarto capítulo o caixote acaba sendo o lugar de refúgio para Petúnia... sobre ele responda... quais as sensações que esse espaço provoca na personagem?" eu coloquei ela sentou na cama e sentiu várias Petúnias dentro de si"
- Al:** foi isso que eu botei também
- Prof:** aí vocês tem que dizer... qual era a pergunta?... quais as sen-sa-ções... então eu quero que vocês falem sobre as sensações isso que você colocou tá correto... dentro das várias Petúnias... que ela começou a sentir quais as sensações... que o caixote despertou nela?... quem respondeu?
- Al:** é...
- Prof:** quem lembra?... eram trilhões de Petúnia tem aí... trilhões de Petúnia
- Al:** raiva né?
- Al:** raiva deprimida
- Al:** ela (seguir) choro:::sa
- Al:** mas professora ela fala aquele negócio de Pe/ Tobias né?... que ela tava não
- Prof:** vamô localizar na página... vamô pra página cento e dezenove... quem tá com o texto... página cento e nove... quer dizer.. na página cento e nove vejam aí... ((professora e alunos procuram localizar a página))... olha... tinha Petúnia aliviada... tinha Petúnia liberada... tinha Petúnia humilhada... revoltada... arrependida... Petúnia de queixo levantado... então não são só oh... não são só os sentimentos... ruins... né?. vocês tem que colocar as sensações vamô pensar aí... liberada quer dizer o quê? esse Petúnia liberada
- Al:** sem regras
- Prof:** volta pro texto ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** "faço o que eu quero aqui dentro... aqui dentro e se eu não tô a fim de ninguém"
- Prof:** então esse liberada quer dizer o quê?... que esse quarto aí esse espaço
- Al:** é só dela... ela podia faz o que ela quiser
- Prof:** era só dela... então era o espaço de liberdade para ela né?
- Al:** aí as sensações que ela ()?
- Al:** de liberdade
- Prof:** ou de privacidade né gente?... acho que liberdade não é bem a palavra... acho que mais privacidade... já que ela dentro do espaço da casa dela ela não tinha um um lugar fixo então ela acaba colocando o caixote como sendo esse lugar
- Al:** eu coloquei isso nas palavras desconhecidas autoco/ autocomiserada
- Prof:** autocomiserada... hum hum
- Al:** Petúnia humilhada
- Prof:** Petúnia humilhada... aí o quê?... a sensação já tá dizendo né?
- Al:** de humilhação
- Prof:** aí vem... a Petúnia revoltada
- Al:** de revolta
- Prof:** Petúnia arrependida
- Al:** arrependida
- Prof:** e Petúnia de queixo levantado... quer dizer o quê?
- Al:** orgulhosa
- Al:** uma vaca
- Prof:** Fábio... orgulhosa... que não volta atrás ((alunos comentam as respostas))... e autocomiserada é o quê?
- Al:** é quando ela tá se:... sentindo... sei lá

- Al:** quando ela tá com vontade de chorar
- Prof:** bem deprimida né?... aí a última é Petúnia cansada e com sono
- Al:** cansada
- Al:** exausta
- Prof:** o cansaço devido a quê gente?
- Al:** aos sentimentos... as outras sensações
- Prof:** por que ela tá cansada?
- Al:** ela passou o dia todo fazendo (o quê?)
- Prof:** ela não passou o dia fazendo a mudança? ((alunos emitem comentários sobre as respostas))
- Al:** ela achou o caixote vazio?
- Prof:** ela achou o caixote vazio?
- Al:** quando ela foi pra o caixote tava vazio prontinho esperando por ela?
- Al:** não... não
- Prof:** então o que foi que ela fez?
- Al:** algumas coisas (já estão) ela tirou botou
- Al:** tirou colocou nos outros depois tirou de novo mas quem decide tirar as coisas do caixote é a irmã dela
- Prof:** quando vocês dão faxina em casa vocês não ficam cansada não? ((alunos emitem comentários acerca da pergunta da professora))... pronto gente pode passar adiante... tem assim... é:.... "quais os fatores que favo/ favorecem a não permanência de Petúnia no caixote"?
- Al:** ele diz que tá ficando com claustrofobia
- Al:** () claustrofóbica
- Al:** claustrofóbica... e além disso ela/ o caixote tava em péssima condições... tava com calor... tava calor assim tava muito quente tava abafado
- Prof:** é por que ela sai de lá?
- Al:** ela tava sofrendo com claustrofobia
- Prof:** () claustrofobia é o que gente? ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Al:** () lugares fechados
- Al:** de elevador coisa pequena né?
- Prof:** exatamente
- Al:** ela gosta porque tem privacidade naquele lugar mas depois ela se sente sozinha tem medo de ficar
- Al:** o banheiro é muito pequeno
- Prof:** tem medo e outra coisa o principal o caixote é muito
- Al:** pequeno
- Prof:** pequeno né?
- Al:** ela diz que cabe exatamente o espaço da cama
- Prof:** da cama... e umas prateleiras em cima da cama... já imaginou?... (uma sensação de) beliche né?
- Al:** é como se/ o nome é tão (vivo) e como se ela dormisse dentro duma caixinha
- Prof:** numa caixinha né?
- Al:** e pior que quarto de empregada em apartamento é uma caixinha
- Prof:** é... posso letra c?... tem assim... na letra c tem aí "volte ao texto e justifique porque a Petúnia afirma que vivia em trânsito rumo a um destino ignorado... em seguida explique em que situações... de uso da língua nós utilizamos as letras em maiúscula como aparece no texto"
- Al:** ela queria ()
- Prof:** por que ela vivia em trânsito rumo a um destino ignorado?
- Al:** ela vivia mudando de quarto
- Prof:** de quarto?... de quarto pra... quais eram os locais dentro de casa?
- Al:** o sofá
- Al:** o sofá... a o quarto da irmã e o quarto da mãe
- Prof:** quarto da irmã e o quarto da mãe
- Al:** e o caixote
- Prof:** e o caixote que ela já tinha ido também... não se esqueçam também do caixote... a cama né?
- Al:** eu coloquei ela vivia dormindo em vários lugares

- Prof:** a sala o quarto da irmã o quarto da mãe e o caixote... aí pronto... agora gente em que situações de uso da língua a gente escreve assim tudo em caixa alta como tá aí?... como aparece no livro
- Al:** não entendi o quê?
- Prof:** tem em seguida... explique em que situações de uso da língua... nós utilizamos as letras maiúsculas como aparece
- Al:** são as coisas mais importantes assim ou se não assim quando tem
- Al:** pra destacar
- Al:** ou quando ela é maior é quando a pessoa tá falando mais mais... com mais alvoroço assim
- Prof:** com mais ênfase
- Al:** é
- Prof:** é e e nos textos que vocês escrevem... quais os textos vocês tem o hábito de botar as palavras em caixa alta?
- Al:** nenhum
- Prof:** nenhum Marrone?
- Al:** eu não gosto não sério
- Prof:** alguém coloca? alguém usa?... tu usa?
- Al:** eu nunca coloquei não
- Al:** nos textos privados
- Al:** é nos textos privados... ()
- Prof:** onde é que vocês colocam?... nos cadernos ((alunos falam ao mesmo tempo))... e e vocês tem o hábito de usar... vocês tem o hábito de usar a Internet?

Aula 6 Dia:

Contexto de gravação:

- Prof:** então vejam só... hoje é o nosso último encontro né?... infelizmente... e a gente levou na semana passada... a gente leu o: o sétimo e o oitavo capítulo... vocês levaram o nono capítulo pra casa não foi?... além do nono capítulo vocês também levaram... um uma atividade digamos assim pra fazer em casa não foi? ((alunos dizem ter esquecido a atividade em casa)) quem fez... coloque aí em cima da mesa... vamô lá... quem fez coloque aí ((alunos comentam o modo de entrega da atividade))... a atividade de vocês qual era? o que a gente pediu pra vocês fazerem em casa? ((alunos respondem ao mesmo tempo))... pra vocês criarem a história do personagem Américo que na verdade o oitavo capítulo ele encerra justamente no momento que Petúnia toma a decisão de ir a casa de Américo falar com ele sobre a cama... então nem Petúnia sabia... né? quem era Américo as informações que ela tinha são na verdade a mãe dela falava né?... falou... e vocês também não conheciam então na verdade vocês vão criar... esse personagem a história desse personagem e agora a gente quer ouvir quem fez... quem começa?
- Al:** eu eu
- Prof:** Amon
- Al:** "Américo é um cara que é sério... mas também uma boa pessoa... gosta de conversar um pouco mas quando fica irritado o bicho pega chama muito palavrões se irrita... e sua/ quando era pequena era muito maltratado e via seu pai beber muito e chamava vários palavrão e vivia vendo seu pai brigar com a mãe e fez isso com várias mulheres então se tornou essa pessoa um pouco ruim e rude"
- Prof:** um pouco
- Al:** ruim e rude
- Prof:** quem mais?
- Al:** a minha história é parecida com a de ()
- Prof:** lê... lê Elaine a sua ((aluna se recusa a ler)) não tenha vergonha não... todo mundo não fez?... todo mundo não criou?
- Al:** "Américo era um homem rico que tem problemas com a filha ele é um pouquinho arrogante... desde que perdeu a mulher começou a ficar doente apaixonado por flores e possui um imenso jardim em sua casa antigamente ele gostava de ir à praia praticar esportes era um homem cheio de energia gostava de (lucrar) com a filha/ de levar a filha pra o cinema porque quando a filha começou a namorar com quem ele não queria

- começou a discussão entre eles... agora ele vive em casa jogando baralho com os empregados às vezes toma sol mais ele vive mais no hospital do que em casa”
- Prof:** quem mais?... Artur
- Al:** “Américo era filho único de um casal de classe média alta do Rio de Janeiro... aos doze anos perdeu a sua mãe seu pai entrou em depressão e morreu no ano seguinte... Américo filho único sempre foi mimado tinha tudo nas mãos (exceto) a liberdade aos dezesseis anos saiu de casa e foi parar em um bairro longínquo do seu lá encontrou várias pessoas em um bar se embriagou pela primeira vez saiu noite afora e foi descoberto no dia seguinte por (Colombo) ... Américo já bom foi levado por (Colombo) para um bairro onde Américo acabou descobrindo que morava perto perto daquele lugar e prometeu visitar seu ami/ seu novo amigo () assim que pudesse e assim foi ... Américo tinha uma mansão carros luxúria mas () visitar seu amigo (Colombo) todos os dias onde juntos jogavam sinuca e futebol... mas infelizmente Américo é: exagerava no álcool e se embriagava todos os dias não seguia os conselhos de (Colombo) que bebia com moderação... com o tempo Américo foi descobrindo mais amizades teve muitas mulheres mas () apenas (Dora) foi escolhida para ser a mãe de sua filha a Roberta uma menina rebelde e mandona (Colombo) morreu... Américo criou uma amizade com sua família... mesmo não sabendo/ Petúnia mesmo sendo/ não mesmo não sendo bem vinda na casa () assim depois de muito tempo além da bebida e das mulheres vadias a única pessoa que Américo tinha amizade fora fora do alto do casarão de sua família era a família de (Colombo) filho filha pai esposa e todos sempre ajudando Américo a deixar a bebida... depois que Américo e sua filha se mudaram do bairro perderam o contato com a família de (Colombo) isso até ser encontrado por por Petúnia () seu eterno amigo (Colombo)
- Prof:** terminou?... uma história longa viu?... muito boa... quem mais?... então gente a gente vai tentar fazer... olhe vocês agora construíram um personagem a gente viu que a gente a gente montou aquelas silhuetas da cama... e muitas partes que apareceram eu tirei dali por um motivo muito muito justo a gente vai ver já já/ a gente recuperou os cartazes de vocês e hoje a gente vai estudar o nono capítulo que é a cama no casarão. ... então a cama agora já está em outro... em outro espaço... né? em outro local... e aí eu quero saber de vocês se leram o nono capítulo... que que mais chamou a atenção de vocês nesse nono capítulo? ((alunos falam ao mesmo tempo))... mas ele é ignorante o tempo todo Alan?... se acha que ele é ignorante o tempo todo?
- Al:** (não não considero mas exagera)
- Prof:** vejam só... as meninas acharam assim que Petúnia ela teve muita coragem... ela foi muito corajosa... então só... vamô tentar recapitular... fazer uma uma paráfrase do capítulo?... como é que se inicia o capítulo?... pra gente discutir algum ponto
- Al:** inicia a cama chegando no casarão... a empregada indo atrás do Américo Américo a cama já chegou coloca no quarto ele foi... ele se encanta pela cama acha a cama linda
- Al:** bota um lençol amarelo ()
- Al:** é porque ele acha diz que a cama merece um colchão bordado... um colchão não uma colcha
- Al:** bota um branco não isso é coisa de hospital... depois chega Petúnia
- Prof:** é podem falar
- Al:** ela vai começar a conversar com ele no escritório ((alunos falam ao mesmo tempo)) e depois chega Roberta... mas só que o que a gente esperava () ... aí depois tem a briga lá entre... Américo e Roberta
- Al:** ela diz que acorda mas desper/ só desperta após uma hora que acorda
- Al:** Roberta vai embora aí... Américo começa a bater na cama... né?... aí Petúnia chega começa a brigar com Américo... a empregada a governanta... como é o nome dela?
- Als:** Faustina
- Al:** Faustina ela ela se retorce na parede ((alunos sorriem))
- Al:** sobe na parede
- Al:** daí no final
- Al:** no final começa todo mundo ()
- Al:** () ((alunos sorriem))
- Prof:** Amon essa parte você gravou não foi?... tava vendo como ele decorou essa parte?... gente pronto eu tô vendo que todo mundo... pegou a a... o fim da meada aí do capítulo bem direitinho... tem alguns aspectos do capítulo que eu acho que é interessante a gente frisar né?... uma das coisas que Amon falou foi... eu vou recuperar o que vocês falaram

né?... os dois... Amon falou assim que o que chamou a atenção dele nesse capítulo foi o fato de Américo ser

Al: ignorante

Prof: ignorante... aí eu vou recuperar né? algum/ um momento aqui que... em que a cama chega... quem tá com o material... tá certo... pode pegar aí... ((professora tenta localizar um trecho do capítulo nove))... pronto... página um sete quatro... primeiro parágrafo aí primeira página... quando a cama chega que a Faustina vai avisar né?... aí Américo fica todo animado com a cama porque a filha gosta de antiguidade vai gostar da cama vai entender né?... primeiro eu queria que vocês comentassem o seguinte o fato de ele comprar a cama pra filha representa o quê gente?

Al: carinho

Prof: por que foi que Américo quis comprar essa cama pra Roberta?

Al: pra agradar

Prof: porque ele queria agradar... a intenção dele era agradar

Al: mas também após um tempo ele só comprou também porque ele pensava que ela ()

Prof: justamente ele comprou a cama também pra... antiga porque/ ele foi não podia comprar qualquer cama?

Al: foi

Prof: [[por que que ele foi atrás dessa cama?

Al: [[só que ela gosta de... cama antiga

Al: porque ela gosta de (coisa antiga)

Prof: isso ela gosta de antiguidade tá?... então ele foi procurar né?/ pedir pra Elvira comprar uma cama antiga justamente por quê?... pra tentar agradar a filha essa atitude Amon mostra que ele não é de todo uma pessoa rude... né?... ele não é de todo uma pessoa rude... que se ele fosse uma pessoa rude é... indiferente ao sentimento da filha pela filha ele não teria essa preocupação né?... em agradar... aí na página um sete quatro na na no volume de vocês aí

Al: em vestir a cama

Prof: "e desde quando você prestou atenção na cabeceira da cama... olha só para isso Faustina" veja só como ele fica encantado com a cama... "chegou mais perto pra examinar a escultura na madeira... alisou o jacarandá... sentou pra espiar melhor o pé da cama e acompanhou o exame com hmmmms de aprovação... concluiu entusiasmado sim senhora... dona Faustina isso é que é cama... vamos vestir ela"... isso também é interessante Amon também chamou a atenção... por que será que ele vestia... a gente já viu que... a gente não já estudou em uma aula anterior que... que há um momento que há momentos no texto em que a cama... ela é tratada né?... como se ela fosse... como se tivesse vida lembra quando eu falei de (personificação)?

Al: é como se fosse uma pessoa que tivesse comandando a vida dos dois

Al: é quando ele começa a bater na cama Petúnia não gosta diz que vai machucar matar a cama

Prof: é no/ pronto Micaely recuperou aqui... quando quando a cama tá no estúdio lembram que como Jerônimo se refere a ela?

Al: isso um monstro olha as garras olha

Prof: é... tem vários momentos no livro... e aqui é outro momento "vamos vestir ela"... aí eu quero que vocês prestem atenção nessas nuances do do texto... tá?... "cadê? cadê?... o quê? a roupa dela... bom tem roupa de cama aí na cômoda... Faustina ainda não tinha acabado de falar e Américo já estava remexendo um gavetão da cômoda atrás de fronha e lençol"... quer dizer ele tem a preocupação ele mesmo sendo ele uma pessoa rica que tem uma governanta na casa... ele não podia deixar Faustina arrumar ou um empregado qualquer pessoa?... mas não ele quer arrumar por quê?... porque pra ele aquilo não é só uma cama... não era só vestir a cama... ERA uma preparação pra receber alguém muito especial... né? que é a filha dele

Al: ele chega a ficar eufórico

Prof: é ele fica eufórico... aí abaixo tem um pouquinho assim... "vamos botar este aqui seu Américo a Roberta vai gostar... não é bordado eu não quero essa cama precisa de lençol bordado" quer dizer tem que ser uma coisa es/ muito especial quer dizer vejam os detalhes tá vendo Amon quer dizer ele/ apesar de ele ter os momentos de agressividade de de rude... de ser rude... mas ele tá mostrando aqui que ele tem uma certa... delicadeza... ele tá observando as coisas aqui não é bordado... "então este aqui... olha

todo branco todo branco parece coisa de hospital tira isso da minha frente... ah esse amarelinho... as duas vão gostar dele... a Roberta e a cama"... oh de novo

Ai: as duas

Prof: as duas

Ai: é como se ela fosse uma pessoa... e fosse gostar daquela cor de roupa daquele jeito

Prof: pronto... aí depois ele mesmo oh... ele mesmo arruma... depois tem assim... ele pega ele vai pegar a roupa de baixo... eu não sei/ um sete cinco... "roupa de baixo é comigo mesmo deixa que eu trato... riu... Faustina voltou pra junto da cama... seu Américo que fazer o favor de sossegar?"... esse parágrafo como () diz ele tá tão agitado né?... com a chegada dela tão eufórico que ele quer arrumar... ele quer fazer ele quer né?... ele bate na cama ele deita na cama vê que a cama é grande... então tudo isso demonstra que... pra ele é a chegada de alguém muito especial... ele cria expectativas

Ai: () filha dele

Prof: ele cria expectativas pra receber Roberta ela vai gostar vamô fazer assim né?... tudo ele tá pensando e planejando pra recebê lá?... aí... eu quero que vocês acompanhem... depois desse momento... tem um momento em que Petúnia chega... chega na casa dele... né? e vai procurar o Américo pra conversar... aí esse momento também eu gostaria... eu gostaria que vocês... acompanhassem aí... é na página um sete oito... um sete oito... quando ela chega né?... então tem assim ((professora lê trecho do capítulo nove que se estende da página cento e setenta e oito até a página cento e oitenta e dois))... então vejam só esse é o momento que Petúnia chega a casa... ao casarão... que aí vocês tem uma descrição/ um pouco da descrição desse espaço... né?

Ai: () no escritório

Prof: e tudo isso no escritório... você vê no jardim a gente lembra tem a impressão que o jardim é longo né?... é longo... é é/ o canteiro de petúnias... é... o escritório dele... que chama a atenção nesse espaço do casarão até aqui até onde eu li?

Ai: o jardim de petúnia

Ai: cheio de coisa... é muito grande... cheio de muita coisa

Ai: o escritório principalmente só o que tem é garrafa

Prof: vocês percebem como é que que... isso tá claro na linguagem né?... primeiro ela chega e ele tá com uma garrafa na mão... depois quando é é se descreve o escritório... tem uma série é... de garrafas né?... é "livro computador garrafa... poltrona cadeira garrafa... câmera tela pra cinema copo garrafa... telefone sem fio telefone com fio garrafa"... então é uma série/ por que será que esse espaço dele tá assim tão cheio de garrafa?

Ai: bebia muito

Ai: bebia muito

Prof: vocês lembram do... quando a gente estudou o espaço do estúdio... vocês lembram que eu pedi eu pedi pra vocês tem um momento lá que eu digo para vocês... no roteiro de discussão gente que características de Jerônimos o espaço do estúdio acaba assimilando?... aí vocês disseram o estúdio é simples... o estúdio tem cd

Ai: é organizado

Prof: é organizado tem cd tem músicas tem

Ai: poucos móveis

Prof: poucos móveis aí aqui... tá vendo que se repete?... esse espaço do escritório de Américo acaba... assi/ assimilando uma característica dele... que é de ser alcoólatra... então todo lugar tem garrafa a gente tem a gente tem a impressão que esse espaço apesar de grande se torna

Ai: pequeno

Prof: pequeno pela quantidade de coisa né?... a quantidade de coisa que tem perto dele... veja que é/ no no "rodeando a escrivania uma multidão"... então a gente tem a idéia da mesa mesmo que são muitos objetos que estão ali certo?... então posso chamar a atenção pra essa questão da linguagem né?... do espaço do casarão que que... tem essas características do Américo como vocês colocaram escreveram sobre o Américo... (criaram) é é/ Artur coloca muito bem quando diz que o personagem bebia Júlia também Amon também... então a gente vai recuperar agora o momento... o momento em que Roberta chega vamô olhar... o momento em que Roberta chega... aí no teu teu... no teu texto onde tem assim "o olho de Roberta passou pelo quarto"... olha então tem aí "o olho de Roberta passou pelo quarto" encontraram? ((alunos procuram o trecho indicado pela professora))... pronto "o olho de Roberta passou pelo quarto"... esse é o momento que

ela chega Américo tá com Petúnia lá no escritório mas quando ele vê Roberta ele imediatamente... vai pro quarto e ele/ na verdade a conversa entre eles acontece no espaço desse quarto né?... que é onde a gente vai lê agora... "o olho de Roberta passeou pelo quarto... que profusão de rosas... amarelas... não me esqueci que você só gosta de rosa amarela... mandei comprar todo o estoque do bairro" olha o exagero... volto volto pro ponto que Amon falou... apesar de ele ter esse tipo de agressividade olha quanto carinho que ele tem pela filha... é o velho pai coruja né?... comprou a cama ele mesmo arrumou... é é mandou comprar

Al: é é... eu acho que que... ele ele ter... tido algumas controvérsias com Roberta

Prof: é

Al: agora ele queria agradecer ela

Prof: com certeza né?... então tem aí "amarelas... não me esqueci que você só gosta de rosa amarela... mandei comprar todo o estoque do bairro... típico"... olha a resposta dela... eu quero que vocês prestem atenção nas respostas de Roberta... oh o que ela diz ((professora lê trecho do capítulo nove que se estende da página cento e oitenta e seis até a página cento e oitenta e nove))

Al: oh Kalina esse dez hora da manhã foi... Américo que falou pra ela?... porque dez horas

Al: dez horas da manhã

Al: é ela

Prof: foi ele... oh... era de madrugada... aliás ele perdão... era de madrugada ela diz... aí ele é que diz dez horas da manhã foi ele realmente ela diz era de madrugada... né?... aí ele corrige... não era de madrugada era dez hora da manhã... aí o que que ela diz?... que pra ela... pra ela... era de madrugada que dez horas da manhã é de madrugada... vejam como essa moça é trabalhadeira ((professora continua a leitura de trecho do capítulo nove que se estende da página cento e oitenta e nove até a página cento e noventa))

Prof: então veja a gente tá pegando aqui a questão da... dessa conversa deles pra vocês perceberem que que vocês notam pensando agora em todas as relações... de pai e filho que a gente viu... a gente tem aí a relação de Zecão e Tobias que vocês analisaram... tem a relação de Elvira com com Petúnia... e agora mais uma família né?... que é... é Américo e Roberta... e aí que que vocês acham dessa relação?... entre pai e filho... hein gente?

Al: não não tem uma uma (relação) entre pai e filho... porque os dois vivem brigando

Al: com quem... com quem Roberta é casada... não fala não é?

Prof: não... aqui não aparece o nome não

Al: ele fala pra ela... quando se ela ela... ainda tá com aquele chifrudo alguma coisa?

Prof: é... aparece a expressão... o nome não aparece

Al: é como se ele não aceitasse ela tivesse... nada

Prof: isso... vejam só aí eu quero que vocês percebam assim essa relação existente entre eles dois caracteriza um relacionamento entre pai e filho?

Al: não

Prof: "você ainda anda com aquele chifrudo a tiracolo"?

Prof: é... hein gente caracteriza Júnior?

Al: não

Prof: a relação de pai e filho a relação dele com ela?... é quando a gente/ quando vocês conheceram a Petúnia vocês ficaram com um um pouco de raiva de Petúnia não foi? Marrone ((aluno confirma)) por conta das respostas que ela dava pra mãe... né?... mas a gente percebe em Petúnia uma moleca assim/ uma menina muito é

Al: desenvolvida

Prof: não é desengonçada... ela é muito assim

Al: de exagero

Prof: ela é muito extrovertida ela é muito ousada... a linguagem dela a relação com a mãe parece muito amiga mas e agora entre entre Roberta e Américo?

Al: parece... até tá de ovo virado

Prof: tá de ovo virado... ((professora sorri))... vocês percebem que não não... parece que não são da mesma família ou parece que não há relação

Al: parece

Prof: parece até que não há relação sanguínea entre os dois... né?... não há esse vínculo de afetividade porque em Elvira... e Petúnia você percebe a preocupação de Elvira

Al: há uma espécie de carinho

- Prof:** isso... Petúnia apesar das respostas ela vai ao morro com a mãe né?... ela vai ao antiquário com a mãe pra comprar mesmo querendo a cama pra ela... então... ela tá sempre cedendo um pouco pra mãe né?... sempre entendendo um pouco o lado da mãe... ela ela abre o quarto dela pra que a irmã volte quando a irmã briga com Jerônimos e volta pra casa... quer dizer pra pra mãe não brigar com a irmã ela acaba cedendo um pouco o quarto...então é uma relação diferente a relação... eles dois realmente não constituem... parece não constituir uma família... né?... é muito/ e outra coisa não sei se vocês perceberam também a relação de... agradar e comprar como é aqui?... vocês perceberam isso gente?
- Al:** como se fosse pra agradar teria sempre que usar o dinheiro
- Prof:** comprar alguma coisa pra agradar ele diz que ela sempre se interessou por dinheiro então parece os dois vivem num mundo assim... como a gente tá vendo o casarão parece um espaço mais rico... dentro dentro do romance... né?... dentro do livro... e aí parece que os dois estão sempre brigando por alguma coisa que tá relacionada a dinheiro também ele quer comprar ela também através de objetos ela diz ele diz que ela só se interessa por dinheiro... então parece que os dois estão brigando constantemente... eu pedi pra pra ((professora e alunos falam da distribuição de materiais ao fim do projeto))... olha gente eu posso passar adiante?... pode passar adiante?
- Al:** pode
- Prof:** aí pronto depois desse momento... tô só refletindo sobre a questão da relação entre pai e filho né?... e vocês pensarem também sobre essa questão de compra... porque às vezes vocês chantageiam muito os pais né?
- Al:** é
- Al:** eu não
- Prof:** quem tem irmão principalmente... Amon no seu caso é fácil porque é só você né? ((alunos falam ao mesmo tempo))... pra quem tem irmão a chantagem emocional é uma coisa horrível... a senhora só dá isso pra fulano... a senhora só ((alunos falam ao mesmo tempo comentando sobre chantagem familiar))... oh mas vocês percebem que também tem o momento que Américo faz chantagem com ela?... ele diz já estou no fim da vida não sei o que... a relação pais e filhos é uma relação sempre permeada pela chantagem tanto dos filhos quanto dos pais aí os pais ficam aí eu vou morrer eu tô muito né? eu tô me acabando eu tô doente eu sei que eu vou ()
- Al:** eu vou (sofrer) um enfarte
- Al:** porque o o pai/ a pessoa teve tanto enfarte a pessoa num
- Prof:** também... então vejam aí... eu vou pedir pra vocês irem agora ... deixe eu ver... no meu é página cento e cinquenta e quatro ((professora tenta localizar trecho do capítulo nove))... na página cento e noventa e nove no volume de vocês... cento e noventa e nove... não é isso?... tem assim... posso? ((professora e alunos se posicionam para uma foto))... pronto gente... oh encontraram a página?... localizaram?... vocês encontraram a página?... então tem aí... “quando Américo escancarou a janela... Petúnia se espremeu contra a parede”... esse é o momento em que Roberta vai embora né?... Roberta só fez entrar ter a discussão com ele e vai embora deixa ele sozinho... aí Petúnia coitadinha embaixo da janela esperando/ ouvindo a conversa... pra ver se ela vai levar a cama vai ficar com a cama ou não... na expectativa né?
- Al:** não é duzentos não?
- Prof:** oi
- Al:** não... aí diz assim ((professora lê trecho do capítulo nove que se estende da página cento e noventa e nove até a página duzentos e um))... aí nesse momento ele vai despejar toda a raiva que ele teve...
- Al:** como se de novo a cama como se fosse uma pessoa... ela fosse a causa... a pessoa que fosse a causa de Roberta
- Prof:** de novo tá acontecendo uma coisa
- Al:** ela fosse (dona) do personagem
- Prof:** olha só o que a minha amiga Micaely tá dizendo... repita Micaely
- Al:** de novo a cama é considerada como uma pessoa... ela que tá impedido Roberta de gostar dele
- Prof:** isso aconteceu a onde?
- Al:** já aconteceu no romance
- Prof:** aonde?

- Al:** ()
- Prof:** não... no no
- Al:** Jerônimos
- Prof:** no Jerônimos e Rosa... lembram do estúdio?... que quando a cama chegou lá em vez... de unir o casal
- Al:** é uma maldição dessa cama
- Prof:** parece que é assim a cama é um personagem... então onde ela vai e ela não não () a família... e ela causa maldição... além de causar maldição pra família dela... pra quem vendeu como o avô disse... ela vai tá causando maldição pra que lugar... pra
- Al:** agora deu
- Prof:** então vejam só que a cama lá no estúdio né?... lá no estúdio acontece isso... em vez de unir... aqui novamente ela foi comprada com a função...
- Al:** de unir
- Prof:** com a função de unir... só que ela
- Al:** ela vai separar ainda mais
- Prof:** aí aqui... é é... Jerônimos... Jerônimos não Américo vai contra a cama como se ela realmente fosse uma pessoa como se ela fosse a culpada pela pela separação... só que até o momento em que... acho que na outra página... Petúnia consegue entrar pela janela né? "Petúnia chegou mais perto da janela acompanhando a cena de ouvido num espanto que virou pânico quando ouviu a violência dos golpes na madeira... se agarrou no peitoril e impulsionou o corpo pra cima querendo ver se era mesmo na cama que Américo estava batendo... era... do jeito que ele batia já já matava a cama"... olha de novo...
- Al:** matava a cama... se continuasse assim matava também a promessa dela
- Prof:** olha aí gente... o que ela pensa? ((professora lê trecho do capítulo nove que se estende da página duzentos e um página até duzentos e três))... vejam a atitude da menina né?... vejam a atitude dela... na hora... na hora da agonia... aqui é na hora do desespero mesmo ou ela fazia isso ou ia sobrar só... foi o agora ou nunca... aí na hora do desespero a Petúnia acaba
- Al:** soltou a franga
- Prof:** né?... soltando a franga como diz Amon e contando pra Américo... porque que ela quer tanto essa cama... não é?... aí o final do do casarão... o que que acontece?... Américo faz o quê gente?
- Al:** vai batendo na cama
- Prof:** é é depois que que a Petúnia faz isso... Américo faz o quê?
- Al:** quando ela vem em cima Américo chega se assusta e parou claro... porque a Petúnia () meu Deus como é que pode ser tão corajosa e realmente dá agonia ela falar tudo aquilo sabe? que está preso... faz ele pensar eu dô ou não dô a cama a cama vai ficar comigo ou eu termino de quebrar ela todinha e eu deixo a promessa dela ir:... pra não sei aonde
- Prof:** aí o nono capítulo termina como?... a gente já leu alguns fragmentos que eu acho importante?
- Al:** ela vem e quer arrumar até um carro pra levar a cama pra casa de Tobias e aí ela fala que não cabe no carro aí ele fala a gente arruma qualquer carro
- Prof:** vamos para o capítulo dez ((professora distribui o capítulo dez entre os alunos))... quem gostaria de ler o capítulo dez? ((professora diz que indicará os alunos que lerão o capítulo)) ((quatro alunos lêem o capítulo durante aproximadamente cinco minutos)) ((os alunos aplaudem o fim do capítulo)) ... presta atenção agora... agora que a gente já terminou o livro a gente vai lê vai quais foram as cartas que vocês escreveram que soluções que vocês deram pra Petúnia... vamô abrir... vamô abri aí vocês lêem eu vou dá a cada um a carta pra vocês vê ((professora distribui entre os alunos as cartas produzidas em outro momento))... quem começa?... começa Amon ((oito alunos lêem as suas cartas))
- Prof:** gente alguém daqui se aproximou?
- Al:** eu mandei ela falar ou com a mãe ou com o Américo ((alunos falam ao mesmo tempo))
- Prof:** gente presta bem atenção só um minutinho olha... vocês percebem/ como é que termina o romance né?... que que dá a entender quando termina o romance?
- Al:** que a cama voltou pra família de Américo só que ((professora e alunos a alertam acerca do nome do personagem))... de Tobias ()... pra você inventar se ela vai continuar quem é que vai ficar com a cama
- Al:** é... (cheia) de mistério... se Tobias vai ficar com a cama

- Prof:** olha só gente... oh vocês percebem que o que fica/ que o que dá a entender a gente é que vai existir isso aqui... a gente não fez duas árvores não foi?... a gente fez árvore da família de... Tobias e a árvore da família de
- Al:** Petúnia
- Prof:** Petúnia... e o que dá a entender é que vai acontecer isso aqui... essas duas árvores e mais uma que é essa... né? mais uma árvore que é Tobias e... Petúnia outra coisa que
- Al:** outra família ecologicamente correta
- Prof:** é ((professora e alunos sorriem)) é porque o encontro foi ecologicamente correto... outra coisa que eu quero chamar a atenção de vocês... eu tirei a silhueta vocês perceberam?... porque aqui a gente tem eita caiu uma coisa aqui da cama no morro mas eu colo depois ... eu montei pra gente analisar a questão dos espaços eu vou colocar aqui como era muito grande a silhueta não deu pra eu montar como eu gostaria de montar... mas vocês percebem que o primeiro espaço que a cama percorre... lembrando dos espaços que a gente teve no romance... é a cama em Rocha Miranda depois... a cama
- Als:** no morro
- Prof:** aí depois
- Al:** a cama no estúdio
- Prof:** e por último
- Al:** no casarão
- Prof:** no casarão... mas pra onde é que volta do casarão?
- Al:** pra favela
- Prof:** pra cá... vocês percebem que
- Al:** pra casa de Tobias ali não é a casa de Maria Rita... tá errado
- Al:** se... se () a casa de Tobias
- Al:** é a casa de Maria Rita não?
- Al:** ahn ahn ahn
- Al:** Rocha Miranda é a casa de Tobias minha gente
- Prof:** a cama não sai daqui... de Rocha Miranda... aí daqui ela vai pra... o morro... do morro ela vai pra onde?
- Al:** pro estúdio
- Prof:** ela vai pra o estúdio... do estúdio ela vai pra onde?
- Als:** pro casarão
- Al:** do casarão passa primeiro pelo antiquário
- Prof:** mais o antiquário é um espaço assim muito... que ela não tem o valor que ela teria... primeiro ela passa pelo antiquário eu vou considerar o antiquário mas não é um espaço que ela permanece ela só... só passa por ele realmente quer dizer fica um dia lá e depois ela vai pra onde?... pra o
- Al:** o casarão
- Prof:** o casarão... e do casarão ela volta
- Al:** Rocha Miranda
- Prof:** vocês percebem?
- Al:** é um círculo
- Prof:** é... é... fechou um círculo
- Al:** deja vu
- Prof:** ela vai pra cá e volta... pro mesmo lugar... pra família de origem
- Al:** deja vu
- Prof:** então... existe... você tá falando de deja vu... é uma idéia muito é um conceito muito interessante sabe porque eu não vou tratar... mas que é assim a idéia de tempo cíclico... ou... a idéia de... cíclica né?... de alguma coisa que se repete como o deja vu está presente desde a Bíblia né?... a vida da gente se a gente pensa na... do pó nascemos e ao pó voltaremos é a questão do tempo cíclico... se a gente pensar por exemplo... cíclico... que cumpre um círculo Marrone...né? outra coisa se a gente pensar por exemplo na na atividade do agricultor do plantar no colher... é tudo uma questão de tempo cíclico né?... existe um tempo pra tudo e parece que a cama tá cumprindo esse tempo também... ela sai desse espaço percorre um monte de lugares e volta... pa seu lugar de origem... tá?... então isso eu queria que vocês/ pra marcar essa questão de espaço né?... e a minha cama ficou muito simples não ficou cheia demais como a de vocês ... mas eu coloquei mas eu coloquei ali... garrafa e copo dinheiro televisão telefone computador livro tudo aquilo... eu acho que é a mais parecida com a Petúnia... gente aí agora pra...olha

pra resolver digamos assim... pra... que eu sabia que iam ficar com raiva do romance no final

Al: vai fazer o que vai vai acontecer mas só que

Prof: a gente vai fazer isso aqui agora não... não é na sua opinião não... olha gente bem rapidinho tá?... não vai demorar muito não é tempo aqui que eu organizo o nosso lanche...oh... tem assim "epílogo"... eu explico pra vocês aí o que é um epílogo tá?... "sabendo que epílogo significa fecho resumo final de um livro ou () escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler... lembre se de seguir a coerência interna da obra"... que é justamente o quê?... vocês seguirem com a seqüência dos personagens dos espaços tá certo?...de tempo... então a história aqui termina Petúnia indo embora e a cama fica na espera... a gente não sabe o que aconteceu depois...então agora vocês fazer pode ser pequenininho do modo de um parágrafo dois ... do modo que vocês quiserem... vão criar um epílogo

Al: eu posso

Prof: vocês podem colocar título... vocês só vocês só não podem não podem fugir da coerência... podem dar um título para o epílogo tá bom?... podem dar um título

Al: a pessoa pode botar a chegada

Prof: pode... pode botar do jeito que vocês quiserem

3ª PARTE: CÓPIA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS ALUNOS

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE

LAGOA SECA, 01/08/07.

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA(S): Kelima

ALUNO(A): [REDACTED]

SÉRIE: 8º TURNO: Manhã

PROJETO DE LEITURA

LIVRO: A CAMA

AUTORA: LYGIA BOJUNGA

ENCONTRO: 5º

1. ATIVIDADE PROPOSTA

Esse romance deve falar de uma paixão, ou amor, ou fala de paixões, de como é um romance, de como viver uma paixão, ou simplesmente fala de um casal de namorados que vivem uma paixão marcante em suas vidas.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE

LAGOA SECA, 05/08/07.

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA(S): Kátia Maria Soares

ALUNO(A):

SÉRIE: 8^a

TURNO: Manhã

PROJETO DE LEITURA

LIVRO: A CAMA

AUTORA: LYGIA BOJUNGA

ENCONTRO: 1^a

1. ATIVIDADE PROPOSTA

A minha primeira impressão é que o livro tratará de um romance baseado na casa e lugar onde o fato está acontecendo por isso ~~na~~ ~~na~~ na frente de cada capítulo pode ser localizada o nome a cama que a meu ver será no sentido figurado e eu acho a cama será o local de encontro.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE

LAGOA SECA, 01 / 07 / 08 .

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA(S): Kátia e Fernanda

ALUNO(A): [REDACTED]

SÉRIE: 8º TURNO: D

PROJETO DE LEITURA

LIVRO: A CAMA

AUTORA: LYGIA BOJUNGA

ENCONTRO : _____

1. ATIVIDADE PROPOSTA

A primeira impressão que vejo que o texto trata é que se trata de um romance que vai abordar como onde pode ser um ponto de encontro para o casal, já que se trata de um romance. Onde também vai mostrar a história de um império antigo. E como pode ser como onde duas irmãs foram também para ser usado para confundir e ser usado para um ponto de encontro já que trata de um romance.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE

LAGOA SECA, 01/08/07.

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA(S): Kalina

ALUNO(A): XXXXXXXXXX

SÉRIE: 8ª

TURNO: Manhã

PROJETO DE LEITURA

LIVRO: A CAMA

AUTORA: LYGIA BOJUNGA

ENCONTRO: 01ª

1. ATIVIDADE PROPOSTA

Eu acho que a repetição do título nos capítulos, é porque o livro vai falar em cada capítulo sobre um tipo de "cama" diferente em cada capítulo, por exemplo, "A cama na lembrança" irá falar sobre um tipo de "cama", ou seja, como ela é, o que acontece com ela; para que ela serve etc. Já no "A cama no morro" irá falar sobre uma "cama" totalmente diferente da primeira.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE

LAGOA SECA, 01 / 08 / 07.

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA(S): Kalina

ALUNO(A): [REDACTED]

SÉRIE: 8^o

TURNO: manhã

PROJETO DE LEITURA

LIVRO: A CAMA

AUTORA: LYGIA BOJUNGA

ENCONTRO: 1

1. ATIVIDADE PROPOSTA

na minha estimativa, a história fala sobre a cama e a sua participação na vida das pessoas como um cenário onde se passam várias histórias. Totalmente diferentes por isso a diferenças de lugares, na história, na foto, no morro, no estúdio, no jardim e etc qual o papel da cama na vida das pessoas.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE

LAGOA SECA, 05/08/08.

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA(S): Valina Lígia

ALUNO(A): XXXXXXXXXX

SÉRIE: 8ª

TURNO: manhã

PROJETO DE LEITURA

LIVRO: *A CAMA*

AUTORA: LYGIA BOJUNGA

ENCONTRO: 1º

1. ATIVIDADE PROPOSTA

O projeto parece despertar a curiosidade dos alunos inclusive a minha.

O título do livro de Lygia nos faz pensar sobre um pequeno título figurado.

Eu ~~po~~ mesmo ~~o~~ explorei muito do livro, já sabendo dos grandes prêmios recebidos pela autora e principalmente pela forma dos capítulos que dá a impressão de títulos e uma nova história.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE

LAGOA SECA, 01/10/107.

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA(S): Fernanda, Kátia

ALUNO(A): [REDACTED]

SÉRIE: 8º

TURNO: Matutino

PROJETO DE LEITURA

LIVRO: *A CAMA*

AUTORA: LYGIA BOJUNGA

ENCONTRO: 1º

1. ATIVIDADE PROPOSTA

Nesse livro eu acho que vamos falar de uma memória física, que mostra, uma memória que se passa no tempo, onde também se passa o tempo, onde mostra um suspense e romance de mesmo tempo, pois a história fica mais interessante onde que o personagem também está de amor embora a gente pensa nele, pensando nele não está pensando no que ele faziam no tempo em todos os lugares e como foi emocionante, no final a coisa fica em suspense onde depois mostra ele a espera dele e a dela se encontram ele então depois de uma espera ele não quer mais e o amor fica ~~em~~ esperando.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE

LAGOA SECA, 04 / 08 / 2004

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA(S): Fernanda e Kalina

ALUNO(A): XXXXXXXXXX

SÉRIE: 8º

TURNO: Manhã

PROJETO DE LEITURA

LIVRO: *A CAMA*

AUTORA: LYGIA BOJUNGA

ENCONTRO : _____

1. ATIVIDADE PROPOSTA

Acho que pelo título do livro sei diferente, a leitura vai ser bastante interessante, por ser um romance a-
diferente vai aumentar ainda ^{mais} minha curiosidade
e a curiosidade dos outros alunos. Espero que tenha
um lindo romance, amizade, lugares bonitos e felicidade.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 02/108/2007.
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA(S): Kalena & Fernanda
ALUNO(A): XXXXXXXXXX
SÉRIE: 2ª TURNO: Noite

PROJETO DE LEITURA

LIVRO: A CAMA
AUTORA: LYGIA BOJUNGA
ENCONTRO: 1

1. ATIVIDADE PROPOSTA

Bem, pra começar é uma obra muito importante porque faz parte de nossa cultura. A cultura brasileira que é recheada de coisas muito importantes. As festas são um exemplo de nossa cultura. Nessa obra ela quis expressar os seus ideais que estão em sua mente e no seu coração. E mostra realmente para nós e para o mundo que ela e o esposo se fazem direito de realidade com que ela determina a obra. Que também ela usa o corpo como com o rosto uma maneira onde ela registra suas ideias.

7. Cite o nome de escritores que você conhece. E diga de qual deles você mais gosta e por quê?

J.K. Rowling, Monteiro Lobato, eu gosto mais de J.K. Rowling
porque do Harry Potter que é um ótimo livro

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

Harry Potter, porque daí tem mistério da guerra,
uma aventura, ação etc.

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

Sim, foi legal agente montou um biblioteca e levou
os livros de Monteiro Lobato e a história e a vida de
Nossa Senhora

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola?

Fabulas

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 22 / 08 / 07
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

Revistas e jornais

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros?

sim crônicas

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa? O que eles lêem?

sim histórias bíblicas e livros religiosos

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

A comédia e o romance, Casca de gatinho, A falta de amor,
 a vida de casal, Jô, O Jô e o Cordeiro, A Terra

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

romance suspense () policial () humorística () outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

em casa () na escola () em bibliotecas () outros lugares

7. Cite o nome de escritores que você conhece. E diga de qual deles você mais gosta e por quê?

Elvira Lima, Lygia Bojunga, O que mais gosto delas é de Lygia Bojunga por que seus livros são muito interessantes e bem interessantes

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

A Galinha Amarela

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

Sim,

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola?

Chapéuzinho Vermelho

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 12 / 03 / 2008
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

Eu costumo ler jornais, mas quando leio costumo ler livros (piquenets) e revistas

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros?

Sim

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa? O que eles lêem?

Sim

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

12 meses de o médico e o monstro, Bidel, 12 horas o cadáver

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

() romance (x) suspense () policial () humorística (x) outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

() em casa (x) na escola () em bibliotecas () outros lugares

7. Cite o nome de escritores que você conhece. E diga de qual deles você mais gosta e por quê?

Martinho Fialho, Egito Aguiar

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

O médico e o morto, porque tem suspense, gosto desse tipo de história.

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

Sim, há muito tem pois nós lemos o livro de o médico e o morto. que foi o melhor livro que já li.

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola?

Fóbulas

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA 22108107.
 DISCIPLINA: LINGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

Todos como livros de ficção exemplo, Harry Potter
 romances, revistas como veja, Superinteressante e
 sites jornais como correio e jornal da Paraíba.

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros?

Sim, romance, suspense, ficção e livros didá-
 ticos.

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa? O que eles leem?

Não minha mãe às vezes tem revistas e alguns
 livros e meu pai não lê nada.

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

A casa e Cecilia Meireles "Persis de"

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

romance suspense policial humorística outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

em casa na escola em bibliotecas outros lugares

7. Cite o nome de escritores que você conhece . E diga de qual deles você mais gosta e por quê ?

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola ?

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 02/08/07
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

Eu costumo ler de tudo um pouco, eu lio mais revistas e jornais.

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros?

Sim, livros de conhecimentos gerais, dicionários, entre outros.

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa? O que eles lêem?

Sim, revistas e livros.

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

Porta a Porta, Romeu e Julieta, Sapeca deitado, literários de geral, comédias para se ler na escola.

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

romance () suspense () policial () humorística () outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

em casa () na escola () em bibliotecas () outros lugares

7. Cite o nome de escritores que você conheça. E diga de qual deles você mais gosta e por quê?

Vários, mentirosos ideais, outros.

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

Segredo de Estado, era uma história que envolvia crianças e adolescentes há vários anos atrás, mas se passou de Brasil em tempo de reprodução.

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

Onde eu estudava cada bimestre tinha um livro para os alunos lerem e depois fazia uma prova sobre o livro.

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola?

Aqui na escola, nenhum. Mas na outra escola que eu estudava eu li vários.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 22/08/07
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

Todas.

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros?

Sim, romances, mitos, romances, fantasia, policial, fábula, poesia, contos e etc.

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa? O que eles lêem?

Não, eles não lêem nada.

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

Harry Potter, Sombra dos Amigos, O mundo de Sofia, contos de fadas, O labirinto, A casa da madrinha, Um soci no meu jardim, Um fantasma no porão, As crônicas de Narnia, O médico e o monstro, O zangador, A peste, O zangador e etc.

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

() romance () suspense () policial () humorística (X) outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

(X) em casa () na escola () em bibliotecas () outros lugares

7. Cite o nome de escritores que você conhece. E diga de qual deles você mais gosta e por quê?

J.K. Rowling (Harry Potter), J.R.R. Tolkien (O Senhor dos Aneis), M. LeBato (Sítio do Picapau Amarelo), Ruth Rocha, Lygia Christian, Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, Pedro Bandeira, Ariano Suassuna e Paulo Coelho, James Grimm

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

Harry Potter, O Senhor dos Aneis, As Crônicas de Nárnia, Monteiro Lobato, pois tem uma linguagem mais mágica.

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

Sim, na 5ª série, foi o único e melhor, construímos nossa própria biblioteca e uma gincana literária e outro na 6ª com Danúbia que também teve uma gincana.

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola?

Contos do oriente, James Grimm, Aia de Lago e Emília no País da Gramática e outros

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 02/05/2007
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

livros e revista

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros?

Sim, poesia romântica pura romântica, humorística, contos de inteligência, suspense, contos, fábulas infantis e juvenil, novela, conto

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa? O que eles lêem?

Não

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

Seis homens falaram de amor, o médico e o monstro, O cordão de ouro, O casamento, a arca de Noé, Fábulas, Teatro, O velho e o mar, O grande cirurgião Amigo Gaúcho, São de Pedra - pau Amante, O velho Gilmore.

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

romance suspense policial humorística outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

em casa na escola em bibliotecas outros lugares

7. Cite o nome de escritores que você conhece. E diga de qual deles você mais gosta e por quê?

Manuel Bandeira, Cecília Meideros, (Guilherme de Almeida)
 Lygia Fagundes, Bernardo Guimarães, Manoel de Lencastre,
 Pedro Bandeira, Carlos Drummond, Machado de Assis,
 Monteiro Lobato, Sílvio Torres, Paulo Coelho.

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

São homens falamos de amor, A Odisseia

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

Sim, O Mito e o Monstro, O mundo de
 Meli Dama, A Camo

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola?

Contos Univerais

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, ____/____/____
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

*Eu não lei muito, mas quando leio, eu leio gibis, jornais,
 mas não muito.*

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros?

infantis

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa? O que eles lêem?

*Eu não moro com meus pais, e sim, com os meus avós
 e eles são analfabetos, então eles não leem.*

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

O médico e o monstro, cordis, vários folhetos.

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

() romance () suspense () policial humorística () outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

em casa () na escola () em bibliotecas () outros lugares

7. Cite o nome de escritores que você conhece. E diga de qual deles você mais gosta e por quê?

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

Fábulas. não tem um livro específico que eu gostei, pois geralmente eu gosto de todos.

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

Tive um projeto em que foi apresentado o livro "O casamento de Notre Dame" e o livro "O médico e a monstra".

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola?

Fábulas

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 22/08/08.
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

Revistas e jornais e gibis

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros?

Alguns, romances e gibis

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa? O que eles lêem?

Sim, jornal e revistas

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

O médico e o mendigo, literatura de cordel e várias fábulas entre eles vários livros infantil.

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

romance suspense policial humorística outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

em casa na escola em bibliotecas outros lugares

7. Cite o nome de escritores que você conhece. E diga de qual deles você mais gosta e por quê?

mentiro bastato, estilia Muroles

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

Todos os livros de romance e de terror. Por que são os que eu mais acho interessante.

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

Sim, foi muito bom e muito interessante, deu para aprender várias coisas.

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola?

O médico e o monstro e outras fábulas.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 22/08/07.
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

Eu costumava ler livros e revistas.

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros?

Tenho sim. Românticos etc.

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa? O que eles lêem?

Minha mãe não gosta muito, mas meu pai, sempre quando tem um tempinho, ele lê bastante. Geralmente, ele lê, muitos livros que tem haver com estudos gerais.

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

Literatura de cordel e vários folhetos.

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

romance suspense policial humorística outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

em casa na escola em bibliotecas outros lugares

7. Cite o nome de escritores que você conhece. E diga de qual deles você mais gosta e por quê?

Monteiro Lobato, Caio Fernando de Andrade.

Pipi, Amor à primeira vista, vários outros

8. Dos livros que você já leu qual deles você mais gostou? Por quê?

Não posso concluir o livro que eu mais gostei. Porque todos que eu li eu gostei. Minha preferência não está

9. Em sua escola há projetos de leitura? Se já aconteceu algum explique como foi.

Sim. Foi muito bom porque nós lemos o livro "O Médico e o Monstro".

10. Quais os livros de literatura que você leu da biblioteca da sua escola?

"O Médico e o Monstro" e outros.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 22/08/07.
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
SÉRIE: 8º

CARO(A) ALUNO(A),

As perguntas abaixo têm como objetivo traçar o seu perfil de leitor, na certeza de sua colaboração, agradecemos desde já.

1. O que você costuma ler (livros, jornais, revistas, gibis...)?

Eu costumo ler livros, gibis e alguns jornais de notícias.

2. Você tem livros em casa? A que gêneros literários pertencem esses livros ?

Tem, como infantil, aventura, romance.

3. Seus pais têm o hábito de ler em casa ? O que eles lêem?

Sim, eles leem alguns livros de história e jornais.

4. Quais os livros de literatura que você já leu?

Contos e novelas de literatura de cordão, fábulas, Harry Potter,

5. Qual o tipo de história você mais gosta?

() romance (X) suspense (X) policial (X) humorística () outros

6. Em quais dos espaços abaixo você costuma ler?

(X) em casa (X) na escola (X) em bibliotecas () outros lugares

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

Zecão e Tobias tem uma relação um pouco mais porral dialogada, mas por outro lado um gosto de ouvir a mesma coisa demonstrando ser amado e querido.
Elvira e Petúnia tem uma relação mais bem dialogada e as duas se entendem.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

A cama é a única esperança para que a riqueza volte a família.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Zecão, porque ele acredita na maldição da Luisana, e também porque ele quer cumprir a promessa que fez a seu pai era de voltar de amido.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

sim, pois não era só a realidade dela e mais de seu filho e também porque ela não ia comer por não ter uma coisa e também porque ela já estava vivendo uma maldição que ninguém paga outra.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

O Zecão é um cara religioso, calado, mas é mesmo de conversa até mesmo com o seu filho, mas tem um certo amor com ele e o seu filho Tobias também não é de muita conversa e tem uma certa admiração com o seu pai.

A Elvira é mais apegada com a filha mais velha Petúnia, então, tem uma relação aberta com o filho Tobias, e o mesmo tem a filha como a mãe.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

Como o Zecão era religioso e supersticioso, ele acreditava na história da lizão, da "maldição". Então para ele era importante ter a cama na sua família, para que nunca eles corressem o risco de viver essa "maldição".

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Para a Maria Rita pois além de ser a dona era mais importante o valor da cama, mas para o Zecão a cama era importante, então a cama importa mais para o Zecão.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Não, pois ela, quando mora, se juntou com um vagabundo e fugiu de casa para morar com ele, mas como o costume, ela levou a cama, e depois de passar necessidade quis vender a cama.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

Um meio ~~parente~~ lógico porque eles conseguem
 ser um meio amigo. Mas depois que a mãe
 morreu e parentes próximos querem se livrar
 do campo a história de vida e amizade começa
 a ser feita diferente.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

É uma cama muito importante para a família
 porque faz parte de um parente mais próximo
 (não lembro o nome) que fez muito pela família.
 Ela é deixada a ser uma peça de museu como é
 chamada ou uma relíquia sem preço.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Zecão porque faz parte de um parente mais
 próximo e ele prefere ficar aliando para essa
 cama ali no cantinho para se lembrar daquela
 pessoa todas as vezes que olhar para cama.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Não. Porque ela não acredita na maldição
 do legado.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

É muito diferente a relação de Zecão com Tobias e Petúnia. Tobias e Elvira, Zecão e Tobias, são muito diferentes por serem irmãos, mas são muito unidos e felizes. Admira muito Zecão, goza muito. Petúnia não tem uma grande desunião. Mas existe uma característica semelhante entre Tobias e Petúnia, eles são felizes por os pais serem felizes com os filhos e seu pai.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

Ela é muito importante, pois ela é a vida de Zecão, ele não sabe viver sem ela, pois ela é a vida de Zecão, ele não sabe viver sem ela, pois ela é a vida de Zecão, ele não sabe viver sem ela.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Para Zecão, pois ele fez uma promessa aos pais de que ele não venderia a cama.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Sim, pois ela estava passando fome, estava necessitando muito de vender a cama de nós, ela e o seu filho, para não morrer de fome. Se estivesse no lugar de Zecão, eu venderia a cama.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

Zecão é um homem calado, e não tem um bom diálogo entre pai e filho (Tobias), já Elvira e Petúnia são pessoas - duas amigas que mãe e filho, por estarem o tempo todo em conversa e têm como opinião sobre Rose e Jerônimo e outras assuntos educadamente.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

A cama está na família há muitas anos, passa de pai para filho, e todos deviam honrar essa cama, guardá-la ou usá-la não podendo vendê-la pois a pessoa que tirou a posse da cama seria amaldiçoado.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Zecão, ele é o único que se compromete com a promessa de usar a cama, e é o único que acredita e se mantém em paz em questões de promessa.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Sim, ela está passando necessidades por aí, e deve vender a cama para conseguir o que precisa, mas que antes de tudo ela deve pensar a si mesma e a família.



ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

A vida de Zecão e Tobias é bem diferente, o pai não fala com o filho nem o filho com o pai, não tem uma conexão, um afeto grande pelo filho, parece que eles são bem diferentes, desconhecidos, mas o Zecão não parece ser totalmente igual do pai, ele parece ser mais simpático e próximo. Já Elvira e Petúnia é bem diferente a vida delas, Petúnia é bem faladeira, a mãe é bem controladora no que diz respeito a que quer ver os dois filhos unidos.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

É uma herança de família, que é quase sagrada para Zecão.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Zecão. Porque ele não quer que ninguém venda a cama, nem abandone e nem que fique com ele para que não traga nenhuma medicina para a família dele, também pela falta dela com os outros deitados ali.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Sim. Porque ela está em uma situação financeira muito difícil, ela já vendeu todos os seus móveis, só faltava a cama que aparentemente custaria um real bem para ajudar Maria Rita.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

Zecão e Tobias é uma relação fechada em respeito que mantém pelo outro, já o de Elvira, Petúnia e Tobias é mais aberto, mas não há muito respeito de Tobias com o pai e um grande respeito, Tobias mesmo a admiração pelo pai por Zecão não mostrar a mesma noção que sente pelo filho.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

Para a família ela é importante, por que por meio de negociações em negociações ele prometeu que ela não seria vendida.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Maria Rita porque ela precisa mais do dinheiro para sair do morro e alimentar seu filho e a si também.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Sim pois do preciso e vive em condições ruins, mas não está à venda a cama.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

A relação entre zecão e Tobias é bem próxima como o pai e o filho; zecão fala sua voz para Bastante seu filho que ele não gosta de expressar seus sentimentos. Já a relação entre Petúnia e Elvira é melhor já se manifestam mesmo que seja as poucas vezes que a Linda procura de muita afecção.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

É por que essa cama já vem passando de geração em geração; com o sentido de nunca sair das mãos de ninguém, família e Bastante por isso que ela é bem importante para essa família.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Para zecão porque de toda família os seu pai que cuidava bem da cama, e essa cama já virou de sua família dos antepassados que eram ricos e poderiam perder a cama, mas a cama não deixam ~~em~~ nem ser vendida ou doada, é a partir desse momento a cama cabe ficando Bastante importante para a família de zecão ele acredita que a cama devia ser bem cuidada, faz bem a sua saúde já maldecos não se maria Rita mas como toda a família.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Sim, por que como ela mesma citou no texto, a vida dela é uma maldição, passa fome, vê seu filho chorar com fome e não pode fazer nada, ele se afoga e rapidamente se entretém com sua miséria.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

A relação entre Zecão e Tobias é muito fechada, onde Zecão não espia seus sentimentos pelo filho, porém impõe respeito e faz com que o filho o admire. Já Tobias, em troca, mostra seu amor e admiração pelo pai, o respeito por quem pensa duas vezes antes de denunciar a palavra ao pai. Elvira e Petúnia têm uma relação mais aberta, onde Petúnia não tem medo e espia sua opinião sem de se denunciar a mãe para falar algo.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

A importância é que a cama é o único móvel que possui da época que a família de Zecão tinha, condicional para não perderem a geração e geração com a promessa que a cama ia ficar eternamente na família e quem a venderia seria amaldiçoado.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

A meu ver para Maria Rita porque a cama possui valor, ela só poderia durar um bom tempo e fazer com que ela se realitasse.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Sim, tendo que a cama é o único móvel de valor que ela tem, a vender por uma boa e um valor muito elevado só saberia fazer quem passa.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

Zecão e Tobias têm muitas características em comum, como por exemplo, no jeito de ser, quieto e forte, mas entre eles havia uma coisa que diferenciava, Zecão era muito religioso e muito calado e Tobias gostava de estudar, pois ele pensava em um futuro melhor.
Elvira e Petúnia - Elvira não era preguiçosa que é uma característica muito diferente de Petúnia.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

A importância é que a cama foi deixada para a família de Zecão a muito tempo atrás. E com isso a mãe de Zecão fez uma maldição, falando que essa cama deveria ficar na família e que tinha que passar de pai para filho até um dia que a cama não prestasse mais, só tivesse acabado. E ela falou que se a cama fosse vendida a pessoa que vendeu morreria. E Zecão também prometeu a seu pai não vender, como ele mesmo fez os juramentos anteriores fizeram.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Na minha opinião é para Zecão, que pelo texto da para perceber que ele foi o único que não quis que vendesse a cama.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

~~Sim, pois~~ ^{Sim, pois} pela situação que ela estava, mesmo com uma criança passando fome foi necessário ela vender, para não ver o filho morrer.

ROTEIRO DE LEITURA
III CAPÍTULO: A CAMA NO MORRO

1. A partir da leitura realizada, como podemos caracterizar a relação existente entre pais e filhos? (Zecão e Tobias/Elvira e Petúnia)

Zecão e Tobias tinham uma consciência muito falhada, eles não se davam muito para comer, até que no certo momento Zecão percebeu se devia mais para o filho.
A Elvira e Petúnia a consciência delas não dormiu; e muito desta.

2. Qual a importância da cama para a família de Zecão?

Zecão come no uma pessoa muito religiosa, sempre muito, mas maldição. Um único valor da cama para ele, na guarda-la, para comer tudo bem.

3. Para qual dos personagens a cama é mais importante? Por quê?

Importância para Maria Rita. Porque ela não precisava mais do que todos, era a única coisa de valor que ela tinha para vender, para dar de comer para o filho que tanto chorava de fome.

4. Para você a realidade de Maria Rita justifica a venda da cama? Por quê?

Sim. Só ela poderia fazer para sentir a necessidade de vender a cama. Zecão não sentia, só ela pela desgraça desta maldição.

3. "Caixote é o nome que tinha sido dado ao chamado quarto de empregada: o cubículo embutido nos fundos do apartamento, semelhante a milhares e milhares de outros cubículos em outros apartamentos: espaço suficiente para abrigar uma cama curta e estreita." P. _____

No quarto capítulo, o caixote acaba sendo um lugar de refúgio para Petúnia, sobre ele responda:

- a) Quais as sensações que esse espaço provoca na personagem?

essencial muitas petúnias dentro de si
que a sociedade tritura assim e etc.

- b) Quais os fatores que favorecem a não permanência de Petúnia no caixote?

Porque ela sofre de claustrofobia.

- c) Volte ao texto e justifique por que Petúnia afirma que "VIVIA EM TRÂNSITO RUMO A UM DESTINO IGNORADO"; em seguida, explique em que situações de uso da língua nós utilizamos as letras em maiúsculas como aparece no texto.

Porque ela transitava por vários lugares
quando se diz uma coisa muito importante.

Sobre o conto "O bife e a pipoca"...

4. O conto *O bife e a pipoca* é da mesma autora do livro *A cama*, analisando os aspectos referentes a linguagem, a construção das personagens e a temática abordada comente em que os dois textos se aproximam. Apresente fragmentos ou exemplos que justifiquem o seu comentário.

gêneros e os diferentes de classes sociais
e o contexto de interação das per-
sonagens. Também a linguagem do
narrador que é passada a história.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, ____/____/_____
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
SÉRIE: 8º

Discussão do IV Capítulo: *A cama no estúdio* e do conto *O bife e a pipoca*

1. Leia as palavras da lista abaixo, em seguida selecione apenas seis palavras para o preenchimento da cartela do bingo ortográfico. Você deverá procurar no dicionário o significado das palavras que escolher e anotar em seu caderno.

LACÔNICO	EXCÊNTRICO *	ESTÚDIO *
CLAUSTROFÓBICO	SINISTRA *	
DIVÃ *	ANTEDILUVIANO *	
PITORESCO *	APOCALÍPTICO *	

Apocalíptica *	Estúdio *	A CAMA
Divã *	A CAMA	Pitoresco *
A CAMA	Claustrofóbico *	Sinistra *

Após a leitura atenta do IV capítulo – A cama no estúdio – vamos refletir sobre os seguintes aspectos:

1. Recorde esse fragmento no texto : " ... e quando me virei pro depósito eu já vi o meu estúdio " p. 68
- a) Qual a principal razão para Jerônimos ter transformado o depósito em seu estúdio?
Porque do depósito não pro ver o meu
- b) O espaço do depósito acaba adquirindo muito da personalidade de Jerônimos. Aponte as características desse espaço que estão intimamente relacionadas ao personagem.
Essa é a maneira que eu sento poro meu mistica
2. Sabemos que há nesse capítulo uma forte personificação da cama, localize no texto fragmentos em que se evidencie essa figura de linguagem.
É uma peça linda, todo trabalhado, profundo de mais puro, a presença da cama era tão essencial,

Espero a petúnia

3. "Caixote é o nome que tinha sido dado ao chamado quarto de empregada: o cubículo embutido nos fundos do apartamento, semelhante a milhares e milhares de outros cubículos em outros apartamentos: espaço suficiente para abrigar uma cama curta e estreita." P. 103

No quarto capítulo, o caixote acaba sendo um lugar de refúgio para Petúnia, sobre ele responda:

- a) Quais as sensações que esse espaço provoca na personagem?

Ela sentiu no começo e sentiu vários petúnia dentro de si, de petúnia

- b) Quais os fatores que favorecem a não permanência de Petúnia no caixote?

Dios que estava sofrendo de claustrofobia

- c) Volte ao texto e justifique por que Petúnia afirma que "VIVIA EM TRÂNSITO RUMO A UM DESTINO IGNORADO"; em seguida, explique em que situações de uso da língua nós utilizamos as letras em maiúsculas como aparece no texto.

Porque ela não estava bem em nenhum lugar, ela estava muito importante

Sobre o conto "O bife e a pipoca"...

4. O conto *O bife e a pipoca* é da mesma autora do livro *A cama*, analisando os aspectos referentes a linguagem, a construção das personagens e a temática abordada comente em que os dois textos se aproximam. Apresente fragmentos ou exemplos que justifiquem o seu comentário.

Os dois textos são muito parecidos pois usam a mesma linguagem, são histórias curtas e retratam muito a vida de adolescentes. Por exemplo as atitudes de Tolu, Petúnia, Suso e Rodrigo

4ª Aula: V Capítulo: A cama no Jardim Botânico
VI Capítulo : A cama na indenização

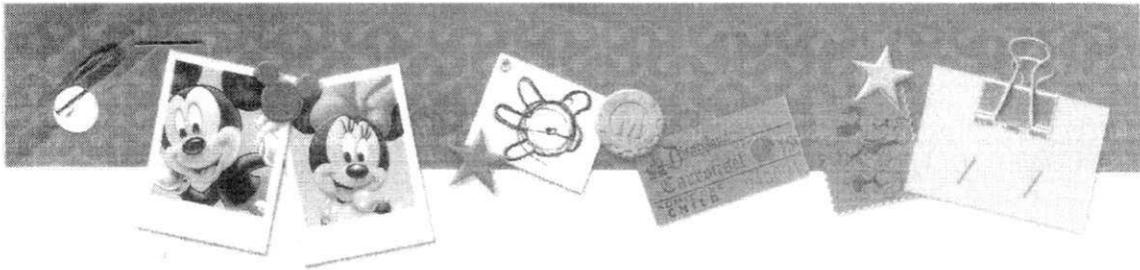
Proposta de produção textual

Nos dois últimos textos lidos em sala podemos verificar a presença do gênero textual carta pessoal como forma de comunicação entre as personagens. Dessa forma, sugerimos a produção de uma carta pessoal em que você escreva para Petúnia, personagem do romance em estudo, propondo uma solução para que ela cumpra a promessa que fez de recuperar a cama e devolvê-la a Tobias, use a criatividade e a imaginação. Bom trabalho!

DE: Morrom my

PARA: Petúnia

Petúnia não se preocupe tudo vai correr bem,
tenha paciência e espere o momento certo para agir.
Eu sei que você é uma menina muito inteligente,
mas se agir bem.
Eu lhe aconselho pois convém com tudo para a-
dquirir confiança e depois agir.



Discussão do IV Capítulo:

A cama no estudo e do conto O bife e a pipeta.

1. Bacones \rightarrow (do gr. *kakomai*) Conano, breve resumo.

Claustrofobia \rightarrow Relativa ou pertence à claustrofobia (fobia de espaços fechados).

Dura \rightarrow (ar. *duwn*, *registo*, pelo termo *duwn*).
A pipeta de sofá sem encosto, sem braço e
carteira de prêmios de um autor muçulmano.

Pitoresco \rightarrow (it. *pittoresco*). 1. Que chama atenção pela beleza, pela originalidade. 2. Relativo à pintura. 3. Digno de pintura. 4. Excentrico \rightarrow (ingl. *eccentricity*). Origem do eu individual, extravagante, esquisito.

Suposta \rightarrow A mão esquerda.

Antediluviano \rightarrow anterior ao dilúvio.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 05/09/2007
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 SÉRIE: 8º

Discussão do IV Capítulo: A cama no estúdio e do conto O bife e a pipoca

1. Leia as palavras da lista abaixo, em seguida selecione apenas seis palavras para o preenchimento da cartela do bingo ortográfico. Você deverá procurar no dicionário o significado das palavras que escolher e anotar em seu caderno.

LACÔNICO	EXCÊNTRICO	ESTÚDIO
CLAUSTROFÓBICO	SINISTRA	
DIVÃ	ANTEDILUVIANO	
PITORESCO	APOCALÍPTICO	

bacones	* Claustrofóbico	A CAMA
+ Quê	A CAMA	+ antediluviano
A CAMA	* excêntrico	Sinistra

Após a leitura atenta do IV capítulo – A cama no estúdio – vamos refletir sobre os seguintes aspectos:

1. Recorde esse fragmento no texto : " ... e quando me virei pro depósito eu já vi o meu estúdio " p. 68
- a) Qual a principal razão para Jerônimo ter transformado o depósito em seu estúdio?
 Quando ele percebeu o mar, que dava para ver pela janela, encantou-se pela beleza do mar
- b) O espaço do depósito acaba adquirindo muito da personalidade de Jerônimo. Aponte as características desse espaço que estão intimamente relacionadas ao personagem.
 As paredes brancas de cal, uma cadeira na frente de um capitote, livros, CDs, e tudo na maior organização.
2. Sabemos que há nesse capítulo uma forte personificação da cama, localize no texto fragmentos em que se evidencie essa figura de linguagem.
 Quando falou que a cama era viva, é que ela era uma peça de museu além de ser muito grande e tomar muito espaço, com

pernas que poderiam poder e calças
que poderiam girar

3. "Caixote é o nome que tinha sido dado ao chamado quarto de empregada: o cubículo embutido nos fundos do apartamento, semelhante a milhares e milhares de outros cubículos em outros apartamentos: espaço suficiente para abrigar uma cama curta e estreita." P. 109

No quarto capítulo, o caixote acaba sendo um lugar de refúgio para Petúnia, sobre ele responda:

- a) Quais as sensações que esse espaço provoca na personagem?

Muito privacidade, humilhação, solidão,
ausência de orgulho, depressão e cansaço

- b) Quais os fatores que favorecem a não permanência de Petúnia no caixote?

Claustrófilia

- c) Volte ao texto e justifique por que Petúnia afirma que "VIVIA EM TRÂNSITO RUMO A UM DESTINO IGNORADO"; em seguida, explique em que situações de uso da língua nós utilizamos as letras em maiúsculas como aparece no texto.

Porque vivia mudando de quarto como
também, a sala, quarto da mãe, quarto da mãe
e caixote

Sobre o conto "O bife e a pipoca"...

4. O conto *O bife e a pipoca* é da mesma autora do livro *A cama*, analisando os aspectos referentes a linguagem, a construção das personagens e a temática abordada comente em que os dois textos se aproximam. Apresente fragmentos ou exemplos que justifiquem o seu comentário.

O bife e a pipoca possui uma linguagem
bem parecida, tratando a adultério,
onde as duas histórias mostram diferentes classes
sociais onde os personagens interagem mas
sem os outros sendo amigos ou amantes de
parceiros

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 04/02/2007
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
SÉRIE: 8º

Discussão do IV Capítulo: A cama no estúdio e do conto O bife e a pipoca

1. Leia as palavras da lista abaixo, em seguida selecione apenas seis palavras para o preenchimento da cartela do bingo ortográfico. Você deverá procurar no dicionário o significado das palavras que escolher e anotar em seu caderno.

LACÔNICO	EXCÊNTRICO	ESTÚDIO
CLAUSTROFÓBICO	SINISTRA	
DIVÃ	ANTEDILUVIANO	
PITORESCO	APOCALÍPTICO	

Claustróforico	Sinistra	A CAMA
Excêntrico	A CAMA	Pitoresco
A CAMA	Divã	Lacônico

Após a leitura atenta do IV capítulo – A cama no estúdio – vamos refletir sobre os seguintes aspectos:

1. Recorde esse fragmento no texto : " ... e quando me virei pro depósito eu já vi o meu estúdio " p. 68

- a) Qual a principal razão para Jerônimos ter transformado o depósito em seu estúdio?

Quando de seu e mais no depósito me acabei estúdio, pois ele já imaginava todos os móveis em seus lugares.

- b) O espaço do depósito acaba adquirindo muito da personalidade de Jerônimos. Aponte as características desse espaço que estão intimamente relacionadas ao personagem.

Bandas barônicas de tal, uma cadeira na frente do espelho, e no canto uma poltrona, entre outros objetos.

2. Sabemos que há nesse capítulo uma forte personificação da cama, localize no texto fragmentos em que se evidencie essa figura de linguagem.

Pág. 26. - Resua, sim! mas a de museu de Horácio.
Na ponta a doçura dormiu nela, eu entendi e Exankentem.
Dizei que se pi da cama parecia com um pi de monstros antediluvianos.

Diga que como ele hipotetizou, a caixote tinha uma aparência, e que todo o estudo foca nisso - todo bem e bonito.

3. "Caixote é o nome que tinha sido dado ao chamado quarto de empregada: o cubículo embutido nos fundos do apartamento, semelhante a milhares e milhares de outros cubículos em outros apartamentos: espaço suficiente para abrigar uma cama curta e estreita." P. 109

No quarto capítulo, o caixote acaba sendo um lugar de refúgio para Petúnia, sobre ele responda:

- a) Quais as sensações que esse espaço provoca na personagem?

De alívio, de necessidade, humilhação, revolta, a responsabilidade, exultância, desmistificada, ecabita.

- b) Quais os fatores que favorecem a não permanência de Petúnia no caixote?

Ela começa a sofrer de claustrofobia.

- c) Volte ao texto e justifique por que Petúnia afirma que "VIVIA EM TRÂNSITO RUMO A UM DESTINO IGNORADO"; em seguida, explique em que situações de uso da língua nós utilizamos as letras em maiúsculas como aparece no texto.

Porque vivia transitando de quarto constantemente, pois ela ia pro quarto, pra sala e etc.

Sobre o conto "O bife e a pipoca"...

4. O conto *O bife e a pipoca* é da mesma autora do livro *A cama*, analisando os aspectos referentes a linguagem, a construção das personagens e a temática abordada comente em que os dois textos se aproximam. Apresente fragmentos ou exemplos que justifiquem o seu comentário.

O bife e a pipoca possui uma linguagem prosaica com A cama, há as personagens fortes e as ações diferenciadas. Os dois textos misturam a vida das pessoas mais pobres, vidas entre cubículos estreitos.

SPIDER-MAN 3

Sociedade Educacional Novo Horizonte

Luogo Seco (PB)

Aluno(a):

Professores: Fernando & Kalina

Série: 8ª

~~Projeto~~ Projeto de Leitura

Comparação do texto O bico e a pipoca com o livro de "Diário de Digo Bjuniga A cama".

Ambos os livros contém uma certa ponto que: os temas em comum, como o fato de haver um pouco de destaque e pausa (ou mesmo) e assim, aponta o pobre na sociedade, as lutas e vivências no dia-a-dia, como é o caso Jeco que é pobre e para sobreviver tem que lavar carros, e no livro Acama o exemplo é Cláudio Rita, que é mais no meio e deste modo na miséria vivendo com um homem de margem e sem exemplo, ou seja, a primeira visão que temos de morar ou favela, de traficantes, ladrões, lambedores etc.



SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 05/09/08
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
SÉRIE: 8º

Discussão do IV Capítulo: *A cama no estúdio* e do conto *O bife e a pipoca*

1. Leia as palavras da lista abaixo, em seguida selecione apenas seis palavras para o preenchimento da cartela do bingo ortográfico. Você deverá procurar no dicionário o significado das palavras que escolher e anotar em seu caderno.

LACÔNICO	EXCÊNTRICO	ESTÚDIO
CLAUSTROFÓBICO	SINISTRA	
DIVÃ	ANTEDILUVIANO	
PITORESCO	APOCALÍPTICO	

LACÔNICO ^{APOCALÍPTICO} X	ESTÚDIO X	A CAMA
DIVÃ X	A CAMA	EXCÊNTRICO X
A CAMA	ANTEDILUVIANO X	PITORESCO

Após a leitura atenta do IV capítulo – A cama no estúdio – vamos refletir sobre os seguintes aspectos:

1. Recorde esse fragmento no texto : " ... e quando me virei pro depósito eu já vi o meu estúdio " p. 68
- a) Qual a principal razão para Jerônimos ter transformado o depósito em seu estúdio?
Ele gostou de morar "durante eu dei de conta com aquele morar, o depósito virou o meu estúdio"
- b) O espaço do depósito acaba adquirindo muito da personalidade de Jerônimos. Aponte as características desse espaço que estão intimamente relacionadas ao personagem.
um monte de lagulha, paredes amareladas, um tapete velho e um detrito de gás. Cab. luxo, mobília, etc.
2. Sabemos que há nesse capítulo uma forte personificação da cama, localize no texto fragmentos em que se evidencie essa figura de linguagem.
"Olha pro pé dela. Pé, mãe, patal! É de um momento antediluviano"; "Se se for de hipopótamo"; "E as pernas!"

3. "Caixote é o nome que tinha sido dado ao chamado quarto de empregada: o cubículo embutido nos fundos do apartamento, semelhante a milhares e milhares de outros cubículos em outros apartamentos: espaço suficiente para abrigar uma cama curta e estreita." P. 109

No quarto capítulo, o caixote acaba sendo um lugar de refúgio para Petúnia, sobre ele responda:

- a) Quais as sensações que esse espaço provoca na personagem?

~~Um péssimo espaço que causa claustrofobia, um lugar~~
~~pequeno, em que Petúnia estava entre as paredes e parecia~~
bom para Petúnia

- b) Quais os fatores que favorecem a não permanência de Petúnia no caixote?

Ela estava ficando claustrofóbica e além disso, as más condições, pequeno banheiro etc

- c) Volte ao texto e justifique por que Petúnia afirma que "VIVIA EM TRÂNSITO RUMO A UM DESTINO IGNORADO"; em seguida, explique em que situações de uso da língua nós utilizamos as letras em maiúsculas como aparece no texto.

Porque ela vivia deixando em vários lugares
quando estava querendo chamar a atenção

Sobre o conto "O bife e a pipoca"...

4. O conto *O bife e a pipoca* é da mesma autora do livro *A cama*, analisando os aspectos referentes a linguagem, a construção das personagens e a temática abordada comente em que os dois textos se aproximam. Apresente fragmentos ou exemplos que justifiquem o seu comentário.

Na zebra

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 05/09/07
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
SÉRIE: 8º

Discussão do IV Capítulo: A cama no estúdio e do conto O bife e a pipoca

1. Leia as palavras da lista abaixo, em seguida selecione apenas seis palavras para o preenchimento da cartela do bingo ortográfico. Você deverá procurar no dicionário o significado das palavras que escolher e anotar em seu caderno.

-4 LACÔNICO -4 EXCÊNTRICO ESTÚDIO
 -4 CLAUSTROFÓBICO SINISTRA
 -4 DIVA -4 ANTEDILUVIANO
 -4 PITORESCO APOCALÍPTICO

PIVA	SINISTRA	A CAMA
LACÔNICO	A CAMA	ESTÚDIO
A CAMA	ANTEDILUVIANO	APOCALÍPTICO

Após a leitura atenta do IV capítulo – A cama no estúdio – vamos refletir sobre os seguintes aspectos:

1. Recorde esse fragmento no texto: "... e quando me virei pro depósito eu já vi o meu estúdio" p. 18
- a) Qual a principal razão para Jerônimos ter transformado o depósito em seu estúdio?
 "Ele gastou do mal" quando eu li a casa com aquele mal, o depósito virou meu estúdio"
- b) O espaço do depósito acaba adquirindo muito da personalidade de Jerônimos. Aponte as características desse espaço que estão intimamente relacionadas ao personagem.
 Caderno, livros, instrumentos, divã etc.
2. Sabemos que há nesse capítulo uma forte personificação da cama, localize no texto fragmentos em que se evidencie essa figura de linguagem.
 Olha pro pé dela, pé, mão, pato! Ela é um membro antediluviano, só se quer de tripotamo; e os garras

3. "Caixote é o nome que tinha sido dado ao chamado quarto de empregada: o cubículo embutido nos fundos do apartamento, semelhante a milhares e milhares de outros cubículos em outros apartamentos: espaço suficiente para abrigar uma cama curta e estreita." P. 109

No quarto capítulo, o caixote acaba sendo um lugar de refúgio para Petúnia, sobre ele responda:

- a) Quais as sensações que esse espaço provoca na personagem?

- b) Quais os fatores que favorecem a não permanência de Petúnia no caixote?

Porque ele sofre ou está sofrendo
caustrofobia

- c) Volte ao texto e justifique por que Petúnia afirma que "VIVIA EM TRÂNSITO RUMO A UM DESTINO IGNORADO"; em seguida, explique em que situações de uso da língua nós utilizamos as letras em maiúsculas como aparece no texto.

Porque ela vivia mudando-se de
quarto porque usa caixote quando
querem mudar um bilhete para desviar a atenção.
Sobre o conto "O bife e a pipoca"...

4. O conto *O bife e a pipoca* é da mesma autora do livro *A cama*, analisando os aspectos referentes a linguagem, a construção das personagens e a temática abordada comente em que os dois textos se aproximam. Apresente fragmentos ou exemplos que justifiquem o seu comentário.

A linguagem social e a amizade sobre a
A linguagem de um conto que
em função disso e sobre a palavra.

Sociedade Educacional Novo Horizonte 04/09/07

Aluno: [REDACTED]

Série: 8ª

Turma: Unica

Turma: Manhã

Professora: Kalina

Disciplina: Literaturas

Redação

A diferença é que o livro a cama, falado cotidiano de uma pobre cama que pertenceu a um arte querido de uma família, que tenta dar um jeito de os livros daquela raridade tão importante.

E quando o texto olha a pipoca fala de um menino humilde que ganha uma bolsa em um colégio particular caríssimo, lá consegue a amizade de um colega de classe, ou mesmo com duas diferentes socias, opoio o amigo.

o plitico, o curso, o plitico, o orgulho, a antiguidade e que se pode tomar e mais de um sentido.

longueza, forgura; generosidade, liberalidade, o astorço, o selgo.

sublimis que tirgue o tussimo grou na escola dos valores, morais, etc.

antiquário e colecionador, comerciant, oculo, fo. de antiguidades.

11
magrissimo e puetem se denota gran
deza de alma,
pitoresco e proprio para des pintadoj
grossamente original

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 05/09/07
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
SÉRIE: 8º

Discussão do IV Capítulo: A cama no estúdio e do conto O bife e a pipoca

1. Leia as palavras da lista abaixo, em seguida selecione apenas seis palavras para o preenchimento da cartela do bingo ortográfico. Você deverá procurar no dicionário o significado das palavras que escolher e anotar em seu caderno.

LACÔNICO <i>breve/resumido</i>	EXCÊNTRICO <i>extravagante</i>	ESTÚDIO <i>oficina de Arts.</i>
CLAUSTROFÓBICO <i>Medo de estar em lugares fechados</i>	SINISTRA <i>A mão esquerda</i>	
DIVÃ <i>Sofá, canapé</i>	ANTEDILUVIANO <i>Que ocorreu antes do dilúvio</i>	
PITORESCO <i>Que tem imagens variadas. Relativo ao Apocalipse (est. 18)</i>	APOCALÍPTICO	

Sinistra	X ESTÚDIO	A CAMA
Divã X	A CAMA	X excêntrico
A CAMA	LACÔNICO	X CLAUSTROFÓBICO

Após a leitura atenta do IV capítulo – A cama no estúdio – vamos refletir sobre os seguintes aspectos:

1. Recorde esse fragmento no texto: "... e quando me virei pro depósito eu já vi o meu estúdio " p. 36
- a) Qual a principal razão para Jerônimo ter transformado o depósito em seu estúdio?
Porque tinha visto para o mar e ele ainda não tinha um lugar pra usar ainda
- b) O espaço do depósito acaba adquirindo muito da personalidade de Jerônimo. Aponte as características desse espaço que estão intimamente relacionadas ao personagem.
Porque é um espaço pequeno e simples que cabiam as suas coisas pequenas e simples
2. Sabemos que há nesse capítulo uma forte personificação da cama, localize no texto fragmentos em que se evidencie essa figura de linguagem.
Como peça de amuseu de honores, o draculão reluziu pela primeira vez a partir de um sorriso e se a cama desceia mais baixo

Relíquia: Aqui quem escreve é um grande amigo seu e escreve pra te ajudar a encontrar uma solução.

Você deve pensar muito antes de fazer o que vou te escrever.

Você liga pra esse tal de Américo e mente, inventa uma mentira alouada colocando ele contra a sua mãe e contra a cama, dando um jeito pra ele não querer mais ir lá nem se encontrar com sua mãe, assim ele não compra a cama. E depois você dá uma de triste e fica um tempo sem comer, até sua mãe ficar com pena de você e se converter de que você está certa.

E assim você dá de presente para o João e fica com ele.

Então, vai fundo!

oi uiga tudo bom?

Pensei bem naquilo que você disse e acho que sei um jeito de sua mãe te dar a cama, já que você agradeceu nas suas outras tentativas, acho que você deve partir pra chantagem.

Começa dizendo pra ela que se importa mais com a roupa do que com você, e lembra-a ela que o nome da rosa é mais bonito que o seu.

Diz que é por isso que ela deu a cama pra rosa, e se fosse a rosa pedindo a ela pra que ela desse a cama ela daria mesmo. Seo Américo desse um pontal na cama.

Fala que o Tobias não é uma cara como o genovimas que faz dispeita mesmo recebendo um present

Te daquelas

Responde!

Xau e diz como é q ficou o mundo.



/ /

Alô Petú. Eu sei que para você
é muito difícil recuperar uma câmera
tão cara.

Alô você pode fazer isso que eu digo
você pode virar uma garota de programa
e fazer programas à partir de 300 R\$
Logo você terá o dinheiro que precisa depois
comprará a câmera e vai devolver à
TOBIAS.

Ei mas antes de devolver a câmera
ele dá uma pintadinha nele, para que
ele fique mais nova. Adeus, até a próxima
goodbye, ovejuna, astalavista, TCHAU, VALEU!
TEHAU, ADEUS.

Petúnia você é uma pessoa muito legal
e inteligente.

Como você tem uma mente brilhante
não venda aquela casa.

Pois ela é uma relíquia muito valiosa.

É senão como memória de sua avó.

Mas se esse é o seu gosto a sua vontade
de vender venda e fique com o dinheiro.

13-09-2007

Não desista!

Petúnia não se preocupa com os custos, vai dar tudo certo, sua mãe irá comprar o como mais América não vai querer pois ela vai querer vender muito caro

Então faça alguns economias e também faça rifas e greves de fome para comprar o como. Poderá ser difícil mas acima de tudo se lembre de seu amor por Tobias e não desista nunca.

Tobias e Brasileira não desista nunca

Petúnia

Espero que você não deixe sua mãe vender
~~na~~ cama, pois você prometeu a Gláucia que não
ia deixar ela vender.

Saca uma greide de ferro; e faça também
várias chantagens.

Dagoberto, 07 de setembro de 2007

Minho caro, a quem sabe, futuro amigo Petúlio,

Tu vou logo ao assunto, sei de tudo! Da cama, de que
você quer presuntar o Tobias, mas não sabe como
terla. Tu tenho a solução.

Antes de tudo, quero lhe presuntir que você irá rece-
ber várias dessas cartas com soluções nas próximas
duas horas, mas não abra nenhuma, apenas a minha
contém a verdadeira solução que irá lhe ajudar verdadei-
ramente. Não é querendo me gabar, mas os meus conse-
lhos são dignos de Oscars.

Tem gente novo no pedage, é um tal de Américo e ele quer
a cama, disse você já sabe, agora o negócio é agir muito
rápido. Sua mãe já tem a cama em mãos, e vai levá-la
para sua casa até o Américo chegar, neste momento ele
com certeza vai entrar em contato com ele, por isso TIRE
A TOMADA DO TELEFONE, se quiser, pode até queiro-lo, ESCOJA
DA A BATERIA DO CELULAR DE SUA MÃE, e se ela pedir o
seu, DIGA QUE NÃO TEM CRÉDITO. Disse após ela ver que
os meios de falar com Américo estão difíceis, vai sem
dúvidas usar o celular, telefone do vizinho, do recepção
do prédio, ou outra coisa mais. Nesse tempo, despreze-a
dizendo que levar a cama o Américo é "beteiro"; e
que depois ele vem pagar ou qualquer coisa, e digo
que quer passar mais umas noites com a cama, ou
seja, muito dizendo que ela é estimo para dormir
é zezinha e confortável.

Cláudio vai gostar de ficar com a cama umas horas, não é a toa que ele quer dar de presente para Rosa.

Alugue um filme fantástico, conto de fadas, maldições, terror, magia, enfim coisa mentirosa, e convide Cláudio para assistir, ele vai ficar atento por alguns minutos no histórico do filme, aí vem o plano "B". Preste atenção:

Você vai dizer a Cláudio toda a maldição do avô de Tobias, os mistérios e muito mais, depois você vai notar que Cláudio no mínimo ~~vão~~ dizer "isto é besteira", e você diz: "Eu souei dizer que o filme foi baseado em fatos reais" ele vai ficar de boca aberta e você fala do início da maldição criando um clímax de medo, exemplo: "É a maldição retorna" com voz de Ed Sheeran salve? É só faz acenar tar, que ~~o~~ ~~se~~ simplesmente e reveladamente, a maldição continua com quem ~~está~~ com a cama. Então prepare a guitarra, ela vai tocar muito, e você junto tocando mais forte, ela vai tirar a cama do apartamento o mais rápido possível, e você junto ajudando, ela vai deitar a cama na rua, (no mínimo) e você junto, ele vai dizer que você é um displicente e você responde, ela vai chorar, (embora ~~se~~ discorde com isso) você simplesmente traz um lugar para a cama passar a noite, ou acorda o senhor burro-sem-rabo e leva até a casa de Tobias, ou guarda até entrar em contato com ele, ou... Enfim, o caminho está livre, só falta você segui-lo.

De um mensageiro,
Arthur.

P.S. = As economias de mês vai ao ar, para pagar o transporte!

Oi Petunio!!!

Que situação difícil não se metel, hem?
 Some cuidado é uma situação muito delicada, pois promessa é dívida, e Sôcio não está esperando por você, ele confia em você quis te alertar, dizendo, não prometo o que você não pode cumprir, porém você repetiu a promessa, agora não que não fazer, para conseguir a cama.

Porém nem tudo está perdido, você fala muito e fala bem, pode tentar convencer sua mãe, ou de mesmo o America, mais a Peluca, explique a situação da família a eles, tentando conseguir a cama dada ou comprada por menor preço. lembre-se nem tudo dura eternamente, então essa cama não vai ficar para sempre com America nem com ninguém pode ser que fique na família de Sôcio para sempre, porém não vai ficar para sempre nem com ele nem com seu pai.

De: Valmir
Para: Patrícia

Potência, tenho duas soluções para você conseguir recuperar a coma; Primeira:

Você faz um grupo de fono, e permite a fono de tudo para sua mãe não vender o lte dar a coma e a outra dizer que precisa de uma coma maior e que está se incomodando com sua antiga coma e eu digo que ela vai vender a coma com o preço muito grande porque ele é vivo, aí ele não vai querer aí você ganha um dinheiro e compra.

Por que você é brasileiro e não desista nunca.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 19 / 09 / 2004
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 ALUNO (A): [REDACTED]

PROJETO DE LEITURA

6º Encontro

A CAMA NA FINAL

1. Sabendo que *epílogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

Após a chegada da cama na casa de Tobias, o pai dele fica muito feliz, no dia seguinte Petúnia liga pra Tobias para saber a reação do pai de Tobias e como ele estava, por mais enoável que pareça Petúnia se mudou para São Paulo e durante três anos se falaram por cartas e pelo telefone, durante uma viagem do colega de Petúnia para o RJ foram para o fazdão Belémico, lá ela reencontrou Tobias depois de três anos, foi tudo lindo!

Davam um abraço sem fôrça, cada um palae:

- EUTE AMO! B

- EUTE AMO! V

Se olhavam e falavam palavras, como dizem o leão foi criado pela natureza, ~~para~~ e mais usado quando as palavras se tornam supérbulas. E rolou aquele beijo, a partir daí começou um namoro esboçadamente secreto!

FIM! V

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 89 / 09 / 08.
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 ALUNO (A): _____

PROJETO DE LEITURA

6º Encontro

A CAMA

1. Sabendo que *epílogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

Após a saída de Petúnia, Tobias ficou pensando com
 paciência, como seu pai vai reagir, estava
 chorrendo muito, a chamo para e Zacarias chega.
 Tobias dá a notícia e Zacarias ficou muito triste,
 porque o tempo e Tobias fala de Petúnia, que
 quer permanecer com ela, ele vai no caso
 dela e pede a sua mãe, passa-se o tempo
 e eles noivam e casam, Petúnia e Tobias
 tem uma filha chamada Margarida e
 eles vivem felizes para sempre com sua
 cama.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
LAGOA SECA, 19 / 09 / 01
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: FERNANDA
ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
ALUNO (A): _____

PROJETO DE LEITURA
6º Encontro
A CAMA

1. Sabendo que *epílogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

Assim que a cama chegou na casa de Telúcio, eles pensaram
logo no futuro da cama, pois Retúcia e Telúcio se casaram
e tiveram lindos filhos, onde foram felizes para sempre,
junto com a cama.

Fim.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE

LAGOA SECA, 19 / 09 / 07.

DISCIPLINA: LINGUA PORTUGUESA

PROFESSORA: FERNANDA

ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA

ALUNO (A):

PROJETO DE LEITURA

6º Encontro

A CAMA no futuro.

1. Sabendo que *epilogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epilogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

ora sim tudo aconteceu como a Tólias imaginou, e os anos foram passando e Tólias ia ficando cada vez mais apaixonado pela Petúnia e a Petúnia cada vez mais apaixonada pela Tólias, até que chegaram a ficar tão apaixonados que não aguentaram ficar um longe do outro e se casaram nesse tempo a Petúnia tinha uns 25 anos e a Tólias também.

Tiveram dois filhos um casal jardel pinheiro e Tulipa, era o tipo de família economicamente arruina e tiveram feliz pra sempre.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 19/09/07.
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 ALUNO(A): _____

PROJETO DE LEITURA
 6º Encontro
 A CAMA

1. Sabendo que *epílogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

A cama na desigão

Ídrias fica em casa pensando no seu pai, na mesma hora pensando em Petúrio, quando sem pensar desconcentrado lê um resumo do romance seu pai chegou do abrindo o portão e dizendo: - O que é isso Ídrias? O que essa cama tá fazendo aqui?

- O pai é uma longa história o importante é que a cama tá aqui e vai ficar na nossa família. Logo após uma semana Ídrias vai ao encontro de Petúrio que esclarece o que aconteceu para ela conseguir a cama.

Ídrias vive coragem, fala com burlão para mamora com sua eterna paixão Petúrio mesmo que seja mamora de cuango, começaram a namorar e fazer planos para

cama que continua na família de Ídrias.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 19 / 09 / 07
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 ALUNO (A):

PROJETO DE LEITURA
 6º Encontro
 A CAMA

1. Sabendo que *epílogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

30 anos depois, Tobias estava casado com Petúnia e juntos ~~tinham~~ tiveram uma filha a qual deu o nome de ~~Margarida~~ Rosa Margarida do Jardim, Petúnia e Tobias estavam com 43 anos sua filha com 21 e juntos no casamento de Rosa Margarida. A cerimônia tinha ocorrido e todos estavam em uma festa em um jardim de um alto casarão, que nele o maiorio das locais era formado de Petúnias, Rosas e Margaridas.

Enquanto todos estavam na festa, no momento do critério do caso pelo qual dava acesso a um quarto, dentro dele havia algo quente e grande mediador de flores amarelas. Inclusive Rosa Margarida e Guilherme um homem mais velho, Rosa Margarida falou:

— Vai, por favor amor, ela é perfeita pra tua lua de mel! Eu imploro.

É Guilherme falou triste:

— Mas ela vai ser tudo!

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 19 09 2007.
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 ALUNO (A): [REDACTED]

PROJETO DE LEITURA
 6º Encontro
 A CAMA

1. Sabendo que *epílogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

O destino da cama

Depois da cama percorre vários quarteiros e passa por várias mãos de pessoas de variedades.

A cama vai para em um grande palácio de um grande imperador no Brasil.

Essa tão valiosa relíquia ficou aproximadamente uns 3 anos nesse enorme palácio luxuoso, mais logo algumas coisas começaram a acontecer no palácio como, pessoas rasteiras, vazias e risos estranhos.

O imperador mandou que os funcionários vendam a cama.

Resultado: A cama acabou indo parar em um museu, o museu do Ipiranga em São Paulo levado por nada mais nada menos, Petúnia, e ao chegar lá na portaria do museu, que ela encontra? Ele mesmo! Tallos, os dois se apaixonaram profundamente e se casam.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, _____ / _____ / _____
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 ALUNO (A): _____

PROJETO DE LEITURA
 6º Encontro
 A CAMA

1. Sabendo que *epílogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

Assim que Zezé chegou do missas, Iolias mostrou o como
 a ele, ficou paralizado, mas não contou que estava apaixonado por Petúnia.
 Passou-se 3 anos e Petúnia. Iolias continuava se encontrando os recordados,
 depois desse tempo os dois acharam que foi estava na hora de contar a
 seus pais, eles cantaram. No começo Elvira não gostou pois Iolias morava
 no morro, mais ela passou foi percebendo que Iolias era um cara legal. Começa
 anos depois namoraram, Três anos depois se casaram e dois anos depois tiveram
 sua primeira filha, Margarida Girassol dos Santos e dois anos e seis meses
 depois tiveram Graça Pinheiro dos Santos.

SOCIEDADE EDUCACIONAL NOVO HORIZONTE
 LAGOA SECA, 19/09/2007
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: FERNANDA
 ESTAGIÁRIA: KALINA LÍGIA
 ALUNO (A): [REDACTED]

PROJETO DE LEITURA

6º Encontro

A CAMA na FINAL

1. Sabendo que *epílogo* significa fecho, resumo final de um livro ou discurso, escreva um epílogo para o romance que acabamos de ler. Lembre-se de seguir a coerência interna da obra.

Após a chegada da cama na casa de Tobias, o pai dele ficou muito feliz, no dia seguinte Petúnia liga pra Tobias para saber a reação do pai de Tobias e como ele estava, por mais arrevel que pareça Petúnia se mudou para São Paulo e durante três anos se falaram por cartas e pelo telefone, durante uma viagem do colégio de Petúnia para o RJ foram para o jardim Botânico, lá ela reencontrou Tobias depois de três anos, foi tudo lindo!

Deram um abraço sem fôrça, cada um falou:

- EU TE AMO! B

- EU TE AMO! V

Se abraçaram e falaram palavras, como dizem e beijos foi criado pela natureza, ~~após~~ e mais usados quando as palavras se tornam supérfluas: E rolou aquele beijo, a partir daí começou um namoro ecologicamente correto!

FIM!

4ª PARTE: FOTOS DO PROJETO

